



**VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES AFETIVO-SEXUAIS NA ADOLESCÊNCIA,
STALKING E ESQUEMAS INICIAIS DESADAPTATIVOS**

Jeane Lessinger Borges

Tese de Doutorado

Porto Alegre/RS, 2018

**VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES AFETIVO-SEXUAIS NA ADOLESCÊNCIA,
STALKING E ESQUEMAS INICIAIS DESADAPTATIVOS**

Jeane Lessinger Borges

Tese apresentada como exigência parcial
para obtenção do Grau de Doutor em Psicologia
sob orientação da Dra. Débora Dalbosco Dell’Aglío

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Instituto de Psicologia

Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Março, 2018

Dedicatória:

Dedico esta tese de doutorado à memória de minha mãe Selvina Lessinger Borges e de meu

tio Nestor Lessinger

AGRADECIMENTOS

À Vida, pela bendita oportunidade de vivenciar esta linda e desafiadora trajetória acadêmica e profissional, que certamente me modificou ao longo do caminho, oportunizando-me muitas aprendizagens.

Aos meus pais, Ivo e Selvina (*in memoriam*), que desde a minha infância me ensinaram a ter gosto pela leitura e pelos estudos e, que na simplicidade de suas vidas, me mostraram o caminho de uma vida correta, batalhadora e honesta. Ao meu irmão Divaldo, pela torcida constante em minhas conquistas e pela sua amizade fraterna.

Ao meu companheiro, marido, amigo e maior incentivador desse percurso, Leandro Cunha, que soube compreender minhas ausências e foi minha maior fonte de apoio. Agradeço pelas boas risadas, que suavizaram os meus dias. Esta tese é uma conquista nossa!

Ao meu Tio Egídio Lessinger, Doutor em Economia Agrícola pela *Oklahoma State University* (1978), professor Titular e Emérito da Universidade Católica de Brasília, que é para mim o meu maior exemplo de vida. Minha gratidão é imensa e não há palavras para medir o que representas na minha vida.

À Família Lessinger e à Família Cunha, minha base segura, pelos incentivos constantes, pela compreensão das minhas ausências e, sobretudo, pela certeza que o carinho e o amor de vocês me fortalecem e dão sentido para a minha vida.

À minha orientadora, Dra. Débora Dalbosco Dell’Aglío, junto a quem, ao longo de 16 anos de parceria, construí a certeza de que é possível conciliar a orientação acadêmica segura com uma grande amizade. Sou grata pelos ensinamentos, pelo incentivo constante em meu crescimento profissional e pela oportunidade de trilhar da Iniciação Científica à Pós-graduação em sua equipe de pesquisa. Sigo os seus passos. Agradeço os exemplos transmitidos, sobretudo de como construir uma vida acadêmica com ética e com compromisso.

Ao professor Dr. Daniel Maria Bugalha Rijo, da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra/Portugal, agradeço o acolhimento no período de Doutorado ‘sanduíche’. Agradeço à visão crítica e rigorosa em como fazer pesquisa científica na área da Psicologia, bem como pela parceria em publicações internacionais. Agradeço aos colegas portugueses do Centro de Investigação do Núcleo de Estudos e Intervenção Cognitivo-Comportamental (CINEICC), pela acolhida afetiva e pela amizade: Rita Miguel, Marlene Paulo, Nélio Brazão, Rúben Sousa, Diana Ribeiro da Silva e Paula Vagos. Agradeço à Paula Vagos pelo apoio nas análises estatísticas.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por oportunizar bolsa de estudo ao longo dos quatro anos do Doutorado no Brasil e pela rica experiência do doutorado sanduíche em Coimbra/Portugal;

Ao Núcleo de Estudos e Pesquisas em Adolescência (NEPA/UFRGS), grupo de pesquisa em que me encontro inserida desde 2005, coordenado pela Profa. Débora Dell’Aglío, por me incentivar ao longo do caminho, pelas parcerias de trabalho e de publicação. Minha gratidão às colegas Bruna Wendt e Clara Cela Coelho, e ao colega Juan Sebastian Bohorquez, pela colaboração nos grupos focais e na coleta de dados. Um agradecimento especial à Helen Durgante pela imensa ajuda nos *abstracts* e *papers*. Igualmente, um agradecimento especial às nossas alunas de iniciação científica Júlia Heine, Juliana Miranda e Bianca Scherer. Certamente sem vocês não conseguiria realizar a tarefa de coleta e tabulação de dados que fazem parte desta tese. Obrigada.

Às colegas veteranas do NEPA/UFRGS, ainda da época do mestrado (2005-2007), Samara Silva dos Santos, Aline Cardoso Siqueira, Cátula da Luz Pelisoli, Josiane Lieberknecht Wathier Abaid e Lirene Finkler, pela amizade que atravessa o tempo e à distância, assim como pelos incentivos constantes;

Às colegas de doutorado Juliana Bertoletti, Ana Cristina Staudt, Patrícia Santos e Angélica Neumann pela amizade ao longo destes quatro anos. Um agradecimento especial à

colega e parceira de Doutorado ‘sanduíche’ Marcela Bortolini, pelos desafios compartilhados em Portugal.

Às professores do PPG em Psicologia da UFRGS, que marcaram minha formação acadêmica, Dra. Silvia Helena Koller, Dra. Cleonice Alves Bosa, Dra. Rosa Almeida e Dra. Jerusa Salles. Agradeço os ensinamentos e os exemplos que deixaram na minha formação profissional.

Às professoras da Comissão Examinadora - Banca, em especial à Dra. Adriana Wagner, que gentilmente aceitou o convite de ser relatora desta tese. Grata pelas suas contribuições tanto na qualificação do projeto quanto agora na defesa desta Tese. Também um agradecimento especial às professoras Dra. Sheila Murta (Universidade de Brasília) e Dra. Denise Falcke (Unisinos) por suas participações nas bancas de qualificação e de defesa de tese, pelas suas sugestões e dedicação em suas leituras.

À Dra. Juliana Sbicigo pela valorosa ajuda nas análises estatísticas e à Dra. Luciana Karine de Souza pelas contribuições nas análises qualitativas;

Ao secretário Jáder Carrasco, do nosso PPG em Psicologia, pela sua atenção nos assuntos burocráticos e pela sua amizade;

À Secretaria Estadual de Educação pela oportunidade de realizar parte da coleta de dados nas escolas públicas de Porto Alegre/RS e pela parceria de trabalho;

À direção de cada uma das escolas que oportunizaram a realização da coleta de dados e por compreenderem a temática da violência no namoro como importante, o meu muito obrigado. Estendo este agradecimento às professoras e aos serviços de orientação pedagógica das escolas que nos receberam de forma muito afetuosa nas escolas.

Aos adolescentes, que participaram deste estudo, agradeço por terem aceitado o nosso convite e por terem disponibilizado o seu tempo em responder nossa pesquisa. Aprendi muito com vocês! Meu muito obrigado!

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS E FIGURAS.....	10
RESUMO.....	11
ABSTRACT.....	13
 CAPÍTULO I. INTRODUÇÃO.....	 14
 CAPÍTULO II. VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES AFETIVO-SEXUAIS NA ADOLESCÊNCIA.....	 27
Conceituação e prevalência.....	28
Variáveis associadas à violência nas relações afetivo-sexuais na adolescência.....	33
Consequências da violência nas relações afetivo-sexuais na adolescência.....	36
Considerações Finais.....	38
 CAPÍTULO III. THEORETICAL-METHODOLOGICAL ASPECTS OF RESEARCH ON VIOLENCE IN ADOLESCENT DATING RELATIONSHIPS.....	 41
Theoretical aspects: Definition of affective-sexual relations in adolescence and violence on dating relationships.....	42
Methodological aspects in the field of violence on dating relationships.....	45
Current research: Violence in affective-sexual relationships in adolescence.....	52
Conclusion.....	55
 CAPÍTULO IV. PERPETRAÇÃO E PERCEPÇÕES DE VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES AFETIVO-SEXUAIS NA ADOLESCÊNCIA.....	 58
Resumo.....	58
Abstract.....	58
Resumen.....	59
Introdução.....	60
Método.....	63
Participantes.....	63
Instrumentos.....	64
Procedimentos.....	65
Considerações Éticas.....	66
Resultados.....	66
Discussão.....	73
Considerações Finais.....	77
 CAPÍTULO V. <i>STALKING</i> E VIOLÊNCIA DO EX-PARCEIRO ÍNTIMO.....	 80
Resumo.....	80
Abstract.....	80
Resumen.....	81
Introdução.....	82
O conceito de <i>stalking</i>	83
Caracterização e prevalência de <i>stalking</i> nas relações afetivo-sexuais.....	88
Considerações Finais.....	93
 CAPÍTULO VI. <i>STALKING</i> NA PÓS-RUPTURA DE RELACIONAMENTOS AFETIVO-SEXUAIS NA ADOLESCÊNCIA.....	 95
Resumo.....	95

Abstract.....	95
Resumen.....	96
Introdução.....	97
Método.....	102
Participantes.....	102
Instrumentos.....	103
Procedimentos.....	105
Considerações Éticas.....	107
Resultados.....	107
Discussão.....	116
Considerações Finais.....	117
CAPÍTULO VII. CROSS-CULTURAL VALIDATION OF THE BRIEF FORM OF THE YOUNG SCHEMA QUESTIONNAIRE FOR ADOLESCENTS (B-YSQ-A) IN PORTUGUESE AND BRAZILIAN SAMPLES.....	121
Abstract.....	121
Introduction.....	122
Method.....	126
Participants.....	126
Instruments.....	127
Procedures.....	129
Sampling procedures.....	129
Statistical analyses.....	129
Results.....	131
Discussion.....	137
CAPÍTULO VIII. ESQUEMAS INICIAIS DESADAPTATIVOS COMO MEDIADORES DA EXPOSIÇÃO AOS MAUS TRATOS NA INFÂNCIA E A PERPETRAÇÃO FÍSICA NO NAMORO NA ADOLESCÊNCIA.....	146
Resumo.....	146
Abstract.....	146
Introdução.....	147
Método.....	154
Participantes.....	154
Instrumentos.....	156
Procedimentos.....	158
Considerações Éticas.....	160
Resultados.....	161
Discussão.....	168
Considerações Finais.....	172
CAPÍTULO IX. ESQUEMAS INICIAIS DESADAPTATIVOS COMO PREDITORES DE SINTOMAS DE DEPRESSÃO, ANSIEDADE E ESTRESSE EM ADOLESCENTES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA NO NAMORO.....	175
Resumo.....	175
Abstract.....	176
Introdução.....	176
Método.....	182
Participantes.....	182
Instrumentos.....	183
Procedimentos.....	185
Considerações Éticas.....	187

Resultados.....	187
Discussão.....	196
Considerações Finais.....	200
CAPÍTULO X. PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA NO NAMORO: RELATO DE UMA INTERVENÇÃO MULTICOMPONENTE NO CONTEXTO ESCOLAR.....	203
Introdução.....	203
Prevenção à Violência no namoro: Uma intervenção multicomponente com adolescentes escolares.....	208
Uma visão integrativa dos resultados da intervenção.....	221
Considerações Finais.....	225
CAPÍTULO XI. CONSIDERAÇÕES FINAIS DA TESE.....	228
REFERÊNCIAS.....	236
ANEXOS.....	271
Anexo A.....	271
Anexo B.....	272
Anexo C.....	278
Anexo D.....	279
Anexo E.....	281
Anexo F.....	282

LISTA DE TABELAS E FIGURAS

CAPÍTULO IV.

Tabela 1. Escores nos padrões de perpetração da CADRI, por sexo.....	68
Tabela 2. Diferenças nas médias da CADRI perpetração, por faixa etária.....	69
Tabela 3. Frequência de percepções sobre diferentes formas de violência no namoro em adolescentes perpetradores e não perpetradores.....	72

CAPÍTULO VI

Tabela 1. Médias dos escores de <i>stalking</i> , por sexo.....	110
Tabela 2. Escores médios no EDAE-A do grupo <i>stalking</i> e do grupo de comparação.....	112
Tabela 3. Escores médios no EDAE-A, por sexo, entre vítimas de <i>stalking</i>	113
Tabela 4. Violência no namoro como preditor de <i>stalking</i> na pós-ruptura de um relacionamento afetivo-sexual na adolescência.....	115

CAPÍTULO VII

Table 1. Sociodemographic characteristics of the Brazilian and Portuguese samples..	127
Table 2. Fit indicators for the alternative measurement models and for measurement invariance analyses.....	133
Table 3. Internal consistency and correlations values between the 18 schemas and external variables, by sample.....	136
Table 4. Variant mean scores between Brazilian and Portuguese boys and girls.....	137
Supplementary material 1. Theoretical conceptualization of the 18 EMSs, and their respective domains.....	143
Supplementary material 2. Item loading values for the 18 EMSs, for the complete sample and by country of origin.....	144

CAPÍTULO VIII

Tabela 1. Padrões de perpetração de violência no namoro, por grupo de adolescentes com ou sem histórico de maus tratos.....	162
Figura 1. Frequência de maus tratos, por sexo, em adolescentes perpetradores de violência no namoro.....	163
Tabela 2. Escores médios dos EIDs, por grupo.....	165
Figura 2. Modelo de mediação entre a exposição aos maus tratos na infância e a perpetração de violência física no namoro na adolescência.....	167

CAPÍTULO IX

Tabela 1. Escores médios dos sintomas de depressão, ansiedade e estresse em adolescentes vítimas e não vítimas.....	188
Tabela 2. Escores médios dos EIDs, para o grupo vítima e não vítima de violência no namoro.....	191
Tabela 3. Escores médios dos EIDs, nas vítimas, por sexo.....	192
Tabela 4. Modelos de Regressão Linear Múltipla (método Backward) para sintomas de depressão, ansiedade e estresse em vítimas do sexo feminino.....	194
Tabela 5. Modelos de Regressão Linear Múltipla (método Backward) para sintomas de depressão, ansiedade e estresse em vítimas do sexo masculino.....	195

CAPÍTULO X

Tabela 1. Temática e técnicas utilizadas nos Grupos Focais.....	210
---	-----

RESUMO

Este estudo investigou a relação entre a exposição aos maus-tratos na infância e os esquemas iniciais desadaptativos (EIDs) em adolescentes que vivem situações de violência nas suas relações afetivo-sexuais, a partir dos pressupostos da Terapia dos Esquemas. A tese está composta por quatro capítulos teóricos e cinco empíricos. Os estudos teóricos enfocam a violência no namoro e o *stalking*, e descrevem intervenção nessa área. Os estudos empíricos, a partir de levantamento de dados com adolescentes de 14 a 19 anos, investigaram a percepção dos adolescentes sobre violência no namoro; a ocorrência de *stalking* no período pós-ruptura de um relacionamento afetivo-sexual; as relações entre EIDs, maus-tratos na infância e violência no namoro; a presença de sintomas de depressão, ansiedade e estresse em vítimas de violência no namoro e sua associação com os EIDs; além de validar o Questionário de Esquemas para Adolescentes, em estudo transcultural. Os resultados apontaram que adolescentes têm dificuldades em reconhecer determinados tipos de comportamentos abusivos como violência. No que se refere ao *stalking*, observa-se que a maioria das vítimas são adolescentes do sexo feminino e há um predomínio de vitimização por *stalking* do tipo cortejamento e aproximação. Sintomas de depressão, ansiedade e estresse foram associados à vitimização por *stalking*. Quanto aos EIDs, os esquemas que compõem o domínio de Desconexão e Rejeição assumem papel de mediador da relação entre a exposição aos maus tratos na infância e ser perpetrador de violência física no namoro na adolescência, principalmente para adolescentes do sexo feminino. Os resultados ainda sugerem que os EIDs podem ser considerados preditores de sintomas de depressão, ansiedade e estresse nas vítimas. Assim, compreende-se que a Terapia dos Esquemas pode contribuir para uma melhor compreensão dos efeitos desencadeadores da violência nas relações afetivo-sexuais na adolescência e da sintomatologia associada à sua ocorrência. Destaca-se a necessidade de uma

compreensão mais ampla dos mecanismos emocionais e cognitivos associados à violência nas relações afetivo-sexuais em adolescentes.

Palavras-Chave: Violência no Namoro, *Stalking*, Adolescência, Terapia dos Esquemas.

ABSTRACT

This study investigated the relations between exposure to child maltreatment and early maladaptive schemas (EMSs) among adolescents with violence situations in their affective-sexual relationships, based on the Schema Therapy (TE) approach. The thesis is composed of four theoretical and five empirical chapters. Theoretical studies focus on dating violence and stalking, and describe intervention in this area. Empirical studies, based on data collection with adolescents aged 14 to 19 years, investigated adolescents' perception of dating violence; the occurrence of stalking in the period after breakup of an affective-sexual relationship; the relations between EMSs, child maltreatment and dating violence; the presence of depression, anxiety and stress symptoms in victims of dating violence and respective association with EMSs; in addition to validating the Schema Questionnaire for Adolescents, in a cross-cultural study. The results show that adolescents have difficulty recognizing certain types of abusive behavior as violence. Concerning to stalking, the majority of victims are female adolescents and there is a predominance of type "courtship and approach". Depression, anxiety and stress symptoms were associated with stalking victimization. As for the EMSs, Disconnection and Rejection domain schemas play a mediating role in the association between exposure to child maltreatment and the perpetration of physical dating violence, especially for female adolescents. The results still suggest that EMSs can be considered predictors of depression, anxiety and stress symptoms in the victims. Thus, it is understood that TE can contribute to a better understanding of the triggering effects of violence in the affective-sexual relationship in adolescence and the symptomatology associated with its occurrence. It is emphasized the need for a broader understanding of the emotional and cognitive mechanisms associated to violence in affective-sexual relationships among adolescents.

Keywords: Dating violence, Stalking, Adolescence, Schema Therapy.

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, no Brasil, houve um aumento significativo de pesquisas sobre o fenômeno da violência nas relações afetivo-sexuais em adolescentes e jovens universitários. De modo geral, tais estudos são de caráter descritivo e correlacionais (Barreira, Lima, & Avanci, 2013; Beserra et al., 2015; Flake, Barros, Schraiber, & Menezes, 2013; Oliveira, Assis, Njaine, & Pires, 2014) ou voltados aos programas de prevenção à violência no namoro (Murta et al., 2015 e 2016; Murta, Santos, Martins, & Oliveira, 2013). Poucos estudos brasileiros têm investigado a presença de fatores contextuais e individuais associados à ocorrência desse tipo de violência na intimidade (Marasca & Falcke, 2015; Oliveira et al., 2014). Diante desta realidade, este estudo se propõe a investigar a relação entre a exposição aos maus-tratos na infância e os esquemas iniciais desadaptativos (EIDs) em casos de relações afetivo-sexuais violentas na adolescência. Além disso, buscou-se investigar a associação entre os EIDs e as consequências emocionais em adolescentes com história de violência em suas relações afetivo-sexuais. Dessa forma, a Terapia dos Esquemas, conforme descrita a seguir, foi utilizada para embasar teoricamente os estudos desta tese. Além disso, compõem esta tese pesquisas sobre os padrões de perpetração e vitimização de violência no namoro, assim como sobre a violência que ocorre no período pós-ruptura de um relacionamento amoroso, denominada *stalking*. Busca-se, portanto, contribuir para uma maior compreensão do fenômeno da violência nas relações afetivo-sexuais, nomeadamente do “ficar” e do namorar, em adolescentes na faixa etária entre 14 e 19 anos.

Diferentes terminologias têm sido utilizadas na literatura nacional e internacional, incluindo *dating teen violence*, violência nas relações íntimas juvenis, violência no namoro ou violência nas relações afetivo-sexuais na adolescência. Independente da nomenclatura utilizada, diferentes autores concordam que se trata de uma problemática preocupante e com

efeitos negativos para a saúde e desenvolvimento dos jovens envolvidos, seja como vítima ou como perpetrador, tornando-se relevante a sua identificação precoce, para fins de prevenção e intervenção (Bonomi, Anderson, Nemeth, Rivara, & Buettner, 2013; Caridade, 2013; Shorey, Cornelius, & Bell, 2008).

A violência nas relações afetivo-sexuais na adolescência ou violência no namoro pode ser caracterizada como um tipo de violência perpetrada pelo parceiro íntimo, incluindo violência física, psicológica, sexual e *stalking* (Centers for Disease Control and Prevention, CDC, 2014). A violência pode ocorrer em relações amorosas atuais ou passadas, de forma presencial ou eletronicamente (por exemplo, *cyber dating violence*, Flach & Deslandes, 2017; Zweig, Dank, Yahner, & Lachman, 2013; *cyberstalking*, Pereira & Matos, 2015; e *online sexual victimization*, Gámez-Guadix, Almendros, Borrajo, & Calvete, 2015). De forma ampla, a violência no namoro (*teen dating violence*) engloba uma variedade de comportamentos abusivos em relacionamentos íntimos de pré-adolescentes, adolescentes e adultos jovens (Mulford & Blachman-Demner, 2013). Embora a definição de violência no namoro em jovens e adolescentes seja ampla e varie conforme os aspectos teórico-metodológicos adotados em cada estudo, este conceito abarca a violência em relações de namoro ou outras típicas da etapa da adolescência ou do adulto jovem, excluindo coabitação, noivado ou casamento (Lee, Reese-Weber, & Kahn, 2014; Stappenbeck & Fromme, 2010). O conceito de violência nas relações afetivo-sexuais utilizado neste estudo engloba a violência física (como por exemplo, dar tapa, bater, chutar, dar soco, empurrar, puxar o cabelo ou usar objetos para ferir o outro), a violência psicológica (ameaças, humilhações, desqualificação, falar em tom de voz hostil, por exemplo) e a violência sexual (forçar a ter uma relação sexual, ou tocar sexualmente contra a vontade, por exemplo) que são investigadas a partir do Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro na Adolescência (CADRI, Wolfe, Scott, Reitzel-Jaffe, & Wekerle, 2001).

Nesse sentido, um primeiro objetivo desta tese foi investigar a presença de violência em relacionamentos afetivo-sexuais de adolescentes da região metropolitana de Porto

Alegre/RS, que tenham no momento atual ou no passado vivenciado relações de namoro ou de “ficar”, tanto vítimas como perpetradores, ampliando os estudos prévios sobre a temática no contexto brasileiro (Barreira, Lima, Bigras, Njaine, & Assis, 2014; Marasca & Falcke, 2015; Minayo, Assis, & Njaine, 2011). Desta forma, o Capítulo II e o Capítulo III desta tese apresentam, respectivamente, revisões teóricas integrativas sobre os aspectos teóricos e metodológicos do estudo da violência no namoro entre adolescentes. Ainda no que se refere aos padrões de perpetração de violência, o Capítulo IV descreve um estudo empírico que investigou a percepção de adolescentes perpetradores e não perpetradores sobre a violência na intimidade, ou seja, como os jovens percebem a presença de atos abusivos nos relacionamentos amorosos.

Além disso, buscou-se investigar a presença de *stalking* no período pós-ruptura de um relacionamento afetivo-sexual em adolescentes, sendo esta uma modalidade de violência na intimidade ainda pouco investigada na população juvenil (Ferreira, 2013). O *stalking* engloba uma ampla categoria de comportamentos de assédio/perseguição e ameaças, com duração superior a duas semanas (Mullen, Pathé, & Purcell, 2001), de caráter persistente e intencional, em um foco em uma pessoa-alvo, sendo neste caso, o(a) ex-namorado(a) ou ex-parceiro(a) íntimo (CDC, EUA, 1998; Grangeia & Matos, 2006). Esse tipo de assédio tende a produzir sentimento de medo na vítima, uma vez que os comportamentos invasivos e persistentes podem envolver situações graves de violência à vítima ou às pessoas afetivamente próximas a esta (Logan & Walker, 2017; Podaná & Imirísková, 2016). Dessa forma, um segundo objetivo desta tese foi investigar a presença de *stalking* como uma forma de violência nas relações afetivo-sexuais em adolescentes com história prévia de violência no namoro e, para isso, foram organizados dois capítulos: um teórico e outro empírico. O Capítulo V apresenta uma discussão teórica, a partir de uma revisão integrativa da literatura, sobre o fenômeno do *stalking* na adolescência e nas relações afetivo-sexuais em adultos e adolescentes. O Capítulo VI apresenta resultados de um estudo empírico com 117 adolescentes que sofreram situações

de *stalking* por parte do ex-parceiro íntimo, no período pós-ruptura de um relacionamento amoroso. Buscou-se ainda identificar sintomas psicológicos associados a esse tipo de violência e a relação com a violência prévia, isto é, a violência no namoro pode ser um preditor de *stalking* no término do relacionamento.

A violência no namoro na adolescência é um fenômeno multicausal, sendo que a literatura tem apontado a presença de diversos fatores associados a sua ocorrência, entre eles a exposição à violência no contexto intrafamiliar, seja por testemunhar a violência conjugal dos pais ou por ter sido exposto a maus-tratos na infância (Calvete, Fernández-González, Orue, & Little, 2018; Cascardi, 2016; Izaguirre & Calvete, 2017; Reyes, et al., 2015); a influência do grupo de pares (Ellis, Chung-Hall, & Dumas, 2013; Foshee et al., 2013; Marasca & Falcke, 2015); uso de álcool (Baker, 2016; Choi, Weston, & Temple, 2017; Ouytsel, et al., 2017; Gómez, 2011; Sabina, Cuevas, & Cotignola-Pickens, 2015); questões de gênero que legitimam o uso da violência (Oliveira, Assis, Njaine, & Pires, 2016); e características próprias dos relacionamentos amorosos em adolescentes, como, por exemplo, a presença de ciúmes e pouca habilidade de comunicação frente aos conflitos (Adams & Williams, 2014; Oliveira et al., 2016; Shorey et al., 2008).

A produção científica internacional é vasta e sólida no que se refere à influência do contexto familiar e à ocorrência de violência no namoro na adolescência. Nesse sentido, a exposição aos maus tratos na infância e o fato de testemunhar a violência interparental têm sido identificados como os principais preditores da violência nas relações amorosas na adolescência e na vida adulta. A hipótese da transmissão intergeracional da violência tem sido sugerida pelos estudos embasados na Teoria da Aprendizagem Social (Faias, Caridade, & Cardoso, 2016; Gover, Park, Tomsich, & Jennings, 2011). Este modelo teórico tem sustentado que adolescentes envolvidos com histórico de violência em suas relações afetivo-sexuais reproduzem os modelos aprendidos no contexto intrafamiliar (Caridade, 2011).

A Teoria da Aprendizagem Social foi desenvolvida por Albert Bandura na década de 1960, como uma perspectiva crítica ao modelo behaviorista, indicando que muito das aprendizagens ocorrem sem a presença de reforço, mas mediadas pela cognição (Bandura, Azzi, & Polydoro, 2008). Bandura propõe que os seres humanos aprendem pela observação, sendo que esta aprendizagem foi nomeada de aprendizagem imitativa, observacional ou vicariante (Bandura, 1973). Dessa forma, indivíduos aprendem comportamentos violentos na infância, através da observação de atitudes de seus pais ou cuidadores que fazem uso de comportamentos violentos (Gover et al., 2011).

Estudos prévios indicam que a exposição aos maus tratos na infância pode ser um fator de risco importante para a vitimização e perpetração de violência no namoro (Calvete et al., 2018; Faias et al., 2016; Gómez, 2011; Izaguirre & Calvete, 2017; Vézina et al., 2015; Wolfe, Wekerle, Scott, Straatman, & Grasley, 2004). Pesquisa com jovens universitários portugueses, com histórico de violência na intimidade, indicou que 80,8% dos participantes reconheceram estar inseridos em famílias caracterizadas pelo uso da violência, incluindo violência psicológica, coerção, controle e violência física (Faias et al., 2016). Maus tratos na infância aumentaram em 1,96 vezes a probabilidade de um jovem adulto ser perpetrador e, em 1,94 vezes, de ser vítima de violência na intimidade (EUA, Gómez, 2011). Na Coreia do Sul, ser vítima de abuso físico na infância aumentou 2,11 vezes a chance de ser perpetrador de violência no namoro, se comparado a não ter sido vítima na infância (Jennings et al., 2014). Já entre adolescentes espanhóis (Izaguirre & Calvete, 2017), de 13 e 18 anos de idade, foi observado que testemunhar a violência conjugal dos pais, sobretudo quando a mãe é a vítima, torna-se um fator relevante para a violência no namoro na adolescência.

Contudo, esses estudos apresentam limitações, pois os resultados não são contundentes, uma vez que muitas pessoas que são oriundas de famílias violentas não se tornam agressoras nem vítimas de violência na intimidade (Caridade, 2011). No Brasil, Marasca e Falcke (2015) não encontram correlação entre violência na família de origem e

violência nas relações afetivo-sexuais na adolescência. Já no estudo de Kinsfogel e Grych (2004) a associação entre exposição à violência intrafamiliar e violência no namoro foi apenas positiva para os meninos, mas não para meninas, indicando que a variável sexo do adolescente vítima ou perpetrador tem um efeito nessa relação.

Além disso, não é apenas a exposição à violência na família *per se* que se torna um fator de risco para a violência no namoro na adolescência, mas sim demais variáveis associadas a este fenômeno, indicando sua complexidade. Embora se perceba um avanço sobre a investigação da violência no namoro na adolescência, ainda há um lapso na compreensão dos mecanismos cognitivos e psicológicos envolvidos nos padrões de vitimação e perpetração da violência no namoro em adolescentes. No estudo clássico de Wolfe et al. (2004), com 1.317 adolescentes (Canadá) com idades entre 14 e 19 anos, ter sido vítima de maus-tratos na infância diminuía a capacidade de empatia e de autoeficácia, que por seu turno, aumentava o risco para ocorrência de violência no namoro. Como efeito indireto, os maus-tratos na infância aumentavam o risco para sintomas psicológicos, que por sua vez, aumentavam a vulnerabilidade do adolescente para estar em uma relação amorosa abusiva. Já o estudo de Lee, Begun, DePrince e Chu (2016) indicou que tal efeito é mediado por crenças de aceitação da violência. Da mesma forma, em um estudo transversal, com adolescentes colombianos (Rey-Anacona, 2015) foi observado que adolescentes perpetradores de violência no namoro, que testemunharam violência interparental, aceitam ou legitimam a violência como parte dos relacionamentos íntimos, se comparados a adolescentes não perpetradores. Nesse sentido, diferentes estudos referentes à Teoria da Aceitação da Violência (Clarey, Hokoda, & Ulloa, 2010; Karlsson, Temple, Weston, & Le, 2016; Kinsfogel & Grych, 2004; Reyes et al., 2015) contribuem para explicar que a exposição aos maus tratos na infância não produz uma aprendizagem propriamente dita direta, mas que mecanismos cognitivos (crenças) são considerados mediadores nessa relação. Isto é, adolescentes perpetradores de violência no

namoro têm crenças a favor do uso de violência em seus relacionamentos, sendo que estes são justificados e são aceitos como norma (legitimação da violência).

Estudos têm apontado associação entre maus-tratos na infância e EIDs na adolescência e adultez (Calvete, 2014; Calvete & Orue, 2013; Wright, Crawford, & Del Castillo, 2009). Abuso emocional e negligência emocional foram positivamente associados com sintomas de depressão e ansiedade na vida de adultos jovens, sendo que os EIDs de Vulnerabilidade ao Dano, Defectividade/Vergonha e Autossacrifício foram considerados mediadores dessa relação (Wright et al., 2009). Uma associação positiva entre ter sido vítima de violência na família na infância e EID de Desconfiança/Abuso foi verificada numa amostra com adolescentes institucionalizados (Calvete & Orue, 2013). Nesse estudo, ainda foi observada uma associação entre ter sido testemunha de violência intrafamiliar e EID de Arrogo/Grandiosidade, bem como entre esse esquema inicial e comportamento agressivo na adolescência.

Evidências empíricas também têm dado suporte teórico para uma associação entre EIDs, relacionamento conjugal e violência conjugal (Paim & Falcke, 2016; Paim, Madalena, & Falcke, 2012; Scribel, Sana, & di Benedetto, 2007). A Terapia dos Esquemas de Young vem sendo estudada como uma forma de compreender tanto o processo de escolha do parceiro quanto a construção do vínculo amoroso. Assim, os casais levam para seus relacionamentos os esquemas iniciais de apego formados em tenra idade. Considera-se que os EIDs ativados na relação conjugal podem produzir padrões interacionais repetitivos, sendo que as respostas comportamentais do casal irão reforçar os EIDs individuais (Scribel et al., 2007). Contudo, ainda há uma lacuna desse aporte teórico nos estudos sobre as relações amorosas na adolescência e em jovens adultos.

Dessa forma, o terceiro objetivo desta tese foi ampliar a compreensão da exposição aos maus tratos na infância e a ocorrência da violência nas relações afetivo-sexuais na adolescência, considerando a presença de mecanismos cognitivos e emocionais,

nomeadamente Esquemas Iniciais Desadaptativos (EIDs), por meio pelos quais a violência na família de origem pode ser transmitida intergeracionalmente (Calvete et al., 2018). Para tanto, os pressupostos teóricos da Terapia do Esquema (TE) ou Teoria dos Esquemas Iniciais foram adotados nesse estudo. A TE vem sendo desenvolvida por Jeffrey Young e colegas desde a década de 1990/1999, com o objetivo de ampliar o modelo da Terapia Cognitivo-Comportamental proposta por Aaron Beck na década de 1960 (Cazassa & Oliveira, 2012; Young, Klosko, & Weishaar, 2008). Esta abordagem inicialmente foi direcionada para pacientes crônicos e com transtornos de personalidade, comumente considerados pelos terapeutas cognitivo-comportamentais como sendo “casos difíceis” e que frequentemente têm dificuldade em aderir ao tratamento (Masley, Gillanders, Simpson, & Taylor, 2012).

Nesse sentido, Young realizou adaptações das técnicas cognitivo-comportamentais tradicionais para estes pacientes e propôs a Terapia dos Esquemas, que aborda princípios da Terapia Cognitivo-Comportamental e do modelo psicodinâmico (Masley et al., 2012). Atualmente, é considerada uma abordagem adequada para a indicação de psicoterapia tanto para pacientes do Eixo I e do Eixo II, dando maior ênfase aos aspectos da trajetória de vida (incluindo os esquemas iniciais aprendidos na infância e na adolescência). Na TE são utilizadas técnicas cognitivas, afetivas, comportamentais e interpessoais, sendo muito comum uma maior atenção ao relacionamento entre terapeuta-paciente, se comparada a TCC tradicional (Young et al., 2008).

A TE é considerada uma abordagem derivada da Terapia Cognitivo-Comportamental, pois traz contribuições sobre o papel das experiências precoces na formação de crenças, esquemas e atribuições de significado (Falcone & Ventura, 2008). O modelo cognitivo de Beck dá ênfase aos eventos mentais que podem ser acessados, questionados e reavaliados (DeRubeis, Tang & Beck, 2006). São propostos níveis cognitivos (pensamentos automáticos, crenças e esquemas) que influenciam as emoções e os comportamentos, e frente aos pensamentos distorcidos (cognições distorcidas), tais conteúdos cognitivos contribuem para a

manutenção da psicopatologia (Hofmann, Asmundson, & Beck, 2013). O nível mais profundo a ser trabalhado são os esquemas, que organizam a experiência do indivíduo e, desta forma, revelam suas tendências ou distorções cognitivas.

Esquemas mentais têm sido definidos como estruturas cognitivas que orientam o indivíduo em suas atitudes nos mais diferentes eventos de vida, englobando as crenças centrais e sendo o primeiro plano dos problemas emocionais (Duarte, Nunes, & Kristensen, 2008). Os esquemas mentais foram compreendidos como tendenciosidades, que refletem típicas concepções errôneas, atitudes distorcidas, premissas inválidas e metas e expectativas pouco realistas, sendo que quando ativados numa dada situação, manifestam o núcleo central do esquema (Young, 2003).

O primeiro pressuposto teórico básico da Terapia do Esquema é o conceito de Esquema Inicial Desadaptativo (EID) (Cazassa & Oliveira, 2008; Young et al., 2008). Os demais pressupostos básicos referem-se aos domínios, aos estilos de enfrentamento e aos modos esquemáticos (Wainer & Rijo, 2016). No presente estudo houve maior ênfase à investigação dos EIDs, definidos como “padrões emocionais e cognitivos autoderrotistas iniciados em nosso desenvolvimento desde cedo e repetidos ao longo da vida” (Young et al., 2008, p. 22). Caracterizam-se como um padrão amplo e difuso, formado pelas memórias, emoções e sensações corporais, que contribuem para uma coerência cognitiva (esquema mental) sobre si próprio ou aos modelos de relacionamento interpessoal, os quais foram desenvolvidos durante a infância e a adolescência. EIDs são crenças e sentimentos incondicionais, ou seja, são verdades absolutas. Os EIDs autoperpetuam-se ao longo do tempo, pois, a cada nova situação em que são ativados, estes reforçam sua validade. Os EIDs podem ser compreendidos como o núcleo central do autoconceito da pessoa, são familiares à pessoa. A mudança cognitiva é percebida como uma ameaça à validade do seu autoconceito. Ou seja, é um padrão estável, rígido e duradouro de pensamentos e sentimentos, e pode ser considerado o núcleo do autoconceito da pessoa e do contexto (Young, 2003).

Os EIDs têm origem na não satisfação das necessidades básicas ou na exposição às experiências traumáticas (Duarte et al., 2008), e formam-se ao longo da infância, através do tipo de relações afetivas com os cuidadores iniciais e das experiências que ocorrem neste ambiente afetivo próximo, como episódios de maus-tratos, negligência e abandono. Os EIDs traduzem-se em um padrão cognitivo que a criança desenvolveu frente a como o seu ambiente imediato conseguiu ou não dar suporte para as suas necessidades emocionais básicas (Masley et al., 2012). Conseqüentemente, a natureza disfuncional dos esquemas iniciais pode ser compreendida pela manutenção na vida adulta dos padrões interacionais desenvolvidos na infância. Assim, a teoria do Apego de Bowlby é uma abordagem útil para a compreensão da terapia dos esquemas iniciais, uma vez que a proposição dos modelos internos de funcionamento foi a base para o desenvolvimento do conceito de EIDs da Terapia dos Esquemas (Young et al., 2008). Os modelos internos de funcionamento podem ser compreendidos como regras aprendidas a partir das relações estabelecidas com os cuidadores iniciais, funcionando como a base de organização para as futuras relações (Pontes, Silva, Garotti, & Magalhães, 2007). São representações mentais da(s) figura(s) de apego e de si próprio, que modelam o conteúdo emocional e tendem a ser internalizadas (Ramires & Schneider, 2010). Os EIDs são ativados quando o indivíduo encontra situações que o fazem lembrar os ambientes infantis, produtores do esquema inicial.

Inicialmente, Young propôs a existência de 16 esquemas iniciais desadaptativos, comumente observados em pacientes com psicopatologia severa (transtornos de personalidade) agrupados em seis domínios do funcionamento do indivíduo: distanciamento e rejeição, autonomia e desempenho deteriorados, limites deteriorados, influência dos outros, e vigilância excessiva e inibição (Rijo, 2017). Devido à constante investigação na área, o modelo teórico atual conceitua a existência de 18 esquemas iniciais, agrupados em cinco domínios (ver Anexo A).

Tipicamente, os EIDs são avaliados pelo Questionário de Esquemas de Young (YSQ), proposto inicialmente por Young e Brown, em 1989. Na primeira versão, o questionário era composto por 123 itens, que avaliavam 16 EIDs, sendo que o número de itens por esquemas era variável (Rijo, 2009). Posteriormente, Young propôs uma segunda versão do questionário, composta por 205 itens (versão longa), sendo que desta se extraiu uma versão curta de 75 itens, ambas avaliando 16 tipos de EIDs (Rijo, 2009). Em 2001 foi proposta a versão de 114 itens (YSQ-2R e YSQ-RE2R), em que estudos sobre as propriedades psicométricas do instrumento revelaram a necessidade do número de itens serem distribuídas de forma igual por esquemas, para que estes pudessem ser distribuídos ao longo do questionário de forma não consecutiva e novos esquemas foram incluídos, totalizando os 18 EIDs (Rijo, 2009).

Atualmente, a terceira versão do Questionário de Esquemas de Young (*Young Schema Questionnaire – Standardized items 3rd Version – YSQ-S3*, Young, 2005) tem sido utilizada. Esta versão é composta por 90 itens, apresentados de forma não consecutiva (cinco itens para cada esquema), os quais avaliam os 18 EIDs e também pode ser utilizada com adolescentes maiores de 16 anos (Rijo, 2017). Nesse sentido, o YSQ-S3 vem sendo validado para diferentes países, sobretudo no que se refere à população adulta, a saber: Portugal (Rijo, 2009), Espanha (Calvete, Orue, & González-Diez, 2013), Alemanha (Kriston, Schäfer, vonWolff, Härter, & Hölzel, 2012), Canadá (Hawke & Provencher, 2011), entre outros. No Brasil, Cazassa e Oliveira (2012) realizaram estudo de validação do YSQ-S2 (75 itens, 15 EIDs) para a população brasileira adulta, na faixa etária entre 18 e 60 anos (n=372 participantes, 69,1% do sexo feminino). O Alpha de Cronbach da escala global foi de 0,955 e a consistência interna dos EIDs variou entre 0,719 a 0,905, com exceção do esquema de Dependência/incompetência ($\alpha= 0,566$). Houve ainda correlações positivas entre EIDs e os itens da Escala Fatorial de Ajustamento Emocional/Neuroticismo, indicando a validade concorrente da versão brasileira do YSQ-S2. Dessa forma, no contexto brasileiro, há uma

carência de estudos sobre a validação deste instrumento, assim como de uma versão voltada à população de adolescentes.

Nesse sentido, torna-se, pois, relevante uma versão do YSQ com número de itens que não gerem fadiga para o público adolescente, isto é, uma versão curta, assim como com itens com linguagem adequada para esses indivíduos. Dois estudos portugueses realizaram a validação de uma versão curta do Questionário de Esquemas de Young para adolescentes na faixa etária entre 12 a 18 anos, nomeado de “*Brief Form of the Young Schema Questionnaire for Adolescents*” (B-YSQ-A), inicialmente composto por 54 itens, que avaliam os 18 EIDs (Santos 2009; Santos, Vagos & Rijo, s.d.). Durante o período de Doutorado ‘sanduíche’ na Universidade de Coimbra (UC), Portugal, sob orientação do Prof. Dr. Daniel Rijo, foi realizado estudo referente à Análise Fatorial Confirmatória do instrumento, a partir de um estudo transcultural (Capítulo VII), indicando adequação das propriedades psicométricas do B-YSQ-A para a população de adolescentes brasileiros e portugueses.

A partir da validação do instrumento, foram realizados dois estudos empíricos sobre a associação entre os EIDs e violência no namoro na adolescência. O Capítulo VIII descreve um estudo que investigou o papel dos EIDs, que compõem o domínio de Desconexão e Rejeição, como mediadores da exposição aos maus tratos na infância e a perpetração de violência física no namoro na adolescência. Posteriormente, no Capítulo IX, é apresentado um estudo sobre a associação entre sintomas de depressão, ansiedade e estresse e EIDs, em uma amostra de adolescentes vítimas de violência no namoro.

Já o Capítulo X descreve o relato de uma intervenção breve, realizada no contexto escolar, por meio de um projeto de extensão universitária, com objetivo de prevenir a violência nas relações afetivo-sexuais em adolescentes. A realização desta intervenção breve está relacionada aos pressupostos éticos da pesquisa com seres humanos (Resolução 510, Conselho Nacional de Saúde, 2016), em que a participação em uma pesquisa deve proporcionar benefícios diretos aos participantes. Dessa forma, Grupos Focais foram

propostos com duas turmas de adolescentes que participaram da coleta de dados, em que se buscou discutir sinais da violência no namoro, questões de gênero e relações de poder na intimidade, assim como estratégias de resolução de conflitos baseada em habilidades de comunicação assertiva. Por fim, o Capítulo XI apresenta as Considerações Finais da tese, abarcando os principais resultados encontrados, as limitações metodológicas e as implicações clínicas e de prevenção.

CAPÍTULO 2

Capítulo teórico:

Violência nas relações afetivo-sexuais na adolescência¹

A violência nas relações afetivo-sexuais na adolescência tem se revelado um sério problema de saúde pública, pois é um fator de risco para a manutenção de um padrão violento nas relações conjugais adultas, bem como está associada a uma série de consequências na saúde geral e saúde mental (Barreira, Lima, & Avanci, 2013; Bonomi, Anderson, Nemeth, Rivara, & Buettner, 2013). Embora seja um problema grave, ainda permanece na invisibilidade. Isso ocorre porque os próprios adolescentes não reconhecem a violência nas suas relações afetivo-sexuais (Ayala et al., 2014) ou não possuem um conhecimento sobre o que é uma relação afetivo-sexual saudável (Love & Richards, 2013). Nesse sentido, algumas práticas comportamentais (por exemplo, empurrões, xingamentos, apelidos pejorativos, cerceamento, monitoramento, entre outros) não são consideradas formas de agressão ou violência pelos adolescentes, por serem por vezes sutis, passando, portanto, despercebidas (Dixe et al., 2014; Nascimento & Cordeiro, 2011; Oliveira, Assis, Njaine, & Pires, 2014).

Além disso, há uma visão social de que a violência nas relações amorosas estaria mais associada às relações conjugais estáveis e entre adultos, uma vez que a etapa do namoro seria vista como uma fase romântica e sem violência (Soares, Lopes, & Njaine, 2013). Dessa forma, os adolescentes e a própria sociedade têm dificuldade para reconhecer e dar visibilidade para esse tipo de violência.

A partir dessas considerações iniciais, este capítulo analisa aspectos teóricos sobre o fenômeno da violência nas relações afetivo-sexuais na adolescência. Para tanto, este trabalho aborda a concepção de violência no namoro e discute as variáveis associadas à ocorrência desse fenômeno, bem como suas consequências para a saúde mental. Desta forma, busca-se

¹ Este capítulo foi aceito para publicação. Borges, J. L., & Dell'Aglio, D. D. (2018). Violência nas relações afetivo-sexuais na adolescência. In M. A. dos Santos, D. Bartholomeu e J. M. Montiel (Eds.), *Relações interpessoais no ciclo vital: conceitos e contexto*.

trazer à tona a questão da violência nos relacionamentos amorosos na adolescência, tema ainda pouco investigado em nossa realidade.

Conceituação e prevalência

Em meio à descoberta do exercício da sexualidade, os adolescentes e jovens adultos também podem se deparar com situações de conflitos em suas relações afetivo-sexuais, com várias manifestações de violência, incluindo as modalidades psicológica, física e sexual, bem como a sobreposição destas violências (Murta, Santos, Martins, & Oliveira, 2013). Conforme o *Centers for Disease Control and Prevention (CDC, Division of Violence Prevention, EUA, 2014)*, a violência entre namorados (*dating violence*) é perpetrada pelo companheiro íntimo, uma vez que esta ocorre numa dupla de pessoas em um relacionamento próximo. Pode envolver situações de violência física, sexual ou psicológica, bem como formas de assédio ou táticas de ameaças que produzem medo na vítima. Essa violência pode estar presente ainda em outros contextos de relações interpessoais da vítima, como, por exemplo, nas redes sociais via internet ou via celular, em que podem ser postadas fotos com conteúdo sexual ou enviadas mensagens de texto.

Para Mulford e Blachman-Demner (2013), a violência no namoro (*teen dating violence*) engloba uma variedade de comportamentos abusivos e o comportamento de *stalking*, entre pré-adolescentes, adolescentes e adultos jovens (12 a 18 anos), em um contexto de relações românticas ou de namoro, atuais ou passadas. Essas autoras ainda mencionam que tal violência inclui abusos contra a pessoa, de forma presencial ou eletronicamente. Já para Lavoie, Robitaille e Hébert (2000, p. 8), a violência no namoro entre adolescentes é definida como “qualquer comportamento que prejudique o desenvolvimento ou a saúde do(a) companheiro(a), comprometendo sua integridade física, psicológica ou sexual”.

A violência nas relações afetivo-sexuais na adolescência possui algumas especificidades, entre elas, a bidirecionalidade das agressões entre os parceiros. Nesse sentido, diferentemente da população adulta, em que há um predomínio de homens caracterizados como agressores e de mulheres como vítimas, na adolescência o indivíduo pode se colocar tanto no papel de vítima como no papel de agressor (Murta et al., 2013). Por exemplo, em estudo com 124 adolescentes de Porto Alegre, atendidos em um serviço da rede de proteção social, tanto adolescentes homens quanto adolescentes mulheres perpetraram e sofreram violência verbal e emocional (Marasca & Falcke, 2015). Além disso, 56,7% dos jovens perpetraram violência psicológica/ameaças, enquanto que 58,8% das jovens perpetraram violência física. Já um estudo com jovens universitários de São Paulo (Flake, Barros, Schraiber, & Menezes, 2013) indicou a presença de violências sofridas (75,9%) e perpetradas (76,4%) entre parceiros íntimos. A violência psicológica foi a mais prevalente e ainda foi observada uma taxa de sobreposição entre violência sofrida e perpetrada (83,9%), indicando a reciprocidade das agressões entre os parceiros íntimos. Um estudo com 14.190 universitários norte-americanos revelou que 33,4% dos jovens adultos revelaram ter sofrido violência do(a) companheiro(a) e que 20,2% havia cometido algum tipo de violência nos últimos 12 meses (Coker et al., 2014).

Embora a bidirecionalidade da violência seja uma característica encontrada em diferentes pesquisas sobre a temática da violência no namoro (Flake et al, 2013; Oliveira et al., 2014), torna-se relevante discutir também a influência das questões sexistas e machistas, presentes em diferentes culturas, como uma variável que contribui para a ocorrência desse fenômeno. Dessa forma, a violência nas relações afetivo-sexuais na adolescência pode ser compreendida como uma violência de gênero, pois embora haja “uma constante interseção de papéis entre vítimas e perpetradores [...], não significa diminuir a importância da subordinação feminina” (Minayo, Assis, & Njaine, 2011, p. 209). Padrões de relacionamentos amorosos caracterizados por relações de poder e controle foram descritos em estudo com

adolescentes mulheres (Lopez, Chesney-Lind, & Foley, 2012), que identificou questões de gênero, incluindo submissão feminina, controle sobre a aparência e comportamentos das adolescentes, ameaças e violência física e sexual perpetrada pelos namorados. A busca pela igualdade de gênero e o direito de terem mais de um companheiro sexual (“se eles podem, nós também podemos”) foram citadas como fortes questões sexistas que ainda perpassam as relações amorosas entre adolescentes (Teitelman, Tennille, Bohinski, Jemmott, & Jemmott, 2013).

No levantamento realizado pelo *Centers for Disease Control and Prevention*, dos Estados Unidos (2014), a prevalência de violência física nas relações de namoro entre 13.583 jovens estudantes norte-americanos variou entre 7% a 14,8%, com maior incidência entre as meninas (13,0%) do que entre os meninos (7,4%). Já a violência sexual variou entre 7,8% a 13,8% nos 31 estados pesquisados, sendo que 14,4% das meninas e 6,2% dos meninos relataram relações sexuais forçadas. Além disso, foi identificado que 22% das mulheres adultas e 15% dos homens adultos que sofreram violência do companheiro íntimo na vida adulta, haviam sofrido anteriormente algum tipo de violência nas relações amorosas entre 11 e 17 anos.

Em outros países, como, por exemplo, na Coreia do Sul, 34% de jovens universitários relataram perpetração da violência no namoro (Kim, Kim, Choi, & Emery, 2014). Em Portugal, a prevalência desse tipo de violência foi menor, 9,1% entre adolescentes e jovens universitários (Dixe et al., 2014). Estudos latino-americanos (Ayala et al., 2014; Gonzalez-Guarda, Williams, Merisier, Cummings, & Prado, 2014; Rey-Anacona, 2013) têm indicado igualmente uma alta prevalência de violência no namoro entre adolescentes e jovens universitários. Um levantamento com universitários na Colômbia (média de 19,32 anos) revelou que 85,6% dos jovens tinha sido objeto de violência, ao menos uma vez ao longo do namoro. Já em um estudo com jovens mexicanos foi observado que 20% sentiam medo do(a)

namorado(a) e 34,1% sentiam-se aprisionados dentro do relacionamento amoroso com o parceiro (Ayala et al., 2014).

Estudos nacionais recentes revelaram elevadas taxas de prevalência da violência no namoro entre adolescentes. Um primeiro estudo (pesquisa multicêntrica) realizado com 3.205 estudantes de 15 e 19 anos, matriculados no 2º ano do Ensino Médio de escolas públicas e privadas, de 10 cidades brasileiras, indicou que 29,8% dos adolescentes relataram ter vivenciado algum tipo de violência psicológica pelo(a) namorado(a) em sua última relação afetivo-sexual (Oliveira et al., 2014). Além disso, a presença da violência psicológica na relação anterior aumentaria o risco em 53,1% para a ocorrência dessa mesma violência no relacionamento atual. Na amostra de Porto Alegre, com 283 adolescentes, entre 15 a 19 anos (Soares et al., 2012), foi observado que 86,1% já foram vítimas de violência por parte do namorado, 86,5% já provocaram alguma violência, e 84,0% foram tanto vítimas quanto agressores. A violência verbal foi a mais prevalente (85,5%), seguida da violência sexual (53,3%) e da violência física (34,7%).

Em outro estudo, Barreira et al. (2013) estimaram a prevalência de violência física e psicológica entre adolescentes namorados no Recife. Os resultados indicaram que não houve diferença por sexo na perpetração da violência. A prevalência da violência física perpetrada foi de 19,9% na amostra geral (21,8% para o sexo feminino, 17,4% para o sexo masculino), enquanto que para violência psicológica foi de 82,8% (80,6% para o sexo feminino, 85,6% para o sexo masculino). A presença de coocorrência de violência física e psicológica foi de 18,9% na amostra geral (20,6% para o sexo feminino, 16,7% para o sexo masculino).

Em relação à violência sexual, um estudo nacional (Moraes, Cabral, & Heilborn, 2006) investigou a coerção sexual nas relações afetivo-sexuais entre jovens. Os resultados apontaram que 16,5% das mulheres e 11,1% dos homens reportaram terem sido forçados a ter relações sexuais contra a vontade. Ressalta-se que foi durante a fase da adolescência (10 a 19

anos) que a maioria dos jovens vivenciou o primeiro episódio de coerção sexual, evidenciado em 80,5% das jovens e 76,4% dos jovens.

Dessa forma, observa-se que a violência no namoro é um fenômeno relativamente comum. Ou seja, os estudos empíricos revelam uma prevalência elevada em diversos países. Contudo, observa-se que a definição de violência nas relações afetivo-sexuais deve ser ainda mais bem discutida na literatura, uma vez que a maioria dos estudos tende a privilegiar apenas a violência psicológica ou a física. Poucos estudos contemplam a sobreposição dos diferentes tipos de violência. Além disso, a maioria dos estudos buscou privilegiar relações amorosas heteronormativas e aquelas configuradas como namoro. Porém, estudos indicam que as taxas de violência entre casais adolescentes e jovens adultos, homossexuais, são mais elevadas do que entre casais heterossexuais (Martin-Storey, 2015; Yu, Xiao, & Liu, 2013). Ainda, ressalta-se que as relações afetivo-sexuais na adolescência são caracterizadas por uma variedade de configurações, todas atravessadas por questões culturais, de gênero e classe econômica (Oliveira, Gomes, Marques, & Thiengo, 2007; Ribeiro, Avanci, Carvalho, Gomes, & Pires, 2011). A concepção de namoro e a forma de vivenciá-lo são igualmente heterogêneas, dependendo do contexto sociocultural. Nesse sentido, a presença de violência nos demais tipos de relacionamentos amorosos necessita ser investigada.

Por fim, ressalta-se a necessidade de uma maior compreensão dos casos de violência nos relacionamentos íntimos entre casais jovens, associados a situações de maior gravidade. Embora os dados sejam menos prevalentes, alguns estudos nacionais indicam que adolescentes mulheres têm realizado notificação da violência perpetrada pelo companheiro íntimo em delegacias, sendo amparadas pela Lei Maria da Penha (d'Oliveira et al., 2009; Gadoni-Costa, Zucatti, & Dell'Aglio, 2011; Griebler & Borges, 2013). Tal Lei (11.340 de 2006), que se refere à violência perpetrada dentro de qualquer relação íntima de afeto, no qual o agressor conviva ou tenha convivido com a vítima, independentemente de coabitação, assegura medidas de proteção à mulher vítima de violência doméstica, incluindo violência

física, psicológica, sexual, patrimonial ou moral (Brasil, 2006). Dessa forma, adolescentes mulheres vítimas pelo atual ou ex-companheiro podem ter seus direitos amparados pela Lei Maria da Penha, bem como receber medidas de proteção de urgência.

Variáveis associadas à violência nas relações afetivo-sexuais na adolescência

A literatura tem apontado que a violência nas relações afetivo-sexuais na adolescência deve ser compreendida como um fenômeno multicausal, em que fatores individuais, familiares e sociais interagem, contribuindo para a sua ocorrência (Lee, Reese-Weber, & Kahn, 2014; Murta et al., 2013). Estudos teóricos e empíricos vêm investigando diferentes fatores associados à violência no namoro em adolescentes e jovens universitários, tais como: fatores de risco na família, como por exemplo, maus-tratos na infância (Black et al., 2015; Kaukinen, Buchanan, & Gover, 2015; Makin-Byrd & Bierman, 2013; Rey-Anacona, 2015) e estilos de apego (Lee et al., 2013); uso de drogas por parte do parceiro (Reyes, Foshee, Bauer, & Ennett, 2014; Saldivia & Vizcarra, 2012; Stappenbeck & Fromme, 2010); influência do grupo de pares (Ellis, Chung-Hall, & Dumas, 2013; Foshee et al., 2013); e ciúmes e pouca habilidade de comunicação frente aos conflitos (Adams & Williams, 2014; Shorey, Cornelius, & Bell, 2008). Nesse sentido, fatores individuais e contextuais são identificados na etiologia desse fenômeno, contribuindo tanto para a perpetração quanto para a vitimização (Shorey et al., 2008).

Lee et al. (2013) avaliaram influências da família de origem, incluindo estilos de apego e maus-tratos na infância, como variáveis preditoras para a violência no namoro. Foram consideradas as variáveis ser vítima de violência pelo pai, pela mãe e pelos irmãos e tipo de estilo de apego (ansioso e evitativo) como preditoras à violência no namoro quando adulto. Abuso físico na infância foi considerado risco tanto para vitimização quanto para perpetração de violência no namoro (Kaukinen et al., 2015). Conflito familiar foi considerado um fator de

risco, enquanto que o monitoramento parental foi considerado um fator de proteção entre meninos adolescentes (Foshee, Reyes, et al., 2015).

No estudo de Oliveira et al. (2014), a violência psicológica no namoro foi associada à presença da agressão verbal da mãe e do pai (eleva-se em 5,5%), do testemunho da violência conjugal dos pais (cresce em 18,1%), de conflitos entre pares (aumenta em 18,6%), de violência entre irmãos (eleva-se em 27,9%) e da presença de violência no relacionamento afetivo-sexual anterior (eleva-se em 53,1%). Histórico de abuso físico na infância, violência conjugal dos pais e a falta de suporte parental na infância foram considerados riscos para violência no namoro. Além disso, sofrer abuso físico na infância aumentou em 2,11 vezes o risco de o indivíduo ser um perpetrador de violência no namoro na vida adulta (Jennings et al., 2014). Foi encontrada associação entre ter sofrido violência na infância, testemunhar violência entre os pais e violência no namoro entre universitários sul coreanos (Kim et al., 2014). Tal associação parece ser influenciada por crenças internas, que legitimam o uso da violência nos relacionamentos interpessoais.

Oliveira e Sani (2009) realizaram um estudo teórico sobre a transmissão intergeracional da violência, indicando que a exposição à violência durante a infância pode estar associada à vitimização e à perpetração de violência nas relações de namoro. Kim et al. (2014) apontaram uma associação significativa entre abuso infantil e perpetração da violência no namoro, bem como que testemunhar a violência conjugal dos pais era um fator de risco para uma visão de legitimação da violência contra o outro. Tal resultado foi igualmente encontrado por Rey-Anacona (2015), uma vez que a violência conjugal dos pais foi associada a maior aceitação de violência dentro dos relacionamentos amorosos entre adolescentes. Minayo et al. (2011) indicaram uma forte associação entre sentimentos de abandono, dificuldades nos relacionamentos pais-filhos e violência sofrida na infância com a violência no namoro entre adolescentes brasileiros. Assim, a violência familiar torna os adolescentes mais vulneráveis a apresentar comportamentos agressivos nas suas relações interpessoais,

incluindo as afetivo-sexuais, pois tendem a adotar a violência como forma de comunicação (Minayo et al., 2011).

A influência do grupo de pares e do uso de drogas na violência no namoro também tem sido apontada na literatura. Ter amigos com comportamento agressivo foi considerado um fator de risco para vitimização e perpetração de violência no namoro na adolescência (Ellis et al., 2013), enquanto ter um amigo com histórico de violência no namoro aumenta em 1,75 as chances de o adolescente também ter um relacionamento amoroso violento (Foshee, Reyes, et al., 2015). Já em relação ao uso de drogas, estudos recentes têm indicado uma associação entre de álcool e outras drogas e violência nas relações afetivo-sexuais em jovens universitários (Facundo, Almanza, Rodríguez, Robles, & Hernández, 2009; Saldivia & Vizcarra, 2012) e adolescentes (Reyes et al., 2014; Stappenbeck & Fromme, 2010). Correlações positivas e significativas entre uso prejudicial e dependência de álcool e violência psicológica perpetrada pelo namorado foram observadas em uma pesquisa com adolescentes e jovens adultos mexicanos (Facundo et al., 2009). Além disso, houve correlação positiva e significativa entre uso prejudicial de álcool e ser mulher vítima de violência psicológica do namorado.

No estudo de Saldivia e Vizcarra (2012), com universitários do Chile, foi possível observar correlação positiva entre uso de drogas e violência psicológica e física nas relações de namoro; e entre uso de drogas e ser vítima da violência. Contudo, não foi observada correlação entre uso de drogas e ser perpetrador. Num estudo longitudinal, Reyes et al. (2014) avaliaram a associação do uso de diferentes drogas (álcool, maconha, cigarro e uso pesado de drogas) e agressão nas relações de namoro, entre adolescentes norte-americanos. Tais autores buscaram ampliar a investigação sobre essa associação, uma vez que a maioria dos estudos anteriores focou apenas no uso de álcool. Os resultados indicaram uma associação entre uso de maconha e violência no namoro entre as meninas e uso de drogas pesadas e

comportamento agressivo entre os meninos. O uso de álcool aumentou o risco de violência no namoro tanto para meninos quanto para meninas.

Entre as características dos relacionamentos românticos associadas à violência podem ser citadas a presença de raiva, baixa tolerância à frustração, conflitos verbais, infidelidade e dificuldade em alternar o poder dentro da relação (Giordano, Soto, Manning, & Longmore, 2010). Além disso, o ciúme é um sentimento fortemente relacionado à violência no namoro (Adams & Williams, 2014). Estudos qualitativos têm contribuído para uma melhor compreensão dos aspectos do relacionamento amoroso que podem ser considerados desencadeadores da violência no namoro. Por exemplo, um estudo com jovens casais de namorados do Recife/PE (Nascimento & Cordeiro, 2011) revelou que a violência pode ocorrer de forma sutil e que a quebra de normas contratadas pelo casal pode ser um dos motivos que justifica a violência. Os autores observaram que os casais delimitavam suas relações amorosas de acordo com as normas, proibições e permissões, incluídas no denominado “manual do namoro”, tais como saídas permitidas, horários e dias do casal se encontrar, condutas esperadas em relação ao outro e em relação ao relacionamento em si. A quebra das normas foi geralmente transformada em motivo de conflitos entre o casal, marcados pela falta de comunicação e pelo uso de agressões verbais.

Consequências da violência nas relações afetivo-sexuais na adolescência

A violência perpetrada pelo companheiro íntimo tem sido amplamente associada a problemas na saúde mental de mulheres adultas (Avanci, Assis, & Oliveira, 2013), incluindo ansiedade, depressão, crises psicogênicas e transtornos psicóticos (Meekers, Pallin, & Hutchon, 2013), bem como com o Transtorno de Estresse Pós-Traumático (Amar & Otálvaro, 2012). Contudo, há uma escassez de estudos abordando as consequências da violência nas relações afetivo-sexuais na adolescência.

Sintomas de depressão e ansiedade foram considerados efeitos psicológicos adversos à saúde mental de mulheres vítimas do companheiro íntimo, incluindo jovens entre 15 a 24 anos (Meekers et al., 2013) e entre 18 a 23 anos (Yalch, Lannert, Hopwood, & Levendosky, 2013). Através de um delineamento longitudinal, com 1.321 jovens norte-americanos, acompanhados entre as idades de 12 a 24 anos, foi verificada uma associação entre sintomas de depressão e exposição à violência perpetrada pelo companheiro (Johnson, Giordano, Longmore, & Manning, 2014). Nesse estudo, a prevalência de violência do companheiro na adolescência inicial foi de 21,3% e de 32,2% na etapa do adulto jovem. Os sintomas de depressão mantiveram-se estáveis ao longo do tempo, tanto para vítimas quanto para perpetradores.

A violência psicológica nas relações de namoro tem sido compreendida como um fator de risco para a saúde geral dos jovens. Para as mulheres, os efeitos são mais significativos, sendo que ser vítima de violência física e sexual foi associado com maior risco para depressão, transtornos alimentares e uso de tabaco (Bonomi et al., 2013). Meninas adolescentes tiveram maior prevalência de ideação suicida do que os meninos em casos de violência no namoro; também, ser vítima de violência física aumentou em 2,03 vezes o risco para ideação suicida (Nahapetyan, Orpinas, Song, & Holland, 2014).

Conforme Taquette (2012), adolescentes meninas vítimas de violência conjugal chegam aos serviços de saúde apresentando sintomas emocionais como depressão, incluindo tentativa de suicídio, e ansiedade; além de consequências físicas como lesões físicas, infecções urinárias, ameaças de aborto, gravidez indesejada e infecção por doenças sexualmente transmissíveis (DSTs). Em relação a esse último aspecto, Taquette, Ruzany, Meirelles e Ricardo (2003) alertam que adolescentes e jovens têm dificuldade em negociar uso de preservativo quando o companheiro é violento, aumentando o risco para DSTs.

Embora a violência no namoro esteja associada a várias consequências graves para a saúde do adolescente, vítimas de violência do(a) companheiro(a) geralmente não buscam

ajuda nos serviços da rede de saúde (Sabina, Cuevas, & Rodriguez, 2014; Soares et al., 2013; Taquette, 2012). Apenas 5% dos adolescentes brasileiros (Porto Alegre/RS) procuram ajuda profissional por causa da violência sofrida (3,9% por problemas emocionais decorrentes destas violências e 1,1 por consequências físicas; Soares et al., 2013). Quanto à rede de apoio, os adolescentes buscam ajuda, frente à violência nas relações afetivo-sexuais, com amigos (51,5%) e familiares (36,7%) preferencialmente. Tais dados foram corroborados por Sabina et al. (2014), que indicaram que 84% de adolescentes latino-americanos (EUA) não procuraram suporte formal frente à violência no namoro. Nesse sentido, adolescentes estariam em maior vulnerabilidade se comparados aos adultos, pois têm poucos recursos para enfrentar sozinhos a violência perpetrada pelo companheiro, como, por exemplo, procurar ajuda nos serviços da rede de saúde ou de proteção (Taquette, 2012). Assim, são necessárias mais pesquisas abordando consequências na saúde mental entre adolescentes vítimas de violência nas relações afetivo-sexuais, a fim de contribuir com a teoria emergente na área e com as possibilidades de prognóstico na fase adulta.

Considerações Finais

Este capítulo buscou discutir a temática da violência nas relações amorosas na adolescência. A partir de uma perspectiva da Psicologia do Desenvolvimento é importante destacar que é na adolescência que, em geral, ocorrem as primeiras experiências afetivo-sexuais, sendo estas constituintes do processo de emancipação emocional dos pais e da construção da identidade adulta. Nesse sentido, estar em um relacionamento afetivo-sexual é uma marca de reconhecimento da independência e da inserção do adolescente no grupo de pares. No entanto, os adolescentes podem estar mais suscetíveis à violência nas relações afetivo-sexuais pela característica mística do romance platônico e por ainda estarem em um período de construção de sua identidade (Lavoie et al., 2000; Love & Richards, 2013).

A presença de violência nessas relações pode colocar o(a) adolescente em maior risco para a o desenvolvimento de consequências emocionais e psicopatológicas (Bonomi et al., 2013; Nahapetyan et al., 2014), doenças sexualmente transmissíveis e gravidez indesejada (Taquette, 2012), bem como pode se constituir em um padrão de relacionamento amoroso violento, persistindo na vida adulta (Minayo et al., 2011). Além disso, ter tido um relacionamento afetivo-sexual violento anterior aumenta o risco de uma nova exposição à violência no namoro (Oliveira et al., 2014). Demais fatores de riscos incluem violência intrafamiliar, estilos de apego com os cuidadores iniciais, uso de drogas e influência do grupo de pares, revelando seu caráter multicausal. Particularmente há evidências na literatura quanto aos efeitos da aprendizagem social da violência, sobretudo quanto a testemunhar a violência conjugal dos pais e ter sofrido abuso físico na infância e maior risco para violência nos relacionamentos amorosos na adolescência (Jennings et al., 2014; Kaukinen et al., 2015).

De modo geral, a violência psicológica e a violência física foram mais comumente observadas nos estudos revisados. Além disso, foi possível identificar em tais estudos que a violência no namoro é vivenciada através de ameaças de morte, ameaças de romper o relacionamento, denegrir a reputação do(a) namorado(a), indiferença, agressões físicas e verbais, controle sobre a aparência e comportamentos, e violência sexual (Lavoie et al., 2000; Lopez et al., 2012). Particularmente, os sentimentos de ciúmes e de raiva estão fortemente relacionados ao desencadeamento das agressões físicas ou psicológicas. Observa-se ainda a coocorrência das modalidades da violência no namoro entre adolescentes (Flake et al., 2013; Murta et al., 2013). Ressalta-se também a presença da bidirecionalidade da violência, como sendo outra característica específica da violência entre os adolescentes. Nesse sentido, meninos e meninas adolescentes agredem e são agredidos.

Ao se dar maior visibilidade ao fenômeno da violência nas relações amorosas ao longo da adolescência permite-se uma maior compreensão dos fatores associados a sua ocorrência, oferecendo subsídios para projetos de prevenção e intervenção. Dessa forma, sugere-se que os

programas de prevenção possam criar espaços de diálogos junto aos adolescentes sobre questões relacionadas à sexualidade, relações de poder e gênero, reconhecimento dos sinais de violência, formas de enfrentamento de conflitos, regulação emocional, capacidade de resolução de problemas e de comunicação (Kelley, Edwards, Dardis, & Gidycz, 2015; Murta et al., 2013). A integração dos temas violência no grupo de pares e violência no namoro foi proposta como importante para os programas de prevenção junto a adolescentes (Foshee, Reyes et al., 2015), bem como a inclusão de focos específicos para meninos e meninas (Kelley et al., 2015). O objetivo fundamental dos projetos de prevenção é prevenir que jovens se tornem perpetradores da violência conjugal adulta (Minayo et al., 2011) e diminuir a aceitação da violência como forma naturalizada nas relações afetivo-sexuais (Kelley et al., 2015). Particularmente, estudos têm indicado resultados positivos do programa “Safe Dates” (Foshee, Benefield et al., 2015), como exemplo de intervenção preventiva à violência no namoro.

Conforme Oliveira et al. (2014), a investigação da temática da violência no namoro na adolescência é de elevada importância, pois permite compreender como os adolescentes assumem papéis de vítima e de agressores dentro dos seus relacionamentos, evitando a comparação com a violência conjugal adulta. Tais autoras argumentam que a forma como os adolescentes configuram os relacionamentos amorosos, a duração, o grau de intimidade sexual e forma como buscam resolver os problemas difere dos adultos. Portanto, um olhar específico da violência nas relações afetivo-sexuais na adolescência se justifica.

Por fim, ressalta-se a necessidade de estudos longitudinais que investiguem as escolhas amorosas posteriores, ao longo da vida, desses adolescentes que tiveram em suas primeiras experiências amorosas uma vivência marcada pela violência. Tais pesquisas podem contribuir à prevenção da violência no namoro, buscando dar ao adolescente a possibilidade de fazer escolhas, para além de um perfil de relações amorosas violentas, prevenindo assim a perpetuação deste padrão na vida adulta.

CAPÍTULO III

Capítulo teórico-metodológico:

Theoretical-methodological aspects of research on violence in adolescent dating relationships²

The aim of this chapter is to discuss theoretical-methodological aspects involving the phenomenon of violence in adolescent dating relationships. Therefore, we discuss the use of standardized instruments, as the *Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory* (CADRI) and the *Conflict Tactic Scale* (CTS-2), for the evaluation of dating violence. Results of a cross-sectional study of 415 adolescents aged 14 to 19 years old in southern Brazil are described, focusing on methodological aspects and results.

Violence on dating relationships has been studied in Brazil since the early 2000s, but with greater visibility in recent years. The studies have emphasized their prevalence (Barreira, Lima, & Avanci, 2013, Beserra et al., 2015, Oliveira, Assis, Njaine, & Pires, 2014), types of violence (Flake, Barros, Schraiber, & Menezes, 2013), risk factors for its occurrence (Marasca & Falcke, 2015, Oliveira et al., 2014) and specific characteristics of violence on dating relationships among university adolescents and young people, especially regarding the bi-directionality of aggressions, that is, reciprocity of victim and aggressor roles (Barreira et al., 2014; Flake et al., 2013). Studies also indicate the difficulty of young people to recognize signs of violence in their affective-sexual relationships (Nascimento & Cordeiro, 2011) and to seek help (Soares, Lopes, & Njaine, 2013). In addition, there are studies addressing specific aspects about the presence of violence in adolescent relationships in young offenders (Costa, Tavares, Vieira, & Silva, 2015; Mesquita & Penso, 2015), and in street youth (Antônio,

² Capítulo de Livro publicado na seguinte obra: Borges, J. L., & Dell'Aglio, D. D. (2017). Theoretical-methodological aspects of research on violence in adolescent dating relationships. In: D. D. Dell'Aglio and S. H. Koller (Eds.), *Vulnerable children and youth in Brazil: Innovative approaches from the psychology of social development* (pp. 41-54). Springer Nature. ISBN 978-3-319-65033-3 (eBook)

Koller, & Hokoda, 2012), as well as on violence prevention in dating (Murta et al., 2015; Murta, Santos, Martins, & Oliveira, 2013).

The definition of violence on dating relationships includes a range of abusive behaviors and *stalking* behavior among preadolescents, adolescents, and young adults, in a context of romantic relationships or dating, current or past (Mulford & Blachman-Demner, 2013). Such violence includes abuses against the person, either in person or electronically (for the latter, see Zweig, Dank, Yahner, & Lachman, 2013). Data from the *Centers for Disease Control and Prevention* (CDC, Division of Violence Prevention, USA, 2014) indicate that about 23.1% of women between 11 and 17 years old have been victims of physical and sexual violence or *stalking* by part of an intimate partner. In the study of Goncy, Sullivan, Farrell, Mehari and Garthe (2016), with adolescents between 11 and 16 years old ($n= 938$, USA), the prevalence of perpetration of violence on dating relationships ranged between 4% and 25%; and already the victimization, between 4% and 31%.

Thus, this chapter discusses theoretical-methodological aspects of studies in the Brazilian context, problematizing the use of standardized instruments in the investigation of violence on adolescent dating relationships, as well as conceptions about dating and violence on dating relationships. Results from a survey conducted in Porto Alegre/RS and metropolitan region (Southern Brazil), describing differences by age, sex and duration of the relationship in patterns of violence on dating relationships, are also described.

Theoretical aspects: Definition of affective-sexual relations in adolescence and violence on dating relationships

The relationships between adolescents in Brazil have been characterized by the duality between freedom/disengagement and affectivity/fidelity (Oliveira, Gomes, Marques, & Thiengo, 2007; Ribeiro, Avanci, Carvalho, Gomes, & Pires, 2011), moreover, by the play

between sensation/superficiality and feeling/depth (Chaves, 2016). Dating and "staying" are part of the amorous configurations of adolescence, crossed by cultural, gender and economic class issues (Oliveira et al., 2007; Ribeiro et al., 2011). In turn, Chaves (2016, p. 326) states that for Brazilian adolescents "the name attributed to the affective-sexual relationship does not always matter," and that love relationships are not always clear to adolescents themselves. In this way, the most important for teens are the results that each type of relationship offers in terms of pleasure and satisfaction, than their appointment. Against this background, one of the first theoretical definitions to be discussed in this field of research is the framing of the different types of love relationships in adolescence, in addition to dating.

Dating is defined as a dyadic relationship involving two people in an encounter with social interaction purposes and activities together, with an explicit or implicit intention to remain together, in which each party invests time and energy in this relationship (Straus, 2004). Dating has been described as a relationship arising from "staying", which has gained a contour of greater responsibility and commitment, in which both parties recognize this relationship with the family and the peer group (Oliveira et al., 2007). The sexuality in the courtship would be experienced by the commitment of fidelity, by the greater responsibility on the use of contraceptive methods and more associated to affectivity (Oliveira et al., 2007). Dating is described in greater depth in the relationship to two, which requires time to know the other and yourself. The degree of loving involvement, commitment to the other, complicity, trust, and mutual respect are variables that contribute to a deeper relationship. Thus, dating would be more valued by adolescents in the late adolescence (Chaves, 2016).

Among adolescents ten Brazilian cities ($n= 3.205$, 15 to 19 years old) it was observed that 77.7% of girls "stayed" or dated a person through adolescence exclusively. Among boys, 66.2% reported having stayed or dated only one person (Ribeiro et al., 2011). Although most adolescents have expressed a preference for relationships with a fixed partner, such

relationships encompass both “staying” and dating, revealing that in the Brazilian sociocultural context, dating is not the exclusive form of a loving relationship in adolescence. Thus, it is suggested to investigate the types of love relationships of adolescents, in the face of the occurrence of violence in these intimate relationships.

Thus, as far as methodological aspects are concerned, international surveys have used inclusion criteria for the samples, such as being in a current or past relationship, involving a relationship time of at least one month (Ayala et al., 2014; Kim, Kim, Choi, & Emerey, 2014). Lee, Reese-Weber, and Kahn (2014) and Stappenbeck and Fromme (2010) suggest that cases of cohabitation, betrothal, or marriage are excluded in studies of violence on dating relationships. These criteria include only teenagers and university students who have had or have some kind of love relationship but do not involve marriage or cohabitation in order to differentiate violence in these types of love relationships from that of adult couples. It is an attempt to investigate the specificities of violence on dating relationships (Shorey, Cornelius, & Bell, 2008), since it is considered a risk factor for maintaining a cycle of violence in adult life (Antunes, 2016). As Giordano, Johnson, Manning and Longmore (2016) point out, the violence on dating relationships in adolescence raises the risk of 1.97 times the chance for marital violence in the young adult stage.

The second theoretical definition to be problematized is the definition of violence adopted in the studies. Terms such as violence on dating relationships, violence in affective-sexual relationships, and intimate partner violence have been adopted in studies on the subject in Brazil (Flake et al., 2013, Marasca & Falcke, 2015, Murta et al., 2015; Soares et al., 2013). In general, Brazilian studies have been adopting the term violence in affective-sexual relations, in order to include a greater number of adolescents, who, nowadays, or in the past, have experienced some type of love relationship (Marasca & Falcke, 2015; Minayo, Assis, & Njaine, 2011; Soares et al., 2013).

On the international scene, researches on the theme have been defined three different groups of experiences of violence that can occur in romantic relationships in adolescence: *violence on dating relationships*, *cyber violence on dating relationships* and *stalking*. Violence on dating relationships encompasses situations of abusive behavior in adolescents and young university students, investigating both physical and psychological and sexual violence in both current and past dating relationships; research on *cyber violence on dating relationships* seek to investigate the presence of violence in affective-sexual relations between young people through the use of information and communication technologies, including the category of *sexual cyber abuse* (Pereira & Matos, 2015; Zweig et al., 2013); and finally, studies on *stalking* refer to harassment and persecution, invasive and intentionally, to a target person (Ferreira, 2013), commonly perpetrated by ex-boyfriend. There is a gap in the Brazilian literature on studies of *cyber violence on dating relationships* and *stalking*. Another aspect to be considered in research on violence on dating relationships is the need to define the types of violence (physical, psychological and sexual) investigated, as well as their direction (eg only victimization, only perpetration or bi-directionality (Ellis, Chung-Hall, & Dumas, 2013), and their severity (Martsolf, Draucker, Stephenson, Cook, & Heckman, 2012; Menard, Weiss, Franzese, & Covey, 2014). Such conceptual and methodological aspects are influenced by the choice of the standardized instruments, which in an underlying way contemplate their definition of violence in the love relationships in adolescence.

Methodological aspects in the field of violence on dating relationships research

This section will discuss the use of quantitative instruments and analyzes used in the investigation of violence in adolescents' affective-sexual relations, with emphasis on CADRI and CTS-2. International studies have used the "Conflict Tactic Scale" (CTS, Straus, Hamby,

Boney-McCoy, & Sugarman, 1996) as the main tool (about 40% of studies) for violence on dating relationships; "Safe Dates Scale" (14%) and the "Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory" (CADRI; 5%, Capaldi, Knoble, Shortt, & Kim, 2012). However, in Brazil, five studies on violence on dating relationships in adolescents (between 15 and 19 years old) have adopted CADRI (Antônio et al., 2011, Barreira et al., 2013, Marasca & Falcke, 2015, Oliveira et al., 2014; Soares et al., 2013) and two studies with university students (aged 18-39 years) used the CTS (Aldrighi, 2004; Flake et al., 2013). Thus, one of the objectives of this chapter is to discuss the use of these instruments in the field of violence on dating relationships in Brazil, pointing out its advantages and limitations, as well as its prevalence data.

Capaldi et al. (2012) conducted a systematic literature review ($n = 228$ studies) which indicated that 55% of research on violence on dating relationships are cross-sectional and 45% are longitudinal designs. In Brazil, cross-sectional and quantitative studies predominate (Barreira et al., 2013, Marasca & Falcke, 2015, Oliveira et al., 2014, Soares et al., 2013). In addition, qualitative studies (Mesquita & Penso, 2015, Minayo et al., 2011; Nascimento & Cordeiro, 2011; Taquette, Ruzany, Meirelles, & Ricardo, 2003) make use of Focus Groups with adolescents and university students. Such as individual semi-structured interviews or dating couples, and address the occurrence of violence, rules about relationships, gender issues, and the presence of jealousy as a trigger for violence.

Regarding the use of the instruments, most of the studies have used CADRI as an instrument to evaluate violence on dating relationships (Barreira et al., 2013, Marasca & Falcke, 2015, Oliveira et al., 2014, Soares et al., 2013). This inventory is composed of 70 questions that assess the presence of abusive behavior in adolescence affective-sexual relationships (Wolfe, Scott, Reitzel-Jaffe, & Wekerle, 2001), both in situations, where the person is a victim and in situations where he/she is a perpetrator. Wolfe et al. (2001) mentioned that the instrument aims to evaluate a variety of abusive behaviors about dating

partners in adolescence. In the inventory, adolescents should indicate whether they will answer the questions posed by thinking about the current or last boyfriend and, in the face of past conflicts, what forms of conflict resolution strategies have been used. Among the 70 items of the instrument, there are 20 items of conflict resolution in a positive way, which deserve more attention on the part of the researchers. Teenagers respond a *Likert* scale from "0 = *never*" to "3 = *always, more than six times*" on the use of violence or solving positive conflicts.

In the original CADRI version, Wolfe et al. (2001) conceptualized as abusive behaviors forms of physical abuse, threats, sexual abuse, and verbal and emotional abuse. Subsequently, relational violence was included (Wolfe et al., 2001). The adapted version of CADRI for Brazil, proposed by Minayo et al. (2011), contemplates this model, and evaluates the following types of dating violence:

- Physical violence – it consists of four items that refer to situations of physical aggression such as slapping, tapping, kicking, pushing, pulling hair or using objects to hurt each other (throwing something against the person).

- Psychological violence: it is subdivided into three aspects: 1) Verbal/emotional violence (10 items), which involves abusive behaviors that verbally and emotionally attack the partner, with the purpose of provoking jealousy, disqualifying the partner, speaking in a hostile voice, or threatening to end the relationship; 2) Threats (four items), which includes the use of verbal threats with the purpose of provoking fear or physical aggression; and 3) Relational violence (three items), which involves situations such as spreading rumors about the partner, negatively influencing your peer group, trying to put the group against the person.

- Sexual violence: it consists of four items that assess forms of sexual violence, such as forcing a sexual relationship or touching sexually against the will, kissing the partner when you do not want and using threats to try to have a sexual relationship.

In the study of the adapted version for Brazil (Minayo et al., 2011), conceptual and semantic equivalence analysis and internal consistency were used. Regarding the Portuguese translation, most of the items were translated directly, although five items were adapted to better understand Brazilian adolescents. The *Alpha* for the violence suffered was 0.87 and the violence perpetrated was 0.88. In the subscales (physical violence, sexual violence, relational violence, verbal-emotional violence and threats), internal consistency ranged from 0.50 (perpetrated sexual violence) to 0.84 (verbal emotional violence perpetrated).

By using the CADRI, Oliveira Assis, Njaine, and Oliveira (2011, $n = 3.205$ adolescents from ten Brazilian capitals) found that 86.9% of adolescents have suffered some type of violence in their affective-sexual relations and that 86.8% have already practiced some type of physical, sexual, or psychological violence against his/her partner. Most adolescents (76.6%) are both victims and perpetrators of aggression, indicating the two-way nature of violence. Verbal and emotional violence was the most prevalent (85%), followed by sexual violence (43.8%). In the study by Barreira et al. (2013, $n = 302$ adolescents in Recife/PE), 18.9% of cases was observed in the co-occurrence of physical and psychological violence, and psychological violence was the most prevalent (82.8%). Finally, Marasca and Falcke (2015, $n = 124$ adolescents from Porto Alegre/RS) found that 56.1% of boys had perpetrated sexual violence and 58.8% of girls had perpetrated physical violence, and there was no difference between the sexes in the occurrence of verbal and emotional violence.

Regarding the advantages of the use of CADRI in the adolescent population, it can be observed that (1) it contemplates a variety of forms of violence in the affective-sexual relations in adolescence, both suffered and perpetrated; (2) your items are easy to understand; (3) the items related to relational violence reveal specificities of abusive behaviors involving the peer group, such as spreading rumors about the partner among friends, translating characteristics typical of adolescence; and (4) positive resolution items can

provide data on adaptive strategies that adolescents adopt to resolve their conflicts in their love relationships.

The Conflict Tactics Scales (CTS) were developed by the sociologist Murray Straus, in the 1970s, to assess the presence of physical and psychological violence in the family context (Alexandra & Figueiredo, 2006). It is composed of different measures, including the Scale of Conflict Tactics, parent-children version (Brazilian version Reichenheim & Moraes, 2006), and CTS for marital violence. In 1996, a revised and abbreviated version of CTS (The Revised Conflict Tactics Scales, CTS-2, Straus et al., 1996) was proposed. This version has been used internationally and, in Brazil, by Aldrighi (2004) and Flake et al. (2013), in samples of university students. The scale assesses different conflict resolution tactics adopted by intimate partners, including negotiation and violence strategies, the severity (lower or higher severity) of the attacks, and the occurrence of conflict tactics last year, in a *Likert* scale of eight points (Alexandra & Figueiredo, 2006). CTS-2 is considered the "gold standard" instrument for assessing marital conflicts in the adult population and has also been used in research on violence on dating relationships among adolescent and university youth (Alexandra & Figueiredo, 2006; Lehrner & Allen, 2014; Loinaz, Echeburúa, Ortiz-Tallo, & Amor, 2012).

In Brazil, the cross-cultural adaptation of CTS-2 was performed by Moraes, Hasselmann and Reichenheim (2002), based on a study with 744 adult women in Rio de Janeiro/RJ. The scale is composed of 39 items, grouped by pairs of questions (violence suffered and violence perpetrated). The items in the Brazilian version were grouped in the following subscales: Negotiation tactics, with six items on dialogue strategies in front of the discussions; Psychological aggression of minor gravity, with five items that evaluate strategies like screaming, yelling or insulting; Severe psychological aggression, consisting of three items, including accusing, denigrating, and destroying a partner's object; Physical Violence minor gravity, consisting of five items such as pushing, pulling hair or holding

partner; Severe Physical Violence, with seven items, investigating the presence of gun or knife use, punching and kicking; Injury lower severity, with two items, involving lesions of lower severity; Serious Injury, consisting of four items, involving injuries of greater severity, which require medical assistance; Sexual coercion less severity, consisting of three items, such as forcing the partner to have sexual intercourse against his will; And Serious Sexual Coercion, with four items, involving sexual abuse with serious threats.

In the Brazilian version, an analysis of conceptual and semantic equivalence was performed, and around 39% of the items remained the same as the original version. There were modifications in 22 items in order to better understand semantics (Moraes et al., 2002). In a more recent study, Bolze, Schmidt, Crepaldi and Vieira (2013), with 104 adult couples from Santa Catarina/Brazil, observed an internal consistency ranging from 0.79 to 0.95.

In the international literature, Cascardi, Avey-Leaf, O'Leary and Slep (1999) adapted and validated a reduced version of the CTS-2 for the adolescent population, aged 14-18 years old. Alexandra and Figueiredo (2006) performed a validation study of the Portuguese version of the CTS-2, among adult university students (87.6% in the age group between 19 and 24 years old). However, in Brazil, there is no specific adaptation of CTS-2 for adolescents. Flake et al. (2013) used a modified version of the items of this instrument for use with students in the state of São Paulo ($n= 362$, 69.4% are aged between 18-21 years old) and who had mostly loving type relationship dating. The results of the study revealed that 76% of the young people experienced violence suffered and/or perpetrated, with a higher prevalence of psychological violence. In Aldrighi's study (2004), the Portuguese version of the CTS-2 was used, indicating that 72.4% of the young people presented mutual aggression, and again psychological violence was more prevalent for both men and women.

One of the advantages of using CTS-2 is that it indicates not only the presence of violence, but also its severity (minor or serious severity) and chronicity (Aldrighi,

2004). However, the lack of adaptation for use among adolescents, who are still in high school and who are not yet experiencing stable and long-term relationships, causes researchers to have a more critical view of its use with this population. The CTS-2 consists of items of greater gravity, such as "You used a knife or weapon against your mate"; "You gave a mate or a slap on your partner," or "You threw your partner against the wall", which tend to be more frequent in relationships with greater involvement and duration, such as marriage (Wolfe et al., 2001). In general, international studies (Adams & Williams, 2014; Cuevas, Sabina, & Bell, 2014) and national studies (Oliveira et al., 2014; Marasca & Falcke, 2015) indicate that the perpetration of psychological violence, surrounded by the feeling of jealousy and control over the other, is the most prevalent in brief relationships typical of adolescents.

Cascardi and Muzyczyn (2016) evaluated the agreement between CADRI and CTS-2 physical abuse subscales in a sample of university students. Regarding the perpetration of violence on dating relationships, 39% of young people reported having committed physical violence in any of the measures, which was more prevalent among women (42.7%) than in men (29.0%). When assessing separately in each of the steps, the presence of at least one act of physical violence was highest in the CTS-2 than in CADRI (29.5% *versus* 27.7%) and there was significant difference among men (23.5% in CTS-2, 15.3% in CADRI). Results also indicated that 36.4% of the sample reported having experienced some form of physical violence, in any of the measures, and again in the CTS-2 this prevalence was higher (29.1% *versus* 25.5% in CADRI). These results indicate the need for a critical view by researchers in the field of violence on dating relationships regarding decision-making about the choice of instruments, considering that these two scales do not assess the same physical violence perpetrated and suffered.

Current research: Violence in affective-sexual relationships in adolescence

The Center for Studies and Research on Adolescence (NEPA/UFRGS), coordinated by Professor Dr. Débora Dalbosco Dell'Aglío, is developing a *survey* on violence in affective-sexual relationships in adolescence. Four-hundred fifteen adolescents (61.2% female), aged between 14 and 19 years old ($M= 16.67$; $SD= 1.17$), Porto Alegre and Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, Brazil, were characterized both as victims and perpetrators of violence on dating relationships.

In order to investigate the violence in the affective-sexual relations in adolescence in the current research, the inclusion criteria adopted are: 1) to be between 14 and 19 years old, and 2) to have some kind of love relationship in the current or past moment ("staying" or dating), excluding cohabitation, engagement, or marriage, according to the criteria adopted in the international literature (Lee et al., 2014; Stappenbeck & Fromme, 2010). However, the 1-month relationship requirement proposed by authors (Ayala et al., 2014, Kim et al., 2014) was not adopted, because in the Brazilian sociocultural context, affective-sexual relationships in adolescence are complex, unstable, and sometimes without a clear definition of time as a criterion for its definition.

CADRI was adopted as an instrument for investigating violence in adolescents' affective-sexual relationships, since it has a more accessible language and contemplates a greater variety of abusive behaviors typical of adolescents, in romantic relationships described as "staying" and dating. The conception of violence in the affective-sexual relationships adopted includes the presence of physical, verbal/emotional violence, psychological violence/threats, relational violence and sexual violence. In addition, we sought to investigate conflict resolution strategies (20 items from CADRI) as a way to better understand the dynamics of violence in intimate relationships among adolescents. The internal consistency of CADRI in this study was 0.87 for the total perpetration score and 0.90 for the total

victimization score. For items of positive resolution of conflicts, the *Alphas* were 0.81 for positive self - perception of conflict resolution and 0.78 for positive perception of the partner in engaging conflict resolution.

They selected cases characterized as perpetrators and victims of violence on dating relationships ($n= 415$) from a total sample of 533 adolescents. The majority of adolescents came from families with a nuclear family (53.3%), followed by single-parent families (25.5%). Of these adolescents, 72% were having some kind of love involvement at the moment of their lives, 68% were dating, 30% "getting" and 77.8% had their first sexual relationship. In 93.6% of the girls and 94.4% of the boys, intimate relationships were described as heterosexual.

Data were gathered collectively in public and private schools in Porto Alegre and Novo Hamburgo/RS (metropolitan area), after initial contact with the school board. The parents or legal caregivers of adolescents under 18 years of age signed the informed consent, and the adolescents gave their verbal consent. For adolescents over 18 years of age, they signed the informed consent. This research was approved by the Ethics Committee in Psychology (UFRGS). Descriptive and inferential statistical analyzes were performed. The Mann-Whitney test was used to analyze differences in CADRI means by sex, age and relationship time; and the chi-square test was used to verify the association of violence on dating relationships and positive conflict resolution by sex.

In the overall sample ($n= 415$), 96.1% of the adolescents perpetrated verbal/emotional violence, 38.6% sexual violence, 28.2% physical violence, 24.3% psychological violence/threats, and 12.0% relational violence. In relation to victimization rates, again verbal/emotional (95.2%) and sexual (43.6%) violence were higher. Also, 30.8% reported having suffered physical violence, 28.4% psychological violence/threats, and 22.2% relational violence. The bi-directional index of violence was 94.7% in the cases investigated. These data

are similar to those of Oliveira et al. (2011), Barreira et al. (2013 and 2015) and Marasca and Falcke (2015) with Brazilian adolescents.

There was a significant difference in the perpetration of verbal/emotional, sexual and physical violence by sex. The girls presented higher averages perpetration of verbal/emotional violence (girls $M=7.17$; $SD=5.20$; 95% CI 6.53-7.81) versus boys ($M=5.20$; $SD=4.00$; 95% CI 4.57 to 5.81; $U=15.78$; $p=0.001$) and physical (girls $M=1.00$; $SD=2.03$; 95% CI 0.75 to 1.26 versus boys $M=0.37$; $SD=0.90$; 95% CI 0.23 to 0.51; $U=17.52$; $p=0.002$), for example, items such as "I said things only to leave it (a) angry" ($\chi^2=9.45$; $p=0.024$), "I threatened to end the relationship" ($\chi^2=15.81$, $p=0.001$), "I threw something in it (a)" ($\chi^2=8.51$; $p=0.05$) and "I hit, kicked or punched him gave (a)" ($\chi^2=13.19$; $p=0.05$); while boys are more perpetrators of sexual violence (boys $M=0.89$; $SD=1.12$; 95% CI 0.71 to 1.06 versus girls $M=0.59$; $SD=1.06$; 95% CI 0.71 to 1.06; $U=17.14$; $p=0.001$). The male adolescents had a higher association with the item CADRI "I sexually touched when she/he did not want" ($\chi^2=37.20$, $p=0.001$). Shorey et al. (2008) argue caution in the interpretation of the results on physical perpetration committed by girls, since this behavior may be associated to the self-defense of the violence suffered. In addition, the seriousness of physical violence perpetrated by girls is different when perpetrated by boys, that is, less seriously.

As for the average CADRI scores, significant differences were observed in the mean of perpetration and victimization by age, indicating that the greater the age, the greater the occurrence of violence on dating relationships (e.g., verbal and emotional violence on dating relationships), age 17-19 years old ($M=8.68$; $SD=6.58$; IC 95% 7.82-9.54) versus age 14-16 years old ($M=6.20$; $SD=5.05$; IC 95% 5.90-7.35; $U=17.72$; $p=0.003$). The means of the victimization scores were higher than in perpetration. There was also a significant difference in the means of CADRI perpetration and victimization by relationship time, indicating that the longer the relationship, the greater the occurrence of dating violence (e.g., verbal and emotional perpetration, > 1 years of relationships, $M=7.91$; $SD=5.60$; 95% CI 6.83-8.98

versus <1 years of relationships $M= 5.82$; $SD= 4.36$; 95% CI 5.18-6.46; $U= 75.33$, $p= 0.001$). Cuevas et al. (2014) also observed that rates of dating violence increased with age in Latino adolescents living in the US, due to the greater love involvement that tends to occur throughout adolescence. In the study by Beserra et al. (2016), with 1.268 Portuguese adolescents, there was a positive and significant correlation between age and victimization and perpetration of dating violence in the female sex. In the present study, the relationship time was positively and significantly correlated with female perpetration ($r = .23$, $p= 0.001$), evidencing the result of Beserra et al. (2016).

In this study, the use of positive conflict resolution strategies by adolescents was also observed. The results indicated that boys tended to discuss calmly ($\chi^2= 14.06$; $p<0.05$) and gave more only to avoid conflict ($\chi^2= 9.09$; $p<0.05$) than girls, showing more flexibility. Variables such as sex, individual characteristics, relationship time and characteristics of the functioning of the conjugal dyad were described as factors mediating the occurrence of conflict and conflict resolution in adult couples (Costa, Cenci, & Mosmann, 2016). Lack of communication skills tends to increase the occurrence of emotional violence (Shorey et al., 2008). Thus, training in conflict resolution skills can be included in dating violence prevention programs (Murta et al., 2015; Murta et al., 2013). The inclusion of positive conflict resolution items in adolescent love relationships is seen as an important methodological aspect to understanding the dynamics of abusive relationships among adolescents and adolescents.

Conclusion

This chapter discussed the theoretical-methodological aspects of the research on violence in the adolescent affective-sexual in the Brazilian context. It is worth mentioning the need for a delimitation of the types of affective-sexual involvement experienced by young

people and their implication in the decision-making of the instruments for measuring dating violence (Shorey et al., 2008; Wolfe et al., 2001). Thus, it is up to the researchers to be attentive to the characteristics of the sample, carefully describing the inclusion criteria, so that the instruments adopted can be sensitive to the characteristics of love relationships in adolescence. Considering that the bi-directionality of violence is a specific characteristic of the affective-sexual relations between young people (Antunes, 2016; Goncy et al., 2016; Oliveira et al., 2014), the instruments must be sensitive to evaluate both the violence suffered and perpetrated.

Regarding the methodological innovation of this chapter, the inclusion of the variables gender, age and relationship time in patterns of dating violence in adolescence, as proposed by Beserra et al. (2016). Finally, it is suggested to include the items of positive conflict resolution of the CADRI in the results, since it was possible to observe differences by sex in their use, which may contribute to understanding the conflicts and occurrence of dating violence. Regarding the disadvantages of using the CADRI, the total of 70 items sometimes became tiring, and a portion of adolescents did not respond to all items of the instrument, leading to data loss. Contrary to the initial expectation, the items of relational violence, associated with the exposure of the partner to the peer group, typical of adolescence, were not significant in this study.

As suggestions for future research in Brazil, there is a need to broaden the focus of research to other forms of violence in intimate relationships, such as cyber violence on dating relationships and stalking. In addition, longitudinal studies may contribute to a greater understanding of dating violence, with a follow-up of cases between adolescence and the transition to adulthood, and identification of risk and protection factors, aiming to interrupt the cycle of violence. Also, methodological limitations of studies in the area, such as the participation of only one of the dyad members and gender and sexual orientation biases, should be considered in future studies. There is also a gap in the Brazilian literature about

dating violence between sexual minorities and populations in situations of social vulnerability.

Finally, mention is made of the need for the attention of the researchers regarding the ethical implications in the research, referring to referrals of dating violence cases identified during the investigation, to attend the specialized services of the protection network. In the NEPA/UFRGS research, research data were also returned to schools, through discussions with young people, addressing the issue of dating violence prevention as a way of integrating university and community. Thus, it is concluded that the topic of dating violence still needs to be the focus of new studies and intervention and prevention work among young Brazilians.

CAPÍTULO IV

Artigo empírico:

Perpetração e percepções de violência nas relações afetivo-sexuais na adolescência

Resumo

Este estudo investigou padrões de perpetração e percepção de violência nas relações afetivo-sexuais na adolescência (VRASA), em uma amostra de 428 adolescentes caracterizados como perpetradores (62,4% sexo feminino, $M=16,73$ anos; $DP=1,20$), da região metropolitana de Porto Alegre/RS. Foi adotado um grupo de comparação, composto por 132 adolescentes não perpetradores (51,5% sexo feminino, $M=16,54$ anos; $DP=1,19$). Os instrumentos utilizados foram um questionário sociodemográfico, itens sobre percepção de VRASA e o Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro na Adolescência (CADRI). Adolescentes de ambos os grupos reconhecem diferentes formas de violência psicológica, física e sexual. Adolescentes perpetradores tiveram dificuldade em reconhecer que “Proibir o(a) namorado(a) de sair com amigos” é uma forma de violência. Por outro lado, perpetradores reconheceram mais que “Quebrar objetos do(a) namorado(a)” é uma forma de violência, se comparados aos adolescentes não-perpetradores. Discute-se a legitimação da violência e possibilidades de prevenção de VRASA.

Palavras chave: Violência no Namoro; Adolescência; Perpetração; Legitimação da Violência.

Abstract

This study investigated the perpetration and perception patterns of violence in adolescents' sexual-affective relationships (VRASA) in a sample of 428 adolescents characterized as perpetrators (62.4% female, $M=16.73$ years, $SD=1.20$), from the metropolitan region of Porto Alegre/RS. A comparison group, composed of 132 non-perpetrating adolescents (51.5% female, $M=16.54$ years, $SD=1.19$) was adopted. The instruments were a sociodemographic

questionnaire, items about the perception of VRASA and the Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory (CADRI). Adolescents from both groups recognize different forms of psychological, physical and sexual violence. However, perpetrating adolescents had difficulty to recognize that "Forbidding a boyfriend/girlfriend to go out with friends" is a form of violence. On the other hand, perpetrators have recognized more that "Breaking a boyfriend's/girlfriend's objects" is a form of violence compared to non-perpetrators. The violence legitimation and possibilities of VRASA prevention were discussed.

Keywords: Dating Violence; Adolescence; Perpetration; Violence Legitimation.

Resumen

Este estudio investigó los patrones de perpetración y percepción de violencia en las relaciones afectivo-sexuales en la adolescencia (VRASA), en una muestra de 428 adolescentes caracterizados como perpetradores (62,4% sexo femenino, $M=16,73$ años, $DP=1,20$), de la región metropolitana de Porto Alegre/RS. Se adoptó un grupo de comparación, compuesto por 132 adolescentes no perpetradores (51,5% sexo femenino, $M=16,54$ años, $DP=1,19$). Se utilizó un cuestionario sociodemográfico, ítems sobre la percepción de VRASA y el Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory (CADRI). Los adolescentes de ambos grupos reconocen diferentes formas de violencia psicológica, física y sexual. Los adolescentes perpetradores tuvieron dificultades para reconocer que "Prohibir al novio(a) de salir con amigos" es una forma de violencia. Por otro lado, los perpetradores reconocieron más que "Romper objetos del novio(a)" es una forma de violencia, si se comparan con los adolescentes no perpetradores. Se discute la legitimación de la violencia y posibilidades de prevención de VRASA.

Palabras clave: Violencia en la pareja adolescente; Adolescencia; Perpetración; Legitimación de la Violencia.

Introdução

Em meio à descoberta do exercício da sexualidade, os adolescentes e jovens adultos podem deparar-se com situações de conflitos em suas relações afetivo-sexuais, incluindo violência psicológica, física e sexual, bem como a sobreposição de violências (Murta, Santos, Martins, & Oliveira, 2013). Conforme o *Centers for Disease Control and Prevention* (CDC, *Division of Violence Prevention*, EUA, 2014), a violência entre namorados (*dating violence*) é um tipo de violência perpetrada pelo companheiro íntimo, que pode envolver situações de violência física, sexual ou psicológica. Para Mulford e Blachman-Demner (2013), a violência no namoro (*teen dating violence*) engloba uma variedade de comportamentos abusivos e o comportamento de *stalking*, entre pré-adolescentes, adolescentes e adultos jovens, em um contexto de relações românticas ou de namoro, atuais ou passadas.

No que se refere aos padrões de vitimização da Violência nas Relações Afetivo-Sexuais na Adolescência (VRASA), nos Estados Unidos, um total de 67,4% de adolescentes do sexo feminino e 57,1% do sexo masculino reportaram ser vítimas, na faixa etária entre 13 e 19 anos (Bonomi, Anderson, Nemeth, Rivara, & Buettner, 2013). Na Itália, um estudo com adolescentes do Ensino Médio indicou que 43,7% das adolescentes e 34,8% dos adolescentes experienciaram algum tipo de violência por parte do parceiro íntimo, sendo que adolescentes do sexo feminino significativamente sofreram mais violência psicológica e sexual do que os adolescentes do sexo masculino (Romito, Beltramini, & Escribà-Agüir, 2013). No que se refere aos padrões de perpetração da violência no namoro, jovens do sexo masculino tendem a apresentar maiores taxas de perpetração de violência sexual (Wincentak, Connolly, & Card, 2016) enquanto que adolescentes do sexo feminino tendem a perpetrar mais violência física (Barreira, Lima, Bigras, Njaine, & Assis, 2014; Marasca & Falcke, 2015). Um estudo com jovens portugueses, com idades entre 13 e 29 anos, indicou que 30% dos adolescentes relataram ter perpetrado algum tipo de violência contra o parceiro, no ano anterior à pesquisa (Caridade, 2011). Comportamentos emocionais abusivos, coercivos ou intimidatórios foram

os mais prevalentes (22,4%), seguidos de abuso físico (18,1%). Houve diferença significativa, por sexo, na perpetração de VRASA, nas relações atuais, sendo que ofensas físicas e psicológicas foram mais admitidas por adolescentes do sexo feminino (Caridade, 2011).

É importante ressaltar que apesar dessa alta incidência, o fenômeno da VRASA permanece ainda na invisibilidade, uma vez que os próprios adolescentes têm dificuldade de reconhecer sinais de violência em seus relacionamentos afetivo-sexuais (Ayala et al., 2014; Love & Richards, 2013). A violência psicológica é o tipo de comportamento abusivo mais frequente nas relações amorosas em adolescentes e jovens adultos, porém estes ainda têm dificuldade de reconhecê-la como uma forma de violência (Coker et al., 2014; Flake, Barros, Schraiber, & Menezes, 2013). Caridade (2011) aponta que os jovens tendem a minimizar a ocorrência de dinâmicas violentas e a interpretar tais atos como uma expressão do “amor verdadeiro”. Tais mitos e crenças acabam legitimando ou desculpabilizando o agressor e a sua conduta abusiva.

Assim, um dos fatores de risco para a ocorrência da violência no namoro é a aceitação ou legitimação da violência por parte dos jovens. É evidente que a VRASA está inserida em um contexto maior de violência, no qual questões histórico-sociais de gênero promovidas pelo sistema patriarcal se perpetuam (Minayo, Assis, & Njaine, 2011). Os estereótipos de gênero estão largamente associados à violência íntima (Murta, Del Prette, & Del Prette, 2010), de forma que os indivíduos que sustentam visões tradicionais acerca dos papéis de gênero e do valor social atribuído à mulher e ao homem têm maior tendência a adotar ou a legitimar comportamentos agressivos para a resolução de conflitos. Em um estudo realizado em Pernambuco, jovens adultos que estavam namorando responderam perceber a violência no namoro como associada à violência física (Nascimento & Cordeiro, 2011). Entretanto, os mesmos participantes tiveram dificuldade em reconhecer que proibições, controle, cerceamento da liberdade do outro, assim como xingamentos e tapas como formas de violência. Assim, proibir o(a) namorado(a) sair de casa, ter amizades com pessoas do sexo

oposto, controlar o tipo de roupa, fazer ligações excessivas e mexer no celular do parceiro sem autorização não foram consideradas formas de violências, mas sim brincadeiras (Nascimento & Cordeiro, 2011). O uso de insultos ou de xingamentos, por parte dos adolescentes, não é considerado uma forma de violência, mas sim um tipo de linguagem típica da etapa da adolescência, em que uns xingam os outros como sinais de marcadores sociais de pertencimento (Zanello & Flor, 2015).

A perpetração de violência psicológica tem sido mais associada à legitimação da violência, indicando que adolescentes que aceitam a violência como algo normativo em suas relações amorosas tendem a ter maior risco para serem perpetradores (Temple et al., 2016). Em um estudo longitudinal com adolescentes do sexo masculino (EUA, Reyes, Foshee, Niolon, Reidy, & Hall, 2016) foi observada a relação entre crenças normativas sobre violência, modelos tradicionais de gênero e legitimação da violência física nas relações de namoro. Jovens do sexo masculino reconheceram menos as situações de VRASA, com tendência a normalizar a violência de menor gravidade, justificar a violência em função da conduta da mulher e atribuir mais o abuso a causas externas e fora do seu controle. Outro estudo com jovens portugueses indicou que perpetradores legitimam mais a violência física e emocional do que não-perpetradores (Caridade, 2011).

A idade e o nível educacional são variáveis sociodemográficas que também parecem influenciar os julgamentos dos jovens acerca dos atos de VRASA. Caridade (2011) aponta que indivíduos mais velhos, inseridos em níveis de formação mais avançados, apresentam maior conscientização sobre o que são comportamentos abusivos, sendo menos toleráveis à ocorrência de VRASA. Já os mais novos sustentam atitudes mais conservadoras, tendendo a responsabilizar mais as vítimas pela violência sofrida.

Alguns estudos têm focado sua atenção na relação entre legitimar a violência no namoro e ser vítima de VRASA (Karlsson, Temple, Weston, & Le, 2016; Kaura & Lohman, 2007). Entretanto, a compreensão de como essas experiências têm se dado para os

perpetradores também pode ser importante (Temple, Shorey, Tortolero, Wolfe, & Stuart, 2013; Temple et al., 2016). Ressalta-se que no contexto brasileiro há uma elevada taxa de perpetração de violência no namoro e no “ficar” entre adolescentes (Oliveira, Assis, Njaine & Oliveira, 2011). Contudo, observa-se uma carência de estudos sobre percepções e atitudes legitimadoras da violência como um fator de risco para perpetração de VRASA.

Considerando esses fatores, este estudo buscou descrever os padrões de perpetração de VRASA em uma amostra de adolescentes do Ensino Médio. Além disso, considerando que adolescentes têm dificuldade em reconhecer sinais de violência em suas relações amorosas, investigou-se a percepção desses jovens sobre diferentes formas de violência. Por fim, buscou-se verificar a diferença de percepções de violência por sexo, faixa etária, e entre não-perpetradores e perpetradores de VRASA.

Método

Participantes:

Participaram do estudo 560 adolescentes, com idades entre 14 e 19 anos, estudantes de escolas públicas e privadas de Porto Alegre e região metropolitana, Rio Grande do Sul. Foram criados dois grupos: 1) grupo de perpetradores de VRASA e 2) grupo de comparação, não perpetradores de violência, conforme descritos a seguir.

Grupo de perpetradores

Da amostra geral, 428 adolescentes (76,43%) foram caracterizados como perpetradores de algum tipo de VRASA. Desses, 267 casos eram do sexo feminino (62,4%) e 161 casos eram do sexo masculino (37,6%). A idade média foi de 16,73 anos ($DP=1,20$). A maioria dos adolescentes se encontrava estudando no 2º ano do Ensino Médio (38,6%). No momento da pesquisa, 27,2% estavam “ficando” com alguém e 62,8% estavam namorando. O tempo médio de duração da atual relação foi de 13,27 meses ($DP=13,40$).

Grupo de comparação

Este grupo foi composto por 132 adolescentes, sendo 68 do sexo feminino (51,5%) e 64 do sexo masculino (48,5%). A idade média foi de 16,54 anos ($DP=1,19$). A maioria dos adolescentes frequentavam o 2º ano do Ensino Médio (48,5%). No momento da pesquisa, cerca de 40,0% dos adolescente estavam “ficando” com alguém, enquanto que 58% tinham uma relação do tipo namoro. O tempo médio de duração da relação amorosa atual foi de 8,85 meses ($DP=10,61$).

Instrumentos:

- *Questionário sociodemográfico e percepções sobre violência no namoro*. Foi desenvolvido por duas das autoras (Borges & Dell’Aglío) um questionário, a fim de avaliar dados referentes ao perfil sociodemográfico. Além disso, foi incluída uma questão referente à percepção que os adolescentes têm sobre situações de violência no namoro. As opções eram: humilhar, ameaçar verbalmente, quebrar objetos pessoais, bater, empurrar, xingar e ofender, forçar o outro a ter alguma relação sexual, proibir o(a) namorado(a) de sair com os amigos, proibir a pessoa de usar alguma roupa, mexer no celular do(a) namorado(a) escondido(a), chamar o(a) namorado(a) por nomes feios/palavrões, controlar o Facebook do(a) namorado(a), ficar ligando excessivamente para o(a) atual ou ex-namorado(a) e rasgar as roupas do(a) namorado(a).

- *Violência nas relações afetivo-sexuais na adolescência*. Foi utilizado o Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro na Adolescência (CADRI, Wolfe, Scott, Reitzel-Jaffe, & Wekerle, 2001; adaptado para o Brasil por Minayo et al., 2011), que avalia a presença de comportamentos abusivos em relacionamentos afetivo-sexuais na adolescência, tanto em situações em que a pessoa é vítima quanto autora da violência. O instrumento é respondido em uma escala *Likert* de seis pontos, que investiga as seguintes categorias de violência no namoro na adolescência: Violência Física, Violência Verbal/emocional, Violência

Psicológica/ameaças, Violência Relacional, e Violência Sexual. No estudo da versão adaptada para o Brasil (Minayo et al., 2011), o Alpha de Cronbach para a violência sofrida foi de 0.87 e para a violência perpetrada foi de 0.88. Na pesquisa atual, os Alphas de Cronbach variaram entre 0.87 para violência perpetrada e 0.90 para violência sofrida.

Procedimentos

Os participantes foram recrutados em 10 escolas de Ensino Médio das cidades de Porto Alegre/RS e de Novo Hamburgo/RS. Foi solicitada autorização da Secretaria Estadual de Educação e da direção das escolas para a realização da pesquisa. Os adolescentes foram convidados a participar da pesquisa de forma voluntária. A aplicação dos questionários deu-se de forma coletiva nas escolas. Os dados obtidos foram digitados no programa SPSS for Windows. Foram utilizados cálculos estatísticos considerando o critério de significância de 0,05. Inicialmente foi realizada uma análise descritiva dos dados sociodemográficos da amostra e a prevalência dos padrões de perpetração da VRASA. Em seguida foi realizado cálculo de qui-quadrado para verificar a associação entre tipos de perpetração da violência e sexo. Foi realizado um teste de Mann-Whitney para analisar diferença nos escores da CADRI, por sexo. Foi calculado o tamanho de efeito para essas médias (d de Cohen) (Espírito-Santo & Daniel, 2015). Para verificar diferenças nos padrões de perpetração, por faixa etária (14-15 anos, 16-17 anos e 18-19 anos) utilizou-se uma ANOVA, com teste de correção de Bonferroni.

No que se refere às percepções sobre VRASA, num primeiro momento foi realizado cálculo de frequência simples para os diferentes tipos de violência, na amostra geral. Num segundo momento, foi realizado um teste de qui-quadrado para verificar associação entre perpetração de VRASA e grupo perpetração X não-perpetração (grupo de comparação). Para isso, os adolescentes foram subdivididos em dois grupos: grupo de perpetradores, para aqueles adolescentes com pontuação igual e acima de um ponto no escore total de perpetração

da CADRI e, grupo de comparação, para os adolescentes que não pontuaram na CADRI. Por fim, num terceiro momento, foi realizado um qui-quadrado para verificar associação entre as percepções de violência por faixa etária. Assim, as faixas etárias foram recodificadas em três grupos: grupo de 14-15 anos, 16-17 e de 18-19 anos. Após as análises descritivas, foram realizadas investigações estatísticas inferenciais, buscando associações entre as variáveis estudadas.

Considerações éticas

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (parecer 1.143.563 de 06 de julho de 2015). Aos pais dos adolescentes participantes da pesquisa e aos adolescentes maiores de 18 anos foi solicitada a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assim como a assinatura de Termo de Assentimento por parte dos jovens.

Resultados

Padrões de perpetração de violência nas relações afetivo-sexuais na adolescência

No que se refere aos padrões de perpetração de VRASA, do total de casos identificados como agressores ($n=428$), foi observado que a violência verbal/emocional é a mais perpetrada ($n=424$, 99,1%), seguida da violência sexual ($n=173$, 40,4%). Houve 127 adolescentes que perpetraram violência física (29,7%), 107 adolescentes perpetraram violência psicológica/ameaças (25%) e 52 adolescentes perpetraram violência relacional (12,1%).

Uma análise utilizando o qui-quadrado foi utilizada para verificar relações entre sexo e tipos de violência perpetrada. Os resultados indicaram que a perpetração de violência física foi associada ao sexo feminino (32,7% sexo feminino *versus* 19,3% sexo masculino, $\chi^2 =$

9,08, $gl=1$, $p=0,002$) e que a violência sexual foi mais associada ao sexo masculino (44,9% sexo masculino *versus* 33,1% sexo feminino, $\chi^2 = 6,43$, $gl=1$, $p=0,011$). A Tabela 1 descreve os escores de perpetração na CADRI, por sexo. Dessa forma, foi observada diferença significativa nos escores de violência verbal-emocional, física, psicológica/ameaças e no escore total, sendo esses mais elevados entre as adolescentes, embora o tamanho de efeito seja considerado pequeno (Espírito-Santo & Daniel, 2015).

Na Tabela 2 estão demonstradas as análises de diferenças em relação à perpetração conforme a faixa etária dos participantes. Os resultados indicaram que há diferenças na maioria dos padrões de perpetração conforme o grupo etário, com exceção da violência relacional. Dessa forma, após correções de Bonferroni, foi observada diferenças nos escores de violência física ($p=0,021$); de violência psicológica/ameaças ($p=0,019$) e no escore total de perpetração na CADRI ($p=0,016$) entre os adolescentes de 14-15 anos e aqueles entre 16-17 anos. Ou seja, adolescentes de 16-17 anos perpetram mais violência do que os adolescentes de 14-15 anos. Houve assim uma maior diferença entre essas duas faixas etárias, mas não entre adolescentes de 16-17 anos e 18-19 anos, nem entre 14-15 anos e 18-19 anos.

Tabela 1. Escores nos padrões de perpetração da CADRI, por sexo ($n=428$)

	Meninas ($n=267$)	Meninos ($n=161$)			
	M(DP)	M(DP)	<i>U</i>	<i>p</i>	<i>d</i>
CADRI violência verbal/emocional	7,48 (5,04)	5,34 (3,91)	15,01	0,001	0,47
CADRI violência sexual	0,66 (1,15)	0,91 (1,12)	18,30	0,004	0,22
CADRI violência física	1,04 (2,02)	0,39 (0,91)	18,12	0,001	0,42
CADRI violência psicológica/ameaças	0,71 (1,56)	0,39 (0,96)	19,60	0,042	0,26
CADRI violência relacional	0,24 (0,80)	0,25 (0,83)	21,36	0,846	-
CADRI perpetração TOTAL	10,14 (8,43)	7,26 (5,86)	16,95	0,001	0,40

Nota. CADRI= Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro na Adolescência; *M*=média; *DP*= desvio-padrão; *U*= Teste Mann-Whitney;

p= nível de significância; *d*= teste de Cohen para tamanho de efeito.

Tabela 2. Diferenças nas médias da CADRI perpetração, por faixa etária ($n=428$)

	14-15 anos	16-17 anos	18-19 anos	ANOVA	<i>P</i>
	M/DP	M/DP	M/DP		
CADRI violência verbal/emocional	5,75(3,72)	7,21(5,04)	6,16(4,60)	3,592	0,028
CADRI violência sexual	0,49(0,86)	0,80(1,17)	0,80(1,22)	2,156	0,117
CADRI violência física	0,34(0,91)	0,97(2,02)	0,73(1,35)	3,819	0,023
CADRI violência psicológica/ameaças	0,23(0,64)	0,73(1,57)	0,52((1,22)	4,005	0,019
CADRI violência relacional	0,25(0,77)	0,22(0,78)	0,28(0,90)	0,206	0,814
CADRI perpetração TOTAL	7,06(4,85)	9,93(8,42)	8,48(7,27)	4,356	0,013

Nota. CADRI= Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro na Adolescência; *M*=média; *DP*= desvio-padrão; *p*= nível de significância.

Percepções sobre violência nas relações afetivo-sexuais entre adolescentes

Na Tabela 3 estão expressas as frequências de resposta dos adolescentes do grupo perpetradores e do grupo de não-perpetradores, quanto à percepção das diferentes formas de violência. De modo geral, adolescentes de ambos os grupos concordam que humilhar, ameaçar e xingar/ofender são formas de violência, assim como bater e empurrar e forçar um intercurso sexual. Dessa forma, observa-se que os adolescentes desse estudo reconhecem formas de violência psicológica, física e sexual presentes em relações afetivo-sexuais. Contudo, os adolescentes, no geral, não reconheceram que mexer no celular escondido, controlar o Facebook do(a) parceiro(a) e ficar ligando excessivamente são formas de violência, associadas a formas de controle.

Resultado do teste de χ^2 indicou que adolescentes perpetradores de VRASA têm mais dificuldade em reconhecer que ‘Proibir o(a) namorado(a) de sair com amigos’ é uma forma de violência (56,1% grupo perpetradores *versus* 42,4% grupo de comparação). De forma contrária, mais adolescentes perpetradores reconhecem que quebrar objetos do(a) namorado(a) é uma forma de violência (68,5% grupo perpetradores *versus* 57,6% grupo de comparação). As demais formas de violência não foram relacionadas a ser perpetrador, indicando uma legitimação da violência por partes dos adolescentes em geral, independente do histórico de agressão. Cabe ressaltar que, em relação à violência psicológica, no grupo de perpetradores, 13,8% não consideram ‘Humilhar’, 16,8% não consideram ‘Xingar ou ofender’, 39% não consideram ‘Chamar o(a) namorado(a) por nomes feios’ como formas de violência. No grupo de comparação, esses índices foram de 19,7%, 23,5% e 43,2%, respectivamente.

Houve associação entre a percepção da violência e o sexo entre os adolescentes perpetradores de VRASA. Adolescentes do sexo feminino reconheceram mais que “Proibir a pessoa de usar alguma roupa” (68,8% sexo feminino *versus* 31,2% sexo masculino, $\chi^2 = 6,73$,

gl=1, $p=0,009$); “Controlar o Facebook do(a) namorado(a)” (55,7% sexo feminino *versus* 44,3% sexo masculino, $\chi^2 = 4,77$ gl=1, $p=0,029$); e “Ficar ligando excessivamente” (62,4% sexo feminino *versus* 37,6% sexo masculino, $\chi^2 = 4,03$, gl=1, $p=0,045$) são formas de violência na intimidade. Nas demais formas de violência avaliadas não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas, indicando que a dificuldade em reconhecer sinais de violência não está associada ao sexo do perpetrador, mas muito mais a questões socioculturais. Da mesma forma, não foi observada associação entre percepções de violência no namoro e faixa etária. Nesse sentido, tanto adolescentes mais novos quanto os mais velhos, apresentam dificuldade em reconhecer diferentes formas de VRASA.

Tabela 3. Frequência de percepções sobre diferentes formas de violência no namoro em adolescentes perpetradores e não perpetradores

Formas de violência	Grupo perpetradores (n=428)				Grupo de comparação (n=132)				χ^2	p
	Não		Sim		Não		Sim			
	n	%	n	%	n	%	n	%		
Humilhar	59	13,8	369	86,2	26	19,7	106	80,3	2,74	0,09
Ameaçar verbalmente	49	11,4	379	88,6	22	16,7	110	83,3	2,48	0,11
Quebrar objetos pessoais	135	31,5	293	68,5	56	42,4	76	57,6	5,31	0,02
Bater	9	2,1	419	97,9	6	4,5	126	95,5	2,31	0,13
Empurrar	100	23,4	328	76,6	30	22,7	102	77,3	0,02	0,88
Xingar e ofender	72	16,8	356	83,2	31	23,5	101	76,5	2,98	0,80
Forçar o outro a ter alguma relação sexual	48	11,2	380	88,8	16	12,1	116	87,9	0,08	0,77
Proibir o(a) namorado(a) de sair com amigos	240	56,1	188	43,9	56	42,4	76	57,6	7,54	0,01
Proibir a pessoa de usar alguma roupa	226	52,8	202	47,2	63	47,7	69	52,3	1,04	0,31
Mexer no celular do(a) namorado(a) escondido(a)	289	67,5	139	32,5	85	64,4	47	35,6	0,44	0,50
Chamar o(a) namorado(a) por nomes feios	167	39,0	261	61,0	57	43,2	75	56,8	0,73	0,39
Controlar o <i>Facebook</i> do(a) namorado(a)	270	63,1	158	36,9	83	62,3	49	37,1	0,02	0,97
Ficar ligando excessivamente	261	61,0	167	39,0	74	56,1	58	43,9	1,01	0,31
Rasgar as roupas do(a) namorado(a)	109	25,5	319	74,5	42	31,8	90	68,2	2,06	0,15

Nota. χ^2 = Qui-quadrado; p=nível de significância; %= frequência simples.

Discussão

A adolescência é caracterizada como um período em que ocorrem as primeiras experiências afetivo-sexuais, sendo essas constituintes do processo de emancipação emocional dos pais e da construção da identidade adulta (Steinberg, 2002). Além disso, essa etapa torna-se importante para a construção de crenças e percepções acerca da intimidade, das expectativas de gênero e mitos sobre as relações românticas, incluindo a normalização da violência (Caridade, 2011). Há uma visão social de que a violência nas relações amorosas estaria mais associada às relações conjugais estáveis adultas, uma vez que a etapa do namoro seria vista como uma fase romântica (Soares, Lopes, & Njaine, 2013) sendo que, *a priori*, não teria espaço para a presença de comportamentos abusivos (Diniz & Alves, 2015).

De forma contrária a essa expectativa, os resultados desse estudo confirmam uma alta prevalência de violência nas relações de intimidade em adolescentes e jovens, corroborando assim estudos anteriores na área (CDC, 2014; Straus, 2004). No estudo atual foi observada uma taxa de 76,43% para perpetração de algum tipo de VRASA, indicando que este fenômeno é frequente e requer maior visibilidade e reflexão de toda a sociedade. Tal resultado é similar às altas taxas de perpetração (86,8%) apresentadas por Oliveira et al. (2011) em um estudo com adolescentes brasileiros de 15 e 19 anos; e muito acima daquelas encontrados em países como Portugal, com uma taxa de 30,6% de perpetração em jovens entre 13 e 29 anos (Caridade, 2011) e, na Espanha, com uma taxa de 24% de perpetração entre jovens de 15 e 19 anos (Fernández-Fuertes & Fuertes, 2010).

Foi observada a perpetração de diferentes tipos de violência, sendo que a violência verbal/emocional foi a mais frequente entre os jovens (91,1%). Esse resultado é consoante aos estudos nacionais (90,1%, Brancaglioni & Fonseca, 2016; 83,4%, Minayo et al., 2011) e internacionais (96,3%, Fernández-Fuertes & Fuertes, 2010) que também a identificaram como a mais frequente nos relacionamentos afetivo-sexuais entre adolescentes. A perpetração da

violência verbal/emocional inclui aspectos como falar em um tom hostil ou maldoso, insultar o(a) parceiro(a) com deprecições, ridicularizá-lo na frente dos amigos e vigiar com quem e onde o(a) parceiro(a) está.

Os padrões de perpetração da VRASA identificados nesse estudo parecem ser influenciados por duas variáveis sociodemográficas: sexo e idade. A respeito da variável sexo, os resultados encontrados estão de acordo com o que vem sendo apresentado por outras pesquisas que apontam que jovens do sexo masculino tendem a perpetrar mais a violência sexual (Brancaglioni & Fonseca, 2016; Wincentak et al., 2016) enquanto que adolescentes do sexo feminino tendem a perpetrar mais a violência física (Barreira et al., 2014; Marasca & Falcke, 2015). A VRASA pode ser acentuada devido à adesão dos adolescentes aos estereótipos de gênero tradicionais, mesmo que, aparentemente, suas relações atualmente pareçam ser mais flexíveis, igualitárias e simétricas. Compreende-se que a rigidez dos papéis de gênero, as crenças sexistas e a cultura machista contribuem para a violência no namoro (Murta, Del Prette, & Del Prette, 2010), pois interferem diretamente nas formas como os adolescentes interpretam e resolvem seus conflitos amorosos.

Embora os dados apontem maiores índices de perpetração física pelas meninas, vale questionar-se se elas, de fato, perpetram mais ou se reconhecem e relatam mais esses tipos de agressões. A violência física perpetrada pelas meninas pode ser de autodefesa ou como uma resposta ao uso de táticas coercitivas do parceiro (Swan & Snow, 2006). Os comportamentos abusivos de jovens mulheres podem estar ainda associados aos sentimentos de raiva e de frustração com o parceiro ou com o relacionamento, mais do que uma reação à violência sofrida (Giordano, Soto, Manning, & Longmore, 2010). No estudo de Straus (2014) foi verificado que oito em cada 10 atos abusivos perpetrados por uma mulher se deve à recidiva do parceiro masculino. Ou seja, quando a mulher era fisicamente agressiva, em quase todos os casos era agredida em retorno pelo parceiro (Straus, 2014).

A variável idade também parece influenciar os padrões de perpetração. Adolescentes com idades entre 16-17 anos apresentaram escores mais altos de perpetração de violência física e psicológica/ameaças do que adolescentes mais novos, com idades entre 14-15 anos. Não houve diferença entre os adolescentes entre 16-17 anos e 18-19 anos. Embora os adolescentes de 16-17 anos perpetrem mais violência do que adolescentes de 14-15 anos, considerando todas as idades incluídas na amostra (14-19 anos), os achados desse estudo vão ao encontro do que foi apontado por Caridade (2011), que concluiu que adolescentes mais velhos tendem a perpetrar mais violência física e emocional. Outro estudo indicou um aumento de 40% nos padrões de perpetração entre a adolescência e a idade adulta, indo de 18,1% para 25,2% o índice de incidência (Johnson, Giordano, Longmore, & Manning, 2014). Compreende-se, assim, que na etapa final da adolescência, ocorre uma maior vivência de relacionamentos na intimidade (o namoro, por exemplo), o que pode justificar o maior uso de táticas de resolução de conflitos violentas. Na faixa etária entre 14-15 anos, muitos adolescentes ainda não iniciaram sua vida sexual ou, se já vivenciaram, tendem a ter relacionamentos menos duradouros e estáveis (o “ficar”, por exemplo). Estudo com 956 adolescentes, realizado nos EUA, indicou que maior duração do relacionamento amoroso, maior frequência de contato com o parceiro e maior intimidade sexual podem ser variáveis preditoras de VRASA (Giordano et al., 2010).

Outro aspecto investigado nesse estudo se refere à dificuldade dos adolescentes em reconhecer determinados tipos de comportamentos abusivos como violência. Ao contrário dos estudos anteriores que apontam que adolescentes do sexo masculino legitimam mais a violência física (Reyes et al., 2016), esse resultado não foi encontrado no presente estudo. De modo geral, os comportamentos abusivos de controle do parceiro foram mais reconhecidos como violência por parte do sexo feminino. Não houve associação da legitimação da violência por sexo para as demais formas de violência. Além disso, a maior parte dos comportamentos

abusivos investigados não foi significativamente associada ao grupo de perpetradores, indicando que tal dificuldade em reconhecer formas de VRASA pode ser típica da etapa da adolescência, envolvendo aspectos culturais. Assim, adolescentes perpetradores ou não, não consideram violência atitudes como ‘Humilhar’, ‘Xingar ou ofender’ e ‘Chamar o(a) namorado(a) por nomes feios’. Dessa forma, muitas vezes agressões são interpretadas como “brincadeiras” (Nascimento & Cordeiro, 2011), ou como uma violência de menor gravidade (Reyes et al., 2016) pelos adolescentes.

Adolescentes têm reconhecido a violência apenas em situações marcadas pela existência do ato agressivo, ou seja, uma assimilação da representação do ato agressivo apenas quando resulta em dano visível (Campos, Torres, & Guimarães, 2016). Estudos apontam, por exemplo, que a violência verbal é banalizada entre os adolescentes, sendo reconhecida como um modo de comunicação naturalizado (Campos et al., 2016; Giordani, Seffner & Dell’Aglia, 2017). Entretanto, apesar da maior invisibilidade, a violência psicológica comumente é mais frequente e pode ser inclusive mais prejudicial em longo prazo, para as vítimas, do que a violência física (Dantas-Berger & Giffin, 2005; Fonseca, Ribeiro, & Barbosa, 2012).

Em relação à violência sexual, mais de 10% dos adolescentes de ambos os grupos considerou que ‘Forçar o outro a ter alguma relação sexual’ não é uma forma de violência em uma relação afetivo-sexual. Esse índice, apesar de representar uma parcela pequena dos estudantes, ainda é preocupante. Ou seja, mais de um em cada dez adolescentes ainda não considera que violência sexual seja um ato agressivo. Os dados da Organização Mundial da Saúde (WHO, 2002) apontam que é alta a incidência de violência contra mulheres, sendo a forma mais endêmica a violência sexual e física perpetrada por companheiros íntimos. Dar visibilidade à violência associada à sexualidade e ao sexo forçado na conjugalidade é necessário. Com isso, pode-se problematizar, por exemplo, a ideia de obrigação e a

possibilidade de negação do ato sexual, quando em um relacionamento afetivo-sexual (Dantas-Berger & Giffin, 2005).

A violência patrimonial também foi altamente desconsiderada na percepção dos participantes. ‘Quebrar objetos pessoais’ não foi considerado violência por 31,5% dos perpetradores e por 43,4% no grupo de comparação; e ‘Rasgar as roupas do(a) namorado(a)’ não foi considerado por 25,5% dos perpetradores e 31,3% dos participantes do grupo de comparação. Ou seja, por volta de um a cada três adolescentes não considerou que destruir objetos pessoais do(a) namorado(a) seja uma manifestação violenta. Adolescentes ignoram que a violência patrimonial é uma forma de violência, tipificada no Código Penal brasileiro como furto, dano, apropriação indébita, passível de sanções penais (Bastos, 2006).

Por fim, ressalta-se que a violência nas relações íntimas entre jovens, encontra-se amparada na Lei 11.340/2006 (Brasil, 2006), conhecida como Lei Maria da Penha, que prevê mecanismos de proteção e prevenção à violência contra a mulher, mesmo em situações de relacionamentos íntimos sem coabitação (por exemplo, namorados e ex-namorados). Essa lei prevê ainda amparo à vítima, independente de orientação sexual.

Considerações Finais

O objetivo desse estudo foi investigar a presença de violência nas relações afetivo-sexuais vivenciadas por adolescentes, sobretudo no que se refere às percepções de comportamentos agressivos e aos padrões de perpetração da violência. Os resultados indicaram altas taxas de perpetração de VRASA entre adolescentes da região metropolitana de Porto Alegre/RS. A violência nas relações amorosas entre adolescentes é um forte preditor da violência entre casais na idade adulta (Beserra et al., 2016; Graves, Sechrist, White, & Paradise, 2005; Oliveira et al., 2014), sobretudo porque tais formas de se relacionar são naturalizadas desde muito cedo. Ou seja, experiências precoces de namoro, marcadas pela

violência, podem implicar em modelos de relações que serão estabelecidos na adultez. Dar visibilidade para o reconhecimento desse tipo de violência na intimidade contribui para o planejamento de ações de prevenção e de intervenção.

Os resultados indicam que os adolescentes, perpetradores e não perpetradores, têm dificuldades em reconhecer comportamentos abusivos em suas relações amorosas, principalmente aqueles associados aos comportamentos de controle (proibir sair com amigos, controlar *Facebook*, controlar o tipo de roupa do parceiro, mexer no celular escondido). A naturalização da violência é comumente observada entre os jovens (Nascimento & Cordeiro, 2011). Assim, relacionar-se e se comunicar de forma agressiva é, muitas vezes, vista como “brincadeira”; ou ainda, como uma linguagem típica dos adolescentes (Zanello & Flor, 2015). Dessa forma, crenças e atitudes que legitimam a violência nas relações íntimas favorecem a ocorrência de VRASA (Caridade, 2011; Temple et al., 2016).

Salienta-se, portanto, a necessidade de dar maior visibilidade ao fenômeno, investindo em programas preventivos que considerem o caráter multifacetado da violência e que ofereçam espaços de reflexão aos adolescentes. Compreende-se que é importante não apenas sensibilizar os jovens para que percebam com maior criticidade os diversos tipos de violências, mas também dar-lhes ferramentas para um manejo mais adequado das emoções e dos conflitos com seus parceiros. Sugere-se a implementação de programas multicomponentes (Murta et al., 2013; Murta et al., 2016) que, além de informar, visem desenvolver habilidades pró-sociais nos adolescentes. Essas competências, como a da assertividade e a da empatia, podem promover estratégias não violentas de resolução de conflitos, além de estimular discussões coletivas sobre violência de gênero e crenças sexistas que auxiliem no manejo adaptativo do ciúme e da raiva (Murta et al., 2013; Murta et al., 2016).

Este estudo apresenta algumas limitações. Primeiro, por se caracterizar como um estudo transversal, exploratório e descritivo, referente às taxas de perpetração e às percepções sobre diferentes formas de VRASA. Estudos atuais têm buscado compreender associação entre aceitação da violência com variáveis familiares e individuais, a partir de delineamentos longitudinais (Karlsson et al., 2016; Reyes et al., 2015). Segundo, por se tratar de um estudo com amostra por conveniência, limitada à Região Metropolitana de Porto Alegre, o que pode ter enviesado o perfil dos participantes. Terceiro, as percepções dos adolescentes relatadas nesse estudo referem-se a adolescentes com relações heterossexuais, sendo que seria interessante investigar a perpetração da violência em adolescentes com padrão de relacionamento homoafetivo, a fim de avaliar como ocorre e se a aceitação da violência influencia sua ocorrência. Por fim, sugere-se que se efetivem novos estudos qualitativos, com diádes de adolescentes, com histórico de VRASA, a fim de compreender a dinâmica violenta do relacionamento.

Em relação às implicações deste estudo, sugere-se que políticas públicas voltadas para a prevenção da violência perpetrada pelo parceiro íntimo possam dar maior atenção à violência na intimidade em jovens e adolescentes, uma vez que, tradicionalmente, enfatizam apenas a violência em casais adultos. Assim, um olhar para as especificidades da VRASA por parte dos profissionais e, da sociedade como um todo, torna-se necessário.

CAPÍTULO V

Artigo teórico:

Stalking e violência do ex-parceiro íntimo³

Resumo

Este artigo descreve as concepções teóricas sobre o fenômeno do *stalking*, que se refere a um padrão de comportamentos de assédio persistente, perseguição e ameaças nos relacionamentos afetivo-sexuais, caracterizado como uma forma de violência conjugal adulta e de violência no namoro. Estudos revisados indicam que a prevalência de *stalking* entre mulheres e jovens é alta, e que homens e ex-parceiros íntimos são os principais agressores, ocorrendo maior vitimização no período pós-ruptura de um relacionamento amoroso. Há uma diversidade de comportamentos de *stalking*, níveis de gravidade, fatores de risco e motivações quanto a sua ocorrência. Ressalta-se a necessidade de uma maior compreensão teórica do conceito e de suas implicações jurídico/legais, bem como de suas repercussões na saúde mental das vítimas.

Palavras-chave: *Stalking*; assédio; violência do parceiro íntimo.

Abstract

This article describes theoretical conceptions about the phenomenon called stalking, which involves a pattern of behaviors of persistent harassment, persecution and threats in sexual-affective relationships, characterized as a form of adult domestic violence and dating violence. Revised studies indicated that the prevalence of stalking among women and juveniles is high; and that men and intimate ex-partner are the main perpetrators, occurring greater victimization in period of post-rupture of a loving relationship. There is a diversity of stalking behaviors, levels of severity, risk factors and motivations for its occurrence. The need

³ Este artigo foi submetido à Revista Psicologia em Estudo/Maringá, em 08/09/2017.

for greater theoretical understanding of the concept and its juridical/legal implications, as well of the impact on mental health of victims, is highlighted.

Keywords: *Stalking*; harassment; intimate partner violence.

Resumen

Este artículo describe las concepciones teóricas sobre el fenómeno del *stalking*, en lo que se refiere a un patrón de comportamientos de acoso persistente, persecución y amenazas en las relaciones afectivo sexuales, caracterizado como una forma de violencia conyugal adulta y de violencia en el noviazgo. Estudios revisados indican que la prevalencia de *stalking* en mujeres y jóvenes es alta, y que hombres y exparejas íntimas son los principales agresores, ocurriendo mayor victimización en el periodo post ruptura de un relacionamiento amoroso. Existe una diversidad de comportamientos de *stalking*, niveles de gravedad, factores de riesgo y motivaciones cuanto a su ocurrencia. Se resalta la necesidad de una mayor comprensión teórica del concepto y de sus implicaciones jurídico/legales, así como de sus repercusiones en la salud mental de sus víctimas.

Palavras clave: *Stalking*; asedio; violencia de la pareja íntima

Introdução

Este artigo teórico se propõe a discutir o conceito de *stalking*. Esse fenômeno tem sido considerado um tipo de violência que ocorre em relacionamentos afetivo-sexuais. O *stalking* pode ser definido como um padrão de comportamentos de assédio persistente, incluindo diversas formas de comunicação, contato, vigilância e monitorização de uma pessoa; de forma intrusiva e/ou indesejada à pessoa-alvo (Ferreira & Matos, 2013a). Constitui-se em um tipo de assédio que tende a produzir sentimento de medo na vítima, uma vez que dependendo da gravidade e intrusividade da perseguição ou do assédio, a integridade física da vítima ou de pessoas afetivamente próximas pode ser ameaçada (Logan & Walker, 2017; Podaná & Imirísková, 2016).

Este tema ainda é pouco abordado na realidade brasileira, embora repercussões jurídicas/legais comecem a ser percebidas. Em 2015, o Juizado de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher de Santa Maria/DF condenou a quatro meses e 10 dias de reclusão (pena privativa de liberdade) um homem por ter causado dano emocional e psicológico à vítima (ex-companheira), por meio de vigilância e perseguição constantes. Tal fato foi configurado como *Stalking*. Na sentença judicial, esse tipo de violência foi caracterizado como perseguição obsessiva à ex-companheira, com a qual o agressor havia tido um relacionamento afetivo-sexual por 11 meses (Ministério Público do Distrito Federal e Territórios, 2015). No Brasil não há uma legislação específica para o *stalking*, embora casos de “perturbação da tranquilidade” possam ser enquadrados no artigo 65 da Lei de Contravenções Penais (Decreto-Lei nº 3.688/1941). Em casos de violência doméstica e contra a mulher, pode ser aplicada ainda a Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006).

Nos Estados Unidos, o *stalking* vem sendo científica e legalmente investigado desde a década de 1990 (Ferreira & Matos, 2013a). Os estudos sobre *stalking* iniciaram frente à

necessidade de nomear o tipo de perseguição que pessoas da mídia sofriam de seus fãs (“*Star Stalking*”), sendo que tais estudos contribuíram para que essa conduta fosse considerada um crime e, portanto, introduzida no campo jurídico (McCann, 1998; Meloy, 1996). Dessa forma, mudanças legais e um aumento nas pesquisas proporcionaram uma maior notoriedade ao tema.

Posteriormente, o *stalking* começou a ser investigado na esfera das relações interpessoais, sobretudo, nos casos de violência conjugal adulta, com maior prevalência após o momento de ruptura da relação com o companheiro (Edwards & Gidycz, 2014; Ferreira & Matos, 2013a; Roberts, 2002). Dessa forma, o *stalking* é uma forma frequente de violência nas relações interpessoais, ocorrendo em vários contextos. Contudo, observa-se que é no contexto dos relacionamentos afetivo-sexuais que sua manifestação ocorre de forma mais significativa, uma vez que a vítima e o agressor partilham uma relação de intimidade (Ferreira, 2013).

Todavia, a literatura tem dado ênfase à violência física e psicológica entre parceiros íntimos. Dessa forma, poucos estudos têm investigado a ocorrência de *stalking*. Entre as possíveis questões que interferem na investigação dessa problemática está à própria dificuldade conceitual do tema, uma vez que o *stalking*, por vezes, se confunde com o conceito de violência psicológica. Para tanto, este estudo busca discutir teoricamente o *stalking* nos relacionamentos afetivo-sexuais, apresentando dados de prevalência, motivações para sua ocorrência, perfil dos agressores e principais tipos de comportamentos de *stalking*.

O conceito de *stalking*

A denominação de *stalking* é oriunda do verbo “*to stalk*” do inglês, que designa “o ato de espreitar e de se aproximar silenciosamente da caça sem se ser notado” (Ferreira, 2013, p. 16). Dessa forma, em tal tipo de violência há dois autores: o predador (*stalker*) e a vítima (a

pessoa perseguida). O *stalking* engloba uma ampla categoria de comportamentos de assédio (dois ou mais atos), que induzem à vítima a reagir com medo (Logan & Walker, 2017). Tais atos invasivos e repetitivos envolvem ligar excessivamente, vigiar, seguir na rua, obter informações por meio dos amigos ou familiares, enviar cartas ou presentes indesejáveis, assim como ameaçar e agredir a vítima. Para Grangeia e Matos (2006), o *stalking* pode ser caracterizado como uma faceta particular da violência na intimidade, exemplificada pela pluralidade de experiências de violência envolvidas. Os comportamentos de *stalking* podem ocorrer antes, durante ou após a ruptura de uma relação amorosa (Ferreira, 2013). De modo geral, o *stalking* está associado à dificuldade do agressor em lidar com frustrações/rejeições, frente a sua tentativa de iniciar ou manter uma relação amorosa (Ferreira, 2013; Purcell, Moller, Flower, & Mullen, 2009), e pode ainda se apresentar como um processo de escalada da violência, incluindo violência física e sexual.

Entre as características desse tipo de assédio e perseguição estão: a percepção de ameaça constante; a natureza implícita das ameaças; o caráter persistente dos comportamentos; e o foco primordial em um só alvo (Grangeia & Matos, 2006; Logan & Walker, 2017). Dentre outras características desse fenômeno, Mullen, Pathé e Purcell (2001) descrevem a intensidade do *stalking* e sua duração. O *stalking* pode ser dividido em “assédio intrusivo”, geralmente envolvendo comportamentos mais brandos (ligações e envio de mensagens de forma persistente, por exemplo), sem intenção de provocar medo e com duração de poucos dias; “assédio intenso”, com a intenção de provocar medo na vítima e podendo ocorrer por várias semanas; e “*stalking* persistente”, podendo durar meses e anos, com múltiplos comportamentos de assédio e com o objetivo de provocar medo. De modo geral, o *stalking* envolve assédio com duração superior a duas semanas (Mullen et al., 2001). Além disso, deve-se dar atenção ao tipo de violência, à persistência e à reincidência dos comportamentos de *stalking* (Grangeia & Matos, 2006).

O comportamento de *stalking* foi inicialmente denominado de “perseguição obsessiva”. Os estudos na área iniciaram a partir da avaliação psicológica de adolescentes envolvidos com comportamentos de *stalking*, acompanhados pelo Sistema Judiciário (EUA). Tais avaliações indicaram a presença de alguns traços de personalidade e motivações para a ocorrência desse comportamento (Evans & Meloy, 2011). Num estudo com 299 adolescentes, no contexto jurídico (Melbourne/Austrália), foi observado que 64% dos *stalkers* eram do sexo masculino, com idade média de 15,4 anos. A maioria dos casos envolvia perseguição a pessoas conhecidas (98%), sendo que destes, 21% dos casos estava relacionado à *stalking* de um ex-parceiro íntimo (Purcell et al., 2009). Ressalta-se que em 28% dos casos os comportamentos de *stalking* ocorreram no contexto escolar, incluindo ameaças e perseguição por vários meses e, em geral, contra colegas (56%). Dessa forma, tal tipo de violência não se restringe à violência conjugal ou violência pós-ruptura de um relacionamento afetivo-sexual, embora estas sejam as formas mais comuns.

No estudo de Purcell et al. (2009), foi ainda possível identificar os principais tipos de comportamentos de *stalking* perpetrados por adolescentes do sexo masculino: 76% ligava para a vítima; 67% utilizava mensagens de celular; 75% ameaçava sua vítima e 54% perpetrava violência física e sexual. Entre as principais motivações para a ocorrência de *stalking* estavam: 22% por retaliação, 22% por reação a uma rejeição e 2% por paixão não correspondida.

Os *stalkers* tenderiam a ter um histórico crônico de problemas no estabelecimento de vínculo, esquizofrenia, traços narcisistas de personalidade ou personalidade *Borderline*, e rejeição crônica associada aos sentimentos de raiva e vergonha (McCann, 1998; Meloy, 1996). Nesse sentido, McCann (1998) descreveu três estudos de casos com adolescentes, dando ênfase aos aspectos emocionais e psicopatológicos tipicamente envolvidos. Adolescentes com *stalking* tipo erotomania teriam fixação por uma pessoa idealizada (objeto

idealizado), dificuldade em lidar com frustração, perdas precoces das figuras de apego e narcisismo. No *stalking* tipo “amor obsessivo” haveria uma perseguição intensa com conteúdo amoroso e sexual a pessoas com as quais não houve um relacionamento íntimo. Na “obsessão simples”, a perseguição obsessiva à vítima seria motivada por raiva, devido ao término do relacionamento amoroso, sendo que tal sentimento teria um papel importante no desencadeamento do comportamento de *stalking*.

Partindo do Modelo de McCann (1998), um modelo contemplando dois tipos de *Stalking* em adolescentes foi proposto por Evans e Meloy (2011). Dessa forma, adolescentes do grupo do Tipo I foram descritos como deprimidos e com baixa autoestima, baixos níveis de extroversão, falta de habilidades sociais e extremo sentimento de inadequação. Nesse grupo, o comportamento de *stalking* é justificado pela tentativa de estabelecer uma relação com alguém ou aproximar-se de uma pessoa idealizada. Os comportamentos de *stalking* comumente expressos envolvem seguir obsessivamente a vítima na rua, ligar para o telefone da vítima e ficar em silêncio ou enviar cartas anônimas. Há um baixo risco para contato face-a-face com a vítima, bem como baixo risco para comportamento agressivo. Já os adolescentes identificados como do Tipo II apresentam traços de personalidade narcisista e antissocial. Apresentam comportamento manipulador e são excessivamente autoconfiantes. Além disso, eles têm baixa capacidade de empatia para com o outro, dificuldade em lidar com figuras de autoridade e com o término do relacionamento amoroso. A motivação para o comportamento do *stalking* é a busca por controlar, ameaçar, intimidar ou denegrir a vítima, sendo que há alto risco para comportamento agressivo.

Já o modelo teórico proposto por Mullen et al. (2001) descreve cinco tipos de *stalkers*, baseado em critérios associados quanto à relação entre vítima-*stalker* e às motivações primárias do(a) *stalker*, em agressores adultos. O primeiro tipo foi denominado de *stalker* rejeitado, sendo o mais comum, associados aos casos de ex-parceiros íntimos, que apresentam

o comportamento de assédio persistente como tentativa de reestabelecer o relacionamento e/ou desejo de vingança. O segundo tipo caracteriza o *stalker* ressentido, em casos de inimizade entre a vítima e o agressor, sendo que a motivação principal é obtenção de vingança. O terceiro tipo de *stalker* é aquele que busca ter uma relação de intimidade com uma pessoa idealizada (exemplo: celebridades). O quarto tipo de *stalker* é o cortejador inadequado, o qual também busca ter uma relação de intimidade com alguma pessoa desconhecida. O quinto tipo envolveria o *stalker* predador, sendo que a motivação do assédio e da perseguição seria obter informações sobre uma potencial vítima, com alto risco para violência sexual.

Ferreira e Matos (2013a) conceitualizam que o momento pós-ruptura do relacionamento se torna de maior risco para vitimização de *stalking*, incluindo casos de homicídios. Os casos de *stalking* perpetrados pelos ex-maridos, ex-companheiros e ex-namorados são os mais frequentes. No modelo proposto por essas autoras, três categorias de *stalking* são descritas: 1) Cortejamento e Aproximação, no qual o ex-parceiro usa estratégias de comunicação ou contato com o objetivo de expressar afeto ou outros sentimentos, com o objetivo de se aproximar novamente da mulher, a fim de reatar o relacionamento; 2) Assédio e Invasão, quando há estratégias para obter informações sobre a vítima, invadir a sua privacidade ou individualidade, sendo uma prática violenta e mais incisiva; e 3) Ameaças e Violência, em que há presença de ações interpostas para influenciar o comportamento da vítima ou provocar dano real (Ferreira & Matos, 2013a).

Dessa forma, pode-se resumir que os comportamentos de *Stalking* envolvem assédio persistente, com foco numa pessoa-alvo, na qual há natureza intencional pela ocorrência do comportamento por parte do agressor. Tal assédio deve ser avaliado quanto à sua motivação e gravidade (Grangeia & Matos, 2006). Além disso, a avaliação de demais fatores de risco torna-se necessária para fins de medidas de proteção à vítima, principalmente quando o

stalker é o ex-parceiro íntimo, quando há presença anterior de violência física e sexual e quando o perpetrador apresenta traços de personalidade de impulsividade e agressividade.

Caracterização e prevalência de *stalking* nas relações afetivo-sexuais

Estudos vêm buscando dar maior visibilidade à exposição ao *stalking*, caracterizando-o como uma forma de violência na intimidade e no período pós-ruptura de um relacionamento afetivo-sexual (Ferreira & Matos, 2013a). Esse tipo de violência vem sendo marcadamente caracterizado pela presença de um agressor afetivamente próximo à vítima ou com quem a vítima havia tido um relacionamento íntimo, independente do sexo da vítima (CDC, EUA, 2014).

Nesse sentido, pesquisas vêm apresentando a prevalência do fenômeno do *stalking* em diferentes países e em diferentes faixas etárias. Uma meta-análise com 175 artigos (Spitzberg & Cupach, 2007) indicou que entre 60% a 80% das vítimas de *stalking* são mulheres, sobretudo em amostras clínicas e forenses. De modo geral, ameaças (54%) foi o tipo de *stalking* mais frequente nos estudos revisados. Contudo, agressões físicas (32%) e sexuais (12%) também foram observadas (Spitzberg & Cupach, 2007). A ocorrência de *stalking* tem sido fortemente associada aos ex-parceiros íntimos (Edwards & Gidycz, 2014; Podaná & Imříšková, 2014; Spitzberg & Cupach, 2007). Por exemplo, um estudo populacional, com uma amostra de 12.727 norte-americanos, indicou que 15,2% das mulheres e 5,7% dos homens passaram por algum tipo de *stalking* ao longo da vida. A maior parte de perpetradores de *stalking* contra as mulheres eram homens (88%) e, em geral, os atuais ou ex-parceiros íntimos (60,8%) (CDC, EUA, 2014).

Especificamente quanto à violência perpetrada pelo(a) parceiro(a) íntimo(a), envolvendo 103 casos de *stalking* (Barcelona/Espanha), foi possível identificar que em

65,05% dos casos o perpetrador era a figura do(a) ex-parceiro(a) e, em 94% dos casos o perpetrador era uma figura masculina (Viñas-Racionero, Raghavan, Soria-Verde, & Prat-Santaolaria, 2015). Num estudo de base-populacional (Portugal), na faixa etária entre 16 e 94 anos (n=1.210), foi verificada uma prevalência de 19,5% de vitimação por *stalking* ao longo da vida e mais elevada entre as mulheres (25% *versus* 13,3% entre os homens) (Matos, Grangeia, Ferreira & Azevedo, 2011). Homens foram caracterizados como *stalkers* em 68% dos casos e ex-parceiros(as) em 31,6% dos casos (Matos et al., 2011). De forma semelhante, na Alemanha, uma prevalência de 15,2% de vitimização por *stalking* foi encontrada no estudo de Hellmann e Kliem (2015); sendo que entre as mulheres essa prevalência foi maior, se comparado aos homens (19,4% *versus* 11,4%). Tais resultados indicam que mulheres tendem a ser caracterizadas como as principais vítimas de *stalking*, configurando-se uma forma de violência perpetrada pelo parceiro íntimo.

Em relação à caracterização do *stalking* na população adulta, 60,19% dos agressores intimidavam suas vítimas, 44,66% destes as vigiavam e 20,38% usavam comportamentos para coagir a vítima (Viñas-Racionero et al., 2015). Os *stalkers* faziam uso de comunicações verbais ou escritas (presenciais ou por meios eletrônicos), seguiam a pessoa-alvo, e praticavam dano físico ou patrimonial à vítima. Ressalta-se que 24,27% dos casos, o *stalking* envolveu violência física. Nesse sentido, observa-se a coocorrência de tipos de violência, sendo que além de perseguição e assédio persistentes, houve também perpetração de violência física (Viñas-Racionero et al., 2015).

No que se refere ao *stalking* no período pós-ruptura do relacionamento amoroso, em mulheres adultas (Portugal), foi possível constatar uma prevalência de 32% de *stalking* por parte do ex-parceiro (Ferreira & Matos, 2013a). Em outro estudo (Bélgica), foi observada a ocorrência de comportamentos de perseguição ao ex-parceiro íntimo, variando entre um a 20 diferentes tipos de comportamentos de *stalking* após término da relação, com uma média entre

cinco e seis comportamentos (Smet, Uzieblo, Loeys, Buysse, & Onraedt, 2015). Nesse estudo, porém, não foi encontrada diferença quanto à prevalência de *stalking* entre os sexos dos ex-parceiros, nem entre relacionamentos hetero e homoafetivos. Entre os tipos de *stalking* mais praticados estavam a expressão exagerada de afeto, monitorar o(a) ex-parceiro(a) ou seu comportamento, e deixar mensagens indesejadas de afeto. Além disso, características da separação, do relacionamento amoroso e de traços de personalidade do perpetrador foram associadas com os comportamentos de perseguição (Smet et al., 2015).

Embora estudos indiquem que haja um *continuum* de violência perpetrada pelo ex-parceiro, no momento pós-rompimento da relação amorosa, e demais formas de violência sofrida ao longo da relação amorosa (Ferreira & Matos, 2013a; Roberts, 2002), tal afirmação não foi corroborada no estudo de Ferreira e Matos (2013b). Nesse sentido, a presença de *stalking* pós-ruptura do relacionamento íntimo foi observada em mulheres adultas sem histórico de violência conjugal. Porém, mulheres sem histórico de violência foram expostas a um número menor de formas de *stalking* no período pós-ruptura, do que aquelas com histórico de violência (Ferreira & Matos, 2013b). Dessa forma, é necessária uma maior investigação sobre um *continuum* de violência durante relacionamentos afetivo-sexuais e posterior exposição ao *stalking*.

Niolon et al. (2015) encontrou uma prevalência de 77% de violência psicológica, 33% de abuso físico, 15% abuso sexual e 6% de *stalking* entre adolescentes norte-americanos (n=1.673). Ressalta-se que os comportamentos de *stalking* foram relacionados com demais tipos de violência (física, psicológica e sexual) no namoro (Katz & Rich, 2015; Shorey, Cornelius, & Strauss, 2015). A prevalência de *stalking* entre adolescentes variou de 18,8% entre as meninas e 13,9% entre os meninos (Fischer et al., 2014). Já entre jovens universitários a prevalência foi de 7% entre as mulheres e 11% entre os homens, após duas semanas do término do relacionamento amoroso (Haugaard & Seri, 2004). No estudo de

Björklund, Häkkänen-Nyholm, Sheridan e Roberts (2010), 22,3% dos universitários relataram ter vivenciado ao menos um episódio de *stalking* ao longo da vida.

O início à exposição ao *stalking* durante a adolescência foi observado nos dados apresentados pelo CDC (EUA, 2014). Há uma estimativa que 16,3% das mulheres e 20,5% dos homens adultos sofreram *stalking* antes dos 18 anos de idade. Comportamentos como controlar o comportamento do(a) parceiro(a), fazer chamadas telefônicas excessivas, enviar mensagens eletrônicas intrusivas e procurar a pessoa (visitas invasivas) foram descritos como formas de *stalking* ao longo da adolescência e associados à violência no namoro (Bonomi et al., 2013). Embora as taxas de intimidação/ameaças e comunicação invasiva sejam mais prevalentes (Fischer et al., 2014; Katz & Rich, 2015), jovens universitárias também foram vítimas de violência física (19,2%) e sexual (29,3%), após o término do namoro (Katz & Rich, 2015).

Em um estudo pioneiro com jovens universitários, observou-se que 34,4% das participantes sofreram algum tipo de *stalking* por parte do ex-parceiro íntimo (Roberts, 2002). Os *stalkers* foram descritos como usuários de álcool (49%), ciumentos (67%), bem como com histórico de comportamento violento (33%). Da mesma forma, um maior risco entre jovens universitárias a serem vítimas de *stalking* foi observada no estudo de Björklund et al. (2010), indicando diferença de gênero para esse tipo de violência (52,4% mulheres *versus* 23,2% homens). Além disso, 91,8% dos agressores eram do sexo masculino, 55% pessoas próximas à vítima, sendo que destes 25% eram ex-parceiros íntimos. A média de duração do *stalking* foi de 10 meses, sendo que enviar excessivamente cartas, bilhetes e e-mails foi o tipo mais comum (Björklund et al., 2010).

Já entre adolescentes e jovens portugueses (Ferreira, 2013), foi encontrada uma taxa de 34,9% *stalking* ao longo da vida, sendo sua ocorrência relacionada ao âmbito dos relacionamentos amorosos. Houve uma assimetria de gênero, sendo que 72,5% das vítimas

eram do sexo feminino. Após o momento de ruptura do namoro, a prevalência foi superior (39,2%). Destaca-se que o *stalking* foi perpetrado como uma forma de retaliação devido ao término do namoro e como forma de resolução de problemas (Ferreira, 2013).

A presença de *stalking* entre jovens foi associada aos comportamentos como “ligar para o seu parceiro quando ele não queria” (34,8%), “mandar presentes para o seu parceiro apesar dele/a não querer/pedir” (30,8 %), “tentar obter informações sobre seu parceiro sem ela/ele saber” (34,9%), e “tentar monitorar ou descobrir sobre os comportamentos e/ou atividades do seu parceiro checando as redes sociais dele/dela” (38,2 %) (Shorey et al., 2015). Além disso, nesse estudo, jovens de ambos os sexos foram descritos como vítimas e perpetradores de *stalking*. A bidirecionalidade da violência foi igualmente observada no estudo proposto por Fischer et al. (2014), na qual jovens universitários relataram tanto sofrer (16,5%) quanto perpetrar *stalking* (5,3%). O(a) ex-namorado(a) foi descrito(a) como principal agressor (32,8%), seguido de “alguém conhecido da escola” (23,1%) (Fischer et al., 2014).

O *cyberstalking* é um tipo mais recente deste tipo de violência e está associado a qualquer tipo de assédio através dos meios eletrônicos (Marcum, Higgins, & Ricketts, 2014). Engloba ainda os comportamentos de intrusão, assédio persistente e perseguição no ambiente virtual das tecnologias (Pereira & Matos, 2015). Enviar e-mails, mensagens instantâneas pelo celular, invadir perfil de rede social, postar fotos ou mensagens nas redes sociais, com o objetivo de ameaçar ou intimidar a vítima são exemplos de *cyberstalking* (Marcum et al., 2014). Tal tipo de *stalking* ainda é pouco investigado entre adolescentes e jovens universitários. Num estudo inicial foi encontrada uma taxa de 0,9% (n=1.617 universitários) de perseguição por *cyberstalking* (Marcum et al., 2014). Houve ainda uma associação significativa entre *stalking* e baixo autocontrole e alta associação com grupo de pares desviantes.

Os resultados desses estudos empíricos revelam que o *stalking* é uma forma prevalente de violência entre jovens, mas que ainda precisa ser mais compreendido. Os estudos internacionais têm se debruçado em investigar as especificidades deste comportamento entre adolescentes e jovens adultos, uma vez que os padrões adotados parecem ser diferentes daqueles dos adultos, sobretudo no que se refere à bidirecionalidade da violência (Niolon et al., 2015; Fischer et al., 2014).

Considerações Finais

Este artigo buscou dar maior visibilidade ao fenômeno do *stalking*. A definição de *stalking*, adotada nos artigos revisados, compreende diversos comportamentos com conteúdo de perseguição, assédio, ameaças à vítima, de caráter persistente, incluindo violência física e patrimonial (Ferreira & Matos, 2013a; Spitzberg & Cupach, 2007; Viñas-Racionero et al., 2015). Nesse sentido, há uma dificuldade de limitar o conceito, uma vez que as violências psicológicas, físicas e patrimoniais se interconectam. O caráter persistente e a existência de uma única pessoa-alvo, sobretudo no período pós-ruptura de um relacionamento afetivo-sexual, que provoca medo e estresse entre as vítimas, seriam as características específicas dessa violência.

Além de uma maior compreensão quanto à validade teórica do constructo, torna-se relevante uma maior clareza das repercussões psicológicas e psicopatológicas entre as vítimas. Estudos iniciais apontam para um alto custo à saúde mental. As vítimas podem apresentar sentimentos de raiva, paranoia, depressão, sintomas de estresse pós-traumático (TEPT), distúrbios do sono e do apetite (Edwards & Gidycz, 2014; Spitzberg & Cupach, 2007). Sugere-se novas pesquisas com delineamento longitudinal, a fim de se ter maior clareza de seu impacto na saúde mental.

Nos estudos revisados, foram observadas taxas elevadas de *stalking* em casos de violência perpetrada pelo ex-parceiro íntimo, no período pós-ruptura. As mulheres e os jovens foram descritos como as principais vítimas; e homens como agressores, independente do sexo da vítima (Hellmann & Kliem, 2015; Matos et al., 2011; Podaná & Imříšková, 2014). Há especificidades quanto ao tipo de *stalking* perpetrado e direcionalidade da violência, ao se comparar adolescentes/jovens com a população adulta. A maioria dos estudos revisados contém delineamentos transversais, com um viés feminino em suas amostras, tanto em amostras clínicas quanto não-clínicas, e com ênfase nos relacionamentos heteronormativos. Contudo, estima-se uma prevalência maior de violência e de *stalking* entre universitários com relacionamentos homoafetivos, se comparado com casais heterossexuais (Edwards et al., 2015), indicando a necessidade de incluir diferentes configurações amorosas em pesquisas futuras.

Destaca-se a necessidade de pesquisas no âmbito nacional, a fim de conhecer melhor a manifestação desse fenômeno em nosso contexto sociocultural. Por fim, menciona-se que o *stalking* deve ser considerado um fenômeno multidisciplinar e de saúde pública, devido à sua alta prevalência e repercussões psicológicas e legais. Espera-se que, com este artigo, os profissionais da saúde, saúde mental e do Direito possam ter subsídios maior conhecimento deste fenômeno, reconhecendo a complexidade do tema. Ressalta-se, por fim, um olhar sobre as vítimas de *stalking* por parte do ex-parceiro íntimo, a fim de garantir medidas de proteção frente às ameaças e ao assédio sofrido, sendo necessário considerar sua frequência e gravidade. Sugere-se atenção do poder público para políticas de intervenção e prevenção.

CAPÍTULO VI

Artigo Empírico:

Stalking na pós-ruptura de relacionamentos afetivo-sexuais na adolescência⁴

Resumo: Este estudo transversal e exploratório investigou a presença de *stalking*, no período pós-ruptura de relacionamentos afetivo-sexuais de adolescentes. Um total 117 adolescentes foram identificados como vítimas de *stalking* por parte do ex-parceiro íntimo (62,4% meninas), com idade média de 16,87 anos ($DP=1,26$), os quais foram comparados a um grupo de não vítimas ($n=410$), emparelhado por idade e sexo. O *stalking* do tipo cortejamento e aproximação foi o mais prevalente. Adolescentes vítimas de *stalking* apresentaram escores médios significativamente mais altos nos sintomas de depressão, ansiedade e estresse, quando comparados a não vítimas. Por sua vez, vítimas do sexo feminino apresentaram maior sintomatologia do que vítimas do sexo masculino. Uma análise de regressão múltipla indicou que ter sofrido violência física e verbal/emocional ao longo do relacionamento explica 19,0% da variância de ser vítima de *stalking* na pós-ruptura. Destaca-se a necessidade de melhor compreensão do fenômeno do *stalking*, assim como de políticas públicas de intervenção e prevenção, uma vez que tanto vítimas quanto perpetradores necessitam de atendimento psicológico, a fim de romper o ciclo de violência no namoro.

Palavras-Chave: *Stalking*, assédio, violência no namoro, adolescência.

Abstract: This cross-sectional and explorator study investigated the presence of stalking after breakup of a dating or romantic relationship of adolescents. A total of 117 adolescents were identified as victims of stalking perpetrated by ex-intimate partner (62.4% female), with a mean age of 16.87 years old ($SD=1.26$), which were compared to a group of non-victims ($n=410$), matched by age and sex. Stalking of the type of the “courtship and approach” was

⁴ Este artigo foi submetido à Revista Temas em Psicologia, em 29/11/2017.

more prevalent. Stalking victims showed significantly higher mean scores in depression, anxiety and stress symptoms, compared non-victims adolescents. In turn, female victims presented greater symptomatology than male victims. Multiple regression analysis indicated that having suffered physical and verbal/emotional violence during romantic relationship explains 19.0% of the variance to be victim of stalking after breakup of a dating relationship. The need for a better understanding of the stalking phenomenon is highlighted, as well as public policy of intervention and prevention, since both victims and perpetrators need psychological assistance in order to break the cycle of dating violence.

Key-words: Stalking, harassment, dating violence, adolescence.

Resumen: Este estudio transversal y exploratorio investigó la presencia de *stalking*, en el periodo post ruptura de relaciones afectivos sexuales de adolescentes. Un total de 117 adolescentes fueron identificados como víctimas de *stalking* por parte de la expareja íntima (62.4% niñas), con edad media de 16.87 años ($DP=1.26$), los cuales fueron comparados a un grupo de no víctimas ($n=410$), emparejado por edad y sexo. El *stalking* del tipo cortejo y aproximación fue lo que más prevaleció. Adolescentes víctimas de *stalking* presentaron scores medios significativamente más altos en los síntomas de depresión, ansiedad y estrés, cuando comparados a no víctimas. No obstante, víctimas del sexo femenino presentaron mayor número de síntomas que las víctimas del sexo masculino. Un análisis de regresión múltiple indicó que haber sufrido violencia física y verbal/emocional a lo largo del relaciones explica 19.0% de la variación de ser víctima de *stalking* en la post ruptura. Se destaca la necesidad de comprender mejor del fenómeno del *stalking*, así como de políticas públicas de intervención y prevención, una vez que tanto víctimas cuanto perpetradores necesitan de atención psicológica, a fin de romper el ciclo de violencia.

Palabras clave: *Stalking*, asedio, violencia en el noviazgo, adolescencia.

Introdução

Estudos nacionais e internacionais indicam elevadas taxas de violência nas relações afetivo-sexuais na adolescência (Caridade, 2011; Minayo, Assis, & Njaine, 2011; Wincentak, Connolly, & Card, 2017), assim como efeitos negativos à saúde mental, especialmente das vítimas (Bonomi, Anderson, Nemeth, Rivara, & Buettner, 2013; Goncy, Sullivan, Farrell, Mehari, & Gathe, 2017). Estima-se que um em cada cinco adolescentes foi vítima de violência física e cerca de um em cada dez adolescentes sofreu violência sexual por parte do parceiro íntimo (Wincentak et al., 2017). Entre os diferentes tipos de violência que podem ocorrer nos relacionamentos afetivo-sexuais de adolescentes está o *stalking* (*Centers for Disease Control and Prevention*, CDC/EUA, 1998). De modo geral, pesquisas no contexto brasileiro enfatizam a investigação da violência física, psicológica e sexual (Barreira et al., 2014; Beserra et al., 2015; Minayo et al., 2011) em relacionamentos afetivo-sexuais na adolescência, permanecendo uma lacuna na literatura sobre o fenômeno do *stalking*. Nesse sentido, esse estudo busca dar visibilidade à ocorrência de *stalking* no período pós-ruptura de um relacionamento amoroso em adolescentes brasileiros.

Apesar da falta de um consenso na literatura para o conceito de *stalking*, a maioria dos autores concorda que a definição de *stalking* engloba o assédio, a perseguição ou a invasão persistente, com foco em uma pessoa-alvo (Owens, 2016; Roberts, 2002), sendo que a vítima desenvolve sentimento de medo frente aos comportamentos abusivos que vem sofrendo, levando a questionar sua segurança pessoal ou de pessoas afetivamente próximas (Logan & Walker, 2017; Podaná & Imirísková, 2016). Além de ser tipificado como uma modalidade de violência na intimidade (Grangeia & Matos, 2006), o comportamento de *stalking* ainda pode ser caracterizado como um crime, como nos EUA e em demais países de língua inglesa (Mullen, Pathé, & Purcell, 2001; Owens, 2016). No Brasil, embora não exista uma legislação

específica para o *stalking*, esse tem sido introduzido no campo jurídico por meio de decisões judiciais referentes à violência contra a mulher (Ministério Público do Distrito Federal e Territórios, 2015).

O *stalking* engloba uma ampla categoria de comportamentos de assédio e ameaças, em que um indivíduo se engaja repetidamente em comportamentos como seguir alguém, aparecer na casa ou no trabalho da pessoa, assediar pelo telefone, escrever e deixar cartas e/ou provocar destruição ou vandalismo à propriedade da pessoa. Tais comportamentos podem ainda estar relacionados à grave ameaça, podendo ser precursores de ataque e assassinato (CDC/EUA, 1998). Mullen et al. (2001) tipificam o *stalking* enquanto assédio intrusivo (*Harassing intrusions*), o qual engloba as formas de assédio mais brandas, sem intenção de provocar medo, e com duração de poucos dias; assédio intenso (*Intense harassment*), em que há uma clara intenção de provocar medo na vítima e pode ocorrer por várias semanas; e assédio persistente (*Persistent stalking*), que envolve múltiplos comportamentos de assédio, com o objetivo de provocar medo, podendo durar meses e anos. Um critério proposto por Mullen et al. (2001), para a concepção de *stalking*, é a presença desses comportamentos intrusivos (10 ou mais) em um período de tempo superior a duas semanas.

Já Logan e Walker (2017) sugerem um modelo multidimensional baseado em três aspectos principais: 1) as condutas de assédio são intencionais; 2) causam razoável medo à vítima, incluindo ameaças, que mitigam sua percepção de segurança e geram estresse emocional; e 3) tais comportamentos de assédio são indesejáveis à vítima ou pessoa-alvo, que buscam sem sucesso interromper, resistir ou fugir das perseguições ou dos assédios persistentes. No que se refere à intencionalidade dos comportamentos, há uma variedade de táticas invasivas e abusivas, incluindo vigiar a pessoa alvo (*Surveillance*), invadir sua vida (*Life Invasion*), intimidação (*Intimation*) e interferência (*Interference*), que contemplam o modelo *SLII*. Além disso, outro aspecto envolvido no modelo proposto pelos autores são os

padrões de *stalking*, ou seja, a duração, a intensidade e a frequência, denominados de “*DIF patterns*”.

Um aspecto importante para a definição de *stalking* é a resposta emocional de medo da vítima (Logan & Walker, 2017; Podaná & Imirísková, 2016; Roberts, 2002). Contudo, esse critério não é unânime na literatura, uma vez que essa resposta envolve, de um lado, um componente subjetivo e, por outro lado, um componente objetivo do medo, associado à duração e à gravidade do assédio sofrido (Owens, 2016). Estudos prévios indicam que, em mulheres adultas vítimas de *stalking*, a resposta emocional foi associada à percepção de seriedade e à frequência dos comportamentos de *stalking* perpetrados pelo ex-parceiro (Ferreira & Matos, 2013a; Podaná & Imirísková, 2016).

Ferreira e Matos (2013a) descrevem três tipos de *stalking* associados ao período pós-ruptura de um relacionamento amoroso: 1) Cortejamento e Aproximação, na qual o(a) ex-parceiro(a) usa estratégias de comunicação ou contato para expressar afeto ou outros sentimentos, com o objetivo de se aproximar novamente, a fim de reatar o relacionamento; 2) Assédio e Invasão, que inclui estratégias para obter informações sobre a vítima, invadir a sua privacidade ou individualidade, sendo uma prática violenta e mais incisiva; e 3) Ameaças e Violência, em que há presença de ações interpostas para influenciar o comportamento da vítima ou provocar dano real (Ferreira & Matos, 2013a).

Estudos têm investigado, com maior ênfase, a perpetração e a vitimização por *stalking* na população adulta (CDC/EUA, 2014; Ferreira, 2013). No que se refere à vitimização adulta, cerca 2,5% de adultos jovens (18-22 anos) e 2,5% de adultos (30-45 anos) relataram ter sofrido algum tipo de *stalking* ao longo da vida (Diette et al., 2014). Particularmente, mulheres adultas têm sido caracterizadas como as principais vítimas de *stalking* (Kuehner, Gass, & Dressing, 2012; Purcell, Moller, Flower, & Mullen, 2009; Spitzberg & Cupach, 2007). Em uma amostra com 147 adultos, 7,3% das mulheres e 4,3% dos homens reportaram

terem sido vítimas de *stalking*, sendo que 54% dos casos envolveram o ex-parceiro íntimo (Podaná & Imirísková, 2016). Mulheres adultas, que reportaram ser vítimas de *stalking* por parte do ex-parceiro íntimo, relataram em média 6,6 comportamentos abusivos no pós-rompimento de um relacionamento amoroso, sendo que tais experiências se referiam à perseguição e ao assédio pelo telefone (Edwards & Gidycz, 2014). Da mesma forma, De Smet, Uzieblo, Loeys, Buysse e Thomas (2015) indicaram que, em média, ex-parceiros íntimos provocaram de cinco a seis comportamentos indesejados de perseguição, incluindo expressões exageradas de afeto, monitoramento do(a) ex-parceiro(a) e deixar mensagens indesejadas de afeto.

Poucos estudos têm investigado o *stalking* na adolescência, embora há uma estimativa de que 16,3% das mulheres e 20,5% dos homens sofreram *stalking* antes dos 18 anos de idade (CDC/EUA, 2014). Em um estudo com jovens portugueses foi encontrada uma prevalência de 39,9% de *stalking* ao longo da vida, com duração média de seis meses de exposição (Ferreira, 2013). Em outro estudo com 305 jovens universitárias do Reino Unido, 34,4% destas jovens foram identificadas como vítimas de *stalking* no período pós-ruptura de um relacionamento amoroso (Roberts, 2002). De forma similar à população adulta, a maioria das vítimas de *stalking* na adolescência também são mulheres (Ferreira, 2013; Purcell et al., 2009). Comportamentos como controlar o comportamento do(a) parceiro(a), fazer chamadas telefônicas excessivas, enviar mensagens eletrônicas intrusivas e procurar a pessoa (visitas invasivas) foram descritos como formas de *stalking* ao longo da adolescência e associados à violência no namoro (Bonomi et al., 2013). Embora as taxas de intimidação/ameaças e comunicação invasiva sejam mais prevalentes em diversos estudos (Fischer et al., 2014; Katz & Rich, 2015), jovens universitárias americanas também foram vítimas de violência física (19,2%) e sexual (29,3%), após o término do namoro (Katz & Rich, 2015). Nesse sentido, o período pós-rompimento de uma relação afetivo-sexual torna-se um fator de risco para a

ocorrência de *stalking* (Edwards & Gidycz, 2014; Haugaard & Seri, 2004), sobretudo quando já há violência e ciúme excessivo ao longo do relacionamento (Ferreira & Matos, 2013b; Roberts, 2002; Shorey, Cornelius, & Strauss, 2015).

O *stalking* tem sido relacionado a dano social e psicológico em suas vítimas (Kuehner, et al., 2012; Mullen et al., 2001). Assim, há um alto custo à saúde mental entre as vítimas (Ferreira & Matos, 2013a), sendo que estas podem apresentar sentimentos de raiva, paranóia, depressão, sintomas de estresse pós-traumático (TEPT), distúrbios do sono e do apetite (Spitzberg & Cupach, 2007), além de impacto negativo nos seus contextos profissional e acadêmico (Banyard et al., 2017). Em revisão de literatura, Mullen et al. (2001) destacam que vítimas de *stalking* persistente apresentam sintomatologia semelhante a vítimas de trauma, incluindo violência doméstica. A vitimação por *stalking*, no pós-rompimento da relação violenta, foi preditora de sintomas de TEPT em jovens universitárias, num estudo prospectivo realizado nos Estados Unidos (Edwards & Gidycz, 2014). Estudo com mulheres atendidas em um serviço de proteção à mulheres vítimas do companheiro íntimo ($n= 389$, EUA) investigou a presença de sintomas psicológicos em diferentes grupos de vítimas (violência física moderada, sem *stalking*; violência severa, sem *stalking*; e violência severa e *stalking*). Os resultados indicaram que o grupo de mulheres vítimas de violência severa com *stalking*, tiveram maior sintomatologia depressiva, ansiedade e TEPT, se comparadas aos dois outros grupos (Logan, Shannon, Cole, & Walker, 2006). Assim, a associação prévia de violência com *stalking* parece aumentar o impacto emocional das vítimas. Da mesma forma, em um estudo com população adulta ($n=665$, Mannheim/Alemanha), indicou que mulheres apresentavam maior sintomatologia depressiva, ansiedade, estresse e sintomas somatoformes do que homens vítimas (Kuehner et al., 2012), indicando que o impacto da exposição ao *stalking* pode ser influenciado pelo sexo. Adolescentes vítimas de *stalking* apresentaram

sintomas de TEPT, alterações de humor e desesperança, assim como alta frequência de uso de álcool (Reidy, Smith-Darden, & Kernsmith, 2016).

Tendo em vista que há poucos estudos sobre *stalking* na adolescência, o objetivo deste estudo foi investigar o fenômeno do *stalking* no período pós-ruptura de um relacionamento afetivo-sexual de adolescentes, perpetrado pelo(a) ex-namorado(a). Buscou-se descrever o perfil das vítimas de *stalking* e investigar as características do *stalking* na adolescência, considerando sexo, presença de consequências emocionais e relação com violência no namoro. Dessa forma, as seguintes hipóteses de pesquisa foram testadas: 1) adolescentes do sexo feminino são mais caracterizadas como vítimas, se comparadas aos adolescentes do sexo masculino; 2) vítimas de *stalking* apresentam maior sintomatologia, se comparadas a não-vítimas; e 3) há um *continuum* da violência ao longo do relacionamento amoroso e o *stalking*, ou seja, a violência no namoro é um preditor para a ocorrência do *stalking*.

Método

Participantes:

Participaram deste estudo transversal e exploratório 527 adolescentes na faixa etária entre 14 e 19 anos, estudantes do Ensino Médio de escolas públicas e privadas da região metropolitana de Porto Alegre/RS. Da amostra geral, 117 adolescentes foram caracterizados como vítimas de *stalking* (22,2%), os quais foram comparados ao grupo de não vítimas ($n=410$). Os critérios de inclusão para o grupo *stalking* foram: a) ter vivenciado uma ruptura de relação afetivo-sexual na adolescência, há pelo menos um mês; b) o(a) ex-parceiro(a) ter apresentado comportamentos repetitivos e intrusivos, na tentativa de restabelecer o relacionamento ou se vingar pelo término do relacionamento; c) tal comportamento ocorreu de forma excessiva, por um período superior a duas semanas; e d) a vítima apresentou sentimentos de medo ou estresse emocional como consequência desse comportamento. Os

critérios de inclusão para o grupo de comparação foram: a) ter entre 14 e 19 anos; b) ter ou ter tido um relacionamento afetivo-sexual na adolescência; e c) não ter sofrido nenhum tipo de *stalking* após término de relacionamento amoroso.

O grupo *stalking* foi composto por 117 adolescentes (62,4% meninas), com idade média de 16,91 anos ($DP=1,26$), estudantes do Ensino Médio de escolas públicas (68,4%), profissionalizante (21,4%) e privadas (10,3%), de Novo Hamburgo (50,4%) e Porto Alegre (49,6%), Rio Grande do Sul. Em relação aos relacionamentos afetivo-sexuais, no momento atual de vida, 42,0% dos adolescentes estavam “ficando com alguém” e 42,5% namorando. O grupo de comparação foi formado por 410 adolescentes (59,0% feminino), com idade média de 16,66 anos ($DP=1,16$), de escolas públicas (64,4%), privada (18,5%) e profissionalizante (17,1%), de Novo Hamburgo (50,2%) e Porto Alegre (49,8%). No período da coleta de dados, 68,4% informaram ter um relacionamento afetivo-sexual do tipo namoro. Não houve diferença significativa entre os grupos quanto às variáveis idade e sexo.

Instrumentos

- *Stalking*. Foi aplicada uma versão adaptada do Inventário de Comportamentos de *Stalking-II* (Versão portuguesa de Ferreira & Matos, 2013a), que avalia a prevalência de comportamentos de *stalking* após ruptura da relação afetivo-sexual para população adulta. O instrumento é composto por 34 itens, respondidos através de uma escala *Likert* (0= “nunca”) até (4=“mais de cinco vezes”), englobando as três categorias de *stalking*: “Conquista e Aproximação”; “Assédio e Invasão” e “Ameaças e Violência”. Para uso neste estudo foi realizado um estudo piloto com 15 adolescentes, o qual apontou a necessidade de adaptações em palavras que diferem na língua Portuguesa do Brasil: foi substituída a palavra “cortejamento” por “conquista” e a palavra caxifo, do item 19 foi retirada. Além disso, no item 2 foi acrescentada a expressão “via internet”, ficando na versão brasileira assim: “Procurou obter informações

sobre mim através dos meus amigos, familiares e colegas, ou via internet”. Foram retirados os itens “abordou-me directamente” e “expressou seu afeto indirectamente”, pois na realização do piloto do instrumento foi observada dificuldade de compreensão pelos adolescentes. Foram ainda acrescentados os itens “Mexeu no meu celular, sem permissão, para ver minhas mensagens” e “Invadiu meu perfil nas redes sociais (Facebook ou outro)”, tendo em vista que os adolescentes indicaram uma grande frequência desses comportamentos. As mudanças nesses itens tiveram como objetivo buscar uma maior aproximação com a linguagem e fatos mais típicos da etapa da adolescência atual. A segunda parte do inventário é composta por 12 itens que avaliam dados sociodemográficos da vítima e do perpetrador, dados sobre o relacionamento afetivo-sexual, ocorrência de violência nas relações afetivo-sexuais e de comportamentos de *stalking* perpetrados pelo(a) ex-companheiro(a). Neste estudo, as subescalas apresentaram consistência interna satisfatória, avaliada pelo Alpha de Cronbach: 0,78 para “Cortejamento e Aproximação”; 0,83 para “Assédio e Invasão”; e 0,79 para “Ameaças e Violência”.

- *Violência nas relações afetivo-sexuais na adolescência*. Foi utilizado o Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro na Adolescência (CADRI, Wolfe, Scott, Reitzel-Jaffe, & Wekerle, 2001; adaptada para o Brasil por Minayo et al., 2011), que avalia a presença de comportamentos abusivos em relacionamentos afetivo-sexuais na adolescência. O instrumento é respondido em uma escala *Likert* de seis pontos, que investiga as seguintes categorias de violência no namoro na adolescência: Violência Física, Violência Verbal/emocional, Violência Psicológica Ameaças, Violência Relacional, e Violência Sexual. No estudo da versão adaptada para o Brasil (Minayo et al., 2011), o Alpha para a violência sofrida foi de 0,87 e para a violência perpetrada foi de 0,88. Na pesquisa atual, os Alphas de Cronbach foram 0,90 para violência sofrida e 0,87 para violência perpetrada.

- *Sintomas de depressão, ansiedade e estresse*. Para avaliação de sintomatologia foi usada a Escala de Depressão, Ansiedade e Estresse para Adolescentes (EDAE-A, Patias, Machado, Bandeira, & Dell'Aglio, 2016), que é composta por 21 itens que avaliam a presença de sintomas de depressão, ansiedade e estresse, na última semana. Os sintomas são avaliados através de uma escala *Likert* de três pontos, totalizando um escore máximo de 63 pontos. O instrumento apresentou boa consistência interna no estudo de validação para adolescentes brasileiros (Patias et al., 2016), na faixa etária entre 12 a 18 anos, com Alphas variando entre 0.83 a 0.90. No estudo atual, os Alphas de Cronbach nas subescalas foram de 0,88 para depressão, 0,81 para ansiedade e 0,86 para estresse.

Procedimentos

Os participantes foram recrutados em 10 escolas de Ensino Médio da região metropolitana de Porto Alegre/RS. A maioria das escolas eram públicas (66,8%), duas escolas eram privadas (14,9%) e uma escola era profissionalizante (18,3%). Foi solicitada autorização da Secretaria Estadual de Educação e da direção das escolas para a realização da pesquisa. Os adolescentes foram convidados a participar da pesquisa de forma voluntária e a coleta ocorreu de forma coletiva, nas dependências das próprias escolas, em turno de aula. Inicialmente a direção das escolas indicou as turmas e os horários para a aplicação da pesquisa. Em seguida, os pesquisadores realizaram um *rapport* inicial com os adolescentes, explicando os objetivos da pesquisa e a voluntariedade da participação.

Especificamente quanto à investigação sobre *stalking* na pós-ruptura de um relacionamento amoroso, a equipe de pesquisa realizou um *rapport* específico, explicando aos adolescentes sua definição e solicitando que somente respondessem ao questionário sobre *stalking*, aqueles adolescentes que preenchessem os critérios de inclusão definidos para esse estudo.

Inicialmente foi verificada a normalidade das variáveis investigadas, a partir dos escores de Skewness e Curtose, assim como pelo teste Kolgomorov-Smirnov, que indicaram que os escores do *stalking* não apresentaram uma distribuição normal. Da mesma forma, foi verificada uma distribuição não-normal nos escores da CADRI e da EDAE-A. Dessa forma, foi utilizada estatística não paramétrica para verificar a diferença nos escores de *stalking* total e suas subescalas, assim como nos escore total e nas subescalas da EDAE-A, por grupo (com *stalking* e sem *stalking*) e por sexo, através do teste de Mann-Whitney. Ainda foi calculado o tamanho de efeito a partir do escore z do teste de Mann-Whitney e foi utilizada a classificação de magnitude de efeito proposta por Cohen (1988): 0,20 a 0,40 – pequeno efeito; 0,50 a 0,70 – médio efeito; e acima de 0,80 – grande tamanho de efeito.

Foram realizadas análises descritivas do grupo *stalking* e grupo de comparação, das variáveis sociodemográficas das vítimas e sobre o relacionamento amoroso (tipo, duração e término). Foram realizadas análises de frequência simples dos tipos de comportamentos de *stalking*, considerando aqueles com frequência superior a “mais de cinco vezes” de ocorrência. Foi realizado cálculo de qui-quadrado para verificar associação entre ser vítima de *stalking* e sexo. Para cálculo de frequência quanto ao tempo de exposição ao *stalking*, os escores originais da escala *Likert* de cinco pontos foram transformados, compondo dois grupos de tempo: 1) até seis meses de perseguição/assédio; e 2) acima de seis meses de perseguição/assédio.

Por fim, foi testada a hipótese de que a violência no namoro é um preditor do *stalking* na ruptura de um relacionamento amoroso. Desta forma, foram realizadas quatro análises de Regressão Linear Múltipla (Método Stepwise), de forma independente, sendo que as variáveis dependentes foram os escores das subescalas de *stalking* e o escore total, e as variáveis independentes foram ter sido vítima de violência física e violência verbal/emocional no namoro ao longo do relacionamento afetivo-sexual (CADRI). A estimação *Stepwise* foi

adotada com o objetivo de verificar a contribuição de cada variável independente para o modelo de regressão (Hair, Black, Babin, Anderson, & Tatham, 2009). Para avaliar multicolinearidade foram utilizados os fatores de inflação de variância (VIF) e índice de tolerância, sendo que esses pressupostos foram atendidos.

Considerações éticas

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (parecer 1.143.563 de 06 de julho de 2015). Foi solicitado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (para os pais para os adolescentes menores de 18 anos e para os próprios adolescentes para aqueles com idade acima de 18 anos). Ao longo da coleta de dados foram realizados dois acolhimentos de participantes que apresentaram desconforto ao responder aos instrumentos, na própria escola, e após foi realizado encaminhamento para atendimento psicológico na rede de proteção à mulher.

Resultados

Perfil das vítimas

Dos 527 participantes do estudo, 117 adolescentes (22,2%) foram identificados como vítimas de *stalking*, 73 do sexo feminino e 44 do sexo masculino. Quanto ao relacionamento amoroso rompido, 70,9% eram do tipo namoro e 24,8% do tipo “ficar com alguém”. A maioria dos casos era de relacionamento heterossexual (94,8%), com uma duração média de 10,38 meses ($DP=10,47$), variando entre um mês e quatro anos. A idade média da vítima quando terminou a relação amorosa foi de 15,80 anos ($DP=1,42$). Cerca de 65,8% destes adolescentes fazem uso de álcool ou cigarro e 29,1% de algum tipo de droga ilícita. Quanto ao contexto familiar, 44,4% das vítimas de *stalking* eram oriundas de famílias nucleares e 21,4%

de famílias monoparentais; 58,1% dos adolescentes vítimas relataram testemunhar algum tipo de violência conjugal dos pais, principalmente violência verbal (53,5%); e em 22,2% dos casos houve algum tipo de notificação de violência intrafamiliar, ao longo da vida, em um órgão competente (Conselho Tutelar ou Delegacia).

Caracterização dos padrões de vitimização por stalking

Os resultados indicaram que 100% das vítimas relataram ter sofrido *stalking* do tipo Cortejamento e Aproximação, 91,5% relataram ter sofrido Assédio e Invasão e 78,6% mencionaram ter sofrido Ameaças e Violência. Seguindo os critérios de Mullen et al. (2001) para o diagnóstico de *stalking*, dos 117 casos identificados, 101 casos tiveram mais do que dez episódios de *stalking* no período pós-ruptura, em um período superior a duas semanas.

No que se refere à duração do *stalking*, na maioria dos casos, os comportamentos de *stalking* ocorreram num período de até seis meses após o término da relação amorosa (74,0%), enquanto que, em 26% dos casos, tal assédio foi superior a seis meses. Observa-se, entre esses, que 14% dos casos teve duração superior a um ano após o término da relação, o que indica de forma mais clara a persistência dos comportamentos de *stalking*.

Hipótese 1: Adolescentes do sexo feminino são frequentemente caracterizadas como vítimas, se comparadas aos adolescentes do sexo masculino

A Tabela 1 apresenta os resultados do instrumento para avaliar *stalking*, por sexo. Não houve diferença significativa entre os sexos no escore médio de *stalking* e nem em suas subescalas, embora adolescentes do sexo feminino tenham apresentado um escore mais alto nas subescalas de “Assédio e Invasão” e de “Ameaças e Violência”, e no escore total. Meninas relataram terem sido ameaçadas com maior frequência, como por exemplo, nos itens “Ameaçou-me verbalmente sobre o que poderia me acontecer” (81,8% meninas, 18,2%

meninos vítimas) e “Ameaçou fazer mal a si mesmo” (68,4% meninas, 31,6% meninos vítimas). Meninas relataram também maior assédio nas redes sociais: “Invadiu meu perfil nas redes sociais – Facebook ou outro” (57,1% meninas, 42,9% meninos vítimas). Por sua vez, meninos relataram que foram vítimas de assédio por meio de telefonemas e envio de mensagens: “Enviou ou deixou mensagens” (54,5% meninos, 46,6% meninas vítimas) e “Enviou toques ou telefonou e desligou sem falar” (57,1% meninos; 42,9% meninas vítimas). De forma geral, o qui-quadrado não indicou associação entre diferentes tipos de *stalking* e sexo, com exceção do item “Perseguiu-me”, que foi associado ao sexo feminino ($\chi^2 = 10,015$, $df=1$, $p=0,04$; 86,7% feminino *versus* 13,3% masculino). Dessa forma, a hipótese 1 não foi confirmada.

Tabela 1. Médias dos escores de *stalking*, por sexo ($n=117$)

	Feminino (n= 73)			Masculino (n= 44)			<i>U</i>	<i>p</i>	<i>d</i>
	M(DP)	IC 95%	MDn	M(DP)	IC 95%	MDn			
<i>Stalking</i> Cortejamento e Aproximação	12,37(6,63)	10,82-13,93	11,00	13,89(7,67)	11,55-16,22	12,00	14,40	0,351	0,17
<i>Stalking</i> Assédio e Invasão	10,30(8,50)	8,32-12,28	9,00	8,93(8,74)	6,27-11,59	6,00	13,92	0,229	0,22
<i>Stalking</i> Ameaças e Violência	6,51(6,20)	5,06-7,96	5,00	5,50(6,50)	3,48-7,52	3,00	13,83	0,207	0,24
Total <i>Stalking</i>	29,18(18,21)	24,93-33,43	25,00	28,32(19,70)	22,33-34,30	22,00	15,21	0,632	0,09

Nota. M= média; DP= desvio-padrão; IC 95%= intervalo de confiança de 95%; MDn= mediana; *U*= Teste Mann-Whitney; *p*= nível de significância de 95%; *d*= cálculo do tamanho de efeito (d de Cohen).

Hipótese 2: Vítimas de stalking apresentam maior sintomatologia, se comparados a não-vítimas

A Tabela 2 indica os resultados do grupo *stalking* e grupo de comparação para as variáveis depressão, ansiedade e estresse (EDAÉ-A). Foi encontrada diferença significativa entre os grupos nos escores das três subescalas e no escore total do EDAÉ-A, confirmando a hipótese 2. Os tamanhos de efeito para essas variáveis foram considerados pequenos, com exceção dos sintomas de ansiedade, em que houve um efeito médio. A Tabela 3 descreve os escores no EDAÉ-A, para o grupo de vítimas, por sexo. Houve diferença nos sintomas de estresse e no escore total do EDAEA nas vítimas de *stalking*, sendo que adolescentes do sexo feminino apresentaram escores significativamente mais altos do que os adolescentes do sexo masculino. Foram observados tamanhos de efeito médios.

Tabela 2. Escores médios no EDAE-A do grupo *stalking* e grupo de comparação ($n=527$)

	Grupo <i>Stalking</i> ($n=117$)			Grupo de comparação ($n=410$)			<i>U</i>	<i>p</i>	<i>d</i>
	M(DP)	IC 95%	MDn	M(DP)	IC 95%	MDn			
EDAE-A Depressão	6,06(5,05)	5,09-6,94	5,00	4,55(4,94)	4,07-5,03	3,00	18,86	0,001	0,30
EDAE-A Ansiedade	5,01(4,22)	4,24-5,78	4,00	3,09(4,00)	2,70-3,47	2,00	15,45	0,001	0,53
EDAE-A Estresse	8,24(5,33)	7,26-9,22	7,00	6,02(5,14)	5,52-6,52	5,00	17,50	0,001	0,39
EDAE-A escore total	19,26(12,70)	16,94-21-59	16,00	13,67(12,52)	12,45-14,88	10,00	16,37	0,001	0,46

Nota. EDAE-A= Escala de Depressão, Ansiedade e Estresse para Adolescentes; *M*= média; *DP*= desvio-padrão; IC 95%= intervalo de confiança de 95%; *MDn*= mediana; *U*= Teste Mann-Whitney; *p*= nível de significância de 95%; *d*= cálculo do tamanho de efeito (d de Cohen).

Tabela 3. Escores médios no EDAE-A, por sexo, entre vítimas de *stalking* (n=117)

	Meninas (n=73)			Meninos (n=44)			<i>U</i>	<i>p</i>	<i>d</i>
	M(DP)	IC 95%	MDn	M(DP)	IC 95%	MDn			
EDAE-A Depressão	6,62(5,03)	5,44-7,79	6,00	5,00(5,01)	3,48-6,52	6,00	12,70	0,06	0,36
EDAE-A Ansiedade	5,32(4,46)	4,28-6,35	4,00	4,57(3,78)	3,42-5,72	4,00	15,00	0,545	0,11
EDAE-A Estresse	9,33(5,26)	8,10-10,56	9,00	6,45(5,00)	4,94-7,97	5,50	10,74	0,003	0,58
EDAE-A escore total	21,26(12,31)	18,39-24,13	18,00	16,02(12,78)	12,15-19,89	12,50	11,34	0,008	0,51

Nota. EDAE-A= Escala de Depressão, Ansiedade e Estresse para Adolescentes; *M*= média; *DP*= desvio-padrão; IC 95%= intervalo de confiança de 95%; MDn= mediana; *U*= Teste Mann-Whitney; *p*= nível de significância de 95%; *d*= cálculo do tamanho de efeito (D de Cohen).

Hipótese 3: A violência no namoro é um preditor do stalking

Os dados indicaram que em 32,5% dos casos houve a presença de algum tipo de violência durante o relacionamento amoroso que foi rompido, sendo a maioria de violência psicológica (55,6%), seguida de violência física (25,4%). Dessa forma, parece haver um *continuum* de violência nos casos de *stalking*, em que tal violência não se manifesta de forma isolada, confirmando a hipótese 3.

A análise de regressão múltipla foi usada para testar se a exposição prévia à violência no namoro prediz maior vitimização por *stalking* no período pós-ruptura (ver Tabela 4). Os resultados indicaram que ter sofrido violência física e violência verbal/emocional ao longo do relacionamento explicam 19,0% da variância no escore total de ser vítima de *stalking* na adolescência ($R^2=.19$, $F(2,115)=14,24$, $p<0,001$). No que se refere às subescalas de *stalking*, a análise de regressão explicou apenas 7% da variância do *stalking* tipo Cortejamento e Aproximação ($R^2=.07$, $F(2,115)=8,97$, $p<0,05$). Já na subescala de Assédio e Invasão, ter sofrido violência verbal/emocional ao longo do relacionamento explica 12,0% da variância ($R^2= .12$, $F(=2,115)=15,93$, $p<0,001$). A variável ter sofrido violência física no namoro não foi significativo para o modelo, sendo que foi excluída. Por fim, na subescala de Ameaças e Violência, ter sofrido violência física e violência verbal/emocional ao longo do relacionamento explicam 25,0% da variância ($R^2= .25$, $F(2,115)=20,44$, $p<0,001$).

Tabela 4. Modelos de Regressão Múltipla (Método *Stepwise*) para *stalking* na pós-ruptura de um relacionamento afetivo-sexual na adolescência (n=117)

Variáveis	B	SE B	β	T	R ²	IC 95% para B
<i>Stalking total</i>					0,19	
CADRI Física	2,51	0,95	0,26	2,63**		0,62-4,40
CADRI Verbal emocional	0,78	0,26	0,25	2,56**		0,15-1,20
<i>Stalking Cortejamento e Aproximação</i>					0,07	
CADRI Física	0,98	0,34	0,27	3,00**		0,33-1,63
<i>Stalking Assédio e Invasão</i>					0,12	
CADRI Verbal emocional	0,43	0,11	0,35	3,99*		0,22-0,64
<i>Stalking Ameaças e Violência</i>					0,25	
CADRI Física	1,10	0,31	0,33	3,53*		0,48-1,72
CADRI Verbal emocional	0,23	0,08	0,25	2,67**		0,06-0,40

Nota. CADRI= Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro na Adolescência;

* p<0.001; ** p<0.05.

Discussão

Este estudo buscou investigar a ocorrência de *stalking* no período pós-ruptura de relacionamentos afetivos-sexuais em adolescentes. O *stalking* do tipo Cortejamento e Aproximação foi o mais frequente, sendo que esta categoria inclui tentativas intrusivas e repetitivas de comunicação e/ou contato, com o objetivo de expressar afeto. A maioria dos adolescentes foi *stalkeada* por meio de envio de mensagens e pela tentativa do ex-parceiro obter informações através de amigos, familiares, ou via internet. A ocorrência de comportamentos intrusivos e indesejados, como, enviar cartas, bilhetes, ou e-mails para a vítima foi comum em um estudo sobre *stalking* entre jovens universitários finlandeses (Björklund, Häkkänen-Nyholm, Sheridan, & Roberts, 2010).

De modo geral, a maioria dos adolescentes vítimas de *stalking* deste estudo sofreram mais de dez episódios de assédio, no período pós-ruptura de um relacionamento afetivo-sexual, sendo essa frequência superior aos episódios de *stalking* em adultos, conforme estudos de Edwards e Gidycz (2014) e De Smet et al. (2015). Os resultados indicaram uma maior frequência de *stalking* entre vítimas do sexo feminino, embora sem diferença significativa por sexo. Este resultado é semelhante aos estudos prévios que indicam que mulheres frequentemente são as principais vítimas de *stalking* (CDC/EUA, 2014; Ferreira & Matos, 2013a; Podaná & Imirísková, 2016; Purcell et al., 2009; Roberts, 2002).

Quanto aos resultados relativos aos sintomas psicológicos de depressão, ansiedade e estresse, observou-se diferença significativa entre os grupos (vítimas e não-vítimas), com escores mais altos entre adolescentes vítimas. Foi verificado tamanho de efeito médio para os sintomas de ansiedade. Estudos prévios indicam que adolescentes vítimas de *stalking* apresentam maior sintomatologia psicológica do que não vítimas (Diette et al., 2014; Reidy et al., 2016). Foi verificada ainda diferença significativa no escore de estresse e no escore total

do EDAAE-A, por sexo, indicando que adolescentes do sexo feminino tiveram maior sintomatologia. Houve tamanho de efeito médio para esse resultado. Adolescentes do sexo feminino, vítimas de violência do ex-parceiro tendem a ter sintomatologia mais alta, incluindo depressão, ideação suicida, ansiedade e transtornos alimentares, do que adolescentes do sexo masculino (Romito, Beltramini, & Escribà-Agüir, 2013). Por sua vez, no estudo atual, as adolescentes foram expostas a situações de violência mais intrusivas do que os adolescentes do sexo masculino, incluindo assédio e invasão e violência e ameaças, o que poderia justificar maior sintomatologia psicológica.

Os resultados deste estudo confirmam que a ocorrência de *stalking* na pós-ruptura de um relacionamento afetivo-sexual em jovens é precedida por violência ao longo do relacionamento, indicando que sofrer violência psicológica e física ao longo do namoro é um importante preditor de *stalking*. No estudo de Katz e Rich (2015), a violência física ao longo do namoro foi preditora de *stalking*, incluindo nova exposição à violência física. Da mesma forma, Shorey et al. (2015) indicaram que tanto a perpetração quanto a vitimização por *stalking*, entre mulheres, foram positiva e significativamente associadas à violência física e psicológica durante o relacionamento. Tais dados corroboram a afirmação de Ferreira e Matos (2013a), de que há um *continuum* de violência entre o *stalking* atual e a violência já vivenciada ao longo do relacionamento.

Considerações Finais

Os resultados desse estudo apontam para a presença de *stalking* no período pós-ruptura de um relacionamento amoroso em adolescentes, sobretudo quando há vitimização anterior por violência física e psicológica ao longo do relacionamento amoroso. Nesse estudo, a maior parte dos casos foi exposta ao *stalking* tipo Cortejamento e Aproximação, a vítima era

do sexo feminino e a exposição ao *stalking* foi por um período superior a seis meses, indicando que os comportamentos intrusivos e abusivos não se referem apenas à fase inicial após a separação, isto é, apenas nas duas semanas após o término da relação. Estudos prévios apontam que mulheres (adolescentes ou adultas) são as principais vítimas de *stalking* e que o ex-parceiro íntimo, sobretudo homens, são os principais perpetradores, indicando que o *stalking* é um tipo específico de violência interpessoal e de gênero (CDC/EUA, 2014; Ferreira & Matos, 2013b; Podaná & Imirísková, 2016).

A exposição ao *stalking* foi associada aos sintomas de depressão, ansiedade e estresse, indicando o impacto na saúde mental das vítimas. Dessa forma, os resultados confirmam uma associação entre a exposição ao *stalking* e pior ajustamento psicológico (Ferreira & Matos, 2013a; Logan et al., 2006). Contudo, discute-se se os sintomas de depressão, ansiedade e estresse observados se devem ao *stalking* em si, ou se esses refletem o acúmulo de exposição à violência nas relações íntimas dos adolescentes, uma vez que esta já estava presente antes da ruptura. Ressalta-se ainda que os adolescentes vítimas de *stalking* também descreveram o contexto familiar de origem caracterizado por situações de violência, podendo esse também explicar o impacto na saúde mental.

No que se refere ao conceito de *stalking*, ainda não há um consenso na literatura. Um aspecto a ser ressaltado é diferenciá-lo de uma mera tentativa de reaproximação, comumente utilizada pelos adolescentes, frente ao término de um relacionamento amoroso. Os comportamentos de perseguição e assédio do *stalking* sobrepõem-se a uma série de comportamentos, por vezes irritantes e indesejáveis, que fazem parte da experiência diária da maioria das pessoas, quando há um término de relacionamento (Mullen et al., 2001). Assim, há uma linha tênue entre diferenciar esses comportamentos de um assédio que seja considerado juridicamente um crime. Um critério descrito na literatura para essa diferenciação é a presença de perseguição ou assédio que se tornam estressantes para a vítima, interferindo

no seu dia a dia, e que lhe geram medo (Logan & Walker, 2017). Os resultados desse estudo podem contribuir para essa distinção em dois aspectos: 1) as tentativas de comunicação e reaproximação são indesejadas e se prolongam por um tempo de até seis meses, o que seria pouco tolerável num processo de reconquista dito normal; e 2) tal exposição gera desajustamento psicológico, incluindo sintomas de depressão, ansiedade e estresse, sobretudo nas adolescentes vítimas. Além disso, mais do que seguir critérios fixos, conforme proposto por Mullen et al. (2001), incluindo a presença de 10 ou mais comportamentos abusivos, em um período de tempo superior a duas semanas; ou da resposta emocional de medo, já discutida nesse estudo, sugere-se uma avaliação individual de cada caso. Nessa avaliação, deve-se avaliar os riscos, a gravidade e a frequência dos atos perpetrados, assim como o impacto na saúde mental da pessoa-alvo, a fim de garantir a segurança e o bem-estar da vítima.

O estudo apresenta algumas limitações, como a obtenção de dados a partir do uso de instrumento de autorrelato de apenas um único informante da díade, assim como dados de casos de relacionamento heterossexual, na sua maioria.. Assim, pesquisas futuras podem investigar a presença de *stalking* em relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo, bem como buscar a compreensão deste fenômeno a partir de informações da díade que rompeu o relacionamento. Além disso, este estudo não investigou o perfil dos perpetradores de *stalking*, o que seria interessante para uma maior compreensão dos comportamentos invasivos. Apesar destas limitações, trata-se de um estudo pioneiro e inovador no plano nacional, buscando avançar na área da violência nas relações afetivo-sexuais na adolescência, uma vez que, de modo geral, os estudos nacionais têm dado ênfase à violência física e psicológica no namoro em adolescentes.

Os resultados deste estudo podem contribuir para a elaboração de políticas públicas de intervenção e de prevenção ao *stalking*. Ressalta-se que adolescentes tendem a ter dificuldade

no reconhecimento de sinais de violência em seus relacionamentos amorosos, assim como na solicitação de apoio e ajuda nessas situações (Soares, Lopes, & Njaine, 2013). Modelos de prevenção ao *stalking* incluem treino de habilidades de resolução de conflitos e psicoeducação, assim como consideram os adolescentes como agentes multiplicadores em suas comunidades (CDC/EUA, 2017). Por fim, sugere-se a realização de novas pesquisas no contexto nacional, para dar maior visibilidade ao fenômeno e buscar compreender como os aspectos socioculturais podem interferir nos padrões de *stalking* na adolescência.

CAPÍTULO VII

Artigo empírico:

Cross-cultural validation of the Brief Form of the Young Schema Questionnaire for Adolescents (B-YSQ-A) in Portuguese and Brazilian samples⁵

Abstract

This cross-cultural study investigated the psychometric proprieties of the Brief Form of the Young Schema Questionnaire for Adolescents (B-YSQ-A) in a sample of Portuguese ($n=456$) and Brazilian ($n=560$) adolescents. A total of 1.016 non-clinical adolescents aged 14-19 years old ($M=16.61$, $SD=1.18$) completed the B-YSQ-A and measures of psychopathological symptoms (depression, anxiety and stress) and well-being. Dimensionality was investigated following confirmatory factor analysis (CFA) procedures; moreover, cultural and sex measurement invariance was tested. Internal consistency and validity in relation to other relevant variables were also analyzed. In line with Young's schema model, the CFA supported the existence of 18 early maladaptive schemas (EMSs) assessed via the B-YSQ-A and evidence was found for the model fitting adequately across sex and culture. Cross-cultural comparisons between Brazilian and Portuguese boys and girls showed differences that may be explained by specific parenting practices and cultural defining features. Finally, this study showed that the B-YSQ-As' measures possess acceptable internal consistency. This brief version of the Young Schema Questionnaire seems valid for use in these Portuguese-speaking countries to assess EMSs among adolescents, either for clinical or research purposes.

Keywords: Early maladaptive schemas, Young Schema Questionnaire for Adolescents, Confirmatory Factor Analysis, Cross-cultural research, Factorial invariance.

⁵ This study was submitted to Psychological Assessment Review (American Psychological Association), in December/2017.

Introduction

Early maladaptive schemas (EMSs) play a crucial role in the development and maintenance of several psychological disorders, including personality disorders, and other psychiatric conditions (Rafaeli, Bernstein, & Young, 2010; Young, 1999; Young, Klosko, & Weishaar, 2003). Schemas result from emotional needs that go unmet during childhood (i.e., connection, acceptance, autonomy, definition of limits, and safeness) and have been associated with the presence of adverse life experiences (Young et al., 2003). The exposure to family violence, for example, can contribute to the development of maladaptive schemas during childhood or adolescence (Calvete et al., 2016), which have been found to be maintained throughout adulthood. Previous research has offered empirical support for the association between childhood adversity, psychopathology and EMSs (Calvete, 2014; Calvete, Fernández-González, Orue, & Little, 2016; Khorramdel, Abolghasem, Rakhshani, Nikdast, & Rajabi, 2013; Lumley & Harkness, 2007). Once identified, schemas can be made more flexible through appropriated psychotherapeutic interventions, thus reducing schema related psychopathology (Welburn, Coristine, Dagg, Pontefract, & Jordan, 2002).

Findings from several studies showed that EMSs were linked to diverse psychological disorders in adult life, including adult depression and anxiety (Hawke & Provencher, 2011), posttraumatic stress disorder (Harding, Burns, & Jackson, 2012), substance use (Ravazi, Soltaninezhad, & Rafiee, 2012; Shorey, Anderson, & Stuart, 2014), attention deficit hyperactivity disorder (Philipsen et al., 2017), antisocial behavior (Gilbert & Daffern, 2013), aggressiveness (Tremblay & Dozois, 2009), and borderline personality disorder (Barazandeh, Kissane, Saedi, & Gordon, 2016). Although Schema Therapy (ST) was initially proposed to be delivered to chronic adult patients (Masley, Gillanders, Simpson, & Taylor, 2012), the ST theoretical framework has recently been extended to the comprehension of several

psychopathological disorders in different stages of the life cycle, including adolescence (Brenning, Bosmans, Braet, & Theuwis, 2012; Calvete, 2014; Calvete, Orue, & Hankin, 2013; Lumley & Harkness, 2007; Roelofs, Lee, Ruijten, & Lobbestael, 2011). More recently, an increasing number of research works has addressed the association between EMSs and diverse psychopathologies in younger individuals, namely internalizing symptomatology, such as depressive and anxious symptoms (Brenning et al., 2012; Calvete, Orue, & Hankin, 2015, 2013; Mateos-Pérez & Calvete, 2015; Roelofs et al., 2011); eating disorders (Van Vlierberghe & Braet, 2007; Van Vlierberghe, Braet, & Goossens, 2009; Zhu et al., 2016); externalizing symptomatology, such as aggressive behaviour (Calvete, 2008; Calvete & Orue, 2010); and self-injury behavior (Quirk, Wier, Martin, & Christian, 2015). Thus, there is now considerable evidence about the association between EMSs and different forms of psychopathology in adolescents allowing for Young's Schema Model to be used in the understanding of internalizing and externalizing symptomatology throughout adolescence.

Young et al. (2003) proposed the existence of 18 EMSs – though initial formulations of the model encompassed a smaller number of schemas theorized – organized into five developmental schema domains (c.f. supplementary material 1), which have mostly been evaluated using the Young Schema Questionnaire (YSQ, Young, 1990). In the last decades, different versions of the YSQ have been proposed, including a long (205 items) and a short (75 items) form (Young & Brown 1994; Young, 2005). These versions were made of different number of items, as well as different number of items assessing each specific EMS, with either a grouped or a randomized presentation of items along the questionnaires (for a revision, see Rijo, 2009; 2017). Research has supported the validity of the YSQ as a measure of EMSs in adult populations and across different cultures, for example: Portugal (Rijo, 2009); Canada (Hawke & Provencher, 2011); Germany (Kriston, Schäfer, vonWolff, Härter, & Hölzel, 2012); Spain (Calvete, Estévez, Arroyabe, & Ruiz, 2005); Colombia (Londoño et

al., 2012), and Brazil (Cazassa & Oliveira, 2012). These studies examined the factor structure of the YSQ, and good psychometric properties have been reported either for clinical (e.g., Lee, Taylor, & Dunn, 1999; Welburn et al., 2002) and for nonclinical populations (Calvete et al., 2005; Calvete et al., 2013). Globally, these findings indicated a consensus regarding first order factors structure (EMSs), while there has been some debate on the schema domains structure (Calvete et al., 2013; Van Vlierberghe, Braet, Bosmans, Rosseel, & Bögels, 2010; Welburn et al., 2002).

The Young Schema Questionnaire has also been adapted for younger people and different versions have been proposed to assess EMSs within younger individuals. In particular, two versions have been used in studies with adolescents: the YSQ-S3, composed of 90-items assessing 18 EMSs (Calvete et al., 2016; Calvete et al., 2015; Khorramdel et al., 2013; Saritas & Gençöz 2011); and an earlier version derived from the YSQ-SF, composed of 75-items assessing 15 EMSs (Brenning et al., 2012; Calvete et al., 2013; Lumley & Harkness, 2007; Roelofs et al., 2016, 2011; Van Vlierberghe et al., 2010). Regarding the YSQ-SF (75-item) for adolescents, Van Vlierberghe et al. (2010) confirmed the presence of the first order factor structure (i.e., 15 EMSs) in a sample of Belgium adolescents aged 12-18 years. Saritas and Gençöz (2011) investigated the psychometric properties of the YSQ-S3 90-item version in Turkish adolescents, aged 12 to 18 years and, via Exploratory Factor Analysis, found evidence for 18 EMSs as first order factors.

Based on previous findings about the psychometric properties of the YSQ with adult populations (YSQ-SF; YSQ-S3), it would be useful to develop a shorter and developmentally appropriate measure to assess the currently proposed 18 EMSs in adolescents. This can be justified because the use of several adult versions of the YSQ with samples of adolescents may include some limitations, as for example, such questionnaires may become tiring for adolescents, which can lead to fatigue and consequently bring bias into answers; the language

of some items of the questionnaire is not adapted to the developmental contexts of adolescents. Shorter versions can be more useful in order to minimize the time spent on the application of the instrument, both within research purposes and in clinical settings (Güner, 2017).

Some studies sought to advance the aforementioned limitations by proposing brief versions of the YSQ for adolescents, with an appropriate age-related language (Güner, 2017; Santos, Vagos, & Rijo, s.d.). Güner (2017) investigated the psychometric properties and normative values of the Early Maladaptive Schema Questionnaires Set for Children and Adolescents (SQS), in a sample of Turkish children and adolescents aged 10 to 16 years. This questionnaire consisted of 97 items assessing 15 EMS under five schema domains. It revealed a factor structure similar to the original YSQ. However, a short version with 97-item may still become overly exhaustive for children and adolescents and this version assesses uniquely 15 of the currently proposed 18 EMSs.

In order to allow for the accurate assessment of the 18 EMSs already tested in adult schema questionnaires, a specific version of the YQS was developed for adolescents aged 12 to 18 years by Santos et al. (s.d.). The Brief Form of the Young Schema Questionnaire for Adolescents (B-YSQ-A) is composed of 54 items and was described as a solid measure with three items assessing each of the theoretically proposed 18 EMSs. These items are presented in a non-consecutive way along the instrument in order to reduce possible contamination effects when answering subsequent items with a similar content. Data analysis about the internal structure, reliability, and gender-based invariance of the B-YSQ-A was examined using a non-clinical sample ($n = 877$). Results provided evidence for factorial and construct validity, as well as internal consistency and test-retest reliability. In addition, the instrument presented as gender-invariant, thus representing the EMSs of boys and girls in a similar, and

thus comparable, manner. Despite this psychometric appraisal, the B-YSQ-A has only been in Portugal, and so its consideration is, as of yet, restricted to Portuguese adolescents.

The aim of the current study was to examine the psychometric properties of the B-YSQ-A for adolescents aged 14 to 18 years, in two Portuguese speaking countries, namely Brazil and Portugal. Specific objectives were: 1) to investigate if the same 18 EMS are assessed similarly between Brazilian and Portuguese adolescents, also taking gender into account; 2) to examine the reliability and construct validity of the B-YSQ-A in relation to internalizing symptomatology in Brazilian and Portuguese adolescents; and 3) to present informative data on the endorsement of specific schemas by Brazilian and Portuguese adolescents.

Method

Participants

Participants were 1.016 adolescents recruited from school settings, aged 14 to 19 years old ($M=16.61$, $SD=1.18$), of which 64.6% ($n= 656$) were female and 35.4% ($n= 365$) were male. Table 1 specifies the sociodemographic characteristics of the complete, Brazilian and Portuguese samples. The Brazilian sample included 560 high school students (59.8% female), with a mean age of 16.68 years old ($SD=1.20$; range= 14–19 years old), from ten schools located in Porto Alegre/RS and metropolitan region, in the Southern of Brazil. Girls had a mean age of 16.96 years old ($SD=1.16$), whereas boys were, on average, 16.50 years old ($SD=1.19$).

As for the Portuguese sample, participants were 456 adolescents (70.6% female), with a mean age of 16.52 years old ($SD= 1.52$, range= 14–19 years old), from twelve secondary schools, located in the regions of Coimbra and Aveiro, Portugal. Portuguese girls and boys

had similar mean ages, with girls having a mean age of 16.59 years old ($SD= 1.15$), and boys being, on average, 16.37 years old ($SD=1.18$).

Table 1. Sociodemographic characteristics of the Brazilian and Portuguese samples

	Brazilian sample	Portuguese sample
Age	16.68(1.20)	16.52 (1.52)
Gender		
Male	225(40.2%)	135(29.6%)
Female	335(59.8%)	321(70.4%)
School year		
10 th grade	137(24.5%)	181(39.9%)
11 th grade	229(40.9%)	109(24.0%)
12 th grade	179(32.0%)	150(33.0%)

Note: Results are presented as n(%) for gender and school year, and as M(SD) for age.

Instruments

-Young Schema Questionnaire for Adolescents-Brief Form (B-YSQ-A, Santos, 2009): This instrument resulted from the selection of three items to measure each of the 18 early maladaptive schemas (54 total items) from the Portuguese version of the YSQ-S3 based on inter-item and item-total correlations (Santos et al., s.d.). Participants are asked to rate items using a six-point scale: from 1 (*has nothing to do with me*) to 6 (*it is exactly what happens to me*). Those items were found to adequately represent their intended constructs (i.e., schemas) via confirmatory factor analysis, and each schema presented good internal consistency and test-retest reliability, as well as construct validity in relation to measures of internalizing and externalizing psychological symptomatology (Santos et al., s.d.).

The Brazilian version of the instrument resulted from an adaptation of the Portuguese version of the B-YSQ-A. The steps of this adaptation to Brazil were: a) adaptation of the items for the Brazilian socio-cultural context, when needed (i.e., adaptations were made in

words that differ in the Portuguese language of Brazil); b) Three Brazilian *experts* were invited to be judges on the adequacy of items for Brazilian adolescents; c) After the suggestions of these researchers were analyzed and incorporated into the instrument, an evaluation was made by a PhD in Psychology, from Portugal, in order to see if the items adapted for Brazil retained the original meaning; d) A focus group was carried out with 15 adolescents from a public school, and new suggestions for the semantic comprehension of the items were performed

*-Depression, Anxiety and Stress Scale for Adolescents*⁶ (DASS, original version by Lovibond & Lovibond, 1995; Brazilian version by Patias, Machado, Bandeira, & Dell’Aglia, 2016): This 21-item self-report scale assesses depression, anxiety and stress symptoms, evaluating potential symptomatology experienced during the last week. Symptoms are assessed on a Likert scale from 0 ("*did not happen to me this week*") to 3 points ("*it happened to me most of the time of the week*"), with a maximum score of 63 points. The Brazilian version showed good internal consistency with adolescents (Patias et al., 2016), aged 12 to 18 years old, with Cronbach’s Alphas ranging from 0.83 to 0.90. The CFA indicated the presence of three factors (depression, anxiety and stress) and researchers have confirmed the original model. Using the current Brazilian sample, Cronbach's Alphas of the subscales were: $\alpha = .88$ for depression, $\alpha = .81$ for anxiety, and $\alpha = .86$ for stress.

*-Mental Health Inventory 5*⁷ (MHI-5; Veit & Ware, 1983; Portuguese version by Pais-Ribeiro, 2001): It consists of five items on the presence of psychological distress (i.e., anxious and depressive symptomatology) and the absence of well-being during the last month, using a six point Likert scale ranging from 1 (*never*) to 6 (*always*). It has been found to possess adequate psychometric properties, namely internal consistency and construct validity in relation to one’s general perception of health, physical symptoms, self-concept, and self-efficacy (Pais-

⁶ This instrument was applied only to the Brazilian sample.

⁷ This instrument was applied only to the Portuguese sample.

Ribeiro, 2013). The internal consistency of this measures using the current Portuguese sample was $\alpha = .84$ for depression, $\alpha = .78$ for anxiety, $\alpha = .83$ for psychological distress, and $\alpha = .82$ for well-being.

Procedures

Sampling procedures

Data was collected in two independent cross-sectional surveys (Portugal and Brazil). The statistical parameter of at least 10 participants per item for multivariate analyzes (Hair, Black, Babin, Anderson, & Tahan, 2009) was used to calculate each sample size. Initially, contact with secondary schools was made by means of a letter soliciting the authorization to administer the questionnaires to students. All adolescents were recruited voluntarily for the study and confidentiality of the collected data was assured. After an explanation on the study's goals and procedures, informed consent was obtained from adolescents and their parents. Participants who were 18 years old gave their own consent. Participants completed the study protocol during regular classes. The study protocol was approved by the Ethics Committee of Psychology of the Federal University of Rio Grande do Sul and by the Ethics Committee of the Faculty of Psychology and Educational Sciences of the Coimbra University. Alongside the assessment instruments, all participants were asked to provide information on their age, sex, school year, and family features. The socioeconomic level of both samples was matched by the type of school, namely public high schools.

Statistical analyses

The measurement model for the B-YSQ-A has been studied before (Santos, 2009) and so a Confirmatory Factor Analysis (CFA) approach was taken in the current work. This approach is suitable to examine solid hypotheses about the measurement model of an instrument. Due to time desynchronization in collecting the current samples versus defining

the final constitution of that brief form, two of the items used to gather data did not correspond entirely to those retained for the final brief form of the Young Schema Questionnaire for Adolescents (i.e., items 44 – “*I always feel on the outside of groups*” and 52 – “*I can’t let myself off the hook easily or make excuses for my mistakes*”). Consequently, two of the schemas in the current work (i.e., social isolation and unrelenting standards) were measured uniquely by two items each (i.e., out of the three proposed by Santos, 2009) whereas the remaining sixteen schemas were measured by three items each; for a description of this measurement model, cf. Supplementary Material 2.

Two confirmatory models were initially tested: (1) a five domains second order factors further divided into 18 first order schema factors; and (2) a 18 first order schema factors. The adjustment of these models was deemed acceptable if a Standardized Root Mean Square Residual (SRMR) $\leq .09$ was found, combined either with a Root Mean Square Error of Approximation (SRMR) $\leq .06$ or with a Comparative Fit Index (SRMR) $\geq .95$ (Hu & Bentler, 1999). The best fitting model of those two was then further considered for multi-group invariance based on gender, by country of data collection: because there was an unequal distribution of boys and girls in the Brazilian and Portuguese samples, measurement invariance was tested across country for boys and for girls separately (i.e., Portuguese and Brazilian girls were contrasted with each other and Portuguese and Brazilian boys were compared among each other). Three levels of measurement invariance were sequentially considered: 1) configural invariance, meaning that the same measurement model should fit acceptably to the samples under analyses when all parameters are allowed to differ between groups; 2) metric invariance, meaning that imposing an equality constraint on the item’s loadings values across samples should not significantly worsen the fit of the model (i.e., $\Delta\text{CFI} \leq -.01$ combined either with a $\Delta\text{SRMR} \leq .03$ or with a $\Delta\text{RMSEA} \leq .015$; Chen, 2007); and 3) scalar invariance, meaning that imposing an additional equality constraint on the item’s

intercept values across samples should not significantly worsen the fit of the model (i.e., $\Delta\text{CFI} \leq -.01$ combined either with a $\Delta\text{SRMR} \leq .01$ or with a $\Delta\text{RMSEA} \leq .015$; Chen, 2007). The CFA and multi-group analyses were conducted using the Mplus v7.4 (Múthen & Múthen, 2012).

Internal consistency was analyzed based on the ordinal version of the Cronbach Alpha, which is suitable when the answering scale is of an ordinal nature (Gaderman, Guhn, & Zumbo, 2012; Streiner, 2003) and was computed in the RStudio software (RStudio Team, 2015). Because this statistic is dependent on the number of items (i.e., scales with less items are expected to present lower values; Steiner, 2003), a lenient approach was adopted and $\alpha \geq .60$ was considered as acceptable. Evidence was sought for construct validity based on the correlation values found between EMSs and measures of psychological symptomatology (i.e., anxious, stress, and depressive symptoms) and psychological well-being. Finally, cross-cultural mean comparisons were computed. Correlation and mean comparison analysis were carried out using the IBM SPSS Statistics 21.

Results

Preliminary results indicated that the data for the 1,016 participants deviated from a multivariate normal distribution, according to Mardia's multivariate normality test [Skewness = 333.14, $p < .001$; Kurtosis = 3479.52, $p < .001$]. As such, and given the listwise approach to missing values detailed above, the Maximum Likelihood Robust estimator was used for all confirmatory factor analyses and multi-group analyses presented below.

Factorial validity and multi-group analyses

Both the model 1 (i.e., five domains second order factors plus 18 first order schema factors) and model 2 (i.e., 18 first order schema factors) achieved acceptable fit indicators (cf.

Table 2). We choose to carry on with the later (i.e., 18-schema model) because it showed improved fit to the data, considering the following three criteria: 1) the RMSEA confidence interval did not overlap between the two models, indicating the 18-schema model as better fitting the data; 2) the CFI and SRMR values were, respectively, higher and lower, indicating better fit; and 3) it achieved a better (i.e., lower) Akaike Information Criterion (i.e., 175572 for model 2 versus 176781 for model 1).

Loading values for the 18-schema model were always significant ($p < .001$; cf. Supplementary material 2), ranging from .46 for item 5 (i.e., *"I have a lot of trouble accepting "no" for an answer when I want something from other people"*) of the Entitlement/grandiosity schema to .84 for item 38 (i.e., *"I am not as talented as most people are at their work/academic activity"*) of the Failure schema.

Table 2. Fit indicators for the alternative measurement models and for measurement invariance analyses

	χ^2	Df	RMSEA	CI for RMSEA	CFI	SRMR
Model 1: 5 domain plus 18 schemas	3729.10*	1246	0.044	0.043; 0.046	0.826	0.066
Model 2: 18 schemas	2543.90*	1121	0.035	0.034; 0.037	0.901	0.045
Male sample						
Unconstraint model	3635.49*	2242	0.059	0.055; 0.062	0.798	0.070
Loading constraint model	3649.14*	2276	0.058	0.054; 0.061	0.801	0.071
Intercept constraint model	3751.30*	2301	0.059	0.055; 0.062	0.791	0.072
Female sample						
Unconstraint model	3466.97*	2242	0.041	0.038; 0.043	0.883	0.055
Loading constraint model	3503.33*	2276	0.041	0.038; 0.043	0.883	0.057
Intercept constraint model	3678.19*	2310	0.042	0.040; 0.045	0.869	0.058
Partial intercept constraint model	3624.09*	2308	0.042	0.039; 0.044	0.874	0.057

Note: χ^2 = Qui-square, df = degrees of freedom, RMSEA = Root Mean Square Error of Approximation, CI = confidence interval, CFI = Comparative Fit Index, SRMR = Standardized Root Mean Square Residual. *p < .001

The 18-schema measurement model achieved a good fit when considering Brazilian and Portuguese boys simultaneously, pointing to configural invariance (cf. Table 2). Loading values varied between .42 (i.e., item 14 – “*I feel that a disaster - natural, criminal, financial, or medical - could strike at any moment*” – measuring Vulnerability to harm or illness) and .87 (i.e., item 37 – “*I feel that I’m not lovable*” – measuring Defectiveness/shame), for Brazilian boys and between .30 (i.e., item 5 – “*I have a lot of trouble accepting "no" for an answer when I want something from other people*” – evaluating Entitlement/grandiosity) and .85 (i.e., item 29 – “*I have a very difficult time sacrificing immediate gratification or pleasure to achieve a long-range goal*” – measuring Insufficient self-control/self-discipline), for Portuguese boys. Moreover, full metric (Δ CFI = .003, Δ RMSEA = -.001, Δ SRMR = .001) and full scalar (Δ CFI = -.01, Δ RMSEA = .001, Δ SRMR = .000) invariances were found between boys of both countries.

As for girls, again the 18-schema model achieved acceptable fit indicators when analyzing data from both countries of origin simultaneously (cf. Table 2). Loading values for the Brazilian sample varied between .35 (i.e., item 45 – “*I am not as intelligent as most people when it comes to school*”, referring to Failure) and .87 (i.e., item 35 – “*I am quite suspicious of other people's motives*”, measuring Mistrust/abuse); for the Portuguese sample, those values ranged from .39 (i.e., item 2 – “*I’m the one who usually ends up taking care of the people I’m close to*”, assessing Self-sacrifice) to .90 (i.e., item 32 - “*It doesn’t matter why I make a mistake. When I do something wrong I should pay the consequences*”, measuring Punitiveness). Also, full metric ($\Delta\text{CFI} = .000$, $\Delta\text{RMSEA} = .000$, $\Delta\text{SRMR} = .002$) and partial scalar ($\Delta\text{CFI} = -.009$, $\Delta\text{RMSEA} = .001$, $\Delta\text{SRMR} = .000$) invariances were found when considering Brazilian and Portuguese girls, after relaxing the intercept of items 2 (i.e., “*I’ve always been the one who listens to everyone else’s problems*”– assessing Self-sacrifice) and 36 (i.e., “*I feel alienated or cut off from other people*” – measuring Social isolation/alienation).

Internal consistency

Acceptable internal consistency values were found for the 18 schemas. For the complete sample, values ranged from $\alpha = .63$ for the Entitlement/grandiosity schema to $\alpha = .88$ for the Failure schema. For the Brazilian sample, values varied between $\alpha = .62$ for the Entitlement/grandiosity schema to $\alpha = .87$ for the Failure schema. For the Portuguese sample, values ranged between $\alpha = .65$ for the Self-sacrifice schema to $\alpha = .90$ for the Failure schema (cf. Table 3).

Convergent validity

Positive significant correlations were found between the majority of the early maladaptive schemas under analysis and measures of psychological symptoms, namely depression, anxiety, stress, and distress in both samples; alternatively, negative significant correlations were found between those same schemas and measures of well-being in the Portuguese sample (cf. Table 3). Correlation values were, for the most part, of low magnitude.

Some exceptions are worth noticing, namely: 1) no significant correlations were found between the Unrelenting standards/hypercriticalness schema and any of the external variables under consideration; 2) the Entitlement/grandiosity schema achieved correlation values with the lowest magnitude, making them non-significant towards depression and distress as taken from the Portuguese sample; 3) the Enmeshment/undeveloped self showed the opposite pattern of correlations, being negatively correlated with measures of psychopathological symptomatology and (significantly) positively with well-being.

Table 3. Internal consistency and correlation values between the 18 schemas and external variables, by sample

	Complete sample		Brazilian sample ^a			Portuguese sample ^b				
	α	α	Depression	Anxiety	Stress	α	Depression	Anxiety	Distress	Well-being
Abandonment/instability	.78	.81	.31***	.27***	.32***	.83	.35***	.38***	.38***	-.36***
Mistrust/abuse	.70	.72	.43***	.37***	.40***	.73	.35***	.37***	.37***	-.38***
Emotional deprivation	.73	.84	.41***	.29***	.26***	.87	.31***	.28***	.31***	-.34***
Defectiveness/shame	.81	.81	.40***	.28***	.30***	.84	.29***	.28***	.29***	-.33***
Social isolation/alienation	.82	.80	.45***	.34***	.34***	.88	.36***	.35***	.37***	-.39***
Dependence/incompetence	.74	.73	.36***	.28***	.29***	.74	.27***	.20***	.26***	-.24***
Vulnerability to harm or illness	.71	.71	.33***	.36***	.34***	.75	.28***	.28***	.30***	-.26***
Enmeshment/undeveloped self	.84	.85	-.15***	-.07 ^{ns}	-.01 ^{ns}	.86	-.09 ^{ns}	-.09 ^{ns}	-.06 ^{ns}	.14**
Failure	.88	.87	.36***	.31***	.27***	.90	.31***	.30***	.33***	-.33***
Entitlement/grandiosity	.63	.62	.21***	.16***	.26***	.70	.07 ^{ns}	.11*	.09 ^{ns}	-.11*
Insufficient self-control/self-discipline	.70	.71	.35***	.21***	.28***	.74	.22***	.21***	.22***	-.28***
Subjugation	.71	.72	.30***	.21***	.22***	.73	.27***	.19***	.27***	-.21***
Self-sacrifice	.65	.65	.26***	.25***	.29***	.65	.26***	.17***	.25***	-.17***
Approval/Recognition-seeking	.73	.73	.36***	.28***	.32***	.75	.18***	.21***	.21***	-.21***
Negativity/Pessimism	.81	.81	.49***	.39***	.41***	.74	.37***	.37***	.39***	-.39***
Emotional inhibition	.74	.79	.29***	.25***	.21***	.72	.17***	.18***	.18***	-.19***
Unrelenting standards/hypercriticalness	.70	.75	.03 ^{ns}	.06 ^{ns}	.08 ^{ns}	.79	-.01 ^{ns}	.03 ^{ns}	.02 ^{ns}	.01 ^{ns}
Punitiveness	.79	.80	.12**	.09*	.11*	.82	.10*	.12**	.12*	-.09 ^{ns}

Note: For the Brazilian sample, external variables were evaluated sample using the Depression, Anxiety and Stress Scale. For the Portuguese sample, external variables were evaluated using the Mental Health Inventory – Brief.

^a n = 560, ^b n = 456

*** p < .001, ** p < .01, * p < .05, ^{ns} non-significant

Cross-cultural mean comparisons

Following the measurement invariance findings, cross-cultural mean comparisons between Brazilian and Portuguese boys and girls were performed. Brazilian boys scored significantly higher than Portuguese boys in Self-sacrifice and Unrelenting standards/hypercriticalness, whereas Portuguese boys had significant higher mean values for Defectiveness/shame, Dependence/incompetence and Punitiveness. As for girls, Brazilian girls scored significantly higher on Self-sacrifice, Approval/recognition-seeking, and Unrelenting standards/hypercriticalness; alternatively, Portuguese girls had significantly higher mean values for Defectiveness/shame, Dependence/incompetence, Failure, and Punitiveness (cf. Table 4).

Table 4: Variant mean scores between Brazilian and Portuguese boys and girls

	Boys		Z	Girls		Z
	Brazilian	Portuguese		Brazilian	Portuguese	
Defectiveness/shame	1.79 (1.79)	2.03 (1.06)	-3.15**	1.61 (0.96)	1.89 (1.00)	-5.09***
Dependence/incompetence	1.67 (0.87)	1.91 (0.89)	-3.29**	1.63 (0.87)	1.83 (0.82)	-4.43***
Failure	2.05 (1.14)	2.08 (1.01)	Ns	2.01 (1.16)	2.08 (1.02)	-2.11*
Self-sacrifice	3.59 (1.26)	3.00 (1.05)	-4.22***	3.68 (1.31)	3.37 (1.14)	-3.06**
Approval/Recognition-seeking	2.79 (1.33)	2.63 (1.18)	Ns	2.67 (1.30)	2.38 (1.07)	-2.61**
Unrelenting standards/Hypercriticalness	3.79 (1.39)	3.49 (1.46)	-2.02*	3.15 (1.45)	2.84 (1.35)	-2.77**
Punitiveness	2.28 (1.26)	2.79 (1.23)	-4.26***	2.23 (1.23)	2.75 (1.16)	-6.38***

Note: Results are presented as M(SD). ns = non-significant

*** $p < .001$, ** $p < .01$, * $p < .05$

Discussion

This work presented the cross-cultural validation and psychometric analyses of the Brief Form of the Young Schema Questionnaire for Adolescents in Portuguese and Brazilian samples. Results offered support for the evaluation of the 18 EMSs proposed by Young and colleagues (Young, 1999; Young et al., 2003) through the B-YSQ-A. In addition, the 18 EMSs proved reliable in terms of internal consistency. Results are similar to other studies

encompassing the validation of different versions of the YSQ for younger individuals (Calvete et al., 2013; Saritas & Gençöz, 2011; Van Vlierberghe et al., 2010). The 18 EMSs measurement model proposed by Santos (2009) was found to be an adequate fit for the complete sample of the current work, more so then considering the 5 schema domains also proposed by Young et al. (2008); this finding replicates not only what has been found using the B-YSQ-A (Santos et al., s.d.), but also concurs with previous literature that has been inconsistent in (not) finding evidence for those domains. Moreover, items composing each schema were found to be similarly explicative of the Brazilian and Portuguese experience of those constructs, for both boys and girls.

Symptoms of depression and anxiety were related to the EMSs in both samples, concurring to the construct validity of the B-YSQ-A. Scores on depression were strongly associated with Abandonment/instability, Mistrust/abuse, Emotional deprivation, Social isolation/alienation, Failure and Negativity/Pessimism EMSs. The themes portrayed by these EMS are in accordance with the cognitive model relating depression with loss (e.g., Abandonment/instability), hopelessness (e.g., Negativity/pessimism), deprivation (e.g., Emotional deprivation), failure and negative self-evaluation (e.g., Social isolation/alienation) (Young, Beck, & Weinberger, 1993). These results are also in line with previous studies in adolescence, though we worked on the schema level whereas those studies took schema domains into consideration. For example, Calvete et al. (2013) found that EMSs within the Disconnection and Rejection domain were predictors of depressive symptoms in adolescence. The Disconnection/rejection and impaired autonomy/performance domains were also found to be associated with initial levels and stability of depressive symptoms over time in adolescents (Calvete et al., 2015).

Concerning anxiety, its scores were strongly associated with Vulnerability to harm or illness, Abandonment/instability, Mistrust/abuse, Social isolation/alienation,

Negativity/Pessimism and Failure EMSs. Again, these themes are those that were to be expected to associate with anxiety, concerning a cognitive perspective that suggests the presence of anticipatory negative evaluations (e.g, Mistrust/abuse), of perceptions that others are more socially competent (e.g., Social isolation/alienation and Failure) and of beliefs about physical and psychological threats (e.g., Vulnerability to harm or illness). Previous studies suggested that anxiety disordered individuals present high levels of EMSs (Cámara & Calvete, 2012; Hawke & Provencher, 2011). These schemas are within the Disconnection/rejection and impaired autonomy domains, which have been found to have a relevant role on anxiety symptoms among adolescents (Calvete et al., 2015). In addition, these results were consistent with those obtained by Van Vlierberghe et al. (2010), who found an association between internalizing symptoms and the EMSs of Abandonment/instability, Mistrust/abuse, Social isolation/alienation and Defectiveness/shame.

For Portuguese adolescents, well-being was negatively associated with Abandonment/instability, Mistrust/abuse, Social isolation/alienation, Emotional deprivation, Defectiveness/shame, Negativity/Pessimism and Failure EMSs, indicating that the greater the presence of those EMSs, the lower the well-being scores. These results confirm the proposition that EMSs are associated with psychopathology, according to the assumptions of Schema Therapy (Young et al., 2003). Interestingly, the very EMSs that associated positively with depression and anxiety were the ones that negatively associated with well-being; these may well be the most relevant to consider during adolescence, either as vulnerability or protective factors in what respects internalizing symptomatology.

Because measurement invariance was previously established, we were able to proceed with credible comparisons of the endorsement of EMSs between Brazilian and Portuguese adolescents, which constitutes an innovative feature of the present work. By doing so, several cultural differences were found that might be explained by cultural specific parent-child

attachment patterns and the context/circumstances where they develop, given that both can contribute to the development of EMSs (Roelofs et al., 2011; Thimm, 2010). Likewise, according to Young et al. (2003), the main causal factor in the development of EMSs are early negative relational experiences during childhood and adolescence.

Brazilian participants, boys and girls, seem to reveal a tendency to sacrificing their needs in interpersonal relationships (i.e., Self-sacrifice) and striving for perfectionist performance (i.e., Unrelenting standards/hypercriticalness). In comparison with Portuguese adolescents, Brazilians adolescents tend to be more exposed to several risk factors, including poverty, family and community violence (Benetti, Schwartz, Soares, Macarena, & Pattussi, 2014; Gil da Silva & Dell’Aglío, 2016; Pinto & Assis, 2013), and higher rates of child labor (Brazilian Institute of Geography and Statistics, 2016). Such experiences may have influenced the development of self-sacrifice EMSs in a stronger way. Although most parents of Brazilian adolescents tend to use authoritative parental style, a portion still uses coercive and punitive practices (Leme, Del Prette, & Coimbra, 2013; Pacheco, Silveira, & Schneider, 2008), which may lead adolescents to feel the need to be perfect and hypercritical more than Portuguese adolescents.

In turn, Portuguese adolescents, boys and girls, identified more with feeling there is something intrinsically wrong with them (i.e., Defectiveness/shame and Failure), that they are unable to perform daily tasks (i.e., Dependence/incompetence), and that they should be harshly punished for their mistakes (i.e., Punitiveness). On the other hand, while in adults all the 18 EMSs have been considered to be maladaptive (Young et al., 2003), the endorsement of EMSs such as Dependency and Approval/recognition seeking may be normative and even adaptive during adolescence. The study by Jensen and Dost-Gözkan (2014) showed that throughout adolescence there is a process of seeking to increase behavioral autonomy and limiting parental control/authority. However, parents are usually concerned with maintaining

order in the family and act as an authority figure upon their children; thus, dependency on parental figures is to be expected, which will be gradually transformed into greater parental openness to the autonomy and independence of the children. Furthermore, Dependency and Approval/recognition seeking, in adolescence, are not restricted only to parents. These may be linked to peer group, which assumes an important role in the social context of adolescents. Being popular and desiring to achieve a high status position in the peer group is important to psychosocial aspects through adolescence (Ruschoff, Dijkstra, Veenstra, & Lindenberg, 2015). Future research may investigate how EMSs can become stable during adolescence and which are considered maladaptive during this period (Teixeira, 2010).

The present study is not free of limitations. First, though gender invariance has been found for the B-YSQ-A (Santos et al, s.d.) and though girls are more prevalent in both the Brazilian and Portuguese school systems, there is gender bias in the current sample, because it is predominantly made of females. Second, there is a limitation relating with the sole use of self-report measures. EMSs have been mainly assessed through self-report instruments due to practical reasons but limitations of assessing these constructs via self-report methods have been previously outlined (e.g., Rijo, 2017), namely the fact that conscious access to childhood memories related to EMSs can trigger undesired and intense negative affect leading individuals to avoid evoking such kind of information. Third, we used a non-clinical sample. Then, the generalization of findings should be carefully to clinical populations. Future research should examine the B-YSQ-A factor structure across clinical samples (e.g., adolescents referred to mental health services) and non-clinical samples. The external variables that were used for gathering evidence on construct validity were restricted to internalizing symptomatology; new studies should investigate possible associations between EMSs and externalizing symptomatology on adolescents, in line with what has been done before using other versions of the YSQ (Calvete, 2008).

Despite these limitations, this study was carried out with a large sample and contributed to the cross-cultural validation of the short version of the Young Schema Questionnaire for adolescents, enabling the accurate assessment of the theoretically proposed 18 Early Maladaptive Schemas. Furthermore, this study adds evidence to this instrument being useful for cross-cultural studies, given that the requisite of equivalence of the measure regardless of the context in which it is used was ascertained. Summing up, this study shows that the B-YSQ-A has satisfactory psychometric properties in terms of factor structure, internal consistency and convergent validity, across two Portuguese speaking countries.

Supplementary material 1:

Theoretical conceptualization of the 18 EMSs and their respective domains

Domains	Early Maladaptive Schemas	Brief Description
1. Disconnection and Rejection	1. Abandonment/Instability	The belief that others are unstable and that oneself will be abandoned at any time
	2. Mistrust/Abuse	The belief that others will humiliate, abuse or deceive oneself
	3. Emotional Deprivation	The belief that others will not offer adequate emotional support
	4. Defectiveness/Shame	The belief that one is unsuited or worthless
	5. Social Isolation/Alienation	The belief that one exists separated from others
2. Impaired Autonomy and Performance	6. Dependence/Incompetence	The belief that one is unable to take care of oneself when alone
	7. Vulnerability to Harm or Illness	The belief that an impending catastrophe will fall on yourself
	8. Enmeshment/Undeveloped Self	Excessive emotional involvement and intimacy
	9. Failure	The belief that one is not capable or is a failure
3. Impaired Limits	10. Entitlement/Grandiosity	The belief that one is superior to and better than others
	11. Insufficient self-control/Discipline	Difficulty in control over one's impulses and desires and difficulties in tolerating frustration
4. Other Directedness	12. Subjugation	Excessive surrendering of control to others because one feels coerced, usually to avoid anger, retaliation, or abandonment.
	13. Self-Sacrifice	Excessive focus on the needs of others
	14. Approval/Recognition seeking	Excessive emphasis on obtaining approval or recognition from others
5. Overvigilance and Inhibition	15. Negativity/Pessimism	The pervasive focus on negative aspects of life
	16. Emotional Inhibition	Inhibition of emotional expression
	17. Unrelenting Standards/Hypercriticalness	Exaggerated self-criticism and perfectionism
	18. Punitiveness	The belief that mistakes warrant punishment

Supplementary material 2:

Item loading values for the 18 EMSs, for the complete sample and by country of origin

	Complete sample	Male sample		Female sample	
		Brazilian	Portuguese	Brazilian	Portuguese
Abandonment/ instability					
Item 10	0.63	0.56	0.72	0.42	0.65
Item 23	0.64	0.74	0.83	0.75	0.79
Item 34	0.59	0.70	0.66	0.69	0.76
Mistrust/ abuse					
Item 24	0.58	0.66	0.69	0.60	0.70
Item 35	0.83	0.59	0.62	0.61	0.66
Item 43	0.79	0.62	0.55	0.59	0.55
Emotional deprivation					
Item 9	0.69	0.59	0.62	0.51	0.65
Item 33	0.79	0.79	0.75	0.83	0.90
Item 42	0.68	0.80	0.78	0.79	0.83
Defectiveness/ shame					
Item 1	0.69	0.71	0.63	0.69	0.71
Item 12	0.79	0.79	0.74	0.81	0.82
Item 37	0.68	0.73	0.78	0.57	0.70
Social isolation/ alienation					
Item 11	0.76	0.73	0.83	0.69	0.85
Item 36	0.83	0.82	0.90	0.87	0.81
Dependence/ incompetence					
Item 13	0.57	0.65	0.68	0.58	0.47
Item 26	0.56	0.60	0.61	0.66	0.54
Item 46	0.68	0.56	0.69	0.58	0.78
Vulnerability to harm of illness					
Item 14	0.49	0.47	0.52	0.72	0.46
Item 39	0.73	0.67	0.72	0.64	0.81
Item 47	0.59	0.54	0.65	0.80	0.60
Enmeshment/ undeveloped self					
Item 15	0.73	0.70	0.69	0.81	0.77
Item 27	0.70	0.69	0.81	0.81	0.75
Item 48	0.81	0.72	0.80	0.75	0.88
Failure					
Item 25	0.79	0.74	0.83	0.59	0.81
Item 38	0.84	0.87	0.82	0.52	0.88
Item 45	0.77	0.78	0.78	0.35	0.82
Entitlement/ grandiosity					

Item 5	0.46	0.53	0.30	0.51	0.44
Item 20	0.67	0.59	0.80	0.58	0.68
Item 40	0.54	0.51	0.79	0.59	0.62
Insufficient self-control/ self-discipline					
Item 6	0.56	0.55	0.58	0.65	0.59
Item 29	0.65	0.70	0.64	0.63	0.64
Item 53	0.60	0.55	0.73	0.47	0.66
Subjugation					
Item 16	0.65	0.59	0.75	0.46	0.70
Item 28	0.67	0.68	0.61	0.69	0.73
Item 49	0.48	0.49	0.59	0.62	0.43
Self-sacrifice					
Item 2	0.47	0.53	0.45	0.46	0.39
Item 17	0.67	0.59	0.65	0.69	0.72
Item 50	0.68	0.68	0.64	0.62	0.76
Approval/ Recognition-seeking					
Item 21	0.53	0.54	0.53	0.47	0.57
Item 30	0.69	0.65	0.85	0.71	0.67
Item 54	0.74	0.78	0.79	0.70	0.70
Negativity/ pessimism					
Item 7	0.71	0.66	0.73	0.69	0.70
Item 22	0.77	0.79	0.75	0.73	0.78
Item 31	0.70	0.58	0.76	0.73	0.79
Emotional inhibition					
Item 3	0.63	0.60	0.66	0.57	0.72
Item 18	0.69	0.68	0.78	0.62	0.79
Item 51	0.66	0.60	0.66	0.59	0.78
Unrelenting standards/ hypercriticalness					
Item 4	0.71	0.47	0.71	0.67	0.73
Item 19	0.68	0.75	0.80	0.59	0.80
Punitiveness					
Item 8	0.66	0.55	0.69	0.69	0.68
Item 32	0.79	0.83	0.84	0.66	0.85
Item 41	0.68	0.68	0.82	0.62	0.67

CAPÍTULO VIII

Artigo empírico:

Esquemas iniciais desadaptativos como mediadores da exposição aos maus tratos na infância e a perpetração física no namoro na adolescência

Resumo: Este estudo investigou a associação entre a exposição aos maus tratos na infância e a perpetração de violência física nas relações afetivo-sexuais de adolescentes de 14-19 anos de idade. Para tanto, um modelo de mediação foi conduzido para determinar se tais relações podem ser mediadas por Esquemas Iniciais Desadaptativos (EIDs), a partir da abordagem teórica da Terapia dos Esquemas. Além disso, buscou-se verificar se o modelo é invariante para adolescentes do sexo feminino e masculino. Os resultados indicaram que adolescentes perpetradores de violência no namoro, com histórico de maus tratos na infância, tiveram escores significativamente mais altos na perpetração de violência íntima, do que adolescentes sem histórico de maus tratos. Os EIDs do domínio de Desconexão e Rejeição foram considerados mediadores entre a exposição aos maus tratos e a violência no namoro na adolescência, sendo que este modelo se mostrou mais adequado ao sexo feminino. Implicações clínicas destes achados foram discutidas.

Palavras-chave: Violência no namoro, Maus tratos infantis, Esquemas iniciais desadaptativos, Terapia dos Esquemas.

Abstract: This study investigated the association between exposure to child maltreatment and physical dating violence in affective-sexual relationship among adolescents (14-19 aged). A mediation model was conducted to determine whether this associations can be mediated by early maladaptive schemas (EMSs), from the theoretical approach of Schema Therapy. In addition, it sought to verify the invariant model by sex. The results indicated adolescents perpetrators of dating violence, with a history of child maltreatment, had significantly higher scores in the perpetration of intimate violence than adolescents with no history of maltreatment. Disconnection and Rejection domain schemas were mediators between exposure to child maltreatment and physical dating violence in adolescence, and this model was more adequate to females. Clinical implications of these findings were discussed.

Key-words: Dating violence, Child maltreatment, Early maladaptive schemas, Schema Therapy.

Introdução

A violência nas relações afetivo-sexuais ou violência no namoro (*teen dating violence*) engloba uma variedade de comportamentos abusivos, incluindo atos de violência física, psicológica e sexual, que ocorrem dentro de um contexto de relações românticas atuais ou passadas entre pré-adolescentes, adolescentes e jovens adultos (Mulford & Blachman-Demner, 2013). Esse estudo busca dar ênfase à perpetração física presente nos relacionamentos afetivo-sexuais (“ficar” e namorar) em adolescentes de ambos os sexos, investigada a partir do “*Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory*” (CADRI; Wolfe, Scott, Reitzel-Jaffe, & Wekerle, 2001). A categoria de violência física, nesse instrumento, engloba situações de agressões que incluem dar

tapa, bater, chutar, dar soco, empurrar, puxar o cabelo ou usar objetos para ferir o outro (jogar algo contra a pessoa).

No que se refere à prevalência de violência física contra um namorado, diversos estudos indicam que sua prevalência é alta e diversificada em diferentes países, conforme o método e a concepção de violência adotada. A prevalência variou entre 5,9% em Portugal (Beserra et al., 2016), 14,8% na Coréia do Sul (Jennings et al., 2014), 20,2% nos EUA (Coker et al., 2014) e 24,3% na Espanha (Fernandez-Fuertes & Fuertes, 2010). No estudo multicêntrico internacional desenvolvido por Straus (2004), incluindo 31 universidades em 16 países, houve uma taxa de 29% de perpetração física em relacionamentos de jovens universitários. Em uma revisão sistemática da literatura ($n= 101$ estudos), Wincentak, Connolly e Card (2016) indicaram que 25% das meninas e 13% dos meninos (idades entre 13 e 18 anos) perpetraram violência física em seus relacionamentos íntimos. Para as pesquisas que utilizaram a CADRI como medida de investigação da perpetração física no namoro, foi observada uma prevalência similar em alguns países. Por exemplo, estudo com 918 adolescentes, nos EUA, indicou que 19,8% perpetraram violência física (Choi, Weston, & Temple, 2017). Em outro estudo com 729 jovens universitários, no México, a perpetração física foi de 16,6% (Lazarevich, Camacho, Sokolova, & Gutiérrez, 2013). No Brasil, estudo multicêntrico com 3.205 adolescentes de 15 a 19 anos, de 10 capitais, indicou uma taxa de perpetração de 24,1% (Oliveira, Assis, Njaine, & Oliveira, 2011).

Estudos prévios indicam que a exposição aos maus tratos na infância é um importante fator de risco para a ocorrência de violência nas relações amorosas na adolescência (Dardis, Edwards, Kelley, & Gidycz, 2013; Faias, Caridade, & Cardoso, 2016; Gómez, 2011; Izaguirre & Calvete, 2017; Wolfe, Wekerle, Scott, Straatman, & Grasley, 2004). Os maus tratos contra a criança podem ser compreendidos como

qualquer tipo de violência física, emocional, sexual, abandono, negligência, exploração comercial que cause dano à saúde, à sobrevivência, ao desenvolvimento ou à dignidade da criança (World Health Organization, WHO, 2002). Um estudo com 2.541 jovens universitários (EUA, Kaukinen, Buchanan, & Gover, 2015) indicou que 26,5% dos adolescentes com histórico de abuso infantil perpetraram violência em seus relacionamentos íntimos. Em outro estudo com jovens universitários da Coréia do Sul, para vítimas de maus tratos físicos na infância houve um aumento de 2,11 na chance de ser perpetrador de violência no namoro, quando comparadas a jovens que não sofreram maus tratos (Jennings et al., 2014).

A exposição aos maus tratos têm sido descrita como parte do fenômeno de transmissão intergeracional da violência, no qual crianças expostas a esses tipos de estressores no contexto familiar experienciam e perpetram violência quando adultas, repetindo os padrões de interação interpessoal aprendidas na infância (Izaguirre & Calvete, 2017). Muitos estudos na área adotam a Teoria da Aprendizagem Social, proposta por Albert Bandura (Bandura, 1973; Bandura, Azzi, & Polydoro, 2008), para explicar as relações entre essas variáveis. Dessa forma, através da aprendizagem vicariante, crianças oriundas de contextos familiares violentos podem reproduzir por observação o uso de agressões em suas relações íntimas ou o comportamento de aceitarem ou tolerarem mais facilmente o uso da violência, além de apresentar mais dificuldades nas competências interpessoais e resolução de conflitos (Caridade, 2011; Faias et al., 2016). Contudo, limitações foram apontadas em estudos embasados nos pressupostos teóricos da Teoria da Aprendizagem Social. Caridade (2011) argumenta que nem todos os adolescente expostos à violência intrafamiliar perpetraram violência em suas relações íntimas, assim como que pessoas que não experienciaram violência na infância podem se tornar perpetradoras.

Dessa forma, estudos atuais têm indicado que o efeito da exposição aos maus tratos na infância não produz um efeito direto à violência no namoro na adolescência, mas sim que há diferentes variáveis cognitivas e emocionais que funcionam como mediadoras dessa relação. Por exemplo, crenças sobre aceitação da violência (Ponce, Williams, & Allen, 2004), regulação da raiva e sintomas psicológicos derivados do trauma infantil (Clarey, Hokoda, & Ulloa, 2010; Reyes et al., 2015; Wolfe et al., 2004) foram descritos como variáveis mediadoras. No estudo de Calvete e Orue (2013), com adolescentes espanhóis, a exposição à violência na família foi associada com perpetração de violência no namoro e parte dessa associação foi mediada por crenças que justificam a violência nas relações de intimidade e por esquemas cognitivos de grandiosidade. Já no estudo de Clarey et al. (2010), com adolescentes mexicanos, a falta de controle da raiva e uma maior aceitação quanto ao uso de violência mediarão as relações entre conflito interparental e perpetração de violência no namoro. A história de maus tratos na infância foi fortemente associada ao desenvolvimento de sintomas psicológicos, indicando um efeito indireto na associação entre maus tratos e violência no namoro (Wolfe et al., 2004).

No que se refere à diferença por sexo, Gover, Park, Tomsich e Jennings (2011) indicaram que os maus tratos se constituem em um preditor importante da violência no namoro, tanto para jovens do sexo feminino quanto do sexo masculino. Na mesma direção, diferentes formas de maus tratos na infância (negligência, abuso psicológico, físico e sexual) foram associados à perpetração de violência no namoro, independente do sexo do adolescente (Dardis et al., 2013). Já no estudo de Wolfe et al. (2004), o impacto dos maus tratos foi influenciado pelo sexo do adolescente: os maus tratos predizeram mais atitudes favoráveis à violência em meninos, que por sua vez contribuíram para a violência no namoro, enquanto que para meninas, déficits na

capacidade de empatia foram mais consistentes para a violência no namoro. Portanto, a forma como os maus tratos influenciam na predição de violência no namoro em adolescentes é mediada por diferentes fatores e por sexo.

A fim de avançar na compreensão de como a violência intrafamiliar na infância pode contribuir para a perpetração da violência no namoro, busca-se neste estudo adotar os pressupostos teóricos da Terapia dos Esquemas (Young, 2003; Young, Klosko, & Weishaar, 2008). Nesta teoria, os Esquemas Iniciais Desadaptativos (EIDs) assumem um papel importante, os quais podem ser compreendidos como padrões emocionais e cognitivos autoderrotistas, resistentes à mudança, disfuncionais em um grau significativo, e associados à visão de si em relação ao ambiente (Young, 2003; Young et al. 2008). Os EIDs desenvolvem-se durante a infância e são elaborados ao longo da vida, sendo o resultado do temperamento inato da criança interagindo com as experiências iniciais com os pais e cuidadores. Nas fases posteriores do ciclo vital, os esquemas são ativados por acontecimentos ambientais relevantes para o esquema, como, por exemplo, frente aos conflitos nos relacionamentos interpessoais do indivíduo (Young et al., 2008). Necessidades emocionais básicas não atendidas na infância precoce e padrões continuados de experiências nocivas, como maus tratos infantis, são descritas como as principais origens do desenvolvimento dos EIDs. Estudos têm indicado uma associação significativa entre maus tratos na infância e EIDs (Calvete, 2014; Calvete & Orue, 2013; Wright, Crawford, & Del Castillo, 2009).

De acordo com a Terapia dos Esquemas, 18 EIDs foram identificados, os quais são agrupados em cinco domínios de esquemas, correspondendo às necessidades desenvolvimentais da criança (Young, 2003). O primeiro domínio é nomeado de Desconexão e Rejeição e está associado à necessidade básica de segurança, estabilidade emocional, cuidado, sentimento de conexão e de aceitação. Quando essas necessidades

emocionais básicas não são atendidas satisfatoriamente, o indivíduo fica propenso a desenvolver os esquemas de Abandono/instabilidade, Desconexão/abuso, Privação emocional, Defectividade/vergonha e Isolamento social/alienação. O segundo domínio é o de Autonomia e Desempenho Prejudicados. A família de origem tende a ser superprotetora, emaranhada e com dificuldade em desenvolver a autonomia da criança (Young et al., 2008). As pessoas com esquemas deste domínio tendem a ter dificuldade em se perceber como autônomos e independentes (Wainer & Rijo, 2016). Os EIDs de Dependência/incompetência, Vulnerabilidade ao Dano, Emaranhamento/*self* subdesenvolvido e Fracasso compõem este domínio. O terceiro domínio é o de Limites Prejudicados, caracterizado pela falta de limites internos, dificuldade em reconhecer os direitos alheios e em estabelecer compromissos ou definir e cumprir objetivos pessoais realistas (Young et al., 2008). A família típica é permissiva, indulgente ou exageradamente crítica e punitiva (Wainer & Rijo, 2016). Os EIDs deste domínio são o de Arrogo/grandiosidade e o de Autocontrole/autodisciplina insuficientes. O quarto domínio é o de Direcionamento para o Outro, caracterizado pela preocupação excessiva com as necessidades alheias, à custa das próprias necessidades (Young et al., 2008). Indivíduos com os EIDs deste esquema aprenderam a suprimir aspectos importantes de si próprios para obter amor, aceitação social ou *status*. Os EIDs pertencentes a esse domínio são: Subjugação, Autossacrifício e Busca por Aprovação. O quinto domínio é nomeado de Supervigilância e Inibição e está associado ao cumprimento de regras rígidas internalizadas, à custa da felicidade e da expressão espontânea de sentimentos. Há um foco excessivo no perfeccionismo, na rigidez e no pessimismo. A família típica é severa, punitiva e rígida (Young et al., 2008). Os EIDs desse domínio são: Negativismo/pessimismo, Inibição emocional, Padrões inflexíveis/postura crítica exagerada e Postura punitiva.

Particularmente, pesquisas têm apontado a presença dos esquemas de Desconexão e Rejeição em adolescentes e mulheres adultas vítimas de maus tratos na infância e de violência na intimidade. Na população de adolescentes, Calvete, Fernández-González, Orue e Little (2018) investigaram a associação entre violência na família e perpetração de violência no namoro em um estudo longitudinal com 867 adolescentes de 12 a 18 anos (Espanha), indicando que os EIDs dos domínios de Desconexão e Rejeição e de Limites Prejudicados podem atuar como mecanismos pelos quais a violência na infância pode ser transmitida intergeracionalmente. Na população adulta, estudos prévios têm apontado associação entre violência do parceiro íntimo e EIDs em mulheres adultas, sobretudo no que se refere ao papel dos esquemas do domínio de Desconexão e Rejeição (Atmaca & Gençöz, 2016; Paim & Falcke, 2016; Taskale & Soygüt, 2017). Em uma pesquisa com 222 mulheres turcas vítimas de violência do parceiro íntimo (VPI), foi observada uma associação entre maus tratos na infância, EIDs e VPI. Os esquemas de Desconexão e Rejeição mediarão a associação entre os maus tratos e VPI (Atmaca & Gençöz, 2016). Em outro estudo com mulheres vítimas de VPI (Espanha), os esquemas de Desconexão e Rejeição mediarão a associação entre a vitimização e o desenvolvimento de sintomas depressivos. Esses diferentes estudos indicam que os EIDs podem ser um dos fatores cognitivos associados à interação entre violência na infância e violência na intimidade.

No Brasil, Paim e Falcke (2016) investigaram o perfil de EIDs em adultos com histórico de violência conjugal (violência física), comparando-os a um grupo sem violência. Os esquemas de desconfiança/abuso, defectividade/vergonha, isolamento social foram significativamente associados ao grupo com histórico de violência conjugal. Em outro estudo, com adultos de 22 a 74 anos, os esquemas de desconfiança/abuso, dependência/incompetência, emaranhamento e

grandiosidade/arrogo foram relacionados com perpetração de violência conjugal (Paim, Madalena, & Falcke, 2012).

Ainda, no contexto brasileiro, estudos têm apontado a associação entre violência intrafamiliar e perpetração de violência física e psicológica no namoro de adolescentes (Barreira et al., 2013; Oliveira, Assis, Njaine, & Pires, 2014). Contudo, nesses estudos não há uma investigação sobre quais variáveis cognitivas podem influenciar a perpetração da violência no namoro em adolescentes. O objetivo deste estudo foi investigar a associação entre os EIDs e a perpetração de violência física nas relações afetivo-sexuais na adolescência. A hipótese proposta é de que a exposição aos maus-tratos na infância contribui para a ocorrência de violência física no namoro na adolescência, sendo que os EIDs podem assumir o papel de mediadores nessa associação. Buscou-se ainda investigar se o modelo é invariante para adolescentes do sexo feminino e masculino. Além disso, foram investigados os padrões de perpetração de violência no namoro por sexo e pela presença de maus tratos ao longo da infância. Diferença nos escores dos EIDs também foi investigada quanto à presença ou ausência de histórico de maus tratos na infância.

Método

Participantes

Participaram deste estudo 525 adolescentes (58,5% feminino), entre 14 e 19 anos de idade. A coleta de dados ocorreu em 10 escolas de Ensino Médio das cidades de Porto Alegre/RS e de Novo Hamburgo/RS. A maioria das escolas eram públicas (66,8%), duas escolas eram privadas (14,9%) e uma escola era profissionalizante (18,3%). Foram utilizados como critérios de inclusão: ter entre 14 e 19 anos de idade; e

já ter tido ou estar em um relacionamento amoroso na adolescência (“ficar” ou namorar). Os adolescentes foram divididos em três grupos, conforme descritos a seguir:

Grupo 1 (G1) - Adolescentes perpetradores de violência nas relações afetivo-sexuais na adolescência e vítimas de maus tratos na infância

É composto por 288 adolescentes ($n= 167$ sexo feminino, 58,0%; $n= 121$ sexo masculino, 42,0%), com idade média de 16,71 anos ($DP=1,14$). No que se refere ao tipo de relacionamento afetivo-sexual vivenciado no momento da pesquisa, 67% dos adolescentes estavam namorando e 31,9% “ficando” com alguém. Mais da metade dos adolescentes eram oriundos de famílias nucleares (51,7%). Adolescentes perpetradores de violência no namoro, com histórico de exposição aos maus-tratos ao longo da infância, relataram ter sido vítima de violência psicológica/ameaças (100%), violência física (89,6%), negligência (46,2%) e abuso sexual (6,9%). Cerca de 58,8% relataram testemunhar agressões verbais entre os pais, 7,5% testemunharam violência física e 5,4% ameaças.

Grupo 2 (G2) - Adolescentes perpetradores de violência nas relações afetivo-sexuais na adolescência e não vítimas de maus tratos na infância

Este grupo é formado por 109 adolescentes ($n= 74$ sexo feminino, 67,9%; $n= 35$ sexo masculino, 32,1%), com média de idade de 16,54 anos ($DP=1,30$). No momento da coleta de dados, a maioria dos adolescentes estava namorando (73,1%) e 26,9% deles tinham um relacionamento do tipo “ficar”. A família de origem é em sua maioria do tipo nuclear (57,8%).

Grupo 3 (G3) – Adolescentes não perpetradores de violência nas relações afetivo-sexuais na adolescência

Esse grupo é composto por 128 adolescentes ($n= 66$ sexo feminino, 51,6%; $n= 62$ sexo masculino, 48,4%), com idade média de 16,52 anos ($DP= 1,20$), oriundos em sua maioria de famílias nucleares (58,6%). No momento da pesquisa, 60,4% dos adolescentes relataram estar namorando e 39,6% de estar “ficando” com alguém.

Instrumentos

Foram avaliadas as seguintes variáveis, por meio de instrumentos de autorrelato:

-*Dados sociodemográficos e relações afetivo-sexuais na adolescência.* O questionário foi elaborado pelos autores para avaliar características individuais (idade, sexo, escolaridade, uso de álcool e outras drogas), familiares (com quem morava, presença de violência conjugal entre os pais, uso de drogas por familiares) e sobre os relacionamentos afetivo-sexuais atuais ou passados (tipo de envolvimento, duração, dados sobre o parceiro).

- *Violência nas relações afetivo-sexuais na adolescência.* Foi utilizado o Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro na Adolescência (CADRI, Wolfe, Scott, Reitzel-Jaffe, & Wekerle, 2001, adaptado para o Brasil por Avanci & Assis, 2011), que avalia a presença e a frequência de comportamentos abusivos em relacionamentos afetivo-sexuais na adolescência. O instrumento é composto por 70 questões, tanto em situações em que a pessoa é vítima (25 itens) quanto em situações em que é perpetrador (25 itens), sendo que há ainda 20 itens considerados neutros. Este é respondido em uma escala *Likert* de quatro pontos, variando de 0 (nunca) a 3 (sempre, mais de seis vezes). A CADRI investiga as seguintes categorias de violência: Violência Física (4 itens), Violência Psicológica verbal/emocional (10 itens), Violência Psicológica/Ameaças (4

itens), Violência Psicológica Relacional (3 itens), e Violência Sexual (4 itens). O escore total para a perpetração geral varia entre um e 75 pontos. No estudo da versão brasileira (Avanci & Assis, 2011), o Alpha para a violência sofrida foi de 0,87 e para a violência perpetrada foi de 0,88. Nas subescalas, os índices de consistência interna variaram entre 0,50 (violência sexual perpetrada) e 0,84 (violência verbal emocional perpetrada). Na pesquisa atual, os Alphas de Cronbach variaram entre 0,87 para violência perpetrada e 0,90 para violência sofrida.

- *Esquemas Iniciais Desadaptativos*. Foi utilizada uma versão luso-brasileira do Questionário de Esquemas para Adolescentes (QEA, Versão portuguesa de Santos, 2009, validada para o Brasil por Borges, Vagos, Rijo, & Dell’Aglío, s.d.), que avalia os 18 esquemas iniciais desadaptativos, a partir do modelo proposto da Terapia Focada nos Esquemas, por meio de 52 itens, apresentados de forma não consecutiva, em uma escala *Likert* de seis pontos (1= “Não tem nada a ver com o que acontece comigo” a 6= “É exatamente o que acontece comigo”). Uma Análise Fatorial Confirmatória confirmou os 18 fatores propostos teoricamente (Borges et al., s.d). Na amostra brasileira, a consistência interna variou entre $\alpha=.63$ para o esquema de Arrogância/Grandiosidade e $\alpha=.88$ para o esquema de Fracasso.

- *Exposição aos maus tratos na infância*. Foi utilizada a Escala de Exposição à Violência Intrafamiliar na Infância (EEVII, Borges & Dell’Aglío, s.d.). Este instrumento foi desenvolvido pelas autoras a fim de investigar, de forma retrospectiva, a exposição dos adolescentes a situações de maus tratos ao longo da infância, perpetrado pelos pais ou cuidadores principais. A EEVII é composta por 19 itens, que são respondidos por meio de uma escala *Likert* de quatro pontos (0= *nunca* e 3= *sempre*), que avaliam quatro tipos de maus tratos infantis: 1) Abuso físico (4 itens), incluindo ter sido agredido fisicamente pelos cuidadores com socos, tapas, cinto ou ameaça de que

seria agredido fisicamente; 2) Abuso psicológico/abandono (8 itens), inclui os itens que avaliam a ameaças, humilhações, xingamentos por meio de nomes depreciativos e situações de abandono; 3) Abuso sexual (3 itens), envolve itens que avaliam se os cuidadores perpetraram algum tipo de abuso sexual com ou sem intercurso sexual completo; e 4) Negligência (4 itens), que inclui itens sobre ausência de cuidado material ou psicológico, como os pais não ter levado o filho ao médico quando necessário ou não terem ido à escola quando solicitado. O escore total na EEVII pode variar entre um a 57 pontos. Os itens foram criados a partir da literatura referente aos maus tratos infantis (Borges & Dell’Aglia, 2008; Brasil/Ministério da Saúde, 2001; De Antoni, Barone, & Koller, 2007; WHO, 2002), sendo que três profissionais *experts* na área foram convidados para ser juízes. Posteriormente, foi realizado um estudo piloto com 15 adolescentes de uma escola pública, a fim de avaliar o conteúdo semântico dos itens para o público adolescente. Na pesquisa atual, os Alphas de Cronbach variaram entre 0,44 para Negligência e 0,75 para abuso psicológico/abandono, sendo que o Alpha da escala geral foi de 0,83.

Procedimentos

A participação dos adolescentes na pesquisa ocorreu de forma voluntária, após *rapport* inicial em que foram apresentados os objetivos do estudo. Foi solicitado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (para os pais dos adolescentes menores de 18 anos e para os próprios adolescentes com idade acima de 18 anos), assim como o assentimento dos adolescentes. A aplicação foi coletiva, nas próprias escolas, com duração média de uma hora. Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Parecer 1.143.563 de 06 de julho de 2015).

Inicialmente foi realizada uma descrição dos padrões de perpetração de violência no namoro. Foram considerados perpetradores os adolescentes que tiveram pontuação maior ou igual a um ponto nos escores da CADRI perpetração. Para o grupo de exposição aos maus tratos na infância foram considerados os adolescentes que obtiveram escore maior ou igual a um ponto no escore total da EEVII. Foi realizada análise de frequência simples dos maus tratos sofridos na infância, por sexo, para adolescentes do G1. Foi realizado teste *t* para verificar diferença nos escores da CADRI por grupo (G1 e G2) e para investigar diferença por sexo nos escores da EEVII. Nesse estudo, foi utilizado intervalo de confiança de 95% e classificação proposta por Cohen (1988) para interpretar a magnitude do tamanho de efeito: 0,20-0,49= pequeno; 0,50-0,79= moderado; e acima de 0,80= grande tamanho de efeito.

No que se refere aos EIDs, foi realizada uma ANOVA, seguida de teste *post hoc* de Tukey, para investigar diferença nos escores dos EIDs entre os grupos (G1, G2 e G3). Foram utilizados os escores médios dos itens de cada EIDs para o cálculo da média (pontos ponderados). Além disso, foi realizado um teste *t* para examinar se há diferença por sexo nos EIDs.

Para o modelo de mediação, foi utilizado o escore total da EEVII, o escore da CADRI perpetração física e o somatório dos escores ponderados dos EIDs. O modelo de mediação busca explicar o mecanismo pelo qual a função mediadora (3ª variável) contribui na explicação da natureza da relação entre a variável independente (X) e a variável dependente (Y) (Baron & Kenny, 1986). Para estabelecer que a variável mediadora (M) estabelece uma mediação na relação X-Y, o efeito de X sobre Y, controlado por M, deve ser zero. O modelo de mediação é baseado em variáveis observadas. Assim, buscou-se testar um modelo de mediação em que a exposição aos maus tratos na infância (variável independente X) afeta direta e indiretamente a

perpetração de violência nos relacionamentos afetivo-sexuais na adolescência (variável dependente Y), sendo que essa relação pode ser mediada pela presença de EIDs (variável mediadora M). Esse modelo teórico foi hipoteticamente elaborado a partir dos dados da literatura. Foram realizadas várias tentativas de se contruir um modelo válido, sendo que o único modelo de mediação significativo e com ajustes de modelo adequados foi o que incluiu os maus-tratos na infância, a perpetração de violência física no namoro e os EIDs de Abandono/instabilidade, Desconfiança/abuso, Privação emocional, Defectividade/vergonha e Isolamento social, que teoricamente, compõem o domínio de Desconexão e Rejeição. Dessa forma, foi realizado somatório dos pontos destes EIDs que compõem este domínio (Variável mediadora).

O modelo de mediação foi realizado com o pacote Lavaan (Rosseel, 2012), com estimador Maximum Likelihood (ML) no ambiente Rstudio (R Development Core Team, 2011). Os indicadores de ajuste do modelo utilizados foram Comparative Fit Index (CFI), Tucker-Lewis Index (TLI), Root Mean Square of Approximation (RMSEA), e o Standardized Root Mean Square Residual (SRMR). O modelo é ajustado quando TLI e CFI apresentam valores acima de 0,90, RMSEA, valores abaixo de 0,08 e SRMR, valores abaixo de 0,10 (Hair Black, Babin, Anderson, & Tatham, 2009). Foi ainda realizada uma análise de múltiplos grupos a fim de investigar a invariância do modelo, por sexo.

Considerações Éticas

Os adolescentes foram convidados a participar da pesquisa de forma voluntária e foi solicitado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (para os pais dos adolescentes menores de 18 anos e para os próprios adolescentes com idade acima de 18 anos). A aplicação foi coletiva, nas próprias escolas, com duração média de uma hora.

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Parecer 1.143.563 de 06 de julho de 2015).

Resultados

Perpetração de violência nas relações afetivo-sexuais na adolescência

Da amostra geral ($n= 525$), 75,62% ($n= 397$) dos adolescentes foram caracterizados como perpetradores de violência nas relações afetivo-sexuais na adolescência, sendo que destes 60,70% ($n= 241$) eram do sexo feminino e 39,30% ($n= 156$) do sexo masculino. A Tabela 1 descreve os padrões de perpetração de violência nas relações afetivo-sexuais, conforme as médias na CADRI, para os adolescentes do Grupo 1 e 2 (com e sem histórico de maus-tratos na infância). De modo geral, houve diferença entre os grupos, embora com tamanhos de efeito pequenos, sendo que perpetradores com histórico de maus-tratos na infância perpetraram taxas mais elevadas de violência em suas relações afetivo-sexuais, quando comparados ao grupo sem exposição aos maus tratos na infância, com exceção da violência relacional.

Tabela 1. Médias e desvio-padrão de perpetração de violência no namoro, por grupo de adolescentes com ou sem histórico de maus tratos

Categoria de violência	Grupo 1 (<i>n</i> = 288)		Grupo 2 (<i>n</i> = 109)		
	M/DP	M/DP	<i>t</i>	<i>p</i>	<i>d</i>
Violência verbal/emocional	7,00(4,76)	5,36(4,27)	3,14	0,002	0,35
Violência física	0,84(1,79)	0,50(1,28)	2,08	0,040	0,20
Violência sexual	0,79(1,13)	0,53(0,94)	2,32	0,020	0,24
Violência psicológica/ameaças	0,68(1,44)	0,20(0,56)	4,81	0,001	0,38
Violência relacional	0,24(0,76)	0,21(0,79)	0,29	0,776	0,04
CADRI perpetração total	9,55(7,67)	6,81(6,24)	3,66	0,001	0,37

Nota. CADRI= Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro na Adolescência; *M*= média; *DP*= desvio-padrão; *t*= teste *t*; *p*= nível de significância; *d*= tamanho de efeito; G1= adolescentes perpetradores com histórico de maus tratos na infância; G2= adolescentes perpetradores sem histórico de maus tratos na infância.

Maus tratos na infância

Entre os adolescentes do G1 ($n = 288$), não foi observada diferença por sexo nos escores da EEVII total e nem nas subescalas. De modo geral, meninas tiveram maiores taxas de prevalência de maus tratos na infância, do que meninos (Figura 1).

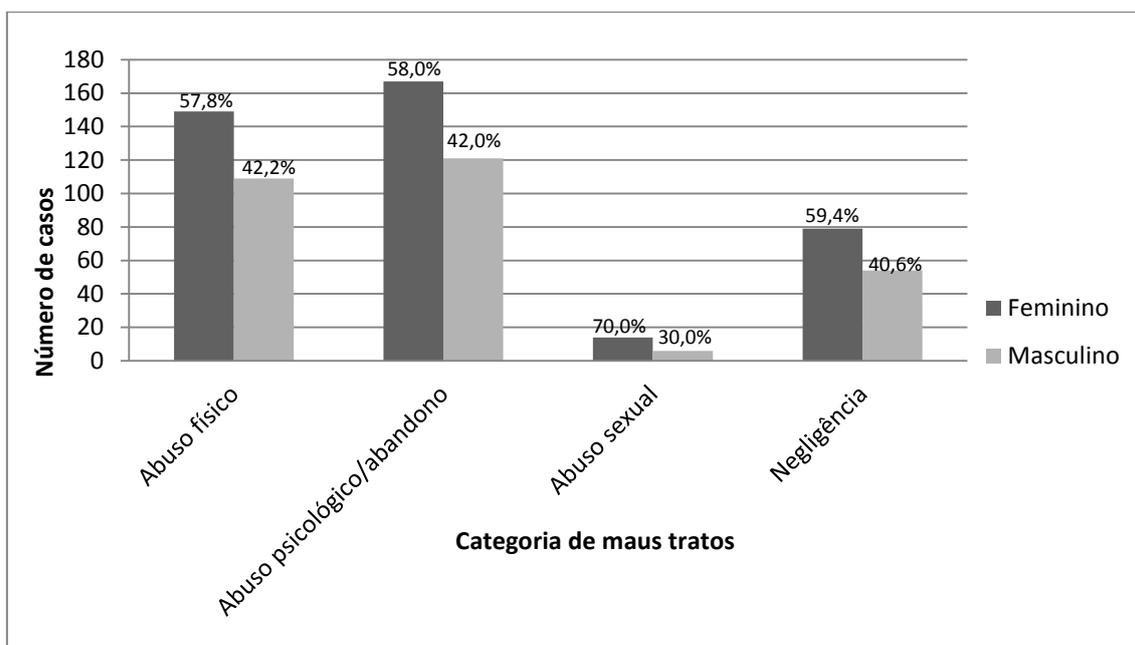


Figura 1. Frequência de maus tratos, por sexo, em adolescentes perpetradores de violência no namoro (G1).

Esquemas iniciais desadaptativos

Os resultados da ANOVA indicaram a presença de diferença significativa entre os três grupos nos escores dos EIDs (Tabela 2). O teste *post hoc* de Tukey indicou que houve diferença significativa no EID de Abandono entre o G1 e o G3 ($p = 0,024$). No EID de Desconfiança/abuso houve diferença significativa entre G1 e G3 ($p = 0,001$) e entre G1 e o G2 ($p = 0,01$). Houve apenas diferença significativa entre G1 e G2 para o EID de Defectividade/vergonha ($p = 0,033$), de Isolamento social ($p = 0,043$) e de Privação emocional ($p = 0,004$).

No EID de Emaranhamento houve diferença significativa entre G1 e G2 ($p = 0,001$) e entre G2 e G3 ($p = 0,04$), indicando que adolescentes perpetradores sem histórico de maus tratos tiveram médias mais altas se comparadas aos demais grupos. Para o EID de Arrogo/grandiosidade houve diferença significativa entre G1 e G2 ($p = 0,014$) e entre G1 e G3 ($p = 0,001$). Para os EIDs de Autocontrole insuficiente ($p = 0,05$) e de Padrões inflexíveis ($p = 0,024$) houve diferença apenas entre G1 e G2. No EID de Busca por aprovação houve diferença entre G1 e G2 ($p = 0,013$) e entre G1 e G3 ($p = 0,004$). Finalmente, para o EID de Negativismo/pessimismo houve diferença entre G1 e G2 ($p = 0,005$) e entre G1 e G3 ($p = 0,001$). De modo geral, estes resultados indicam que os adolescentes perpetradores com histórico de maus tratos tendem a ter médias significativamente mais altas nos EIDs de Abandono, Desconfiança/abuso, Defectividade/vergonha, Isolamento social, Privação emocional, Arrogo/grandiosidade, Padrões inflexíveis, Busca por aprovação e Negativismo/pessimismo.

Tabela 2. Escores médios dos EIDs, por grupo (n= 525)

EIDs	G1 (n = 288)		G2 (n =128)		G3 (n = 129)		ANOVA	p
	M/DP	IC 95%	M/DP	IC 95%	M/DP	IC 95%		
Abandono/instabilidade	4,20(1,37)	4,04-4,36	4,16(1,28)	3,02-4,40	3,82(1,39)	3,58-4,06	F=3,60	0,028
Desconfiança/abuso	3,46(1,36)	3,31-3,62	2,94(1,25)	2,71-3,18	2,67(1,17)	2,47-2,88	F=18,46	0,001
Privação emocional	2,15(1,34)	2,00-2,31	1,69(1,07)	1,49-1,90	2,02(1,34)	1,78-2,25	F=5,15	0,006
Defectividade/vergonha	1,77(1,06)	1,65-1,89	1,47(0,88)	1,31-1,64	1,76(1,15)	1,56-1,96	F=3,39	0,034
Isolamento social	2,33(1,38)	2,17-2,49	1,96(1,20)	1,73-2,18	2,17(1,49)	1,91-2,43	F=3,00	0,050
Dependência/incompetência	1,68(0,90)	1,58-1,79	1,54(0,85)	1,38-1,70	1,66(0,82)	1,51-1,80	F=1,06	0,347
Vulnerabilidade ao dano	2,66(1,41)	2,50-2,82	2,48(1,21)	2,25-2,71	2,49(1,39)	2,25-2,74	F=0,98	0,374
Emaranhamento	2,76(1,41)	2,59-2,92	3,38(1,44)	3,10-3,65	2,92(1,40)	2,68-3,17	F=7,56	0,001
Fracasso	2,16(1,25)	2,01-2,30	1,83(1,24)	1,60-2,07	2,12(1,25)	1,90-2,34	F=2,77	0,064
Arrogo/grandiosidade	2,17(1,06)	2,04-2,29	1,86(0,91)	1,69-2,03	1,75(0,82)	1,60-1,89	F=9,79	0,001
Autocontrole insuficiente	2,42(1,18)	2,28-2,56	2,02(0,96)	1,84-2,20	2,19(1,16)	1,98-2,39	F=5,54	0,004
Subjugação	1,89(0,95)	1,78-2,00	1,75(0,86)	1,58-1,90	1,88-0,97	1,71-2,05	F=1,02	0,361
Autossacrifício	3,77(1,27)	3,62-3,91	3,50(1,27)	3,26-3,74	3,48(1,31)	3,25-3,71	F=3,07	0,060
Busca por aprovação	2,93(1,36)	2,77-3,09	2,54(1,17)	2,29-2,74	2,48(1,28)	2,26-2,70	F=7,23	0,001
Negativista/pessimismo	3,32(1,43)	3,15-3,49	2,81(1,42)	2,54-3,08	2,70(1,45)	2,44-2,95	F=10,43	0,001
Inibição Emocional	3,07(1,30)	2,92-3,22	2,73(1,36)	2,48-3,00	3,01(1,46)	2,76-3,27	F=2,40	0,084
Padrões inflexíveis	3,56(1,48)	3,39-3,73	3,13(1,26)	2,87-3,39	3,24(1,45)	2,98-3,49	F=4,43	0,012
Postura punitiva	2,31(1,26)	2,17-2,46	2,19(1,30)	1,95-2,44	2,16(1,14)	1,96-2,36	F=0,78	0,458

Nota. EID = Esquemas iniciais desadaptativos; M= média; DP= Desvio-padrão; IC 95%= intervalo de confiança; F= resultado da Anova; p= nível de significância; G1= adolescentes perpetradores com histórico de maus tratos na infância; G2= adolescentes perpetradores sem histórico de maus tratos na infância; G3 = adolescentes não perpetradores de violência no namoro.

Foi investigada diferença nos escores dos EIDs, por sexo, considerando os esquemas utilizados na análise de múltiplos grupos (EIDs de Desconexão e Rejeição). Adolescentes do sexo feminino apresentaram escores significativamente mais altos no EID de Abandono ($M = 4,40$, $DP = 1,33$, $t = 3,93$, $df = 395$, $p = 0,001$) do que os adolescentes do sexo masculino ($M = 3,86$, $DP = 1,30$). Na mesma direção, adolescentes do sexo feminino tiveram média mais alta no EID de Desconfiança/abuso ($M = 3,44$, $DP = 1,35$, $t = 2,14$, $df = 395$, $p = 0,033$) do que os adolescentes do sexo masculino ($M = 3,14$, $DP = 1,34$). Nos demais EIDs não houve diferença significativa.

Modelo de mediação

O modelo teórico hipoteticamente elaborado para este estudo foi confirmado pelo modelo de mediação (ver Figura 2). Os maus tratos na infância (VI) foram significativamente associados aos EIDs do domínio Desconexão e Rejeição (VM), $\beta = 0,39$; $z = 9,639$; $p = 0,001$. Por sua vez, os EIDs (VM) foram significativamente associados à perpetração de violência física no namoro (VD), $\beta = 0,17$; $z = 3,566$; $p = 0,001$. Este efeito indireto explica 15% da variância da perpetração da violência física. O efeito direto total dos maus tratos (VI) sobre a perpetração física no namoro (VD) foi $ab = 0,064$ (Erro padrão = 0,02). A relação entre os maus tratos e a perpetração de violência física perdeu então sua significância ($\beta = 0,08$; $z = 1,762$; $p = 0,08$). Os indicadores de ajustamento global do modelo foram considerados adequados: $\chi^2 = 109,362$; $p = 0,001$; CFI = 1,00; TLI = 1,00; RMSEA = 0,01 (90% IC, $p < 0,05$) e SRMR = 0,00.

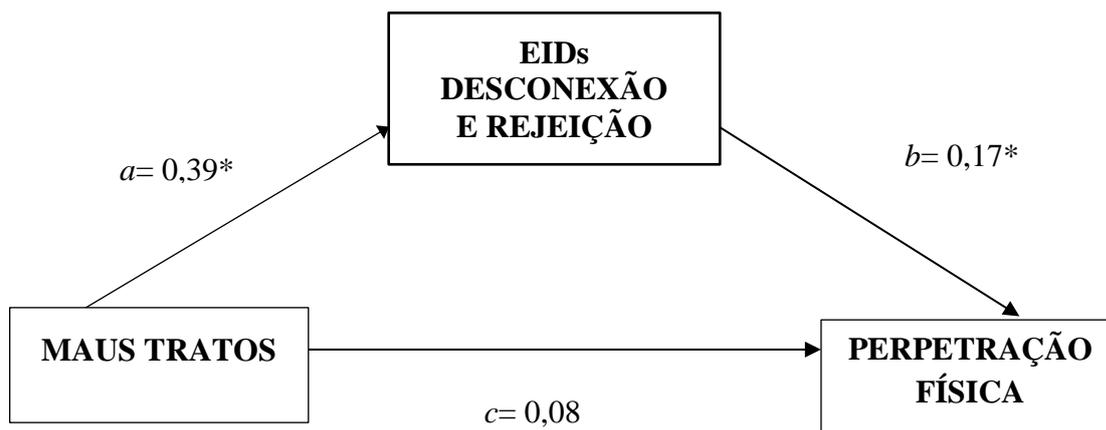


Figura 2. Modelo de mediação entre a exposição aos maus tratos na infância e a perpetração de violência física no namoro na adolescência.

* $p < 0,001$.

Análise de Múltiplos Grupos

Em seguida, foi realizada uma análise de múltiplos grupos simultânea para verificar se o modelo teórico é invariante entre o sexo feminino e masculino. Para a amostra das adolescentes, os maus tratos (X) foram igualmente associados aos esquemas do domínio Desconexão e Rejeição (M), $\beta = 0,39$; $z = 7,472$; $p = 0,001$. A variável mediadora (EIDs) foi significativamente associada à perpetração física no namoro (Y), $\beta = 0,21$; $z = 3,585$; $p = 0,001$. O efeito direto entre os maus tratos e a perpetração de violência física foi de $\beta = 0,08$; $z = 1,418$; $p = 0,10$. Na amostra dos adolescentes do sexo masculino, novamente houve uma relação significativa entre a exposição aos maus tratos e os EIDs de Desconexão e Rejeição, $\beta = 0,39$; $z = 6,193$; $p = 0,001$. Contudo, os EIDs do domínio de Desconexão e Rejeição não foram significativamente associados à perpetração física, $\beta = 0,05$; $z = 0,671$; $p = 0,50$. A relação entre maus tratos e perpetração física foi de $\beta = 0,11$; $z = 1,476$; $p = 0,14$. Dessa forma, o modelo de mediação indica que o papel dos EIDs como mediador da relação entre a exposição aos maus tratos na infância e perpetração de violência física no namoro é relevante para as meninas, mas não para os meninos. Este

modelo simultâneo indicou índices de ajustes adequados: $\chi^2 = 112.093$; $p = 0,001$; CFI = 1,00; TLI = 1,00; RMSEA = 0,01 (90% IC, $p < 0,05$) e SRMR = 0,00.

Discussão

Este estudo examinou o papel dos EIDs como mediadores da exposição aos maus tratos na infância e a perpetração de violência no namoro na adolescência. Inicialmente foi observada diferença nos grupos G1 e G2 quanto à perpetração de violência no namoro. Adolescentes perpetradores com histórico de maus tratos tiveram escores significativamente mais altos na CADRI do que aqueles sem histórico de maus tratos. Esse resultado evidencia, de um lado, que os maus tratos na infância podem ser considerados um fator de risco para um modelo intergeracional de violência; por outro lado, revela ainda que outros fatores contextuais estão associados à perpetração de violência no namoro, uma vez que os adolescentes do G2, que não sofreram maus tratos na infância, igualmente perpetraram violência nas suas relações afetivo-sexuais. Há um consenso na literatura quanto à continuidade de um padrão violento nas relações interpessoais na adolescência, como é o caso das relações amorosas, entre os adolescentes inseridos em um contexto familiar em que a violência está presente (Faías et al., 2016; Gómez, 2011; Jennings et al., 2014; Kaukinen et al., 2015; Rey-Anacona, 2013).

Diferentes mecanismos emocionais e cognitivos têm sido apontados nos estudos de transmissão intergeracional da violência, indicando a complexidade desse fenômeno. Adolescentes com histórico de maus tratos na infância tendem a ter crenças legitimadoras da violência (Kaukinen et al., 2015; Kim, Kim, Choi, & Emery, 2014; Reyes et al., 2015), em que modelos de comportamento baseados no abuso de poder e controle são normativos. Além disso, contextos familiares com violência influenciam estilos de

expressão da raiva, levando os adolescentes a se tornarem mais propensos à perpetração de violência (Clarey et al., 2010; Faias et al., 2016; Reyes et al., 2015). A exposição à violência intrafamiliar está ainda associada à dificuldade na resolução de conflitos interpessoais (Faias et al., 2016) e no desenvolvimento de um padrão inseguro de apego (Jennings et al., 2014; Lee, Reese-Weber, & Kahn, 2014), sendo que tais fatores contribuem para a perpetração da violência no namoro na adolescência.

Fatores contextuais, incluindo a exposição à violência comunitária (Barreira, Lima & Avanci, 2013) e a influência do grupo de pares (Foshee et al., 2013; Marasca & Falcke, 2015), assim como padrões culturais associados ao machismo e às crenças tradicionais de gênero aumentam o risco para a perpetração em adolescentes (Cecchetto, Oliveira, Njaine, & Minayo, 2016; Reyes et al., 2016). Infidelidade e o ciúmes foram considerados disruptores de conflitos durante o namoro, refletindo normas de gênero estereotipadas, que são comumente usadas pelos adolescentes para justificar as agressões em seus relacionamentos íntimos (Oliveira, Assis, Njaine, & Pires, 2016). Dessa forma, tais variáveis devem ser consideradas como importantes fatores preditores da violência por parte de adolescentes namorados, para além da exposição à violência na família na infância. Esses argumentos teóricos podem contribuir para uma melhor compreensão da presença de perpetração em adolescentes não expostos aos maus tratos ao longo da infância (G2).

Para o G1, embora não tenha sido observada diferença estatística significativa por sexo, houve uma maior prevalência de maus tratos entre as meninas. De modo geral, estimativas da Organização Mundial da Saúde apontam alta prevalência de maus tratos tanto para meninos como para meninas para violência física, psicológica e negligência, com exceção do abuso sexual que é mais prevalente entre as meninas (WHO, 2014). Estudos sobre a notificação da violência contra a criança no Brasil apontam resultados

controversos, sendo que ora as meninas são citadas como sendo as principais vítimas (Ribeirão Preto/SP, Farias et al., 2016), ora os meninos (Curitiba/PR, Fonseca et al., 2012). Para este estudo, contudo, a diferença de sexo na vitimização sofrida na infância é vista como uma variável que necessita ser controlada, pois influenciará nos padrões de EIDs desenvolvidos na infância e na forma como estes mediam os dois tipos de violência investigados neste estudo (maus tratos e violência no namoro).

Partindo dos pressupostos da Terapia dos Esquemas (TE) (Young, 2003; Young et al., 2008), este estudo buscou investigar os EIDs como mediadores da exposição aos maus tratos na infância e a perpetração física nas relações afetivo-sexuais em adolescentes. De modo geral, adolescentes perpetradores com histórico de maus tratos tiveram escores mais altos nos EIDs, se comparados aos demais grupos. Um dos pressupostos básicos da TE é que a origem dos EIDs está associada às experiências nocivas ao desenvolvimento emocional de crianças e de adolescentes, incluindo os maus tratos. Estudos prévios têm apontado uma associação entre maus tratos na infância e o desenvolvimento de EIDs, assim como uma influência dos EIDs na manifestação de sintomas psicopatológicos na adolescência (Calvete, 2014; Calvete & Orue, 2013; Wright et al., 2009). Contudo, o desenvolvimento dos EIDs na infância e na adolescência não se restringe à exposição aos maus tratos, mais sim é resultado de várias falhas, particularmente àquelas associadas a forma de cuidado e vinculação inicial, autonomia, expressão emocional legítima e limites adequados (necessidades emocionais básicas; Young, 2003). Esta consideração teórica ampla deve ser enfatizada neste estudo, embora haja um recorte em adolescentes perpetradores com e sem histórico de maus tratos.

Adolescentes perpetradores sem histórico de maus tratos tiveram escores significativamente mais altos no EID de Emaranhamento. Esse esquema se refere ao excessivo envolvimento emocional e proximidade com uma ou mais pessoas

significativas, em especial com as figuras parentais, à custa da individuação plena (Young et al., 2008). Conforme a TE, indivíduos com esse esquema tendem a ser oriundos de famílias emaranhadas e superprotetoras, que dificultam o processo de independência e separação dos filhos. Na adolescência, contudo, essa característica de funcionamento familiar ainda pode ser compreendida como adaptativa, pois está associada ao próprio processo de aquisição de autonomia e de independência do adolescente (Pratta & Santos, 2007). Ressalta-se que os EIDs continuam sendo desenvolvidos ao longo da adolescência (Young, 2003), sendo que o seu caráter disfuncional está ligado com sua rigidez, com a ativação de intensa carga emocional e prejuízo funcional.

O modelo de mediação investigado neste estudo confirmou a hipótese inicial de que os EIDs podem ser consideradores mediadores da relação entre maus tratos na infância e perpetração de violência no namoro na adolescência. Os maus tratos na infância foram fortemente associados com os EIDs de Desconexão e Rejeição, que por sua vez foram relacionados à perpetração de violência física. A relação entre maus tratos na infância e perpetração de violência no namoro foi mediada pelos EIDs, confirmando o estudo anterior de Calvete et al. (2018). O modelo apresentou variação por sexo, se tornando mais válido para as adolescentes, do que para os adolescentes do sexo masculino. A hipótese levantada para a explicação desse resultado é de que as meninas, neste estudo, foram mais expostas aos maus tratos na infância do que os meninos, desenvolvendo, em consequência, esquemas do domínio de Desconexão e Rejeição. Desta forma, torna-se necessário avaliar o impacto dos maus tratos e sua relação com a violência no namoro, por sexo, conforme já mencionado em estudos anteriores (Gómez, 2011; Kaukinen et al., 2015).

Considerações Finais

Os resultados deste estudo apoiam as proposições teóricas referentes à transmissão intergeracional da violência, ampliando sua visão, pois inclui os esquemas iniciais desadaptivos (Terapia do Esquema, Young 2003) como uma variável importante para a compreensão dos mecanismos pelos quais essa transmissão ocorre. De modo geral, adolescentes com histórico de maus tratos na infância perpetraram mais violência em seus relacionamentos afetivo-sexuais. Porém, nem todos os adolescentes perpetradores de violência no namoro foram vítimas de maus tratos na infância, o que exige um olhar mais complexo sobre os fatores preditores da violência no namoro, para além da influência do contexto familiar.

Adolescentes perpetradoras de violência no namoro foram mais expostas aos maus tratos na infância do que os meninos, sendo que meninas tiveram escores significativamente mais altos nos EIDs de Abandono e de Desconfiança/abuso. Dessa forma, o papel dos EIDs que compõem o domínio de Desconexão e Rejeição deve ser enfatizado. Conforme Young et al. (2008), indivíduos com esquemas neste domínio acreditam que suas necessidades emocionais básicas de cuidado, segurança, estabilidade dos vínculos afetivos e de pertencimento não serão atendidas. Tais questões estão entrelaçadas às experiências precoces de traumas e de violência na infância (Wainer & Rijo, 2016), influenciando a forma como a pessoa percebe, avalia e estabelece suas relações íntimas. Adolescentes que sofreram maus tratos na infância podem carregar consigo os esquemas deste domínio nos seus relacionamentos, acreditando que serão abandonados, explorados, humilhados, sendo que a violência no namoro pode ser uma forma de evitar o sofrimento emocional associado à ativação de tais EIDs (Paim & Falcke, 2016).

Os resultados deste estudo são consistentes com o estudo de Calvete et al. (2018), indicando que os EIDs podem ser caracterizados como mediadores entre a violência intrafamiliar na infância e a violência no namoro na adolescência. No estudo atual este modelo foi mais ajustável ao sexo feminino. A justificativa para esse resultado pode estar associado ao impacto da violência sofrida na infância e nas estratégias cognitivas e emocionais adotadas pelas meninas. Estudos têm indicado que o impacto dos maus tratos e sua relação com a violência no namoro na adolescência pode ser diferente para meninos e meninas (Gómez, 2011; Kaukinen et al., 2015).

Este estudo apresenta algumas limitações. Trata-se de uma pesquisa transversal, com o uso de instrumentos de autorrelato, no qual os adolescentes podem ter respondido de acordo com os padrões de desejabilidade social. Essa característica pode ter influenciado os resultados de diferença por sexo, uma vez que as meninas se mostram mais abertas para discutir questões íntimas, como situações de violência. Além disso, há um viés na seleção da amostra, sendo que pelas exigências éticas da pesquisa com adolescentes, foi solicitado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecidos dos pais ou cuidadores legais. Dessa forma, acredita-se que casos de maior gravidade em termos de violência intrafamiliar não foram acessados. Sugere-se pesquisas futuras com delineamento longitudinal e estudos que possam investigar consequências emocionais da exposição dos maus tratos (depressão e estresse pós-traumático, por exemplo) como variáveis moderadoras da violência no namoro.

Finalmente, os resultados deste estudo podem contribuir para implicações clínicas. Tornam-se necessárias intervenções precoces e de prevenção junto à população jovem, sobretudo para aqueles com história de violência na família na infância, por se tornarem um grupo de risco para o ocorrência de violência entre namorados. Intervenções clínicas, dentro da abordagem da Terapia do Esquema, podem lançar mão de estratégias de

imagens mentais, da reparentalização limitada e da reestruturação cognitiva (Young et al., 2008), a fim de modificar esquemas disfuncionais.

CAPÍTULO IX

Artigo empírico:

Esquemas iniciais desadaptativos como preditores de sintomas de depressão, ansiedade e estresse em adolescentes vítimas de violência no namoro

Resumo: Este estudo investigou o papel dos esquemas iniciais desadaptativos (EIDs) como preditores de sintomas de depressão, ansiedade e estresse em 397 adolescentes vítimas de violência no namoro (60,4% do sexo feminino, 14-19 anos). Além disso, foi investigada diferença na sintomatologia e nos EIDs entre vítimas e não-vítimas ($n = 129$, 52,7% do sexo feminino, 14-19 anos), assim como por sexo no grupo das vítimas. O Questionário de Esquemas para Adolescentes-Forma Breve, o Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro na Adolescência e a Escala de Depressão, Ansiedade e Estresse para Adolescentes foram aplicados. Os resultados indicaram maiores escores de depressão, ansiedade e estresse entre as vítimas, em comparação com as não vítimas, e entre as meninas vítimas, em comparação com os meninos. Vítimas de violência no namoro apresentaram significativamente escores mais altos nos EIDs de Abandono, Desconfiança/abuso, Autossacrifício, Busca por Aprovação, Negativismo/pessimismo e em Padrões Inflexíveis, quando comparadas ao grupo de não-vítimas. Regressões múltiplas indicaram que os EIDs explicam parte da variância dos sintomas no grupo de vítimas (36% dos sintomas de depressão para meninas e 43% para meninos; 28% dos sintomas de ansiedade para meninas e 38% para meninos; e 26% dos sintomas de estresse para as meninas e 39% para meninos). Os resultados deste estudo são discutidos a partir dos pressupostos da Terapia dos Esquemas.

Palavras-chave: Violência no namoro, sintomatologia, Terapia dos Esquemas.

Abstract: This study investigated the role of early maladaptive schemas (EMSs) as predictors of depressive, anxiety and stress symptoms in 396 adolescents victims of dating violence (60.4% female, 14-19 years old). Moreover, difference in symptomatology and in EMSs between victims and a group of non-victims adolescents was investigated ($n = 129$, 52.7% female, 14-19 years old), as well as by sex in the group of victims. The Young Schema Questionnaire for Adolescents – Brief Form, the Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory and the Depression, Anxiety and Stress Scale for Adolescents were applied. Results indicated greater endorsement of depression, anxiety and stress symptoms among victims in comparison with non victims and among girls in comparison with boys. Dating violence victims showed significantly higher scores in Abandonment, Mistrust/Abuse, Self-Sacrifice, Approval/Recognition seeking, Negativity/Pessimism and Unrelenting Standards/Hypercriticalness schemas, as compared to non-victims. Multiple regressions indicated that EMSs explained part of the symptoms variance in the victims group (36% of depression symptoms for females and 43% for males, 28% anxiety symptoms for females and 38% for males, and 26% of stress symptoms for females and 37% for males). The results of this study are discussed from the assumptions of Schema Therapy.

Keywords: Dating violence, symptomatology, Schema Therapy.

Introdução

A violência nas relações afetivo-sexuais na adolescência tem se revelado um sério problema de saúde pública, pois contribui para a manutenção de um padrão violento nas relações conjugais adultas, bem como está associada a uma série de consequências na saúde geral e saúde mental das vítimas (Barreira, Lima, & Avanci, 2013; Bonomi,

Anderson, Nemeth, Rivara, & Buettner, 2013). A violência no namoro inclui uma variedade de comportamentos abusivos, como violência psicológica, física e sexual, dentro de um contexto de relações românticas ou de namoro, atuais ou passadas, entre pré-adolescentes, adolescentes e adultos jovens (*Centers for Disease Control and Prevention, Division of Violence Prevention*, EUA, 2014; Mulford, & Blachman-Demner, 2013).

Alta taxa de prevalência de violência no namoro em adolescentes e jovens tem sido documentada na literatura internacional (CDC, 2014; Straus, 2004), indicando que este problema merece maior visibilidade por parte dos pesquisadores. Por exemplo, um estudo com adolescentes, na faixa etária entre 11 e 16 anos (EUA), revelou que 40,0% dos participantes relataram ter perpetrado um ou mais atos abusivos contra o(a) namorado(a), enquanto que 49,0% relataram ter sofrido violência do(a) namorado(a) (Goncy, Sullivanm Farrell, Mehari, Garthe, 2017). Na Itália, 43,7% de adolescentes do sexo feminino e 34,8% dos adolescentes do sexo masculino reportaram ter experienciado algum tipo de violência por parte do parceiro íntimo, sendo que não houve diferença na violência física, por sexo, mas adolescentes do sexo feminino reportaram significativamente maior vitimização por violência psicológica e sexual do que adolescentes do sexo masculino (Romito, Beltramini, & Escribà-Aguir, 2013). Em Portugal, uma taxa de vitimização de 25,4% foi encontrada em uma amostra de jovens entre 13 e 29 anos de idade (Caridade, 2011). No Brasil, 86,9% dos adolescentes do Ensino Médio já sofreram algum tipo de violência em suas relações afetivo-sexuais (Oliveira, Assis, Njaine, & Oliveira, 2011). Assim, os estudos disponíveis na área, mesmo evidenciando diferentes taxas de prevalência nos diferentes países, apontam para taxas elevadas desse fenômeno.

Atualmente verifica-se uma maior preocupação não apenas com as taxas de prevalência da violência no namoro de jovens, mas também com as consequências para a saúde mental associadas à sua ocorrência (Bonomi et al. 2013; Goncy et al., 2017;

McCauley, Breslau, Saito, & Miller, 2015; Shen, 2014). Diversos problemas psicológicos, incluindo sintomas de depressão, ansiedade, estresse pós-traumático, distúrbios alimentares, uso de álcool e tabaco, e comportamento sexual de risco têm sido associados à violência no namoro (Bonomi et al., 2013; Shen, 2014; Ulloa & Hammett, 2016; Yalch, Lannert, Hopwood, & Levendosky, 2013). No estudo de Bonomi et al. (2013), com adolescentes americanos de 13 a 19 anos, adolescentes vítimas de violência no namoro apresentaram mais transtornos alimentares e uso de tabaco no início da vida adulta, quando comparados a um grupo de adolescentes não-vítimas, sendo que as meninas vítimas apresentaram ainda mais sintomas de depressão (Bonomi et al., 2013).

Diferenças por sexo na sintomatologia associada à violência no namoro também têm sido observadas por outros autores. De um lado, Romito et al. (2013) apontaram que adolescentes do sexo feminino vítimas tiveram maior risco para o desenvolvimento de depressão, ataque de pânico, transtornos alimentares e ideação suicida do que adolescentes do sexo masculino. Kaura e Lohman (2007) encontraram sintomas mais altos de depressão, ansiedade e somatização em jovens universitárias vítimas do que em homens. Por outro lado, McCauley et al. (2015) não encontraram diferenças por sexo na associação entre violência física e transtornos internalizantes, sendo que a violência no namoro foi associada a uma variedade de transtornos psicopatológicos tanto para meninos quanto para meninas. No estudo de Johnson, Giordano, Longmore e Manning (2014), ser vítima e ser perpetrador de violência no namoro foi associado aos sintomas de depressão, em ambos os sexos. Ainda quanto à depressão, não foi observada diferença significativa entre os sexos, para jovens vítimas e e agressores de violência verbal/emocional, em uma amostra de universitários mexicanos (Lazarevich, Camacho, Sokolova, & Gutiérrez, 2013). Contudo, nesse mesmo estudo, para as demais formas de violência (sexual, relacional, ameaças e física), houve uma relação entre sexo feminino e sintomas de depressão. Dessa forma,

ainda não há um consenso na área sobre a forma como meninos e meninas vítimas reagem psicologicamente frente à violência no namoro, embora seja unânime a ideia de que vítimas apresentam pior ajustamento psicológico do que não vítimas.

Considerando o exposto, pode-se considerar que o impacto da exposição à violência no namoro varia entre as vítimas, pois as reações emocionais dependem da interação entre as características dos eventos e as vulnerabilidades específicas dos indivíduos, incluindo esquemas cognitivos. Partindo do modelo cognitivo da Terapia Focada em Esquemas (Young, 2003), variáveis cognitivas têm sido consideradas como elementos chave para a compreensão dos transtornos mentais (Calvete, Orue, & Hankin, 2015). A partir dos pressupostos da Terapia Cognitiva de Beck (Hofmann, Asmundson, & Beck, 2013), pensamentos automáticos, crenças e esquemas são propostos como diferentes níveis cognitivos que influenciam as emoções e os comportamentos, e, desta forma, contribuem para a manutenção de diferentes formas de psicopatologias. Young e colegas (2003; Young, Klosko, & Weishaar, 2008) estenderam o trabalho original de Beck, identificando que a formação dos esquemas cognitivos ocorre mais precocemente, ainda na tenra infância, sendo que na Terapia dos Esquemas (TE) estes foram nomeados como Esquemas Iniciais Desadaptativos (EIDs). Os EIDs caracterizam-se como um padrão amplo, formado pelas memórias, emoções e sensações corporais, que contribuem para uma coerência cognitiva sobre si próprio ou sobre os outros, elaborados na infância ou na adolescência, e revividos ao longo da vida (Rafaeli, Bernstein, & Young, 2011).

Os EIDs têm origem na não satisfação das necessidades emocionais básicas na infância, como quando ocorre falha nos processos de vinculação afetiva com os principais cuidadores, falta na satisfação da necessidade de segurança e estabilidade afetiva, falha no processo de aquisição de autonomia e na liberdade de expressão, e dificuldade nos limites e no autocontrole (Young et al., 2008). O modelo teórico proposto por Young et al.

(2008) inclui 18 EIDs agrupados em cinco domínios: 1) Desconexão e Rejeição – estes esquemas estão associados a falhas no cuidado e na proteção da criança, levando à percepção de que suas necessidades não serão atendidas de maneira previsível, levando ao abandono e ao desamparo; 2) Autonomia e desempenhos prejudicados - esquemas voltados à falta de capacidade de ser uma pessoa independente, de se separar, sobreviver e funcionar de forma autônoma; 3) Limites prejudicados - esquemas ligados à deficiência em lidar com limites, frustração e cumprir com metas ou objetivos propostos; 4) Direcionamento para o outro - nesse domínio há um foco excessivo nos desejos dos outros, à custa das próprias necessidades; e 5) Supervigilância e inibição – envolvem esquemas de rigidez, perfeccionismo e supressão dos próprios sentimentos (Young et al., 2008).

Estudos prévios indicam uma associação entre EIDs e problemas internalizantes na adolescência, incluindo depressão e ansiedade (Brenning, Bosmans, Braet, & Theuwis, 2012; Calvete, 2014; Calvete et al., 2015; Mateos-Pérez & Calvete, 2015; Roelofs, Lee, Ruijten, & Lobbestael, 2011). Também tem sido apontada uma associação entre os EIDs do domínio de “Desconexão e Rejeição” e sintomas de depressão na adolescência (Calvete, 2014; Roelofs et al., 2011). Os domínios de Desconexão e Rejeição, Autonomia e Desempenho Prejudicados e de Direcionamento para o Outro foram preditores de sintomas de depressão (Calvete et al., 2015). Por sua vez, os esquemas de Abandono, Vulnerabilidade ao Dano e Dependência/incompetência foram associados aos sintomas de ansiedade em jovens universitários (Cámara & Calvete, 2012). Estudos ainda apontam diferenças por sexo quanto ao papel dos EIDs no desenvolvimento de psicopatologias na adolescência. Por exemplo, no estudo de Calvete, Orue e Hankin (2013), os esquemas do domínio de Desconexão e Rejeição e do domínio de Direcionamento para o Outro foram significativamente associados mais aos sintomas de depressão em meninos do que em

meninas adolescentes na Espanha. De forma contrária, Brenning et al. (2012) indicaram que meninas belgas apresentaram escores mais altos nos EIDs de Abandono/instabilidade, Desconfiança/abuso, Fracasso, Vulnerabilidade ao Dano, Subjugação, Autossacrifício e Autocontrole Insuficiente, do que os meninos.

Poucos estudos têm investigado o papel dos EIDs como mecanismos preditores de psicopatologias em vítimas de violência do parceiro íntimo (Calvete, Estévez, & Corral, 2007; Harding, Burns, & Jackson, 2012). Na população adulta, os esquemas do domínio de Desconexão e Rejeição foram variáveis mediadoras significativas na relação entre ser vítima do parceiro íntimo e os sintomas de depressão em mulheres (Calvete et al., 2007). Os esquemas de Desconfiança/abuso, Vulnerabilidade ao Dano e Privação emocional mostraram estar associados aos sintomas de estresse pós-traumático em mulheres adultas vítimas de violência sexual (Harding et al., 2012). Já na população de adolescentes, não foram encontrados estudos sobre a associação entre EIDs, sintomatologia e ser vítima de violência no namoro. O estudo de Calvete, Fernández-González, Orue e Little (2018) buscou apenas investigar o papel dos EIDs em casos de violência no namoro na adolescência, com ênfase nos padrões de perpetração, sem verificar sintomatologia. Nesse estudo, a exposição à violência intrafamiliar mostrou estar associada aos esquemas do domínio de Desconexão e Rejeição e de Limites Prejudicados. Por sua vez, os esquemas de Desconexão e Rejeição foram preditores significativos da perpetração da violência.

Tendo em vista a escassez de estudos sobre a relação entre EIDs, ser vítima de violência nas relações afetivo-sexuais na adolescência e o desenvolvimento de indicadores de psicopatologia, este estudo procurou investigar como os EIDs podem prever o desenvolvimento de sintomas de depressão, ansiedade e estresse em uma amostra alargada de vítimas de violência no namoro. Buscou-se ainda descrever os padrões de vitimização,

de sintomatologia e dos esquemas iniciais entre as vítimas e não vítimas. As hipóteses investigadas neste estudo foram:

H1- Vítimas de violência no namoro têm escores mais altos de depressão, ansiedade e estresse do que adolescentes não vítimas;

H2- No grupo de vítimas, adolescentes do sexo feminino apresentam escores mais altos de sintomatologia do que os adolescentes do sexo masculino;

H3- Adolescentes vítimas de violência no namoro apresentam escores mais elevados nos EIDs do que não vítimas;

H4- EIDs podem ser considerados preditores dos sintomas de depressão, ansiedade e estresse em vítimas de violência no namoro.

Método

Participantes

Participaram desse estudo 525 adolescentes do Ensino Médio, na faixa etária entre 14 e 19 anos, da região metropolitana de Porto Alegre, do Estado do Rio Grande do Sul, região Sul do Brasil. Os participantes foram recrutados em 10 escolas de Ensino Médio das cidades de Porto Alegre/RS e de Novo Hamburgo/RS. A maioria das escolas eram públicas (66,8%), duas escolas eram privadas (14,9%) e uma escola era profissionalizante (18,3%). Foram incluídos na amostra apenas os adolescentes que já vivenciaram algum tipo de relacionamento afetivo-sexual ao longo da vida (breves ou fixos) e/ou que estavam tendo algum relacionamento no período da pesquisa (“ficar” ou namorar), excluindo os casos de adolescentes que se declararam noivos, casados ou morando com o parceiro. Adolescentes vítimas de violência no namoro foram caracterizados como aqueles que pontuaram um escore igual ou maior do que um no escore geral da CADRI vitimização.

Os adolescentes foram divididos em dois grupos: Grupo de vítimas de violência no namoro (n=396, 75,4%) e de não vítimas (n=129, 24,6%), conforme descritos a seguir:

Grupo de Vítimas de Violência no namoro

No grupo de vítimas, dos 396 adolescentes, 60,4% eram do sexo feminino, em sua maioria de escolas públicas (67,0%) e de famílias nucleares (53,8%). A idade média foi de 16,67 (DP=1,18). No período da pesquisa, 68,3% estavam namorando e 30,9% estavam “ficando com alguém”, com um tempo de relacionamento que variou entre duas semanas e oito anos (M=12,27 meses; DP=12,79). A idade do parceiro atual variou entre 13 e 30 anos (M=17,78; DP=2,56). A maioria dos participantes tinha relacionamentos heterossexuais (94,8% das meninas e 94,2% dos meninos).

Grupo NãoVítimas

Foi composto por 129 adolescentes (52,7% do sexo feminino), em sua maioria de escolas públicas (58,1%) e de famílias nucleares (57,4%). A idade média foi de 16,50 anos (DP=1,23, variando de 14-19 anos). No período da pesquisa, 62,5% dos adolescentes estavam num relacionamento afetivo-sexual do tipo namoro, enquanto que 37,5% estavam “ficando” com alguém, com duração média de quinze dias a quatro anos (M=7,90 meses; DP=9,82). A idade média do parceiro foi de 17,70 anos (DP=2,39, variando de 14-26 anos). A maioria dos adolescentes tinha relacionamentos heterossexuais (95,5% das mulheres, 100% dos homens).

Instrumentos

-Dados sociodemográficos e relações afetivo-sexuais na adolescência. O questionário foi elaborado pelos autores para avaliar características individuais (idade, sexo e escolaridade)

e sobre os relacionamentos afetivo-sexuais atuais ou passados (tipo de envolvimento, duração, dados sobre o parceiro).

- *Violência nas relações afetivo-sexuais na adolescência.* Foi utilizado o Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro na Adolescência (CADRI, Wolfe, Scott, Reitzel-Jaffe, & Wekerle, 2001; adaptada para o Brasil por Avanci & Assis, 2011), que avalia a presença e a frequência de comportamentos abusivos em relacionamentos afetivo-sexuais na adolescência. O instrumento é composto por 70 questões, tanto em situações em que a pessoa é vítima (25 itens) quanto em situações em que é perpetrador (25 itens), sendo que há ainda 20 itens considerados neutros. Este é respondido em uma escala *Likert* de quatro pontos, variando de 0 (nunca) a 3 (sempre, mais de seis vezes). A CADRI investiga as seguintes categorias de violência: Violência Física (4 itens), Violência Psicológica verbal/emocional (10 itens), Violência Psicológica/Ameaças (4 itens), Violência Psicológica Relacional (3 itens), e Violência Sexual (4 itens). O escore total para a vitimização geral varia entre um e 75 pontos. No estudo da versão brasileira (Avanci & Assis, 2011), o Alpha para a violência sofrida foi de 0,87. Na pesquisa atual, o Alpha de Cronbach para a violência sofrida foi de 0.90.

- *Sintomas de depressão, ansiedade e estresse.* Para avaliação de sintomatologia foi usada a Escala de Depressão, Ansiedade e Estresse para Adolescentes – EDAE-A (DASS, Lovibond, & Lovibond, 1995; versão brasileira adaptada e validada por Patias, Machado, Bandeira, & Dell’Aglío, 2016), que é composta por 21 itens que avaliam a presença de sintomas de depressão, ansiedade e estresse, na última semana. Os sintomas são avaliados através de uma escala *Likert* de quatro pontos (0 = “nunca” a 3 = “Aconteceu comigo na maior parte do tempo da semana”). Pontuações para depressão, ansiedade e estresse são determinadas pela soma dos escores dos 21 itens. O instrumento apresentou boa consistência interna no estudo de validação para adolescentes brasileiros (Patias et al.,

2016): depressão (0,90), ansiedade (0,83) e estresse (0,86). Por meio de uma análise fatorial confirmatória foi observada a presença de três fatores (depressão, ansiedade e estresse), confirmando o modelo original (Patias et al., 2016). No estudo atual, os Alphas de Cronbach nas subescalas foram: depressão (0,88), ansiedade (0,81) e estresse (0,86).

- *Esquemas Iniciais Desadaptativos*. Foi utilizada uma versão luso-brasileira do Questionário de Esquemas para Adolescentes (QEA, Versão portuguesa de Santos, Vagos, & Rijo, s.d., validada para o Brasil por Borges, Vagos, Rijo, & Dell’Aglia, s.d.), que avalia os 18 esquemas iniciais desadaptativos, a partir do modelo proposto pela Terapia Focada nos Esquemas, por meio de 52 itens, apresentados de forma não consecutiva. Cada item é respondido numa escala de seis pontos (1= “*Não tem nada a ver com o que acontece comigo*” até 6= “*É exatamente o que acontece comigo*”). A média das respostas aos itens que avaliam cada um dos 18 EIDs é tomada como um indicador da saliência de cada um desses mesmos EIDs. Uma Análise Fatorial Confirmatória confirmou os 18 fatores propostos teoricamente (Borges et al., s.d). Na amostra brasileira, a consistência interna variou entre $\alpha=.63$ para o esquema de Arrogo/Grandiosidade e $\alpha=.88$ para o esquema de Fracasso.

Procedimentos

Para as análises deste estudo foram selecionados os casos caracterizados como vítimas de violência no namoro ($n= 396$) e não-vítimas ($n= 129$). Não houve diferença de idade e distribuição dos participantes por sexo entre os dois grupos. Foi realizada análise dos pressupostos de normalidade para as variáveis de interesse, a partir dos critérios de Curtose e Assimetria ($Skewness < 1,96$) e do teste Kolmogorov-Smirnov, que indicou distribuições assimétricas para as variáveis depressão, ansiedade e estresse, assim como

para os 18 tipos de EIDs. Desta forma, foi adotada estatística não paramétrica na análise dos dados, com intervalos de confiança de 95%.

Inicialmente foi realizada uma descrição de frequência simples para os padrões de vitimização. Foi utilizado o teste Mann-Whitney para verificar diferença nos escores de vitimização, por sexo. Posteriormente, o teste de Mann-Whitney foi utilizado para verificar os sintomas de depressão, ansiedade e estresse, por grupo e por sexo, e ainda calculados mediana, intervalo de confiança 95% e tamanhos de efeito. Foi utilizada a classificação proposta por Cohen (1988) para interpretar a magnitude do tamanho de efeito: 0,20-0,49= pequeno; 0,50-0,79= moderado; e acima de 0,80= grande tamanho de efeito.

Quanto aos escores dos EIDs, foi adotada a média dos itens de cada esquema para as análises de dados. Foi realizado cálculo de Mann-Whitney para verificar diferença nas médias dos EIDs entre o grupo vítima e não vítima, assim como para verificar diferença por sexo, no grupo de vítimas. Foram ainda calculados a mediana, o intervalo de confiança de 95% e os tamanhos de efeito. Finalmente, foi realizada uma regressão múltipla a fim de verificar se os EIDs (variáveis independentes) podem ser considerados preditores dos sintomas de depressão, ansiedade e estresse em vítimas de violência no namoro. Desta forma, três regressões múltiplas independentes foram conduzidas, para cada uma das variáveis critérios (sintomas de depressão, ansiedade e estresse) e por sexo. A técnica de estimação Backward foi adotada, sendo que os 18 EIDs foram inicialmente colocados no modelo, com remoção dos que não contribuíram significativamente. Para avaliar multicolinearidade foram utilizados os fatores de inflação de variância (VIF) e índice de tolerância, sendo que esses pressupostos foram atendidos.

Considerações Éticas

Foi solicitada autorização da Secretaria Estadual de Educação e da direção das escolas. Os adolescentes foram convidados a participar da pesquisa de forma voluntária e foi solicitado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (para os pais dos adolescentes menores de 18 anos e para os próprios adolescentes com idade acima de 18 anos). A aplicação foi coletiva, nas próprias escolas, com duração média de uma hora. Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Parecer 1.143.563 de 06 de julho de 2015).

Resultados

Padrões de vitimização

No que se refere aos tipos de violência sofrida, foi observado que 98,5% (n=396) dos adolescentes relataram ter sofrido violência verbal/emocional em suas relações afetivo-sexuais; 44,7% (n=177) violência sexual; 30,8% (n=122) violência física; 29,0% (n=115) violência psicológica/ameaças; e 22,5% (n=89) relataram violência relacional. O teste de Mann-Whitney não indicou diferença significativa nas médias da CADRI vitimização, por sexo.

H1- Vítimas de violência no namoro têm escores mais altos de depressão, ansiedade e estresse do que adolescentes não vítimas

A Tabela 1 apresenta os resultados das análises do EDAE-A para os grupos de adolescentes vítimas e não-vítimas. Foi observada diferença significativa entre os grupos, com escores mais altos de sintomas para o grupo de vítimas. Os tamanhos de efeitos para essa diferença são considerados pequenos.

Tabela 1. Escores médios dos sintomas de depressão, ansiedade e estresse em adolescentes vítimas e não vítimas (n=525)

	Vítimas (n=396)			Não vítimas (n=129)			<i>U</i>	<i>p</i>	<i>d</i>
	M/DP	MDn	IC 95%	M/DP	MDn	IC 95%			
EDAE-A Depressão	5,33(5,24)	4,00	4,81-5,85	4,18(4,64)	2,00	3,37-4,99	21,70	0,010	0,23
EDAE-A Ansiedade	3,94(4,29)	3,00	3,51-4,36	2,58(3,56)	1,00	1,96-3,20	19,55	0,001	0,33
EDAE-A Estresse	6,86(5,18)	6,00	6,35-7,37	5,38(5,09)	4,00	4,49-6,27	20,61	0,001	0,29
EDAE-A Escore Total	16,13(12,98)	12,50	14,84-17,41	12,14(11,72)	9,00	10,10-14,18	20,12	0,001	0,31

Nota. EDAE-A= Escala de Depressão, Ansiedade e Estresse para Adolescentes; *M*= Média; *DP*= Desvio-padrão; *MDn*= Mediana; *U*= Teste de Mann-Whitney; *p*= significância estatística; *d*= tamanho de efeito *d* de Cohen.

H2- Entre as vítimas, adolescentes do sexo feminino apresentam escores mais altos de depressão, ansiedade e estresse do que adolescentes do sexo masculino

Houve diferença significativa para os sintomas de depressão, ansiedade e estresse, assim como no escore total do EDAE-A, por sexo no grupo de vítimas. Adolescentes do sexo feminino tiveram significativamente mais sintomas de depressão (MDn = 5,00) do que adolescentes do sexo masculino (MDn = 3,00), $U = 15,53$, $p = 0,004$, $d = 0,28$. Na mesma direção, adolescentes do sexo feminino apresentaram escores mais altos de sintomas de ansiedade (MDn = 3,00) do que meninos (MDn = 2,00), $U = 15,44$, $p = 0,003$, $d = 0,32$; assim como de sintomas de estresse (meninas – MDn= 7,00; meninos = 5,00), $U = 14,35$, $p = 0,001$, $d = 0,43$. Por fim, adolescentes do sexo feminino apresentaram escore total no EDAE-A significativamente mais alto (MDn = 15,00) do que os adolescentes do sexo masculino (MDn = 10,00), $U = 14,25$, $p = 0,001$, $d = 0,40$, embora com baixo tamanho de efeito.

H3- Adolescentes vítimas de violência no namoro apresentam escores mais elevados nos EIDs do que não vítimas

A Tabela 2 indica os escores médios dos EIDs para o grupo vítima e não-vítima de violência no namoro. O Teste de Mann-Whitney indicou que adolescentes vítimas de violência no namoro tiveram escores significativamente mais altos nos EIDs de Abandono, Desconfiança/abuso, Arrogo/grandiosidade, Autossacrifício, Busca por aprovação, Negativismo/Pessimismo e Padrões Inflexíveis, quando comparados a adolescentes não vítimas. Contudo, os tamanhos de efeitos são considerados pequenos.

Buscou-se ainda avaliar se no grupo de vítimas haveria diferença nos escores dos EIDs, por sexo (Tabela 3). O Teste de Mann-Whitney apontou diferença significativa entre os sexos nos EIDs de Abandono, Desconfiança/abuso, e Vulnerabilidade ao dano, com escores

mais altos em vítimas do sexo feminino. Por sua vez, os adolescentes do sexo masculino apresentaram escores significativamente mais altos nos EIDs de Autocontrole insuficiente e Padrões inflexíveis. Tais diferenças apresentaram tamanhos de efeito pequenos.

Tabela 2. Escores médios dos EIDs para o grupo vítima e não vítima de violência no namoro

	Vítimas (n=396)			Não vítimas (n=129)			<i>U</i>	<i>p</i>	<i>d</i>
	M/DP	MDn	IC 95%	M/DP	MDn	IC 95%			
EID Abandono	4,22(1,33)	4,33	4,09-4,36	3,71(1,40)	3,66	3,50-3,96	20,10	0,001	0,38
EID Desconfiança/abuso	3,32(1,35)	3,33	3,18-3,45	2,69(1,19)	2,66	2,49-2,90	18,61	0,001	0,48
EID Privação emocional	2,03(1,29)	1,33	1,90-2,15	2,02(1,34)	1,33	1,79-2,25	24,97	0,694	0,00
EID Defectividade/vergonha	1,70(1,04)	1,33	1,60-1,80	1,73(1,09)	1,33	1,54-1,92	25,39	0,913	0,00
EID Isolamento social	2,25(1,36)	2,00	2,11-2,38	2,12(1,44)	1,50	1,87-2,37	23,33	0,127	0,00
EID Dependência	1,66(0,90)	1,33	1,57-1,75	1,62(0,80)	1,33	1,48-1,76	25,53	0,994	0,00
EID Vulnerabilidade ao dano	2,59(1,34)	2,33	2,46-2,72	2,55(1,44)	2,33	2,30-2,80	24,73	0,584	0,00
EID Emaranhamento	2,92(1,44)	2,66	2,78-3,06	2,94(1,42)	2,66	2,70-3,19	25,20	0,821	0,00
EID Fracasso	2,07(1,26)	1,66	1,95-2,20	2,10(1,23)	1,66	1,88-2,31	25,05	0,735	0,02
EID Arrogo/Grandiosidade	2,08(1,03)	2,00	1,98-2,18	1,76(0,82)	1,66	1,61-1,90	21,16	0,003	0,33
EID Autocontrole insuficiente	2,30(1,14)	2,00	2,19-2,41	2,22(1,15)	2,00	2,02-2,42	24,41	0,447	0,00
EID Subjugação	1,86(0,92)	1,66	1,77-1,95	1,86(0,96)	1,66	1,69-2,02	24,92	0,673	0,00
EID Autossacrifício	3,73(1,27)	3,66	3,60-3,85	3,37(1,31)	3,33	3,14-3,60	21,45	0,006	0,28
EID Busca por aprovação	2,81(1,32)	2,66	2,68-2,95	2,49(1,29)	2,33	2,26-2,71	21,74	0,011	0,24
EID Negativismo/pessimismo	3,17(1,46)	3,00	3,03-3,31	2,73(1,43)	2,33	2,48-2,98	20,92	0,002	0,30
EID Inibição emocional	2,97(1,35)	2,66	2,84-3,10	3,04(1,39)	2,66	2,80-3,28	24,90	0,667	0,05
EID Padrões inflexíveis	3,47(1,47)	3,50	3,32-3,62	3,15(1,37)	3,50	2,92-3,39	22,57	0,046	0,22
EID Postura punitiva	2,30(1,29)	2,00	2,17-2,43	2,09(1,07)	1,66	1,91-2,28	23,79	0,236	0,17

Nota. EID= Esquemas iniciais desadaptativos; M= média; DP= Desvio-padrão; MDn= mediana; IC 95%= intervalo de confiança; *U*= Teste de Mann-Whitney; *p*= nível de significância; *d*= tamanho de efeito D de Cohen

Tabela 3. Escores médios dos EIDs, nas vítimas, por sexo (n=396)

	Feminino (n= 239)			Masculino (n= 157)			<i>U</i>	<i>p</i>	<i>d</i>
	M/DP	MDn	IC 95%	M/DP	MDn	IC 95%			
EID Abandono	4,43(1,30)	4,33	4,27-4,60	3,91(1,32)	4,00	3,70-4,12	14,61	0,001	0,40
EID Desconfiança/abuso	3,42(1,34)	3,33	3,25-3,59	3,16(1,35)	3,00	2,94-3,37	14,47	0,040	0,19
EID Privação emocional	2,00(1,25)	1,33	1,84-2,16	2,06(1,35)	1,33	1,84-2,27	18,73	0,977	0,05
EID Defectividade/vergonha	1,66(0,99)	1,33	1,53-1,79	1,76(1,12)	1,33	1,58-1,94	18,09	0,520	0,10
EID Isolamento social	2,28(1,32)	2,00	2,11-2,45	2,19(1,41)	1,50	1,97-2,41	17,21	0,212	0,07
EID Dependência	1,66(0,92)	1,33	1,54-1,77	1,66(0,86)	1,33	1,52-1,79	18,16	0,573	0,00
EID Vulnerabilidade ao dano	2,73(1,38)	2,66	2,55-2,90	2,38(1,26)	2,00	2,18-2,58	15,93	0,011	0,26
EID Emaranhamento	3,01(1,48)	2,66	2,82-3,20	2,78(1,37)	2,66	2,56-2,99	17,23	0,169	0,16
EID Fracasso	2,11(1,29)	1,66	1,95-2,28	2,02(1,21)	1,66	1,83-2,20	18,26	0,647	0,07
EID Arrogo/Grandiosidade	2,02(0,96)	2,00	1,90-2,14	2,17(1,13)	2,00	1,99-2,35	17,75	0,358	0,15
EID Autocontrole insuficiente	2,15(1,09)	2,00	2,01-2,29	2,52(1,19)	2,33	2,33-2,71	15,20	0,001	0,33
EID Subjugação	1,87(0,95)	1,66	1,75-2,00	1,84(0,89)	1,66	1,70-1,98	18,67	0,935	0,03
EID Autossacrifício	3,76(1,28)	3,66	3,60-3,92	3,68(1,25)	3,66	3,48-3,88	17,99	0,488	0,06
EID Busca por aprovação	2,80(1,31)	2,66	2,64-2,97	2,83(1,34)	2,66	2,62-3,04	18,58	0,867	0,02
EID Negativismo/pessimismo	3,27(1,51)	3,33	3,08-3,46	3,02(1,37)	2,66	2,81-3,23	16,99	0,112	0,17
EID Inibição emocional	2,93(1,33)	2,66	2,76-3,10	3,03(1,38)	3,00	2,81-3,24	18,05	0,522	0,07
EID Padrões inflexíveis	3,19(1,46)	3,00	3,00-3,38	3,90(1,40)	4,00	3,68-4,12	13,47	0,001	0,49
EID Postura punitiva	2,26(1,28)	2,00	2,10-2,42	2,36(1,31)	2,00	2,16-2,57	17,86	0,411	0,06

Nota. EID= Esquemas iniciais desadaptativos; M= média; DP= Desvio-padrão; MDn= mediana; IC 95%= intervalo de confiança; *U*= Teste de Mann-Whitney; *p*= nível de significância; *d*= tamanho de efeito D de Cohen

H4- EIDs podem ser considerados preditores dos sintomas de depressão, ansiedade e estresse em vítimas de violência no namoro

Para adolescentes do sexo feminino (Tabela 4), a regressão múltipla apontou que os EIDs explicam 36% da variância dos sintomas de depressão ($R^2 = .36$, $F(5,238) = 27,33$, $p < 0,001$); 28% da variância dos sintomas de ansiedade ($R^2 = .28$, $F(4,238) = 24,02$, $p < 0,001$); e 26% da variância dos sintomas de estresse ($R^2 = .26$, $F(4,238) = 17,62$, $p < 0,001$). Para os adolescentes do sexo masculino (Tabela 5), os resultados da regressão múltipla indicaram que os EIDs explicam 43% da variância dos sintomas de depressão ($R^2 = .43$, $F(5,156) = 20,68$, $p < 0,001$); 38% da variância dos sintomas de ansiedade ($R^2 = .38$, $F(4,156) = 25,25$, $p < 0,001$), e 37% da variância dos sintomas de estresse ($R^2 = .37$, $F(3,156) = 24,16$, $p < 0,001$).

Dessa forma, para cada sexo, diferentes EIDs contribuíram como preditores dos sintomas de depressão, ansiedade e estresse. Os EIDs de Negativismo/Pessimismo, Isolamento social, Defectividade/vergonha e Dependência/incompetência, embora sejam considerados preditores de depressão para ambos os sexos, assumem valor explicativo diferente para mulheres e homens. Para os sintomas de ansiedade, os EIDs de Vulnerabilidade ao Dano e de Privação emocional assumem igualmente valores preditivos diferentes para cada sexo, assim como nos sintomas de estresse, em que apenas o EID de Negativismo/Pessimismo é comum aos dois sexos.

Tabela 4. Modelos de Regressão Linear Múltipla (método Backward) para sintomas de depressão, ansiedade e estresse em vítimas do sexo feminino

Variáveis	B	SE B	β	t	R ²
Depressão^a					0,36
EID Negativismo/Pessimismo	0,78	0,23	0,22	3,33*	
EID Isolamento Social	0,72	9,26	0,18	2,80**	
EID Dependência/Incompetência	1,05	0,37	0,18	2,86**	
EID Desconfiança/abuso	0,63	0,25	0,16	2,50**	
EID Defectividade/vergonha	0,65	0,33	0,12	2,00**	
Ansiedade^b					0,28
EID Vulnerabilidade ao Dano	0,92	0,21	0,28	4,50*	
EID Negativismo/Pessimismo	0,56	0,19	0,18	2,90**	
EID Privação Emocional	0,62	0,21	0,17	2,94**	
EID Autossacrifício	0,53	0,21	0,15	2,55**	
Estresse^c					0,26
EID Isolamento Social	1,10	0,25	0,27	4,35*	
EID Negativismo/Pessimismo	0,81	0,23	0,23	3,50*	
EID Arrogância/Grandiosidade	1,05	0,35	0,19	3,02**	
EID Autossacrifício	0,61	0,25	0,14	2,39**	

Nota. EID=Esquema inicial desadaptativo; ^aDurbin-Watson=1,93; ^bDurbin-Watson=2,07; ^cDurbin-Watson=2,03

*p<0,001; **p<0,05

Tabela 5. Modelos de Regressão Linear Múltipla (método Backward) para sintomas de depressão, ansiedade e estresse em vítimas do sexo masculino

Variáveis	B	SE B	β	t	R ²
Depressão^a					0,43
EID Defectividade/vergonha	1,00	0,39	0,23	2,55**	
EID Isolamento Social	0,73	0,28	0,21	2,62**	
EID Negativismo/Pessimismo	0,69	0,27	0,20	2,60**	
EID Privação Emocional	0,60	0,25	0,17	2,36**	
EID Dependência/incompetência	0,85	0,38	0,15	2,21**	
Ansiedade^b					0,38
EID Defectividade/vergonha	1,04	0,26	0,32	4,07*	
EID Dependência/incompetência	0,94	0,31	0,22	3,00**	
EID Privação Emocional	0,47	0,19	0,17	2,50**	
EID Vulnerabilidade ao Dano	0,43	0,21	0,15	2,04**	
Estresse^c					0,37
EID Dependência/incompetência	1,52	0,36	0,29	4,22*	
EID Negativismo/Pessimismo	0,82	0,24	0,25	3,47*	
EID Privação Emocional	0,83	0,22	0,25	3,73*	

Nota. EID= Esquema inicial desadaptativo. ^aDurbin-Watson=1,79, ^bDurbin-Watson=2,15,

^cDurbin-Watson=1,79

*p<0,001; **p<0,05

Discussão

Este estudo investigou a presença de violência nas relações afetivo-sexuais na adolescência, buscando dar ênfase na relação entre vitimização e o desenvolvimento de sintomatologia, assim como da relevância dos EID nessa compreensão. De modo geral, vítimas apresentaram sintomatologia significativamente mais alta do que não-vítimas, confirmando a hipótese 1. Os resultados deste estudo são consistentes com os estudos anteriores, que indicam a presença de consequências psicológicas em adolescentes vítimas de violência no namoro (Bonomi et al., 2013; Ulloa & Hammett, 2016; Yalch et al., 2013). A exposição à violência no namoro na adolescência é um fator de risco para alterações psicológicas, devendo ser compreendida como um evento estressor importante na vida de adolescents e jovens.

Embora não tenha sido verificada diferença nos padrões de vitimização da violência no namoro, por sexo, foi possível identificar que adolescentes do sexo feminino apresentam escores nos sintomas de depressão, ansiedade e estresse significativamente mais altos do que os adolescentes do sexo masculino. Esses achados confirmam a hipótese 2. Alguns estudos têm identificado um impacto mais severo em adolescentes do sexo feminino (Cleveland, Herrera, & Stuewig, 2003; Ulloa & Hammett). Sintomas mais elevados em vítimas do sexo feminino podem contribuir para dificuldades no reconhecimento de sinais de violência nos relacionamentos amorosos, em pedir ajuda e em terminar a relação abusiva, uma vez que tais sintomas podem impactar negativamente a autoestima das vítimas (Cascardi, 2016). Sintomas internalizantes tendem ainda a ser mais prevalentes em adolescentes do sexo feminino, se comparado ao sexo masculino (Vahl, van Damme, Doreleijers, Vermeiren, & Colins, 2016).

Adolescentes vítimas de violência no namoro tiveram escores mais altos nos EIDs de Abandono, Desconfiança/abuso, Autossacrifício, Busca por aprovação,

Negativismo/pessimismo e Padrões inflexíveis, quando comparados ao grupo de não vítimas, confirmando a hipótese 3. Os EIDs de Abandono e de Desconfiança/abuso pertencem ao domínio de Desconexão e Rejeição, que engloba expectativas de que as necessidades emocionais de segurança, proteção e cuidado não serão atendidas de modo satisfatório (Young et al., 2008). O EID de Abandono diz respeito à percepção de que as pessoas são instáveis e de que não merecem nossa confiança, pois, em geral, tendem a nos abandonar. O EID de Desconfiança/abuso envolve a percepção de que os outros poderão machucar, abusar, humilhar, manipular, ou ainda a ideia de que está sendo enganado pelos outros. Desta forma, tais esquemas podem ativar, nos relacionamentos amorosos atuais, a percepção de insegurança, abandono e desamparo aprendidos na tenra infância. Adicionalmente, as vítimas podem escolher parceiros amorosos que não estão disponíveis para uma relação afetiva estável e segura, confirmando seus esquemas iniciais. Assim, a violência sofrida pelo parceiro íntimo pode reforçar a crença de que as pessoas são abusivas e não merecedoras de confiança (Young et al., 2008).

Os EIDs de Autossacrifício e Busca por aprovação englobam o domínio do Direcionamento para o Outro. Esse domínio diz respeito ao foco excessivo em atender os desejos e sentimentos dos outros, à custa das próprias necessidades, com o objetivo de obter aprovação e amor, ou evitar conflitos (Young et al., 2008). Vítimas de violência no namoro podem excessivamente buscar atender os desejos do parceiro, tornando-se passivas e submissas. Podem ainda ter uma hipersensibilidade à rejeição, buscando assim fazer tudo para agradar o parceiro, buscando aprovação e evitando o conflito.

Já os EIDs de Negativismo/pessimismo e Padrões inflexíveis fazem parte do domínio de Supervigilância e Inibição. Pessoas com esquemas nesse domínio suprimem seus sentimentos, impulsos e escolhas espontâneas e buscam cumprir, de forma rígida, regras internalizadas. Há uma supervigilância em relação aos eventos negativos de vida (Young et

al., 2008). O esquema de Negativismo/pessimismo envolve excessiva expectativa negativa frente à vida, em detrimentos de eventos positivos (Young et al., 2008). O esquema de Padrões inflexíveis diz respeito à ideia de que se deve atingir padrões superelevados de exigência interna, a fim de evitar críticas. Está associado ao perfeccionismo e às regras rígidas. Dessa forma, vítimas de violência no namoro podem se tornar mais rígidas consigo mesmas, a fim de evitar receber críticas e desqualificação do parceiro. O contexto da relação afetiva, baseada na violência, pode levar o adolescente a ficar hipervigilante, assim como ter uma visão negativa da vida. Além disso, a dificuldade em ser espontâneo, em expressar seus sentimentos de forma autêntica e de relaxar são descritas como características do perfil de vítimas de violência do parceiro íntimo (Paim, Madalena, & Falcke, 2012).

Neste estudo, adolescentes do sexo feminino apresentaram escores significativamente mais altos nos EIDs de Abandono e Desconfiança/abuso (Domínio de Desconexão e Rejeição) e no EID de Vulnerabilidade ao Dano (Domínio de Autonomia Prejudicada). Já entre os adolescentes do sexo masculino, vítimas de violência no namoro, apresentaram significativamente maior pontuação nos EIDs de Autocontrole Insuficiente (Domínio Limites prejudicados) e de Padrões inflexíveis (Domínio de Supervigilância e Inibição). Dessa forma, diferenças emergiram quanto ao perfil de esquemas típicos nas vítimas de violência no namoro, por sexo. Diferenças por sexo também têm sido identificadas em estudos com adolescentes e jovens em amostras comunitárias e clínicas (Brenning et al., 2012; Calvete et al., 2013). Além disso, tais diferenças podem ser úteis na compreensão de vulnerabilidades cognitivas para ser uma vítima de violência no namoro. Meninas vítimas tendem a ter percepções mais voltadas para o abandono, desamparo e instabilidade em seus vínculos afetivos primários, enquanto que meninos vítimas podem ter maior evitação de conflitos e de críticas, assim como dificuldade em expressar os afetos de forma espontânea.

Os resultados do presente estudo também indicaram que os EIDs podem predizer os sintomas de depressão, ansiedade e estresse em adolescentes vítimas de violência no namoro, confirmando a hipótese 4. Esquemas do domínio de Desconexão e Rejeição (Defectividade/vergonha, Privação emocional, Isolamento social e Desconfiança/abuso) foram considerados preditores de sintomas de depressão para ambos os sexos, confirmando achados anteriores com adolescentes e jovens (Calvete et al., 2013; Cámara & Calvete, 2012), bem como entre mulheres vítimas de violência do parceiro íntimo (Calvete et al., 2007). Para os adolescentes do sexo feminino, o EID de Negativismo/Pessimismo foi o que mais contribuiu para os sintomas de depressão, sendo coerente com o modelo cognitivo da depressão, associado a uma visão negativa de si, dos outros e do mundo. A falta de uma perspectiva mais positiva da vida pode levar ao desânimo e à falta de esperança, que são sintomas importantes da depressão. Para os adolescentes do sexo masculino, o EID de Defectividade/vergonha foi o que mais contribuiu para os sintomas de depressão. Este esquema está associado a ideia de ser falho, inferior, o que pode levar ao sentimentos de vergonha, inferioridade e baixa autoestima, típicos da depressão. Esse esquema também foi associado aos sintomas de depressão em adultos (Schmidt, Joiner, Young, & Telch, 1995) e em adolescentes (Van Vlieberghe et al., 2010).

Em relação aos sintomas de ansiedade, o EID de Vulnerabilidade ao dano foi o que melhor contribuiu para o modelo entre as meninas. Esse esquema pertence ao domínio de Autonomia Prejudicada e é caracterizado pelo medo excessivo a situações catastróficas em que a pessoa não terá capacidade interna para enfrentar tais situações. De modo geral, estudos apontam que o EID de Vulnerabilidade ao dano está associado a diferentes quadros psicopatológicos de ansiedade (Calvete et al., 2015; Cámara & Calvete, 2012; Lumley & Harkness, 2007). Para os adolescentes do sexo masculino, o EID de Defectividade/vergonha (Domínio de Desconexão e Rejeição) foi o que mais contribuiu para essa associação. Os

sintomas de ansiedade podem estar mais associados à preocupação excessiva quanto à visão do outro sobre as próprias qualidades e capacidades (medo do outro reconhecer as falhas do parceiro íntimo) nos adolescentes do sexo masculino e gerar maiores níveis de ansiedade relacionada com esta mesma temática.

No que se refere aos sintomas de estresse, foi observada maior diversidade de esquemas considerados preditores de tais sintomas, em função do sexo dos participantes. Entre as meninas, esquemas de diferentes domínios (Desconexão e Rejeição, Supervigilância e Inibição, Limites Prejudicados e Direcionamento para o outro) contribuíram para o modelo, assim como entre os meninos (domínio Autonomia Prejudicada, Supervigilância e Inibição e Desconexão e Rejeição). Para as meninas, o EID de Isolamento social foi o que mais contribuiu para o modelo. Os sintomas de estresse podem estar associados à percepção de desamparo e de falta de apoio social e emocional frente aos conflitos nas relações de intimidade. O EID de Dependência/incompetência foi o que melhor explicou os sintomas de estresse para os meninos. Esse esquema diz respeito à crença de ser incapaz de viver de forma independente dos outros, ser livre e autônomo. Nesse sentido, adolescentes mais inseguros podem se tornar dependentes emocionalmente do parceiro íntimo, aumentando a probabilidade de se manterem em relações abusivas, o que poderá gerar maiores níveis de estresse e sofrimento ao longo do tempo.

Considerações Finais

Os resultados deste estudo reforçam a presença de sintomas de depressão, ansiedade e estresse entre adolescentes vítimas de violência no namoro, além de confirmar diferenças por sexo nos padrões de sintomatologia e nos EIDs. De modo geral, sintomas de depressão foram associados ao Domínio de Desconexão e Rejeição e de Autonomia Prejudicada. Já para os

sintomas de ansiedade e de estresse, diferentes EIDs mostraram-se caracterizados como preditores. Devido a diferenças de sexo encontradas no estudo, sugere-se que pesquisas futuras incluam o sexo como uma variável moderadora entre EIDs e sintomatologia em adolescentes, especialmente em situações de exposição à violência. Portanto, a Terapia dos Esquemas (TE) pode ser útil na compreensão de como os EIDs podem contribuir para o desenvolvimento desses sintomas (Cascardi, 2016) em adolescentes vítimas de violência no namoro.

Algumas limitações podem ser apontadas nesse estudo. A primeira refere-se ao caráter transversal da coleta de dados, que não permite estabelecer o caráter temporal entre a exposição à violência, sintomatologia e EIDs. A segunda, refere-se ao caráter de conveniência na seleção da amostra, assim como o fato de que a maioria dos adolescentes é oriunda de escolas públicas (menor nível socioeconômico), o que limita as possibilidades de generalização do estudo em relação a adolescentes de outros estados do Brasil, ou de outros extratos socioeconômicos. Além disso, os dados referem-se apenas a um dos adolescentes da díade amorosa, sendo que pesquisas futuras poderiam incluir a díade em si, a partir de estudos de casos clínicos, a fim de investigar as situações-gatilho que ativam os EIDs frente aos conflitos (Paim, 2016). Pesquisas futuras podem ainda investigar longitudinalmente aspectos associados às experiências emocionais na infância, a presença de violência no namoro na adolescência e violência conjugal adulta.

Apesar destas limitações, este estudo tem caráter inovador pois tem um foco em adolescentes vítimas de violência no namoro, buscando identificar a associação entre sintomas de depressão, ansiedade e estresse e EIDs, aspecto ainda pouco investigado. As associações entre sintomatologia e EIDs observadas podem funcionar como um reforçador de esquemas aprendidos nos processos de vinculação com os cuidadores primários, os quais são novamente elaborados e podem ser mantidos de forma disfuncional na adolescência. Dessa

forma, estratégias de intervenções psicológicas, baseadas na TE, podem ser aplicadas no atendimento psicológico às vítimas, com o objetivo de flexibilizar e reestruturar os esquemas iniciais desadaptativos. Assim, os resultados deste estudo podem contribuir para intervenções preventivas, a fim de interromper o ciclo de violência nas relações amorosas, desde a violência presente nas relações vivenciadas na adolescência até a violência conjugal adulta.

CAPÍTULO X

Capítulo de relato de experiência:

Prevenção à violência no namoro:

Relato de uma intervenção multicomponente no contexto escolar⁸

Introdução

Este capítulo consiste em um relato de intervenção, a partir de um projeto de extensão desenvolvido pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas em Adolescência (NEPA/UFRGS), junto a uma escola pública de Porto Alegre/RS. A temática da prevenção à violência no namoro foi abordada a partir da realização de Grupos Focais, em que participaram adolescentes de uma turma do Ensino Médio. Foram realizados três encontros nos quais foram discutidos tópicos envolvendo a concepção de violência no namoro, questões de gênero e poder nas relações afetivo-sexuais, tipos de relacionamentos amorosos na adolescência, aspectos positivos e saudáveis das relações afetivo-sexuais, motivos para a ocorrência de conflitos e de violência e estratégias de resolução de conflitos.

Compreende-se a violência no namoro na adolescência como uma variedade de comportamentos abusivos entre pré-adolescentes, adolescentes e adultos jovens (12 a 18 anos), em um contexto de relações românticas ou de namoro, atuais ou passadas (Mulford & Blachman-Demner, 2013). Envolve abuso físico, ameaças, abuso sexual e abuso verbal e emocional (Wolfe, Scott, Reitzel-Jaffe, & Wekerle, 2001). Pesquisas recentes têm dado ênfase a diversas categorias de violência no namoro, incluindo *cyber dating violence* (Pereira & Matos, 2015), *stalking* (Ferreira, 2013) e *sexting* (Morelli, Bianchi, Baiocco, Pezzuti, & Chirumbolo, 2016). O *cyber dating violence* e o *sexting* estão associados ao abuso digital, isto

⁸ Este capítulo de livro foi aceito para publicação. Borges, J. L., Wendt, B., & Dell’Aglío, D. D. (2018). Prevenção à violência no namoro: Relato de uma intervenção multicomponente no contexto escolar. In L. F. Habigzang, P. Gomide & G. M. Rocha (2018), *Avaliação, intervenção e práticas clínicas forenses*.

é, o uso das mídias digitais como veículo para disseminar fotos e vídeos, com conteúdo íntimo, sem o consentimento da vítima, com o objetivo de difamar, humilhar ou controlar as postagens ou comunicações feitas (Flach & Deslandes, 2017). Já o *stalking* se refere ao assédio e à perseguição que ocorre no período pós-ruptura do relacionamento afetivo, de forma invasiva e intencional, podendo variar desde uma tentativa persistente de reconciliação a ameaças graves, incluindo intimidação, perseguição e morte (Owens, 2016).

Na literatura internacional, estudo de meta-análise ($n=101$ pesquisas) indicou que um em cada cinco adolescentes reportou ter sofrido violência física e um em cada dez adolescentes sofreu abuso sexual nas suas relações de namoro (Wincentak, Connolly, & Card, 2016). Ainda que alguns autores destaquem a bidirecionalidade da violência ou a prática recíproca entre ambos os parceiros adolescentes (Aldrighi, 2004; Minayo, Assis, & Njaine, 2011), os padrões de vitimização e perpetração da violência no namoro diferem de acordo com o contexto ou com a cultura. Por exemplo, meninas tendem a perpetrar mais violência física do que os meninos (Goncy, Sullivan, Farrell, Mehari, & Garthe, 2016; Wincentak et al., 2016). Já os meninos tendem a apresentar maiores taxas de perpetração de violência sexual (Wincentak et al., 2016). Meninas negras tendem a ter níveis mais altos de perpetração e vitimização se comparadas às meninas brancas ($n=10.665$, EUA, Spencer, Renner, & Clark, 2016). Além disso, a violência no namoro na adolescência tende a crescer conforme o nível de intimidade e duração do relacionamento amoroso, com maiores taxas ao final da adolescência (Goncy et al., 2016). De modo geral, a violência psicológica é a forma mais comum de violência no namoro entre adolescentes e jovens (Flake, Barros, Schraiber, & Menezes, 2013; Oliveira, Assis, Njaine, & Oliveira, 2011).

A prevalência de violência no namoro é alta em adolescentes brasileiros. Em um estudo incluindo 10 capitais brasileiras, com adolescentes na faixa etária entre 14 a 19 anos ($n=3.205$, Oliveira et al., 2011), foi observado que 86,9% dos adolescentes relataram já terem

sido vítimas e 86,8% de já terem perpetrado algum tipo de agressão em um relacionamento. Em 76,6% dos casos, foi observada a bidirecionalidade da violência. No estudo de Barreira, Lima e Avanci (2013, $n= 302$ adolescentes de Recife/PE), a coocorrência da violência física e psicológica foi de 18,9% dos casos, sendo que a violência psicológica foi a mais prevalente (82,8%). Por fim, Marasca e Falcke (2015, $n=124$ adolescentes de Porto Alegre/RS) não encontraram diferença por sexo no que se refere aos padrões de vitimização.

O fenômeno da violência no namoro é multicausal e perpassa todos os grupos e segmentos sociais (Minayo et al., 2011). Além disso, permanece ainda na invisibilidade, uma vez que os próprios adolescentes têm dificuldade de reconhecerem sinais de violência em seus relacionamentos afetivo-sexuais (Ayala et al., 2014; Love & Richards, 2013). Um estudo com jovens casais de namorados do Recife/PE (Nascimento & Cordeiro, 2011) revelou que a violência pode ocorrer de forma sutil, associada à quebra das normas do relacionamento amoroso previamente acordadas pela díade. O ciúme também foi considerado um dos principais fatores de risco para motivo de brigas. Tal sentimento foi associado à ideia de posse do outro, bem como à demonstração de amor. Além disso, adolescentes tendem a legitimar o uso de agressões verbais e físicas como formas de resolução de conflitos amorosos (Minayo et al., 2011).

Adams e Williams (2014) indicaram que adolescentes reconhecem o ciúme como um sentimento fortemente relacionado à violência no namoro, assim como a internalização de modelos culturais, como o patriarcado, o que justificaria a violência nas relações de namoro. Ainda, a violência no namoro está inserida em um contexto maior de violência (macroestrutural), na qual questões histórico-sociais de gênero se perpetuam (Minayo et al., 2011). Embora as relações afetivo-sexuais contemporâneas sejam marcadas pela dualidade entre a liberdade/descompromisso e a afetividade/fidelidade (Oliveira, Gomes, Marques, & Thiengo, 2007; Ribeiro, Avanci, Carvalho, Gomes, & Pires, 2011), bem como pelo jogo entre

sensação/superficialidade e sentimento/profundidade (Chaves, 2016), há ainda crenças e valores rígidos vinculados às questões de gênero que perpassam as normas de namoro na adolescência. Assim, há um paradoxo entre as relações provisórias e temporárias e os padrões rígidos e tradicionais dos papéis de gênero (Minayo et al., 2011).

Alguns estudos apontam que a rigidez de papéis de gênero, os estereótipos e estigmas contribuem para a violência de gênero, incluindo a violência no namoro e a coerção sexual (D'Oliveira, Schraiber, Hanada, & Durand, 2009; Murta, Del Prette, & Del Prette, 2010). A redução de crenças e práticas sexistas e heterossexistas, a construção de identidades de gênero mais flexíveis, bem como o uso de estratégias saudáveis na solução de problemas vivenciados em relações afetivo-sexuais são fatores protetivos para a saúde dos indivíduos, em particular, para os adolescentes (Murta et al., 2010).

Os programas de prevenção não apenas contribuem para flexibilizar crenças e atitudes que legitimam a violência, como também pretendem ofertar espaços para o fortalecimento de fatores de proteção, incluindo aprendizagem de novas estratégias de resolução de conflitos sem o uso da violência. No Brasil, poucos estudos têm dado visibilidade aos programas de prevenção à violência no namoro (Murta et al., 2016; Murta, Santos, Martins, & Oliveira, 2013; Santos & Murta, 2016). De modo geral, os programas de prevenção têm em comum o objetivo de diminuir a probabilidade dos jovens se tornarem potenciais perpetradores da violência conjugal, bem como fortalecer habilidades de resolução de conflitos não violentas (Minayo et al., 2011).

Murta et al. (2013), ao revisarem sistematicamente a literatura ($n=15$ estudos) sobre programas de prevenção primária, indicaram que os programas multicomponentes têm maior eficácia sobre os programas meramente informativos. Assim, os programas multicomponentes incluem, não apenas a discussão das diferentes formas de violência no namoro, como também a aceitação cultural da violência de gênero, habilidades de resolução de conflitos, autoeficácia

e crítica sobre a influência do grupo de pares nas normas de namoro e na legitimação de agressões por parte do gênero masculino (Murta et al., 2013; Santos & Murta, 2016). Em um estudo com 29 adolescentes de 13-17 anos, no Distrito Federal/Brasília, os principais temas abordados em um programa de intervenção para prevenção da violência no namoro foram: paixões que valem ou não valem à pena, tomada de decisões, resolução de problemas, gênero e direitos sexuais reprodutivos, autorregulação das emoções, incluindo manejo da raiva e de ciúmes (Murta et al., 2015). Já em outro estudo, com 45 adolescentes, divididos em grupo experimental e grupo controle, foi verificado que o programa de prevenção proposto por Murta et al. (2016) se mostrou eficaz, uma vez que houve redução de crenças estereotipadas do gênero masculino, aumento de estratégias de resolução de conflitos não violentas e de habilidades interpessoais no grupo experimental.

Um dos programas mais conhecidos no cenário internacional para prevenção no namoro é denominado de “*Safe Dates*”, desenvolvido pela professora Vangie Foshee (Universidade da Carolina do Norte, EUA). Este programa tem como objetivo a prevenção primária e secundária da violência no namoro, por meio de amostras randomizadas e uso de grupo controle (Foshee et al., 2005). Ao longo dos encontros do programa são abordados temas como normas da violência no namoro, normas de gênero, habilidades de resolução de conflito, início da perpetração e vitimização, crenças sobre necessidade de buscar ajuda e consciência dos serviços comunitários disponíveis aos adolescentes (Foshee et al., 2005). Houve diminuição da perpetração da violência psicológica, física e sexual, quando comparada ao grupo controle (Foshee et al., 2005). Dessa forma, este trabalho teve por objetivo descrever uma intervenção realizada no formato de Grupos Focais (Barbour, 2009), abordando a temática da prevenção à violência no namoro na adolescência. Os Grupos Focais foram realizados no contexto escolar, como forma de devolução de dados de pesquisa, atendendo ao

compromisso ético do pesquisador, além de contribuir para uma maior interação entre a universidade e a comunidade.

Prevenção à Violência no namoro: Uma intervenção multicomponente com adolescentes escolares

Este trabalho fez parte do projeto de extensão intitulado de “Sexualidade e prevenção à violência no namoro na adolescência”, realizado no período de maio a junho de 2016, na cidade de Porto Alegre/RS. A intervenção foi estruturada através da realização de Grupos Focais, em duas turmas do terceiro ano do Ensino Médio, de uma escola pública situada em um bairro da periferia da cidade. Este relato de intervenção está associado à tese de doutorado da primeira autora, sendo que o estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (parecer 1.143.563 de 06 de julho de 2015). A participação era voluntária e os responsáveis pelos adolescentes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Foi ainda solicitado o assentimento verbal dos adolescentes.

Para fins deste relato de experiência, serão descritas as técnicas utilizadas e os conteúdos emergidos ao longo dos três encontros de Grupos Focais (GF) realizados em uma das turmas do terceiro ano. O grupo focal foi conduzido por três moderadores (duas psicólogas e um psicólogo) e por duas acadêmicas de Psicologia que foram consideradas observadoras. Foi utilizado um Diário de Campo para registrar as informações e o andamento dos encontros. A duração de cada encontro foi de duas horas e ocorreu no horário escolar. No primeiro e no segundo encontro, a turma foi dividida por sexo (meninos e meninas), a fim de observar semelhanças e diferenças nas temáticas discutidas com os adolescentes. O terceiro encontro foi misto. Assim, serão descritas as intervenções propostas nos grupos: GF 1º encontro meninas, GF 1º encontro meninos, GF 2º encontro meninas, GF 2º encontro meninos

e GF 3º encontro misto. A escolha desta diferenciação nos dois primeiros encontros, por sexo, foi baseada na literatura sobre os padrões de perpetração e vitimização da violência no namoro, assim como nas crenças e atitudes voltadas à legitimação da violência. Caridade e Machado (2008) indicam a preferência por intervenções homogêneas (formadas por participantes do mesmo sexo), uma vez que meninos tendem a perpetrar mais violência sexual e meninas mais violência física. Assim, buscou-se realizar esses encontros separados por sexo, permitindo um espaço para a revelação da violência na intimidade em um grupo de iguais (somente meninas ou somente meninos). Além disso, adolescentes do sexo masculino tendem a legitimar o uso da violência em suas relações íntimas, tornando-se mais propensos a banalizar e normalizar a agressão (Caridade, 2011). Desta forma, um espaço de discussão entre adolescentes do mesmo sexo poderia contribuir para que tais crenças pudessem emergir. Ressalta-se que os adolescentes que participaram dessa intervenção, em sua maioria, relataram ter relacionamentos heterossexuais.

Em ambos os grupos foi seguida uma proposta estruturada de técnicas e temáticas (Barbour, 2009; Murta et al., 2011) a serem discutidas com os adolescentes (ver Tabela 1). O conteúdo dessas questões foi proposto a partir dos dados da literatura sobre prevenção à violência no namoro, dentro de um modelo multicomponente (Murta et al., 2013). Além disso, foram utilizados diferentes materiais de estímulos (Barbour, 2009), incluindo o uso de vídeos e de histórias em quadrinhos. Foi discutida a história do Leo e da Bia, do livro “Diferenciando baladas de ciladas: Um guia para o empoderamento de adolescentes em relacionamentos íntimos” (Murta et al., 2011). Do mesmo livro, foi utilizado o material psicoeducativo referente às estratégias de resolução de problemas e tomada de decisão.

Tabela 1. Temáticas e técnicas utilizadas nos Grupos Focais

Encontro	Temáticas e técnicas discutidas
1º	<p>Adolescência, sexualidade e relacionamentos amorosos</p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>Rapport</i> inicial e objetivos dos encontros; - Técnica de <i>brainstorming</i>: “Quando falo a palavra amor o que lhe vem à mente?” (Costa & Fernandes, 2012); - “De que forma os adolescentes se relacionam hoje?”; - “O que eu quero/espero de um relacionamento afetivo?”; - Relações de namoro: diferenciando “ciladas de baladas”;
2º	<p>Violência no namoro e questões de gênero</p> <p>Técnica da gaita de papel: escrever a primeira palavra que lhe vem à cabeça quando se pensa na definição de violência;</p> <ul style="list-style-type: none"> - “O que é violência no namoro?”; - Leitura da história em quadrinhos do Caso Leo e Bia (Murta et al., 2011); - “Quais os sinais de violência no namoro presentes nesse relacionamento?”; “O que faz o Leo agir assim?” “O que faz a Bia agir assim?”; - Relações de poder e gênero nas relações amorosas: “Há normas sociais de como homens e mulheres devem se comportar em um relacionamento amoroso?”; “Que regras são essas?”; “Como essas regras influenciam a violência no namoro?”; <p>Vídeo: “Não tira o batom vermelho” da youtuber Jout-Jout</p>
3º	<p>Estratégias de resolução de conflitos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Buscando soluções para os problemas (Murta et al., 2011); - Aprendendo a se comunicar no namoro (Murta et al., 2011); - Avaliação da intervenção.

Grupos focais sobre prevenção à violência no namoro

A seguir será apresentada a estrutura de cada grupo focal realizado por sexo e por encontros, assim como os resultados.

1º Encontro: GF meninas, 09 participantes

Objetivo principal do encontro: Discutir concepção de adolescência, sexualidade e relacionamentos amorosos.

Inicialmente os moderadores do grupo apresentaram-se e retomaram os objetivos da intervenção. Foram utilizados crachás coloridos, confeccionados com papel e barbante, como meio das adolescentes se apresentarem aos demais membros do grupo. Assim, foi solicitado que cada uma pudesse escrever ou desenhar algum conteúdo no crachá que melhor descrevesse uma característica individual, de forma que pudessem se apresentar para além do nome.

Após a fase de apresentação, um dos moderadores lançou para o grupo a pergunta: “Quando falo a palavra amor o que lhe vem à mente?” (técnica de *brainstorming*). O amor foi descrito como um sentimento pela família, pelos animais, por chocolate, assim como a percepção de que a amizade é uma forma de amor. O amor ainda foi descrito como um sentimento que se tem em um relacionamento com alguém. A partir disso, a moderadora questionou que diferenças havia entre esse tipo de amor (família e amigos) e o amor romântico. Houve no grupo um consenso de que amar outra pessoa, com foco nas relações afetivo-sexuais, envolve questões como “amar é ser companheiro”, “amar é respeitar o outro” e “amar é ser fiel”. A fidelidade foi uma das características do amor fortemente marcada no grupo das meninas. Ainda foram mencionadas as palavras carinho e traição. Nesse sentido, o amor pode trazer sofrimento, pois “você ama alguém e se decepciona”. O amor, assim, na concepção das adolescentes participantes, é compreendido como um sentimento amplo,

presente em diferentes relações e quando associado ao amor romântico, deve ser um sentimento verdadeiro, baseado na fidelidade e na confiança.

Em seguida, a moderadora apresentou ao grupo a seguinte questão: "Como os adolescentes se relacionam hoje?". As participantes mencionaram diferentes configurações amorosas, incluindo "amizade colorida", "ficar", "pegar" e namorar. Uma das participantes mencionou que "é uma bagunça", sugerindo que não há uma forma somente de se relacionar. O "ficar" foi associado ao "curtir o momento", "ficar na balada" e "ficar várias vezes com a mesma pessoa, mas também podendo ser só uma vez"; já o "pegar" foi descrito como "ficar com várias pessoas na mesma festa", enquanto que o namorar foi associado à ideia de exclusividade, de maturidade e de confiança. Assim, namorar é "pedir para ficar só com aquela pessoa" e "é ser fiel, é saber perdoar o outro e é pensar nos dois". O namoro foi visto como um relacionamento maduro e idealizado por elas. O "ficar" foi descrito como uma fase de conhecer uma pessoa e o "pegar" como "baixaria", veementemente reprovado pelas meninas, pois "a mulher é vista apenas como um objeto sexual". Logo, na percepção do grupo, há uma valorização pelo namorar, embora não haja uma única forma de relacionamento na adolescência.

Na sequência, foi utilizada a técnica nomeada "Diferenciando baladas de ciladas". Essa técnica foi adaptada de Murta et al. (2011), em que um chapéu foi passado no grupo, contendo pirulitos e fichas de papeis. Nas fichas de papeis havia as palavras: balada e cilada. Cada menina podia escolher entre uma das duas palavras para dividir sua opinião do que seria uma balada em um relacionamento amoroso (aspecto positivo de um relacionamento) ou do que seria uma cilada (aspecto negativo de uma relação amorosa). Em relação aos aspectos positivos de ter um relacionamento amoroso o grupo apontou: "saber que tem sempre alguém do seu lado", "confiar no outro", "saber que a pessoa vai te aceitar como tu realmente é" e "poder contar com a pessoa". No que se refere às ciladas de um relacionamento amoroso, o

grupo trouxe o “ciúmes”, “terminar com alguém é ruim”, “traição”, “o outro querer mandar no relacionamento”, “não aceitar que os amigos fazem parte da vida e não só ele”, “sentimento de posse”, “não deixar sair”, “controlar a roupa que uso” e “não deixar curtir a foto no Facebook”. Ressalta-se que essas opiniões não se referem apenas a relacionamentos heterossexuais, pois o grupo trouxe que entre relacionamentos menina-menina e menino-menino também há ciúmes, conflitos e controle do parceiro. Para as meninas, esses comportamentos, ao serem identificados em um relacionamento, são elementos suficientes para “terminar a relação”, pois o amor se “transforma em posse”.

O grupo foi questionado pelo moderador se haveria diferenças de gênero no que se refere às expectativas em um relacionamento, ou seja, se meninas e meninos têm expectativas similares ou diferentes em uma relação amorosa. As meninas trouxeram a percepção de que os meninos pensam em se relacionar apenas para transar, e que “depois disso eles largam as meninas, eles fazem o que querem”. Uma das falas que emergiu no grupo foi: “o relacionamento é dos dois, os dois têm que opinar, mas os homens têm disso, acham que mandam”. O grupo trouxe que há uma cultura machista extremamente forte, que beneficia os meninos no exercício da sexualidade e que pune a liberdade sexual das meninas. Ainda foi mencionado que a vivência da sexualidade em um relacionamento deveria estar associada ao respeito mútuo e que diz respeito também aos valores e ao caráter de cada um. Assim, os meninos “educados” respeitam a vontade da menina, o “tempo da menina para transar”. As meninas mencionaram ainda que “há também muitas gurias interesseiras, que só querem usar o menino”. Tal comportamento foi condenado pelas participantes, pois reforça nos meninos a ideia de que as mulheres “não prestam” e que, assim, eles podem tratar mal todas as mulheres.

Ainda foi abordada a questão do uso de *shortinho* na escola, tema em voga no período em que os grupos estavam ocorrendo. A discussão tornou-se “acalorada”, intensa, pois as participantes trouxeram opiniões divergentes, tanto a favor quanto contra o uso. De um lado,

o grupo considera que as meninas têm o direito de se vestirem do jeito que quiserem, pois isso é liberdade. Mencionaram ainda que “isso é puro machismo, mulher não pode nada, homem pode qualquer coisa que tá bem”. Reivindicam, assim, a concepção de que o corpo da mulher “é dela, é ela que decide o que quer ou não usar”. Por outro lado, as meninas também verbalizaram que “usar *shortinho* muito curto, é ser puta”, e que “têm algumas gurias que abusam e daí a direção da escola tem que proibir mesmo”. A ideia de “usar a roupa conforme o contexto” também foi ventilada no grupo, indicando que na escola há regras e essas devem ser cumpridas. Uma das falas foi: “se você não vai para um velório ou para a igreja de *shortinho* curto, então também não vai para a escola de *shortinho*”, indicando que essa peça de roupa seria mais indicada para ir à praia, sair com as amigas e ir à balada, mas não em contextos formais. Foi ainda mencionado que se as próprias meninas “reprimem e julgam as outras meninas” é porque concordam com a cultura machista presente em nossa sociedade. Por fim, o tema ainda trouxe reflexões sobre “ser uma mulher atraente”, ou seja, a menina usa o *shortinho* para se sentir “um mulherão”. Nesse sentido, o grupo mostrou-se dividido entre regras sociais e a liberdade de usar qualquer roupa.

1º. Encontro: GF meninos, 07 participantes

Objetivo principal do encontro: Discutir concepção de adolescência, sexualidade e relacionamentos amorosos

No encontro dos meninos foi solicitado pelo moderador a confecção dos crachás, conforme descrito anteriormente. Após a equipe e os participantes se apresentarem, foi realizada a técnica de *brainstorming*, sendo questionado a eles: “Quando falo a palavra amor o que lhes vêm à mente?”. Esta técnica gerou respostas como “carinho”, “compaixão”, “paixão”, “família”, “casamento” e “*skate*”, demonstrando que o amor não é um sentimento vinculado apenas às relações afetivo-sexuais. Quando questionados pelo moderador se havia

diferenças entre “amar” e “gostar”, um dos participantes prontamente utilizou a seguinte metáfora para explicar a diferença: “quando você gosta de uma flor, arranca-a e a leva para casa. Quando você ama uma flor, ao invés de arrancá-la, você cuida e cultiva”, sugerindo que o amor requer maior dedicação, cuidado e altruísmo por parte do casal. Também foi solicitado ao grupo que descrevesse que tipos de relacionamentos os adolescentes tinham atualmente. Eles mencionaram o “ficar” como algo sem compromisso, a “amizade colorida” como algo que parte de uma amizade, e o “namoro” que pressupõe um compromisso, um sentimento especial e algumas regras como respeitar e não ficar com outras pessoas. Quando o moderador questionou-os como saber se aquele relacionamento era, de fato, um namoro, alguns meninos apontaram que pensavam na parceira todo o tempo e que sentiam saudades. Também frisaram que a parceira somente pode ser apresentada para a família quando o “relacionamento é sério” e quando o sentimento é recíproco, pois implica na oficialização da relação, gerando, inclusive, muito nervosismo. Os adolescentes divergiram quando foi abordada a configuração amorosa de “morar junto com a companheira”, pois um dos meninos destacou a importância de oficializar a união por meio do casamento, enquanto os demais acreditavam que não era necessário casar para morar junto, mas sim firmar acordos entre o casal. Essas divergências apontam que, mesmo havendo novas formas de se relacionar, permanecem antigas concepções de que o casamento legitimaria a relação amorosa. De qualquer forma, os meninos concordaram que para um relacionamento durar, era importante ter amor, confiança, atitude, maturidade, respeito ao próximo, carinho e controle do ciúme. A temática do ciúme novamente gerou opiniões divergentes no grupo, pois alguns meninos mencionaram que o ciúme saudável não podia ser exagerado (por exemplo, o controle dos *likes* no Facebook), ressaltando que o seu excesso poderia, inclusive, gerar comportamentos agressivos. Já outros meninos apontaram que “quanto mais ciúme, mais amor”, como se o controle e o cuidado caminhassem juntos.

Na técnica “Diferenciando baladas de ciladas”, os participantes ressaltaram que os aspectos ruins de um relacionamento, as ciladas, seriam: “desconfiança”, “traição”, “criar expectativas e depois se decepcionar”, o que alguns nomearam como “propaganda enganosa”. Já os aspectos positivos de um relacionamento, as baladas, seriam: “confiança”, “paixão”, “ter uma companhia” e “passear com a companheira”.

A discussão proposta pelo moderador acerca do uso de roupas curtas, justas ou decotadas pelas companheiras gerou muita discussão entre os jovens e ocupou boa parte do tempo do grupo focal. Alguns adolescentes apontaram que “a roupa não define caráter” e que as mulheres “se vestiam desta forma para elevar sua autoconfiança”, não para despertar o interesse dos homens, assim, seria importante chegar a alguns acordos com o companheiro. Em contrapartida, outros meninos frisaram que se a companheira usa saia curta “não está respeitando o namorado, nem a si própria” e que “enquanto as mulheres são atraídas pelas palavras, os homens são atraídos pelo que veem”, portanto ao usarem roupas curtas elas estariam chamando a atenção e poderiam passar por situações de desrespeito.

2º. Encontro: GF meninas, 05 meninas

Objetivo principal do encontro: Problematizar o que é a violência no namoro e questões de gênero associadas.

Neste encontro foram usadas três técnicas principais. A primeira foi o uso da “carta sanfonada”. Foi solicitado que cada membro do grupo escrevesse uma palavra que definisse “violência”. Após escrever, a pessoa dobrava a folha e passava para a próxima pessoa. Houve consenso no grupo que a violência envolve tanto agressão física quanto psicológica. Foi mencionada a ideia de que toda violência é um tipo de agressão, pois fere a pessoa, que é um desrespeito com a liberdade e a vontade do outro, que é “menosprezar a pessoa, humilhar”.

A partir da concepção geral de violência, foi proposto ao grupo discutir a definição de violência no namoro. Para tanto, foi usada como recurso a história em quadrinhos do caso do Leo e da Bia (Murta et al., 2011). A leitura foi individual, de forma silenciosa, e após foi solicitado que respondessem a pergunta: “Como vai terminar a história desse relacionamento?”. Ainda foi interrogado ao grupo: “Quais os sinais de violência no namoro presentes nesse relacionamento?”; “O que faz o Leo agir assim?” e “O que faz a Bia agir assim?”. O grupo identificou diferentes tipos de violências: o fato de Leo puxar o braço de Bia foi considerado uma violência física enquanto que seu comportamento controlador foi considerado um tipo de violência psicológica. Consideraram ainda que Leo é possessivo, ciumento, inseguro, enquanto que a Bia é “calma até demais”. O fato de Bia usar um vestido curto e ser repreendida por Leo teve duas percepções no grupo: A primeira, que ele a estava protegendo, para que os outros meninos não olhassem para ela ou por ciúmes, e que poderia ser uma “prova de amor”; a segunda interpretação foi de que, se ele tivesse a obrigado a trocar de roupa ou a proibido de usar alguma roupa, então seria violência. Em relação ao término do relacionamento de Leo e Bia, parte do grupo pensou que iria culminar em uma agressão física; outra parte do grupo indicou que Leo poderia mudar, poderia reconhecer que é ciumento e pedir desculpas; e outra parte do grupo pensou que Bia deveria terminar o relacionamento, pois ainda é recente e já revelou que “não dará certo, pois ele é muito controlador”. A partir dessa técnica, percebe-se que o grupo considerou a presença de violência no relacionamento de Leo e Bia, com desfechos diferentes.

Houve consenso no grupo que o ciúme é um dos principais motivos para a ocorrência de violência e dos conflitos, podendo levar ao término do relacionamento. O grupo mencionou que o término do namoro ocorre também pelo controle excessivo do parceiro, “ele quer prender a pessoa por medo, então não é mais amor”. Uma das falas que emergiram no grupo foi: “ele não aceita perder, então se a menina termina primeiro, o cara fica se

vingando”. Dessa forma, o término de um relacionamento é um período de risco para sofrer violência.

A outra técnica usada para a discussão de gênero e empoderamento das mulheres foi a exibição do vídeo “Não tira o batom vermelho” da youtuber JoutJout (Julia Tolezano), que mobilizou o grupo, reforçando concepções de gênero que se atravessam nos relacionamentos amorosos. As adolescentes identificaram-se com a visão machista da sociedade em que vivem, de poder e controle, que perpassa os relacionamentos abusivos. Demonstraram uma postura crítica contra essa cultura e a favor dos direitos das mulheres. Duas adolescentes verbalizaram casos de amigas e familiares que se encontram em situação de violência do parceiro íntimo e que realizaram boletim de ocorrência de Maria da Penha. Essa técnica possibilitou que viesse à tona esses relatos de casos de violência no namoro.

2º. Encontro: GF meninos, 05 participantes

Objetivo principal do encontro: Problematizar o que é a violência no namoro e questões de gênero associadas.

A primeira técnica utilizada no segundo encontro com os meninos também foi a “carta sanfonada”, a fim de debater a concepção de violência. As definições de violência discutidas pelo grupo envolveram “brigas”, “agressões”, “desrespeito”, “pressão psicológica” e “dominar o outro”. Da mesma forma que entre as meninas, neste grupo a violência foi caracterizada por envolver agressão física e psicológica. A seguir, a moderadora solicitou que pensassem em situações de violência nos relacionamentos amorosos na adolescência. Os adolescentes trouxeram poucos exemplos de violência, pois, em geral, disseram desconhecer situações violentas “graves”. Ao refletirem sobre violência psicológica, os meninos verbalizaram que se sentiam violentados pelas chantagens emocionais das meninas, que, inclusive, “ameaçam se matar caso eles queiram terminar” a relação. Sobre os conflitos com

as parceiras, trouxeram que “meninas são controladoras”, pois não permitem que “eles saiam com os amigos” ou que “joguem futebol”, e que “mexem em seus celulares escondido”. Os meninos mencionaram ainda que o ciúme e o controle das meninas são situações difíceis para eles lidarem, e que, às vezes, “podem perder a cabeça, brigar, gritar”, porque “aí ela já encheu muito o meu saco, eu já disse várias vezes que não fiz nada, ela não acredita e daí eu solto o verbo”. Essa foi a fala de um dos participantes do grupo que namora há dois anos. Nesse sentido, a reflexão no grupo permitiu que os meninos percebessem que sofrem violência psicológica de suas parceiras.

Da mesma forma, no segundo encontro, foi utilizado o recurso da história em quadrinhos do caso do Leo e da Bia (Murta et al., 2011). Ao serem questionados pelo moderador “Como vai terminar a história desse relacionamento?”, alguns adolescentes mencionaram que não acreditavam que Leo poderia mudar, por isso, terminariam o relacionamento. Destacaram, também, que o ciúme de Leo poderia resultar em situações piores de violência, incluindo a física. Falaram que Leo precisa “aprender a lidar com o ciúme que ele tem pela Bia” e “procurar ajuda”. Acreditam que ele deve ter tido uma vida familiar difícil, e que “aprendeu a ser assim”. Em contrapartida, outros adolescentes ressaltaram que os dois poderiam conversar e chegar a algum acordo se Leo admitisse seus erros. Houve um consenso de que Leo é extremamente ciumento e controlador e que isso interfere negativamente no relacionamento com Bia.

O grupo observou ainda que o machismo não provém apenas dos homens. Eles verbalizaram “que é dos dois lados, pois há muitas gurias machistas” e que “eles também querem liberdade, não só as meninas”. Foi então apresentado o vídeo “Não tire o batom vermelho” para uma discussão coletiva. O grupo mencionou que as mulheres devem ter seus direitos respeitados, mas que o respeito “precisa ser mútuo”. Não houve maiores comentários

a partir do vídeo. Dessa forma, o vídeo possibilitou que o grupo refletisse sobre comportamentos abusivos, embora de forma mais tímida do que no grupo das meninas.

3º encontro: GF misto, 13 participantes

Objetivo principal do encontro: Aprender estratégias de resolução de conflitos sem uso da violência.

Neste encontro foi utilizada a técnica de Estratégias de Resolução de Conflitos (Murta et al., 2011). Foram selecionados os casos de Rafael e Jô, Laís e Malu, Davi e Júlia e Marcelo expostos no livro “Diferenciando baladas de ciladas: Um guia para o empoderamento de adolescentes em relacionamentos íntimos” (Murta et al., 2011). Para tanto, tais casos foram redigidos em uma folha e, após, colocados dentro de envelopes coloridos. Os participantes foram divididos em duplas e cada uma ficou responsável por escolher um envelope. A tarefa consistia em a dupla pensar estratégias de resolução de conflito para o caso que haviam sorteado no envelope. Em seguida, houve uma discussão grupal dos casos e das estratégias pensadas. Surgiram várias sugestões para a resolução dos impasses apresentados e, de modo geral, as estratégias apontadas pelas duplas foram consideradas adequadas, procurando respeitar o outro e fazendo uso do diálogo. Contudo, o grupo trouxe a preocupação de que os jovens são muito impulsivos, e não “param para pensar antes de agir”. O grupo ainda relatou algumas dificuldades em resolver seus conflitos: “eu tenho dificuldade de ouvir os outros e isso prejudica a resolução dos conflitos”, “mesmo achando que eu estou certa, eu peço desculpas para não gerar briga”, “uma das desvantagens de ter paciência demais é ficar guardando tudo para si” e “se deixar esfriar a cabeça, acaba não falando tudo na hora e depois não consegue mais retomar o assunto”. Dessa forma, houve um sentimento de ambivalência no grupo quanto à resolução de conflitos ao sugerirem boas estratégias para os impasses dos casos fictícios, porém com dificuldades de colocá-las em prática em suas vidas pessoais.

Em seguida foi utilizada a técnica “Pare e pense”. Assim, cada participante recebeu uma folha para que escrevesse uma situação de conflito com o(a) namorado(a) ou com alguém com quem estivesse tendo dificuldades de relacionamento. O objetivo era pensar as possíveis formas de resolvê-la, quais as consequências de cada estratégia de resolução e como colocar em prática a melhor estratégia e avaliar os resultados. A discussão sobre estratégias de resolução de conflitos mostrou, também, o desconforto que sentiam por terem suas opiniões e percepções desqualificadas por serem adolescentes: “os pais devem pensar: o que eles sabem da vida?”, “quando tenho uma opinião diferente, minha mãe só fala: não me retruca”. Embora reivindiquem uma maior escuta e compreensão por parte dos adultos, os adolescentes entendem que ainda são imaturos para darem sua opinião ou que não se consideram autônomos suficientes para tomarem boas decisões, levando-os, muitas vezes, a dificuldades na resolução dos conflitos em seus relacionamentos amorosos. Nem todos os adolescentes se sentem seguros e maduros para exporem seu ponto de vista ou terminar uma relação, sendo “que muitos empurram com a barriga seus problemas”. Dessa forma, foi possível discutir diferentes estratégias para lidar com os problemas, não apenas nos relacionamentos afetivo-sexuais, mas em várias situações do cotidiano.

Uma visão integrativa dos resultados da intervenção

Este capítulo buscou descrever uma intervenção grupal, de caráter exploratório, a partir de um modelo multicomponente para prevenção primária à violência no namoro (Murta et al., 2011, 2013). Abordar a violência no namoro de forma preventiva na adolescência e entre jovens é necessário, uma vez que esta é preditiva da ocorrência da violência conjugal adulta (Minayo et al., 2011). Além disso, o fato de que muitos adolescentes não reconhecem sinais de violência em seus relacionamentos afetivo-sexuais, justifica abrir espaços de

diálogos com os adolescentes, a fim de informar e conscientizar (Diniz & Alves, 2015). Destaca-se a necessidade de não apenas dar visibilidade à temática, mas também de intervir, sobretudo de maneira preventiva. Assim, acredita-se que a intervenção descrita possa oferecer subsídios para outras intervenções voltadas para a discussão de relacionamentos afetivo-sexuais na adolescência, gênero e violência no namoro junto ao público juvenil.

No que se refere às técnicas utilizadas como disparadoras de discussão, as moderadoras dos grupos destacam que a história em quadrinhos de Leo e Bia e as estratégias de resolução de conflitos (Murta et al., 2011) tiveram um efeito positivo na intervenção proposta, pois ambas permitiram que os adolescentes verbalizassem de forma rica e espontânea suas impressões. A história em quadrinhos permitiu um maior foco de atenção dos adolescentes para a temática da violência no namoro, uma vez que esse tipo de linguagem se revelou próximo à realidade dos adolescentes. A possibilidade de aprender estratégias de resolução de conflitos, não violentas e não baseadas na impulsividade, foi mencionada como um dos pontos fortes da intervenção.

Em relação ao papel dos moderadores nos grupos focais, ressalta-se que a participação de um moderador do sexo masculino se mostrou importante na coorientação do grupo dos meninos, oferecendo maior segurança e liberdade a esses para expressarem suas opiniões. Ficou evidente que os meninos também se sentiram mais à vontade para exporem seus pontos de vista nos dois primeiros encontros, quando a turma foi separada por sexo. No último encontro, quando o grupo focal foi misto, as meninas dominaram a maior parte das discussões. Compreende-se que as mulheres vivenciam mais claramente o impacto e as consequências da cultura machista e, por isso, se sentem mais apropriadas para falar sobre essa temática em debates coletivos.

A respeito dos conteúdos emergidos nos GFs, foi possível observar semelhanças e divergências entre os grupos de meninos e meninas. Ambos os grupos concordaram quanto às

expectativas de um relacionamento afetivo-sexual, sendo que é idealizado por meninos e meninas um relacionamento em que há amor, confiança, respeito e fidelidade. As meninas valorizaram a fidelidade e o envolvimento emocional nas relações sexuais e reprovaram o relacionamento do tipo “pegar”, pois acreditam que esse considera a mulher apenas como um objeto sexual. Os meninos revelaram um ideal de amor romântico, buscando o namoro como compromisso, sendo que quando namoram oficializam essa relação no contexto familiar. Assim, apresentar a namorada para a família é demarcar que o relacionamento é sério. Essa percepção é contrária à percepção das meninas de que os meninos apenas “querem transar” e que não querem ter um relacionamento maduro. Embora as relações amorosas na adolescência e entre jovens sejam, em geral, mais provisórias e fugazes, também carregam a reprodução de padrões afetivo-sexuais tradicionais (Minayo et al., 2011). A visão romântica dos relacionamentos ainda permanece arraigada na concepção dos adolescentes (Lordello & Costa, 2015).

Os adolescentes identificaram aspectos desencadeadores da violência no namoro, tais como ciúmes, cultura machista e controle/poder. Adolescentes de ambos os sexos consideram que traição, ciúme excessivo e controle sobre o(a) parceiro(a) são aspectos negativos em um relacionamento e que, principalmente o ciúme, pode levar a comportamentos violentos. As meninas relataram que os meninos são marcados pela cultura machista, influenciando crenças associadas ao patriarcado e à banalização da violência contra a mulher. Assim, controlar a roupa e não deixar sair com as amigas seriam situações em que meninas observam a influência da cultura machista em seus relacionamentos. Por sua vez, os meninos relataram que as meninas são igualmente machistas e que apresentam comportamentos extremamente controladores, não dando a eles a oportunidade de saírem com os amigos, vigiando os *likes* do Facebook e os seus celulares. As meninas reforçaram ainda, que a percepção da cultura machista permite que meninos vivenciem a sexualidade de forma livre, enquanto que elas são

rotuladas ou punidas pela sociedade se desejarem viver sua liberdade sexual. Esses resultados são semelhantes aos de Minayo et al. (2011) e de Diniz e Alves (2015). Questões de gênero impactam a vivência da adolescência, pois afetam a forma como o(a) adolescente lida com os dilemas relacionados à consolidação da identidade de gênero e da orientação sexual (Diniz & Alves, 2015). Assim, “a adolescência é marcada, paradoxalmente, pela presença de uma adesão rígida aos papéis de gênero” (Diniz & Alves, 2015, p. 22).

O ciúme é compreendido como o combustível das agressões e é um dos mitos sociais associado à demonstração de amor, que justificaria a violência (Diniz & Alves, 2015; Minayo et al., 2011). Debater tal tema nos grupos de prevenção à violência no namoro torna-se importante para quebrar essa concepção distorcida do ciúme. O sentimento de ciúmes foi mencionado tanto pelos meninos quanto pelas meninas como risco para a ocorrência da violência, assim como ser um dos motivos associados ao término de um relacionamento. A partir da história em quadrinhos do caso Leo e Bia, meninas e meninos concordam que as situações de conflitos vivenciadas pelo casal se devem ao ciúme de Leo. Ambos acreditam que o melhor seria que Leo e Bia terminassem a relação. Concordam, também, que há uma alta probabilidade de que, se continuarem juntos, o final da história seria a ocorrência de agressão física, pois percebem um aumento gradativo de violência no relacionamento. Outra das alternativas ventilada pelas meninas e pelos meninos seria a necessidade de Leo mudar seu comportamento, sendo que os meninos verbalizaram que “Leo precisa de ajuda para saber lidar com o seu ciúme”.

Chama a atenção que as meninas consideram violência apenas o fato de Leo proibir Bia de usar o vestido curto, pois enquanto ele apenas manifesta a sua opinião, a violência não existiria, na percepção delas. Os meninos concordam que esse comportamento não é uma violência, e sim um cuidado que Leo teria para com Bia, pois não quer expor a namorada “aos outros homens”, que, segundo os meninos, são atraídos pelo o que veem. Ressalta-se que os

jovens, muitas vezes, têm uma tolerância excessiva a comportamentos abusivos em seus relacionamentos amorosos (Lordello & Costa, 2015). A violência física é frequentemente mais reconhecida pelos jovens como uma forma de violência, enquanto que proibições, controle e cerceamento da liberdade pelo outro, bem como xingamentos e tapas não são reconhecidos como formas de violência (Nascimento & Cordeiro, 2011). Estereótipos de gênero favorecem a aceitação da violência e a desculpabilização de comportamentos abusivos.

Por fim, na discussão das estratégias de resolução de conflitos, pode-se observar que, tanto meninas quanto meninos, consideram que, de modo geral, os adolescentes tendem a agir de forma impulsiva, pois são ainda imaturos emocionalmente. Houve uma ambivalência no uso da técnica “Pare e Pense”, uma vez que os adolescentes de ambos os sexos entendem que essa pode ser positiva para evitar consequências negativas, quando se age por emoção. Entretanto, pode também ser negativa, pois inibe a espontaneidade, assim, “a pessoa pensa demais e acaba não falando o que pensa”, deixando questões mal resolvidas e guardando muita mágoa para si. Dessa forma, torna-se ímpar a inclusão das estratégias de resolução de conflitos não violentas em programas de prevenção primária à violência no namoro, oferecendo ao adolescente outras possibilidades de resolverem seus impasses.

Considerações Finais

Esse capítulo buscou oferecer subsídios teórico-metodológicos para o planejamento de propostas de prevenção à violência no namoro na adolescência, levando-se em consideração que é um fenômeno de alta incidência e que pode trazer impactos severos para a saúde mental (Murta et al., 2013). Deve-se lembrar ainda que a violência no namoro é um fenômeno que perpassa todos os grupos e segmentos sociais (Minayo et al., 2011).

Programas de prevenção devem transcender objetivos meramente psicoeducativos. Além de oferecer aos adolescentes informações para reconhecerem relacionamentos abusivos, é preciso estimular o desenvolvimento de suas habilidades sociais, como a assertividade e a empatia. É fundamental questionar as crenças sexistas que se encontram na base da violência de gênero. Além disso, deve-se discutir a influência do grupo de pares em seu comportamento, bem como capacitá-los para manejarem seus conflitos e emoções sem o uso da violência (Murta et al., 2013; Santos & Murta, 2016). Embora a intervenção descrita neste capítulo não se propusesse a provar sua eficácia, ela foi desenhada a partir da concepção teórica de intervenções multicomponentes, pois objetivou discutir diferentes formas de violência no namoro, questões relacionadas à violência de gênero, habilidades de resolução de conflitos, além de aspectos relacionados à influência do grupo de pares nas normas de namoro e na legitimação de agressões.

Os conteúdos emergidos nos grupos focais realizados nesta intervenção devem ser vistos com cautela, no sentido que não há pretensão de generalização dos dados. É relevante que eles sejam compreendidos dentro do contexto sociohistórico dos adolescentes participantes, oriundos de uma escola pública localizada em uma comunidade carente do município de Porto Alegre/RS.

Sugere-se a realização de novos estudos sobre a efetividade dos programas de prevenção à violência no namoro, a partir de intervenções com delineamento longitudinal e experimental, a fim de avaliar e mensurar os efeitos do programa e se os resultados são mantidos ao longo do tempo (Murta et al., 2015). Destaca-se a necessidade de políticas públicas voltadas à prevenção da violência no namoro, inseridas nos contextos de saúde ou de assistência social, a fim de dar maior visibilidade a este fenômeno e de atingir um maior número de adolescentes.

CAPÍTULO XI

CONSIDERAÇÕES FINAIS DA TESE

A violência nas relações afetivo-sexuais na adolescência é um fenômeno complexo e multicausal, que acarreta prejuízos à saúde mental e um impacto negativo no desenvolvimento dos adolescentes envolvidos, quer sejam vítimas ou perpetradores. A pertinência do estudo deste tema na etapa da adolescência se deve quer pela maior vulnerabilidade que adolescentes têm em se envolver em relações abusivas, quer pelo risco de manutenção destes padrões de violência na vida adulta. Os relacionamentos amorosos na adolescência podem ser caracterizados como um “ensaio” para a vida adulta, uma vez que as experiências de se relacionar, se envolver, ficar, namorar e exercitar a sexualidade contribuem para a aquisição da identidade adulta (Matos, Féres-Carneiro, & Jabloncki, 2005). Nessa etapa do desenvolvimento é comum que os adolescentes tenham mitos sobre o amor romântico, assim como podem confundir abuso como forma de amor e ciúmes e, devido à imaturidade emocional, podem ter reduzidos recursos para enfrentar conflitos nas relações amorosas sem o uso de estratégias violentas (Caridade, 2013; Oliveira et al., 2016). Ainda, diversos autores pontuam que os adolescentes usam discursos legitimadores da violência íntima, consideram episódios abusivos como irrelevantes, como também têm dificuldade em reconhecerem sinais de violência em seus relacionamentos, aumentando assim a vulnerabilidade para ser vítima ou agressor em situações de violência (Caridade, 2013; Diniz & Alves, 2015; Lee et al., 2016; Nascimento & Cordeiro, 2011; Temple et al., 2016).

Frente a este cenário, percebe-se que a violência nas relações afetivo-sexuais na adolescência é uma importante área de investigação. Pesquisadores têm investigado muitas facetas desse fenômeno, buscando apontar sua prevalência, causas e consequências, assim como as similaridades e especificidades entre violência no namoro e violência conjugal adulta

(Edwards & Gidycz, 2014; Shorey et al., 2008). Partindo dessas considerações iniciais, o presente estudo buscou contribuir para uma melhor compreensão da violência no namoro entre adolescentes na faixa etária de 14 e 19 anos, da região metropolitana de Porto Alegre/RS.

A primeira parte desta tese é composta por estudos teóricos e empíricos sobre a temática da violência no namoro e do *stalking*. No que se refere aos aspectos metodológicos, variáveis como idade, sexo e tempo de relacionamento mostraram-se como variáveis pertinentes na investigação da prevalência da violência no namoro. Seguindo os padrões internacionais, buscou-se usar como critério de inclusão apenas os adolescentes que estavam ou já tiveram relações amorosas do tipo “ficar” e namorar, excluindo os casos de coabitação, casados ou noivos. Este critério possibilita maior homogeneidade da amostra, para fins de generalização dos dados. Contudo, tal critério não contempla a diversidade das configurações amorosas na adolescência e nem as características socioculturais dos contextos de desenvolvimento em que estes jovens se encontram inseridos. Conforme já discutido neste trabalho, no contexto brasileiro, as configurações amorosas na adolescência são atravessadas por questões sociais.

Em termos globais, os resultados desta tese indicam diferenças nos padrões de vitimização e de perpetração de violência. No que se refere aos padrões de vitimização, não foram observadas diferenças entre adolescentes do sexo feminino e do sexo masculino, contudo houve diferença nos padrões de perpetração, indicando que meninas perpetram mais violência física, psicológica verbal/emocional e psicológica/ameaças, enquanto que os adolescentes meninos perpetraram mais violência sexual. A violência psicológica verbal/emocional foi a mais prevalente, seja entre as vítimas seja entre os perpetradores, confirmando dados da literatura internacional (Coker et al., 2014; Cuevas, Sabina & Bell, 2014; Faias et al., 2016). Desta forma, torna-se necessário considerar o sexo e o tipo de

violência perpetrada e sofrida como variáveis importantes na investigação da violência no namoro. Diferenças nos padrões de perpetração de violência no namoro, por sexo, têm sido apontadas na literatura (Barreira et al., 2014; Caridade, 2011; Fernandez-Fuertes & Fuertes, 2001). Ressalta-se, contudo, a necessidade de uma visão crítica quanto a essa diferença, uma vez que a intensidade e motivações das ofensas são diferenciadas entre meninos e meninas (Giordano, Soto, Manning, & Longmore, 2010; Shorey, Cornelius, & Bell, 2008). Neste estudo não foi dada ênfase aos aspectos bidirecionais da violência, mas estes têm sido bem documentados na literatura nacional (Aldrighi, 2004; Barreira et al., 2014; Marasca & Falcke, 2015) e internacional (Giordano et al., 2010; Ulloa & Hammett, 2016).

Os resultados do Capítulo IV indicaram que adolescentes perpetradores de violência nas relações afetivo-sexuais na adolescência e adolescentes não perpetradores, de modo geral, reconhecem diferentes formas de violência psicológica, física e sexual como comportamentos abusivos na intimidade. Contudo, também foram observadas dificuldades em ambos os grupos em reconhecer alguns tipos de violência, sobretudo no que se refere à violência menor (Caridade, 2011), isto é, naqueles atos de menor gravidade (humilhar, xingar, quebrar objetos pessoais, etc). A percepção de violência no namoro foi influenciada pela variável sexo, mas não pela variável idade. Vários autores apontam a dificuldade dos adolescentes em reconhecerem sinais de violência em seus relacionamentos, comumente reconhecida apenas como uma forma de ciúmes e associação à banalização da violência, sendo que tais aspectos tendem a legitimar o uso de violência contra o parceiro íntimo (Ayala et al., 2016; Nascimento & Cordeiro, 2011; Oliveira et al., 2016; Reyes et al., 2016).

Os resultados desta tese enfatizam ainda a necessidade de uma melhor compreensão da ocorrência de *stalking*, no período pós-ruptura de um relacionamento amoroso entre adolescentes, sobretudo se a relação amorosa já tiver sido caracterizada pela presença de violência física e psicológica. Tal resultado é semelhante a estudos anteriores na área, que

indicam o término do namoro como um período de risco para a ocorrência de *stalking* (Ferreira & Matos, 2013a; Haugaard & Seri, 2004; Katz & Rich, 2015; Roberts, 2002). Foi encontrada uma taxa de prevalência de 22,2% de *stalking* nos adolescentes investigados, sendo que esta é menor se comparada a de outros países, como, por exemplo, de 39,9% (Portugal, Ferreira, 2013) e de 34,4% (Reino Unido, Roberts, 2002). Confirmando os dados de estudos anteriores, adolescentes do sexo feminino foram mais frequentemente caracterizadas como vítimas (Edwards & Gidycz, 2014; Ferreira, 2013; Ferreira & Matos, 2013a; Purcell et al., 2009). Os resultados deste estudo confirmam uma associação entre a exposição ao *stalking* e sintomas de depressão, ansiedade e estresse, sendo que adolescentes do sexo feminino apresentaram significativamente maior sintomatologia do que os adolescentes. Tal fenômeno tem sido associado a diversas consequências emocionais, além de ter implicações jurídico-legais (Logan & Walker, 2017).

Há divergências na literatura sobre a definição de *stalking* (Owens, 2016), assim como sobre os aspectos metodológicos de sua investigação, o que dificulta comparações entre os estudos da área. A maioria dos estudos converge no sentido de que a definição de *stalking* deve englobar a presença de comportamentos de assédio persistentes e intencionais. Demais critérios, em relação à frequência, intensidade e presença de medo, ainda estão sendo discutidos pelos autores. Uma definição clara sobre o fenômeno possibilitará criar instrumentos e métodos diagnósticos padronizados. Uma avaliação adequada das situações de *stalking* permite identificar precocemente os casos de risco e planejar medidas de proteção à vítima (Logan & Walker, 2017).

Ressalta-se que este tema ainda é pouco investigado no contexto brasileiro, revelando o caráter inovador deste estudo. Além disso, este estudo investigou dados de uma amostra de adolescentes de 14 a 19 anos, o que traz resultados específicos sobre *stalking* para essa faixa etária. A maioria dos estudos internacionais buscam dar ênfase à população de jovens

universitários e de mulheres adultas vítimas do parceiro íntimo (Edwards & Gidycz, 2014; Smith-Dardem, Reidy & Kernsmith, 2016). Este estudo enfatizou aspectos do *stalking* em vítimas, nesse sentido, sugere-se estudos futuros com o foco no perfil dos perpetradores.

Na segunda parte da tese, estudos empíricos enfocaram a associação entre os Esquemas Iniciais Desadaptativos (EIDs) e a violência nas relações afetivo-sexuais na adolescência. Inicialmente, foi realizada a validação do Questionário de Esquemas para Adolescentes – Forma Breve (B-YSQ-A), a partir de um estudo transcultural, com uma amostra robusta de 1.016 adolescentes brasileiros e portugueses (Capítulo VII). Foi realizada uma Análise Fatorial Confirmatória das propriedades psicométricas do instrumento, indicando boa consistência interna e validade convergente. Foi confirmada a estrutura de 18 EIDs, conforme o modelo teórico de Jeffrey Young, assim como a invariância do modelo por sexo. A partir deste estudo, considera-se que a versão breve com 52 itens está validada para uso no Brasil, para adolescentes na faixa etária entre 14 e 19 anos (Anexo B).

A partir da validação do instrumento para o contexto brasileiro, foram realizados dois estudos empíricos. O Capítulo VIII enfatizou o ciclo intergeracional da violência, com ênfase no papel dos EIDs. Os resultados encontrados indicaram que adolescentes que sofreram maus tratos na infância perpetraram significativamente mais violência no namoro do que adolescentes que não foram expostos aos maus tratos. Um dos avanços desse estudo para a área de investigação foi apontar que a exposição aos maus tratos na infância não é por si só um fator de risco à violência no namoro na adolescência, mas que os maus tratos influenciam positiva e significativamente no desenvolvimento de EIDs, que por sua vez predizem um maior risco para a perpetração de violência. Estudos teóricos e empíricos baseados na perspectiva da Terapia do Esquema comumente revelam que as experiências traumáticas na infância são precursoras do desenvolvimento dos EIDs (Young, 2003; Young et al., 2008), assim como que os EIDs mediam o impacto dos maus tratos na sintomatologia das vítimas

(Calvete, 2014; Lumley & Harkness, 2007; Wright et al., 2009). O estudo longitudinal de Calvete et al. (2018), com adolescentes espanhóis, é precursor nessa área, indicando que os EIDs de Desconexão e Rejeição mediarão a relação entre a exposição de violência intrafamiliar e a perpetração de violência no namoro. O presente estudo buscou seguir estes aspectos teóricos, avaliando como tais variáveis se comportariam no contexto de adolescentes brasileiros, da região Sul do Brasil. Conforme a hipótese teórica inicial, os resultados encontrados vão na mesma direção. Estudos na população adulta com mulheres vítimas de violência do parceiro (Atmaca & Gençöz, 2016; Calvete et al., 2007) e em casais com histórico de violência (Paim & Falcke, 2016) têm igualmente apontado uma associação entre EIDs e perpetração de violência conjugal.

Os resultados desse estudo apontaram ainda que os EIDs podem ser considerados preditores de sintomas de depressão, ansiedade e estresse em vítimas de violência no namoro (Capítulo IX), confirmando estudos prévios sobre a associação entre EIDs e psicopatologia na adolescência (Brenning et al., 2012; Calvete et al., 2013; Mateos-Pérez et al., 2015; Roelofs et al., 2011). Ressalta-se que os EIDs podem funcionar como sendo o conteúdo cognitivo subjacente à psicopatologia, quer do ponto de vista da vulnerabilidade à mesma, quer como intrinsecamente ligados à sua manutenção (Rijo, 2017). Os pressupostos da Terapia dos Esquemas podem igualmente ajudar numa melhor compreensão do perfil de adolescentes vítimas e perpetradores, assim como em estratégias psicoterapêuticas de intervenção. Os EIDs continuam sendo desenvolvidos ao longo da adolescência (Young et al., 2008). Dessa forma, intervenções precoces podem contribuir para uma maior flexibilização dos padrões cognitivos adotados pelos adolescentes na interação com outro ou na forma como o adolescente se percebe (visão de si). Portanto, identificar padrões de EIDs em adolescentes vítimas e perpetradores de violência no namoro pode ser uma nova metodologia de pesquisa na área,

apontando aspectos cognitivos e emocionais preditores da violência no namoro, assim como uma abordagem clínica para os programas de prevenção e de intervenção nesses casos.

Como em toda investigação, este estudo apresenta limitações, embora a dimensão da amostra seja razoável. Em primeiro lugar, nesta investigação foi utilizado um delineamento transversal, o que limita a inferência de causalidade entre as variáveis estudadas. Em segundo lugar, devido à dificuldade na coleta dos dados com o público de adolescentes, foi adotada a estratégia de seleção de amostra por conveniência. Em terceiro lugar, houve uma maior presença de adolescentes do sexo feminino, o que pode enviesar os resultados encontrados. Este resultado pode estar associado ao fato de que meninas tendem a permanecer mais tempo na escola, e concluir o Ensino Médio, mais do que meninos. Adolescentes meninas podem ainda estar mais abertas a participarem de pesquisas envolvendo temas íntimos; ao contrário, meninos podem ser mais reticentes para falar sobre tal assunto. Em quarto lugar, a Escala de Exposição à Violência na Infância (EEVII) encontra-se em processo de validação, sendo que para este estudo foi realizada apenas análise de fidedignidade do instrumento. Em quinto lugar, por se tratar de um estudo quantitativo, baseado em instrumentos de autorrelato, não foram investigadas as díades envolvidas nas situações violentas. Seria importante que novos estudos investigassem os pares de namorados simultaneamente, a fim de obter uma melhor compreensão do funcionamento da díade e do papel da violência na dinâmica do casal, assim como uma compreensão da questão da bidirecionalidade da violência. Assim, o estudo não investigou o contexto em que ocorrem as agressões, as motivações associadas à sua ocorrência e se as mesmas não se configuram como reações à violência sofrida (Caridade, 2011). Portanto, sugerem-se novos estudos com caráter qualitativo, a fim de dar conta dessas limitações, assim como de novos estudos com delineamento longitudinal, que possam oportunizar uma melhor compreensão das relações temporais e causais associadas ao fenômeno da violência no namoro.

Dentre as implicações para as políticas públicas, os resultados indicam maior atenção do poder público para esta problemática e a necessidade de implementar programas de prevenção à violência no namoro. Programas de prevenção à violência no namoro necessitam ser implementados precocemente, uma vez que a faixa etária entre 15 a 16 anos se configura como sendo a de maior risco para o início da perpetração física por parte de adolescentes e a de 14 a 18 anos para perpetração sexual (Shorey et al., 2017). A literatura tem apontado diretrizes para os programas de prevenção à violência no namoro (Foshee et al., 2005; Murta et al., 2015; Murta et al., 2016). Dessa forma, sugere-se que tais programas possam permitir espaços de diálogos junto aos adolescentes sobre questões relacionadas à sexualidade, relações de poder e gênero, reconhecimento dos sinais de violência, formas de enfrentamento de conflitos, regulação emocional, capacidade de resolução de problemas e de comunicação (Kelley, Edwards, Dardis, & Gidycz, 2015; Murta et al., 2011). O objetivo fundamental dos projetos de prevenção é prevenir que jovens se tornem perpetradores da violência conjugal adulta (Minayo et al., 2011) e diminuir a aceitação da violência como forma naturalizada nas relações afetivo-sexuais (Kelley et al., 2015).

Ao finalizar esta tese, destaca-se que as investigações na área necessitam considerar a multiplicidade das configurações amorosas na adolescência, assim como o caráter complexo e dinâmico da violência nas relações afetivo-sexuais, e que os resultados destes estudos possam subsidiar o planejamento de políticas públicas de prevenção. A maioria dos adolescentes reportam experienciar algum tipo de violência em seus relacionamentos afetivo-sexuais durante a adolescência, sendo que o impacto deste tipo de violência pode ter consequências emocionais tanto em curto quanto em longo prazo. Dessa forma, esse problema social merece maior visibilidade por parte da academia e dos órgãos públicos. Seriam igualmente relevantes os estudos que enfocassem aspectos saudáveis dos relacionamentos amorosos na adolescência, a fim de termos uma contrapartida para o modelo de relacionamentos abusivos.

Referências

- Adams, H. L., & Williams, L. R. (2014). "It's not just you two": A Grounded Theory of peer-influenced jealousy as a pathway to dating violence among acculturations Mexican American adolescents. *Psychology of Violence, 4*(3), 294-308. doi: 10.1037/a0034294
- Aldrighi, T. (2004). Prevalência e cronicidade da violência física no namoro entre jovens universitários do estado de São Paulo – Brasil. *Psicologia: Teoria e Prática, 6*(1), 105-120.
- Amar, J. J. A., & Otálvaro, L. E. O. (2012). Post traumatic stress disorder and adaptive capacity in victims of intimate partner violence. *Psicología desde el Caribe, 29*(2), 257-275.
- Atmaca, S., & Gençöz, T. (2016). Exploring revictimization process among Turkish women: The role of early maladaptive schemas on the link between child abuse and partner violence. *Child Abuse & Neglect, 52*, 85-93. doi: 10.1016/j.chiabu.2016.01.004
- Avanci, J. Q., & Assis, S. G. (2011). Opções metodológicas. In M. S. C. Minayo, S. G. Assis, & K. Njaine (Eds.), *Amor e violência: Um paradoxo das relações de namoro e do 'ficar' entre jovens brasileiros* (pp. 302-314). Rio de Janeiro: Fiocruz.
- Ayala, M. L. C., Molleda, C. B., Pineda, C. E., Bellerín, M. A. A., Franco, L., & Diaz, F. J. R. (2016). Tolerance of abuse within Mexican adolescent relationships. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 29*, 46. doi: 10.1186/s41155-016-0050-8
- Ayala, M. L. C., Molleda, C. B., Rodríguez-Franco, L., Galaz, M. F., Ramiro- Sánchez, T., & Diaz, F. J. R. (2014). Unperceived dating violence among Mexican students. *International Journal of Clinical and Health Psychology, 14*(1), 39-47. doi: 10.1016/S1697-2600(14)70035-3

- Bandura, A. (1973). *Aggression: A social learning analysis*. Englewood Cliffs, N. J: Prentice-Hall.
- Bandura, A., Azzi, R. G., & Polydoro, S. (2008). *Teoria Social Cognitiva: Conceitos básicos*. Porto Alegre: Artmed.
- Banyard, V. L., Demers, J. M., Cohn, E. S., Edwards, K. M., Moynihan, M. M., Walsh, W. A., & Ward, S. K. (2017). Academic correlates of unwanted sexual contact, intercourse, stalking, and intimate partner violence: An understudied but important consequence for college students. *Journal of Interpersonal Violence*. Advance online publication. doi: 10.1177/0886260517715022
- Barazandeh, H., Kissane, D. W., Saeedi, N., & Gordon, M. (2016). A systematic review of the relationship between early maladaptive schemas and borderline personality disorder/traits. *Personality and Individual Differences, 94*, 130-139. doi: 10.1016/j.paid.2016.01.021
- Barbour, R. (2009). *Grupos focais*. Coleção Pesquisa Qualitativa, Uwe Flick. Porto Alegre: Artmed.
- Baker, C. K. (2016). Dating violence and substance use: Exploring the context of adolescent relationships. *Journal of Interpersonal Violence, 31*(5), 900–919. doi: 10.1177/0886260514556768
- Baron, R. M., & Kenny, D. A. (1986). The moderator–mediator variable distinction in social psychological research: Conceptual, strategic, and statistical considerations. *Journal of Personality and Social Psychology, 51*, 1173–1182.
- Barreira, A. K., Lima, M. L. C., & Avanci, J. Q. (2013). Coocorrência de violência física e psicológica entre adolescentes do Recife, Brasil: Prevalência e fatores associados. *Ciência & Saúde Coletiva, 18*(1), 233-243. doi: 10.1590/S1413-81232013000100024

- Barreira, A. K., Lima, M. L. C., Bigras, M., Njaine, K., & Assis, S. G. (2014). Direcionalidade da violência física e psicológica no namoro entre adolescentes do Recife, Brasil. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 17(1), 217-228. doi: 10.1590/1415-790X20140010017
- Bastos, M. L. (2006). Violência doméstica e familiar contra a mulher. Lei “Maria da Penha”. Alguns comentários. *Jus Navigandi*. Recuperado do <https://jus.com.br/artigos/9006/violencia-domestica-e-familiar-contr-a-mulher/2>
- Benetti, S. P. C., Schwartz, C., Soares, G. R., Macarena, F., & Pattussi, M. P. (2014). Psychosocial adolescent psychosocial adjustment in Brazil: Perception of parenting style, stressful events and violence. *International Journal of Psychological Research*, 7(1), 40-48.
- Beserra, M. A., Leitão, M. N. C., Fabião, J. A. S. A. O., Dixe, M. A. C. R., Veríssimo, C. M. F., & Ferriani, M. G. C. (2016). Prevalência e características da violência no namoro entre adolescentes escolares de Portugal. *Escola Anna Nery*, 20(1), 183-191.
- Beserra, M. A., Leitão, M. N. C., Fernandes, M. I.D., Scatena, L., Vidinha, T. S. S., Silva, L. M. P., & Ferriane, M. G. C. (2015). Prevalência de violência no namoro entre adolescentes de escolas públicas de Recife/PE–Brasil. *Revista de Enfermagem Referência*, Série IV(7). Recuperado do https://rr.esenfc.pt/rr/index.php?module=rr&target=editionDetails&id_edicao=88
- Björklund, K., Häkkänen-Nyholm, H., Sheridan, L., & Roberts, K. (2010). The prevalence of stalking among Finnish university students. *Journal of Interpersonal Violence*, 25(4), 684-698. doi: 10.1177/0886260509334405
- Black, B. M., Chido, L. M., Preble, K. M., Weisz, A. N., Yoon, J. S., Delaney-Black, V., ..., Lewandowski, L. (2015). Violence exposure and teen dating violence among African

- American youth. *Journal of Interpersonal Violence*, 30(12), 2174-2195. doi: 10.1177/0886260514552271
- Bonomi, A. E., Anderson, M. L., Nemeth, J., Rivara, F. P., & Buettner, C. (2013). History of dating violence and the association with late adolescent health. *BMC Public Health*, 13(821). doi: 10.1186/1471-2458-13-821.
- Borges, J. L., & Dell’Aglío, D. D. (2008). Abuso sexual infantil: Indicadores de risco e consequências no desenvolvimento de crianças. *Revista Interamericana de Psicología*, 42(3), 528-536.
- Brancaglioni, B. C. A., & Fonseca, R. M. G. S. (2016) Intimate partner violence in adolescence: an analysis of gender and generation. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 69(5), 890-898. doi: 10.1590/0034-7167-2016-0408
- Brasil (2006). *Lei Maria da Penha*. Lei nº11.340 de 07 de Agosto de 2006. Brasília: Presidência da República.
- Brasil/Ministério da Saúde (2001). *Violência intrafamiliar: orientações para prática em serviço*. Série Cadernos de Atenção Básica, 8. Secretaria de Políticas de Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde.
- Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE, 2016). Child labor. Retrieved from https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/trabalho_infantil/default_xls.shtm
- Brenning, K., Bosmans, G., Braet, C., & Theuwis, L. (2012). Gender differences in cognitive schema vulnerability and depressive symptoms in adolescents. *Behaviour Change*, 29(3), 164-182. doi: 10.1017/bec.2012.15
- Calvete, E. (2008). Justification of violence and grandiosity schemas as predictors of antisocial behavior in adolescents. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 36, 1083-1095. doi: 10.1007/s10802-008-9229-5

- Calvete, E. (2014). Emotional abuse as a predictor of early maladaptive schemas in adolescents: Contributions to the development of depressive and social anxiety symptoms. *Child Abuse & Neglect, 38*, 735-746. doi: 10.1016/j.chiabu.2013.10.014
- Calvete, E., & Orue, I. (2010). Cognitive schemas and aggressive behavior in adolescents: The mediating role of social information processing. *The Spanish Journal of Psychology, 13*(1), 190-201. doi: 10.1017/S113841600003772
- Calvete, E., & Orue, I. (2013). Cognitive mechanisms of the transmission of violence: Exploring gender differences among adolescents exposed to family violence. *Journal of Family Violence, 28*, 73-84. doi: 10.1007/s10896-012-9472-y
- Calvete, E., Estévez, A., Arroyabe, E. L., & Ruiz, P. (2005). The Schema Questionnaire-Shor Form: Structure and relationship with automatic thoughts and symptoms of affective disorders. *European Journal of Psychological Assessment, 21*(2), 90-99. doi: 10.1027/1015-5759.21.2.90
- Calvete, E., Estévez, A., & Corral, S. (2007). Intimate partner violence and depressive symptoms in women: Cognitive schemas as moderators and mediators. *Behaviour Research and Therapy, 45*, 791-804. doi: 10.1016/j.brat.2006.07.006
- Calvete, E., Fernández-González, L., Orue, I., & Little, T. D. (2018). Exposure to Family violence and dating violence perpetration in adolescents: Potential cognitive and emotional mechanisms. *Psychology of Violence, 8*(1), 67-75. doi: 10.1037/vio0000076
- Calvete, E., Orue, I., & González-Diez, Z. (2013). An examination of the structure and stability of early maladaptive schemas by means of the Young Schema Questionnaire-3. *European Journal of Psychological Assessment, 29*(4), 283–290. doi: 10.1027/1015-5759/a000158

- Calvete, E., Orue, I., & Hankin, B. L. (2013). Transactional relationships among cognitive vulnerabilities, stressors, and depressive symptoms in adolescence. *Journal of Abnormal Child Psychology*, *41*(3), 399-410. doi: 10.1007/s10802-012-9691-y
- Calvete, E., Orue, I., & Hankin, B. L. (2015). A longitudinal test of the vulnerability-stress model with early maladaptive schemas for depressive and social anxiety symptoms in adolescents. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, *37*(1), 85-99. doi: 10.1007/s10862-014-9438-x
- Cámara, M., & Calvete, E. (2012). Early maladaptive schemas as moderators of the impact of stressful events on anxiety and depression in university students. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, *34*(1), 58-68. doi: 10.1007/s10862-011-9261-6
- Campos, P. H. F., Torres, A. R. R., & Guimarães, S. P. (2016). Sistemas de representação e mediação simbólica da violência na escola. *Revista Educação e Cultura Contemporânea*, *1*(2), 109-132.
- Caridade, S. & Machado, C. (2008). Violência sexual no namoro: Relevância da prevenção. *Psicologia*, *22*(1), 77-104.
- Caridade, S. (2011). *Vivências íntimas violentas: Uma abordagem científica*. Portugal/Coimbra: Almedina.
- Caridade, S. (2013). Violência nas relações íntimas juvenis (VRIJ): Estratégias de identificação e intervenção. In A. Sani e S. Caridade (Eds.), *Violência, agressão e vitimação: Práticas para a intervenção* (pp. 59-81). Portugal/Coimbra: Almedina.
- Cascardi, M. (2016). From violence in home to pshysical dating violence victimization: The mediating role os psychological distress in a prospective study of female adolescents. *Journal of Youth and Adolescence*, *45*, 777-792. doi: 10.1007/s10964-016-0434-1

- Cazassa, M. J., & Oliveira, M. S. (2012). Validação brasileira do questionário de esquemas de Young: Forma breve. *Estudos de Psicologia*, 29(1), 23-31. doi: 10.1590/S0103-166X2012000100003
- Cecchetto, F., Oliveira, Q. B. M., Njaine, K., & Minayo, M. C. S. (2016). Violências percebidas por homens adolescentes na interação afetivo-sexual em dez cidades brasileiras. *Interface: Comunicação, Saúde e Educação*, 20(59), 853-864. doi: 10.1590/1807-57622015.0082
- Centers for Disease Control and Prevention (1998). *Stalking in America: Findings from the national violence against women survey*. Retrieved from <https://www.ncjrs.gov/pdffiles/169592.pdf>
- Center for Disease Control and Prevention (2014). *Understanding teen dating violence*. Retrieved from <https://www.cdc.gov/violenceprevention/pdf/teen-dating-violence-factsheet-a.pdf>
- Centers for Disease Control and Prevention (2014). *Prevalence and characteristics of sexual violence, stalking, and intimate partner violence victimization – National intimate partner and sexual violence survey, United State, 2011*. Retrieved from http://www.cdc.gov/mmwr/preview/mmwrhtml/ss6308a1.htm?s_cid=ss6308a1_w
- Centers for Disease Control and Prevention (2014). Youth risk behavior surveillance, United State, 2013. *Surveillance Summaries*, 63(4). Retrieved from http://www.cdc.gov/mmwr/pdf/ss/ss6304.pdf?utm_source=rss&utm_medium=rss&utm_campaign=youth-risk-behavior-surveillance-united-states-2013-pdf
- Centers for Disease Control and Prevention (2017). Stalking: Know it. Name it. Stop it. Retrieved from <https://www.cdc.gov/features/prevent-stalking/index.html>

- Chaves, J. C. (2016). Juvenile affective-sexual practices: Between superficiality and romantic deepening. *Psicologia & Sociedade*, 28(2), 320-330. doi: 10.1590/1807-03102016v28n2p320
- Chen, F. F. (2007). Sensitivity of goodness of fit indexes to lack of measurement invariance. *Structural Equation Modeling*, 14, 464-504.
- Cheveland, H. H., Herrera, V. M., & Stuewig, J. (2003). Abusive males and abused females in adolescent relationships: Risk factors similarity and dissimilarity and the role of relationship seriousness. *Journal of Family Violence*, 18(6), 325-339.
- Choi, H. J., Weston, R., & Temple, J. R. (2017). A three-step latent class analysis to identify how different patterns of teen dating violence and psychosocial factors influence mental health. *Journal of Youth and Adolescence*, 46, 854-866. doi: 10.1007/s10964-016-0570-7
- Clarey, A., Hokoda, A., & Ulloa, E. C. (2010). Anger control and acceptance of violence as mediators in the relationship between exposure to interparental conflict and dating violence perpetration in Mexican adolescents. *Journal of Family Violence*, 25, 619-625. doi: 10.1007/s10896-010-9315-7
- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences* (2nd ed.). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Coker, A. L., Clear, E. R., Garcia, L. S., Asaolu, I. O., Cook-Craig, P. G., Brancato, C. J., ..., Fisher, B. S. (2014). Dating violence victimization and perpetration rates among high school students. *Violence Against Women*, 20(10), 1220-1238. doi: 10.1177/1077801214551289
- Conselho Nacional de Saúde (2016). *Resolução N° 510 de 07 de Abril de 2016*. 59^a Reunião Extraordinária. Brasília: Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde.

- Cordeiro, F., Heilborn, M. L., Cabral, C. S., & Moraes, C. L. (2009). Entre negociação e conflito: Gênero e coerção sexual em três capitais brasileiras. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14(4), 1051-1062. doi: 10.1590/S1413-81232009000400012
- Costa, V. & Fernandes, S. C. S. (2012). O que pensam os adolescentes sobre o amor e o sexo? Um estudo na perspectiva das representações sociais. *Psicologia & Sociedade*, 24(2), 391-401. doi: 10.1590/S0102-71822012000200017
- Cuevas, C. A., Sabina, C., & Bell, K. A. (2014). Dating violence and interpersonal victimization among a national sample of latino youth. *Journal of Adolescence Health*, 55(4), 564-570. doi: 10.1016/j.jadohealth.2014.04.007
- d'Oliveira, A. F. P. L., Schraiber, L. B., França-Junior, I., Ludermir, A. B., Portella, A. P., ..., Valença, O. (2009). Fatores associados à violência por parceiro íntimo em mulheres brasileiras. *Revista de Saúde Pública*, 43(2), 299-310. doi: 10.1590/S0034-89102009005000013
- d'Oliveira, A. F. P. L., Schraiber, L. B., Hanada, H., & Durand, J. (2009). Atenção integral à saúde de mulheres em situação de violência de gênero: uma alternativa para a atenção primária em saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14(4), 1037-1050. doi: 10.1590/S1413-81232009000400011
- Dantas-Berger, S. M., & Giffin, K. (2005). A violência nas relações de conjugalidade: invisibilidade e banalização da violência sexual? *Cadernos de Saúde Pública*, 21(2), 417-425. doi: 10.1590/S0102-311X2005000200008.
- Dardis, C. M., Edwards, K. M., Kelley, E. L., & Gidycz, C. A. (2013). Dating violence perpetration: The predictive roles of maternally versus paternally perpetrated childhood abuse and subsequent dating violence attitudes and behaviors. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, 22, 6-25. doi: 10.1080/10926771.2013.743948

- De Antoni, C., Barone, L. R., & Koller, S. H. (2007). Indicadores de risco e de proteção em famílias fisicamente abusiva. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23(2), 125-132.
- De Smet, O., Uziebło, K., Loeys, T., Buysse, A., & Onraedt, T. (2015). Unwanted pursuit behavior after breakup: occurrence, risk factors, and gender differences. *Journal of Family Violence*, 30, 753–767. doi: 10.1007/s10896-015-9687-9
- DeRubeis, R. J., Tang, T. Z., & Beck, A. T. (2006). Terapia cognitiva. In K. S. Dobson (Eds.), *Manual de terapias cognitivo-comportamentais* (2ª ed.) (pp. 269-299). Porto Alegre: Artmed.
- Diette, T. M., Goldsmith, A. H., Hamilton, D., Darity Jr., W., & McFarland, K. (2014). Stalking: Does it leave a psychological footprint? *Social Science Quarterly*, 95(2), 563-580. doi: 10.1111/ssqu.12058
- Diniz, G. R. S., & Alves, C. O. (2015). Gênero e violência no namoro. In S. G. Murta, J. S. N. F. Bucher-Maluschke (Eds.), *Violência no namoro: Estudos, prevenção e psicoterapia* (pp. 19-42). Curitiba: Appris.
- Dixe, M. A. C. R., Rodrigues, A. L., Freire, C., Rodrigues, G., Fernandes, M., & Dias, T. (2014). *A violência de gênero na relação de namoro em estudantes do ensino superior: Práticas e comportamentos de violência*. Retirado do <http://hdl.handle.net/10400.8/334>
- Duarte, A. L. C., Nunes, M. L. T., & Kristensen, C. H. (2008). Esquemas desadaptativos: Revisão sistemática qualitativa. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 4(1). Retirado do <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbtc/v4n1/v4n1a04.pdf>
- Edwards, K. M., & Gidycz, C. A. (2014). Stalking and psychosocial distress following the termination of an abusive dating relationship: A prospective analysis. *Violence Against Women*, 20(11), 1383–1397. doi: 10.1177/1077801214552911

- Ellis, W. E., Chung-Hall, J., & Dumas, T. M. (2013). The role of peer group aggression in predicting adolescent dating violence and relationship quality. *Journal Youth Adolescent*, 42, 487-499. doi: 10.1007/s10964-012-9797-0
- Espírito-Santo, H., & Daniel, F. (2015). Calcular e apresentar tamanhos do efeito em trabalhos científicos (1): As limitações do $p < 0,05$ na análise de diferenças de médias de dois grupos. *Revista Portuguesa de Investigação Comportamental e Social*, 1(1), 3-16.
- Facundo, F. R. G., Almanza, S. E. E., Rodríguez, S. A. A., Robles, I. Y. E., & Hernández, T. H. (2009). Consumo de alcohol en jovenes y su relacion con la violencia psicologica en el noviazgo. *Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas*, 5(2). Retirado do <http://www.revistas.usp.br/smad/issue/view/3224>
- Faias, J., Caridade, S., & Cardoso, J. (2016). Exposição à violência familiar e abuso íntimo em jovens: Que relação? *Psychologica*, 59(1), 7-23. doi:10.14195/1647-8606_59_1_1
- Falcone, E. M. O., & Ventura, P. R. (2008). Entrevista com Dr. Jeffrey Young. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 4(1). Retirado do <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbtc/v4n1/v4n1a10.pdf>
- Farias, M. S., Souza, C. S., Carneseca, E. C., Passos, A. D. C., & Vieira, E. M. (2016). Caracterização das notificações de violência em crianças no município de Ribeirão Preto, São Paulo, no período 2006-2008. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 25(4), 799-806. doi 10.5123/S1679-49742016000400013
- Fernández-Fuertes, A. A., & Fuertes, A. (2010). Physical and psychological aggression in dating relationships of Spanish adolescents: Motives and consequences. *Child Abuse Neglect*, 34(3), 183-191. doi: 10.1016/j.chiabu.2010.01.002.
- Ferreira, C., & Matos, M. (2013a). Violência doméstica e *stalking* pós-rutura: Dinâmicas, *coping* e impacto psicossocial na vítima. *Psicologia*, XXVII(2), 81-106.

- Ferreira, C., & Matos, M. (2013b). Post-relationship stalking: The experience of victims with and without history of partner abuse. *Journal of Family Violence, 28*(4), 393-402. doi: 10.1007/s10896-013-9501-5
- Ferreira, J. P. M. (2013). *Stalking como forma de violência nas relações de namoro*. Retirado do <http://comum.rcaap.pt/handle/123456789/6243>
- Fischer, B. S., Coker, A. L., Garcia, L. S., Williams, C. M., Clear, E. R., & Cook-Craig, P. G. (2014). Statewide estimates of stalking among high school students in Kentucky: Demographic profile and sex differences. *Violence Against Women, 20*(10), 1258-1279. doi: 10.1177/1077801214551574
- Flach, R. M. D., & Deslandes, S. F. (2017). Abuso digital nos relacionamentos afetivo-sexuais: Uma análise bibliográfica. *Cadernos de Saúde Pública, 33*(7). doi: 10.1590/0102-311X00138516
- Flake, T. A., Barros, C., Schraiber, L. B. M., & Menezes, P. R. (2013). Violência por parceiro íntimo entre estudantes de duas universidades do estado de São Paulo, Brasil. *Revista Brasileira de Epidemiologia, 16*(4), 801-816. doi: 10.1590/S1415-790X2013000400001
- Fonseca, D. H., Ribeiro, C. G., & Barbosa, N. S. (2012). Violência doméstica contra a mulher: realidades e representações sociais. *Psicologia & Sociedade, 24*(2), 307-314. doi: 10.1590/S0102-71822012000200008
- Fonseca, R. M. G. S., Egry, E. Y., Nóbrega, C. R., Apostólico, M. R., & Oliveira, R. N. G. (2012). Reincidência da violência contra crianças no Município de Curitiba: um olhar de gênero. *Acta Paulista de Enfermagem, 25*(6), 895-901. doi: 10.1590/S0103-21002012000600011
- Foshee, V. A., Bauman, K. E., Ennet, S. T., Suchindran, C. Benefield, T. S., & Linder, G. F. (2005). Assessing the effects of the dating violence prevention program "Safe Dates" using random coefficient regression modeling. *Prevent Science, 6*, 245-258.

- Foshee, V. A., Benefield, T. S., Reyes, H. L. M., Ennett, S. T., Faris, R., Chang, L., ..., Suchindran, C. M. (2013). The peer context and the development of the perpetration of adolescent dating violence. *Journal Youth Adolescent*, 42, 471-486. doi:10.1007/s10964-013-9915-7.
- Foshee, V. A., Benefield, T., Dixon, K. S., Chang, L., Senkomago, V., Ennett, S. T., ..., Bowling, J. M. (2015). The effects of moms and teens for Safe Dates: A dating abuse prevention program for adolescents exposed to domestic violence. *Journal of Youth and Adolescence*, 44(5), 995–1010. doi 10.1007/s10964-015-0272-6
- Foshee, V. A., Reyes, L. M., Tharp, A. T., Chang, L., Ennett, S. T., Simon, T. R., ..., Suchindran, C. (2015). Shared longitudinal predictors of physical peer and dating violence. *Journal of Adolescent Health*, 56, 106-112. doi: 10.1016/j.jadohealth.2014.08.003
- Fritz, C. O., Morris, P. E., & Rieler, J. J. (2012). Effect size estimates: Current use, calculations, and interpretation. *Journal of Experimental Psychology: General*, 141(1), 2-18. doi: 10.1037/a0024338
- Gaderman, A.M., Guhn, M., & Zumbo, B.D. (2012). Estimating ordinal reliability for likert-type and ordinal item response data: A conceptual, empirical and practical guide. *Practical Assessment, Research & Evaluation*, 17(3). Available online: <http://pareonline.net/pdf/v17n3.pdf>
- Gadoni-Costa, L. M., Zucatti, A. P. N., & Dell’Aglío, D. D. (2011). Violência contra a mulher: Levantamento dos casos atendidos no setor de Psicologia de uma delegacia para a mulher. *Estudos de Psicologia*, 28(2), 219-227. doi: 10.1590/S0103-166X2011000200009

- Gámez-Guadix, M., Almendros, C., Borrajo, E., & Calvete, E. (2015). Prevalence and association of sexting and online sexual victimization among Spanish adults. *Sexuality Research and Social Policy, 12*(2), 145-154. doi: 10.1007/s13178-015-0186-9
- Gil da Silva, D. & Dell'Aglio, D. D. (2016). Exposure to domestic and community violence and subjective well-being in adolescents. *Paidéia, 26*(65), 299-305. doi:10.1590/1982-43272665201603.
- Gilbert, F. & Daffern, M. (2013) The association between early maladaptive schema and personality disorder traits in an offender population. *Psychology, Crime & Law, 19*(10), 933-946. doi: 10.1080/1068316X.2013.770852
- Giordani, J. P., Seffner, F., & Dell'Aglio, D. D. (2017). Violência escolar: percepções de alunos e professores de uma escola pública. *Psicologia Escolar e Educacional, 21*(1), 103-111. doi: 10.1590/2175-3539/2017/02111092
- Giordano, P. C., Soto, D. A., Manning, W. D., & Longmore, M. A. (2010). The characteristics of romantic relationships associated with teen dating violence. *Social Science Research, 39*, 863-874. doi: 10.1016/j.ssresearch.2010.03.009
- Gómez, A. M. (2011). Testing the cycle of violence hypothesis: Child abuse and adolescent dating violence as predictors of intimate partner violence in young adulthood. *Youth & Society, 43*(1), 171-192. doi: 10.1177/0044118X09358313
- Goncy, E. A., Sullivan, T. N., Farrell, A. D., Mehari, K. R., & Garthe, R. C. (2017). Identification of patterns of dating aggression and victimization among urban early adolescents and their relations to mental health symptoms. *Psychology of Violence, 7*(1), 58-68. doi: 10.1037/vio0000039
- Gonzalez-Guarda, R. M., Williams, J. R., Merisier, M., Cummings, A. M., & Prado, G. (2014). Acculturation, risk behaviors and physical dating violence victimization among

- Cuban-American adolescents. *Journal of Pediatric Nursing*, 29(6), 633-640. doi: 10.1016/j.pedn.2014.03.001
- González-Jiménez, A. J., & Hernández-Romera, M. del M. (2014). Early maladaptive schemas in adolescence: A quantitative study. *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, 6th International Conference on Intercultural Education: “ Educational and health: From a transcultural perspective”. doi: 10.1016/j.sbspro.2014.04.344
- Gover, A. R., Park, M., Tomsich, E. A., & Jennings, W. G. (2011). Dating violence perpetration and victimization among South Korean college students: A focus on gender and childhood maltreatment. *Journal of Interpersonal Violence*, 26(6), 1232-1263. doi: 10.1177/0886260510368161
- Grangeia, H., & Matos, M. (2006). Riscos associados ao stalking: Violência, persistência e reincidência. *Psiquiatria, Psicologia & Justiça*, 5, 29-48.
- Graves, K. N., Sechrist, S. M., White, J. W., & Paradise, M. J. (2005). Intimate partner violence perpetrated by college women within the context of a history of victimization. *Psychology of Women Quarterly*, 29(3), 278-289. doi: 10.1111/j.1471-6402.2005.00222.x
- Griebler, C. N., & Borges, J. L. (2013). Violência contra a mulher: Perfil dos envolvidos em boletins de ocorrência da Lei Maria da Penha. *Psico(PUCRS)*, 44, 215-225.
- Güner, O. (2017). Psychometric properties and normative values of Early Maladaptive Schema Questionnaires Set for Children and Adolescents (SQS). *Clinical Psychology and Psychotherapy*, 24, 534–554. doi: 10.1002/cpp.2049.
- Hair, J. F. Jr, Black, W. C., Babin, B. J., Anderson, R. E., & Tatham, R. L. (2009). *Análise Multivariada de Dados [Multivariate Data Analysis]*. 6^a Ed. Porto Alegre: Bookman.
- Harding, H. G., Burns, E. E., & Jackson, J. L. (2012). Identification of child sexual abuse survivor subgroups based on early maladaptive schemas: Implications for

- understanding differences in posttraumatic stress disorder symptom severity. *Cognitive Therapy and Research*, 36(5), 560–575. doi: 10.1007/s10608-011-9385-8
- Haugaard, J. J., & Seri, L. G. (2004). Stalking and others forms of intrusive contact among adolescents and young adults from the perspective of the person initiating the intrusive contact. *Criminal Justice and Behavior*, 31(1), 37-54. doi: 10.1177/0093854803259247
- Hawke, L. D. & Provencher, M. D. (2011). Schema theory and schema therapy in mood and anxiety disorders: A Review. *Journal of Cognitive Psychotherapy*, 25(4), 257-276. doi: 10.1891/0889-8391.25.4.257
- Hofmann, S., Asmundson, G. J. G., & Beck, A. T. (2013). The science of cognitive therapy. *Behavior Therapy*, 44, 199-212.
- Hu, L. & Bentler, P.M. (1999). Cutoff criteria for fit indexes in covariance structure analysis: Conventional criteria versus new alternatives. *Structural Equation Modeling: A Multidisciplinary Journal*, 6(1), 1-55. doi: 10.1080/10705519909540118
- Izaguirre, A., & Calvete, E. (2017). Exposure to family violence as a predictor of dating violence and child-to-parent aggression in Spanish adolescents. *Youth & Society*, 49(3), 393-412. doi: 10.1177/0044118X16632138
- Jennings, W. G., Park, M., Richards, T. N., Tomsich, E., Gover, A., & Powers, R. A. (2014). Exploring the relationship between child physical abuse and adult dating violence using a causal inference approach in an emerging adult population in South Korea. *Child Abuse & Neglect*, 38, 1902-1913. doi:10.1016/j.chiabu.2014.08.014
- Jensen, L. A. & Dost-Gözkan, A. (2014). Adolescent–parent relations in Asian Indian and Salvadoran immigrant families: A cultural–developmental analysis of autonomy, authority, conflict, and cohesion. *Journal of Research on Adolescence*, 25(2), 340–351.1 doi: 0.1111/jora.12116

- Johnson, W. L., Giordano, P. C., Longmore, M. A., & Manning, W. D. (2014). Intimate partner violence and depressive symptoms during adolescence and young adulthood. *Journal of Health and Social Behavior, 55*(1), 39-55. doi: 10.1177/0022146513520430
- Karlsson, M. E., Temple, J. R., Weston, R., & Le, V. D. (2016). Witnessing interparental violence and acceptance of dating violence as predictors for teen dating violence victimization. *Violence Against Women, 22*(5), 625-646. doi: 10.1177/1077801215605920
- Katz, J., & Rich, H. (2015). Partner covictimization and post-breakup stalking, pursuit, and violence: A retrospective study of college women. *Journal of Family Violence, 30*, 189-199. doi: 10.1007/s10896-014-9665-7
- Kaukinen, C., Buchanan, L., & Gover, A. R. (2015). Child abuse and experience of violence in college dating relationships: Examining the moderating effect of gender and race. *Journal of Family Violence, 30*(8), 1079–1092. doi: 10.1007/s10896-015-9731-9
- Kaura, S. A., & Lohman, B. J. (2007). Dating violence victimization, relationship satisfaction, mental health problems, and acceptability of violence: A comparison of men and women. *Journal of Family Violence, 22*(X), 367-381. doi: 10.1007/s10896-007-9092-0
- Kelley, E. L., Edwards, K. M., Dardis, C. M., & Gidycz, C. A. (2015). Motives for physical dating violence among college students: A gendered analysis. *Psychology of Violence, 5*(1), 56-65. doi: 10.1037/a0036171
- Khorramdel, K., Abolghasemi, A., Rakhshani, T., Nikdast, S. P., & Rajabi, S. (2013). Early maladaptive schemas as predictor of adolescents runaway. *Archives of Psychiatry and Psychotherapy, 4*, 51-59.
- Kim, J. Y., Kim, H. J., Choi, J. W., & Emery, C. (2014). Family violence and dating violence in Korea. *Journal of Family Violence, 29*, 23-33. doi:10.1007/s10896-013-9556-3

- Kinsfogel, K. M., & Grych, J. H. (2004). Interparental conflict and adolescent dating relationships: Integrating cognitive, emotional and peer influences. *Journal of Family Psychology, 18*, 505-515. doi: 10.1037/0893-3200.18.3.505
- Kriston, L., Schäfer, J., von Wolff, A., Härter, M., & Hölzel, L. P. (2012). The latent factor structure of Young's Early Maladaptive Schemas: Are schemas organized into domains? *Journal of Clinical Psychology, 68*(6), 684-698. doi: 10.1002/jclp.21846
- Kuehner, C., Gass, P., & Dressing, H. (2012). Mediating effects of stalking victimization on gender differences in mental health. *Journal of Interpersonal Violence, 27*(2), 199–221. doi: 10.1177/0886260511416473
- Lavoie, F., Robitaille, L., & Hébert, M. (2000). Teen dating relationships and aggression: An exploratory study. *Violence Against Women, 6*(1), 6-36. doi:10.1177/10778010022181688
- Lazarevich, I., Camacho, M. E. I., Sokolova, A. V., & Gutiérrez, H. J. D. (2013). Violencia en el noviazgo y salud mental en estudiantes universitarios mexicanos. *Global Health Promotion, 20*(3), 94-103. doi: 10.1177/1757975913499032
- Lee, C. W., Taylor, G., & Dunn, J. (1999). Factor structure of the schema questionnaire in a large clinical sample. *Cognitive Therapy and Research, 23*, 441–451.
- Lee, M. S., Begun, S., DePrince, A. P., & Chu, A. T. (2016). Acceptability of dating violence and expectations of relationship harm among adolescent girls exposed to intimate partner violence. *Psychological Trauma: Theory, Research, Practice, and Policy, 28*(4), 487-494. doi: 10.1037/tra0000130
- Lee, M., Reese-Weber, M., & Kahn, J. H. (2014). Exposure to family violence and attachment styles as predictors of dating violence perpetration among men and women: A mediational model. *Journal of Interpersonal Violence, 29*(1), 20-43. doi:10.1177/0886260513504644

- Leme, V. B. R., Del Prette, Z. A., & Coimbra, S. (2013). Parenting practices and social skills by adolescent of different family configurations. *Psico, 44*(4), 560-570.
- Logan, T. K., & Walker, R. (2017). Stalking: A multidimensional framework for assessment and safety planning. *Trauma, Violence, & Abuse, 18*(2), 200-222. doi: 10.1177/1524838015603210
- Logan, T. K., Shannon, L., Cole, J., & Walker, R. (2006). The impact of differential patterns of physical violence and stalking on mental health and help-seeking among women with protective orders. *Violence Against Women, 12*(9), 866-886. doi: 10.1177/1077801206292679
- Londoño, N. H., Schnitter, M., Marín, C., Calvete, E., Ferrer, A., Maestre, K., ..., Castrillón, D. (2012). Young Schema Questionnaire-Short form: Validación en Colombia. *Universitas Psychologica, 11*(1), 147-164.
- Lopez, V., Chesney-Lind, M., & Foley, J. (2012). Relationship power, control, and dating violence among Latina girls. *Violence Against Women, 18*(6), 681-690. doi: 10.1177/1077801212454112
- Lordello, S. & Costa, L. F. (2015). Quando o príncipe vira sapo: Identificando os sinais da transformação. In S. G Murta, J. S. N. F. Bucher-Maluschkee & G. R. S. Diniz (Eds.), *Violência no namoro: Estudos, prevenção e psicoterapia* (pp. 43-51). Curitiba: APPRIS.
- Love, S. R., & Richards, T. N. (2013). An exploratory investigation of adolescent intimate partner violence among African American youth: A gendered analysis. *Journal of Interpersonal Violence, 28*(17), 3342-3366. doi: 10.1177/0886260513496898
- Lovibond, P. F., & Lovibond, S. H. (1995). The structure of negative emotional states: Comparison of the Depression Anxiety Stress Scales (DASS) with the Beck depression

- and anxiety inventories. *Behaviour Research and Therapy*, 33(3), 335-343. doi:10.1016/j.rbp.2012.05.003
- Lumley, M. N., & Harkness, K. L. (2007). Specificity in the relations among childhood adversity, early maladaptive schemas, and symptom profiles in adolescent depression. *Cognitive Therapy and Research*, 31, 639–657. doi: 10.1007/s10608-006-9100-3.
- Makin-Byrd, K., & Bierman, K. L. (2013). Individual and family predictors of the perpetration of dating violence and victimization in late adolescence. *Journal Youth Adolescence*, 42, 536-550. doi:10.1007/S10964-012-9810-7
- Mallmann, C. L., Lisboa, C. S. M., & Calza, T. Z. (2017). Cyberbullying e esquemas iniciais desadaptativos em adolescentes brasileiros. *Revista Colombiana de Psicología*, 26(2), 313-328. doi: 10.15446/rcp.v26n2.60631
- Marasca, A. R., & Falcke, D. (2015). Forms of violence in the affective-sexual relationships of adolescents. *Interpersona*, 9(2), 200–214, doi:10.5964/ijpr.v9i2.176.
- Martin-Storey, A. (2015). Prevalence of dating violence among sexual minority youth: Variation across gender, sexual minority identify and gender of sexual partners. *Journal of Youth and Adolescence*, 44(1), 211-224. doi:10.1007/s10964-013-0089-0
- Masley, S. A., Gillanders, D. T., Simpson, S. G., & Taylor, M. A. (2012). A systematic review of the evidence base for Schema Therapy. *Cognitive Behaviour Therapy*, 41(3), 185-202. doi: 10.1080/16506073.2011.614274
- Mateos-Pérez, E., Calvete, E., & Hankin, B. L. (2015). Negative inferences as mediators of the predictive association between early maladaptive schemas and depressive symptoms in adolescents. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 34(3), 259-276. doi: 10.1521/jscp.2015.34.3.259

- Matos, M., Féres-Carneiro, T., & Jablonski, B. (2005). Adolescência e relações amorosas: Um estudo sobre jovens das camadas populares cariocas. *Interação em Psicologia*, 9(1), 21-33.
- McCauley, H. L., Breslau, J. A., Saito, N., & Miller, E. (2015). Psychiatric disorders prior to dating initiation and physical dating violence before age 21: Findings from the National Comorbidity Survey Replication (NCS-R). *Social Psychiatry Psychiatric Epidemiology*, 50(9), 1357-1365. doi: 10.1007/s00127-015-1044-z
- Meekers, D., Pallin, S. C., & Hutchinson, P. (2013). Intimate partner violence and mental health in Bolivia. *BMC Women's Health*, 13(28). Retrieved from <http://biomedcentral.com/1472-6874/13/28>
- Minayo, M. C. S., Assis, S. G., & Njaine, K. (2011). É possível construir relações amorosas sem violência? In M. C. S. Minayo, S. G. Assis, & K. Njaine (Eds.), *Amor e violência: Um paradoxo das relações de namoro e do "ficar" entre jovens brasileiros* (pp. 207-212). Rio de Janeiro: FIOCRUZ.
- Ministério Público do Distrito Federal e Território (2015). *Homem é condenado por praticar stalking contra a ex-companheira*. Retirado do <http://www.mpdft.mp.br/portal/index.php/comunicacao-menu/noticias/noticias-2015/noticias-2015-lista/7998-homem-e-condenado-por-praticar-stalking-contra-ex-companheira>
- Morelli, M., Bianchi, D., Baiocco, R., Pezzuti, L., & Chirumbolo, A. (2016). Sexting, psychological distress and dating violence among adolescents and Young adults. *Psicothema*, 28(2), 137-142.
- Mulford, C. E., & Blachman-Demner, D. R. (2013). Teen dating violence: Building a research program through collaborative insights. *Violence Against Women*, 19(6), 756-770. doi: 10.1177/1077801213494705

- Mullen, P. E., Pathé, M., & Purcell, R. (2001). Stalking: New constructions of human behavior. *Australian and New Zealand of Psychiatry*, 35, 9-16.
- Murta, S. G., Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2010). Prevenção ao sexismo e ao heterossexismo entre adolescentes: contribuições do treinamento em habilidades de vida e habilidades sociais. *Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente*, 2, 73-86.
- Murta, S. G., Miranda, A. A., V., Bezerra, K. L. T., Veras, L. G., Santos, K. B., Cangussú, E. D. A., & Moore, R. A. (2015). Programa de prevenção à violência no namoro e promoção de empoderamento em adolescentes. In S. G. Murta, J. S. N. F. Bucher-Maluschke & G. R. S. Diniz (Eds.), *Violência no namoro: Estudos, prevenção e psicoterapia* (pp. 203-226). Curitiba: Appris.
- Murta, S. G., Moore, R. A., Miranda, A. A. V., Cangussú, E. D. A., Santos, K. B., Bezerra, K. L. T., & Veras, L. G. (2016). Efeitos de um programa de prevenção à violência no namoro. *Psico-USF*, 21(2), 381-393. doi: 10.1590/1413-82712016210214
- Murta, S. G., Santos, B. R. P., Martins, C. P. S., & Oliveira, B. (2013). Prevenção primária à violência no namoro: Uma revisão de literatura. *Contextos Clínicos*, 6(2), 117-131. doi: 10.4013/ctc.2013.62.05
- Murta, S. G., Santos, B. R. P., Nobre, L. A., Oliveira, S. A., Diniz, G. R. S., Rodrigues, I. O., ..., Del Prette, Z. A. (2011). *Diferenciando baladas de ciladas: Um guia para o empoderamento de adolescentes em relacionamentos íntimos*. Brasília: Letras Livres.
- Muthén, L. K., & Muthén, B. O. (2012). *Mplus User's Guide* (7th ed.). Los Angeles, CA: Muthén & Muthén.
- Nahapetyan, L., Orpina, P., Song, X., & Holland, K. (2014). Longitudinal association of suicidal ideation and physical dating violence among high school students. *Journal Youth and Adolescence*, 43(4), 629-640. doi: 10.1007/s10964-013-0006-6

- Nascimento, F. S., & Cordeiro, R. L. M. (2011). Violência no namoro para jovens moradores de Recife. *Psicologia & Sociedade*, 23(3), 516-525. doi: 10.1590/S0102-71822011000300009
- Oliveira, D. C., Gomes, A. M., Marques, S. C., & Thiengo, M. A. (2007). “Pegar”, “ficar” e “namorar”: Representações sociais de relacionamentos entre adolescentes. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 60(5), 497-502. doi: 10.1590/S0034-71672007000500003
- Oliveira, M. S., & Sani, A. I. (2009). A intergeracionalidade da violência nas relações de namoro. *Revista da Faculdade de Ciência Humanas e Sociais*, 6, 162-170.
- Oliveira, Q. B. M., Assis, S. G., Njaine, K., & Oliveira, R. V. C. (2011). Violências nas relações afetivo-sexuais. In M. C. S. Minayo, S. G. Assis, & K. Njaine (Eds.), *Amor e violência: Um paradoxo das relações de namoro e do “ficar” entre jovens brasileiros* (pp. 87-139). Rio de Janeiro: FIOCRUZ.
- Oliveira, Q. B. M., Assis, S. G., Njaine, K., & Pires, T. O. (2014). Namoro na adolescência no Brasil: Circularidade da violência psicológica nos diferentes contextos relacionais. *Ciência & Saúde Coletiva*, 19(3), 707-718. doi: 10.1590/1413-81232014193.19052013
- Oliveira, Q. B. M., Assis, S. G., Njaine, K., & Pires, T. O. (2016). Violência física perpetrada por ciúmes no namoro de adolescentes: Um recorte de gênero em dez capitais brasileiras. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32(3), 1-12. doi: 10.1590/0102-3772e32323
- Ouytsel, J. V., Torres, E., Choi, H. J., Ponnet, K., Walrave, M., & Temple, J. R. (2017). The associations between substance use, sexual behaviors, bullying, deviant behaviors, health, and cyber dating abuse perpetration. *The Journal of School Nursing*, 33(2) 116-122. doi: 10.1177/1059840516683229
- Owens, J. G. (2016). Why definitions matter: Stalking victimization in the United States. *Journal of Interpersonal Violence*, 31(12), 2196-2226. doi:10.1177/0886260515573577

- Pacheco, J. T. B., Silveira, L. M. O., & Schneider, A. M. A. (2008). Parental style and parenting practices: Analysis of the relation between the constructs under the perspective of adolescents. *Psico*, 39(1), 66-73.
- Paim, K., & Falcke, D. (2016). Perfil discriminane de sujeitos com histórico de violência conjugal: O papel dos esquemas iniciais desadaptativos. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, XVIII(2), 112-129.
- Paim, K., Madalena, M., & Falcke, D. (2012). Esquemas iniciais desadaptativos na violência conjugal. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 8(1), 31-39.
- Pais-Ribeiro, J.L. (2001). Mental Health Inventory: Um estudo de adaptação à população portuguesa [Mental Health Inventory: A study of its adaptation to the portuguese population]. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 2(1), 77-99.
- Patias, N. D., Machado, W. L., Bandeira, D. R., & Dell’Aglia, D. D. (2016). Depression Anxiety and Stress Scale (DASS-21) – Short Form: Adaptação e Validação para Adolescentes Brasileiros. *Psico-USF*, 21(3), 459-469. doi: 10.1590/1413-82712016210302
- Pereira, F., & Matos, M. (2015). Cyberstalking among adolescents: A new form of harassment and persecution? *Psicologia, Saúde & Doenças*, 16(1), 57-69. doi: 10.15309/15psd160207
- Philipsen, A., Lam, A. P., Breit, S., Lücke, C., Müller, H. H., & Matthies, S. (2017). Early maladaptive schemas in adult patients with attention deficit hyperactivity disorder. *Attention Deficit Hyperactivity Disorder*, 9(2), 101-111. doi: 10.1007/s12402-016-0211-8
- Pinto, L. W. & Assis, S. G. (2013). Family and community violence of schoolchildren from the city of São Gonçalo, Rio de Janeiro, Brazil. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 16(2), 288-300. doi: 10.1590/S1415-790X2013000200006

- Podaná, Z., & Imříšková, R. (2016). Victims' responses to stalking: An examination of fear levels and coping strategies. *Journal of Interpersonal Violence, 31*(5), 792-809. doi: 10.1177/0886260514556764
- Ponce, A. N., Williams, M. K., & Allen, G. J. (2004). Experience of maltreatment as a child and acceptance of violence in adult intimate relationships: Mediating effects of distortions in cognitive schemas. *Violence and Victims, 19*(1), 97-108.
- Pratta, E. M. M., & Santos, M. A. (2007). Família e adolescência: A influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. *Psicologia em Estudo, 12*(2), 247-256.
- Purcell, R., Moller, B., Flower, T., & Mullen, P. E. (2009). Stalking among juveniles. *The British Journal of Psychiatry, 194*, 451-455. doi: 10.1192/bjp.bp.108.054833
- Quirk, S.W., Wier, D., Martin, S. M., & Christian, A. (2015). The influence of parental rejection on the development of maladaptive schemas, rumination, and motivations for self-injury. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment, 37*(2), 283-295. doi: 10.1007/s10862-014-9453-y
- R Development Core Team. (2011). *R Foundation for Statistical Computing*. Vienna, Austria.
- Rafaeli, E., Bernstein, D. P., & Young, J. (2011). *Schema therapy: Distinctive features*. New York: Routledge.
- Ramires, V. R. R., & Schneider, M. S. (2010). Revisitando alguns conceitos da teoria do apego: Comportamento versus representação? *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 26*(1), 25-33. doi: 10.1590/S0102-37722010000100004
- Ravazi, V., Soltaninezhad, A., & Rafiee, A. (2012). Comparing of early maladaptive schemas between healthy and addicted. *Zahedan Journal of Research in Medical Sciences, 14*(9), 60-63.

- Reidy, D. E., Smith-Darden, J. P., & Kernsmith, P. D. (2016). Behavioral and mental health correlates of youth stalking victimization: A latent class approach. *American Journal of Preventive Medicine, 51*(6), 1007-1014. doi: 10.1016/j.amepre.2016.08.035
- Rey-Anacona, C. A. (2013). Prevalencia y tipos de maltrato en el noviazgo en adolescentes y adultos jóvenes. *Terapia Psicológica, 31*(2), 143-154.
- Rey-Anacona, C. A. (2015). Variables asociadas a los malos tratos en el noviazgo en adolescentes y adultos jóvenes. *Acta Colombiana de Psicología, 18*(1), 159-171. doi: 10.14718/ACP.2015.18.1.15
- Reyes, H. L. M., Foshee, V. A., Bauer, D. J., & Ennett, S. T. (2014). Proximal and time-varying effects of cigarette, alcohol, marijuana and other hard drug use on adolescent dating aggression. *Journal of Adolescence, 37*, 281-289. doi: 10.1016/j.adolescence.2014.02.002
- Reyes, H. L. M., Foshee, V. A., Fortson, B. L., Valle, L. A., Breiding, M. J., & Merrick, M. T. (2015). Longitudinal mediators of relations between family violence and adolescent dating aggression perpetration. *Journal of Marriage and Family, 77*, 1016-1030. doi:10.1111/jomf.12200
- Reyes, H. L. M., Foshee, V. A., Niolon, P. H., Reidy, D. E., & Hall, J. E. (2016). Gender role attitudes and male adolescent dating violence perpetration: Normative beliefs as moderators. *Journal of Youth and Adolescence, 45*, 350-360. doi: 10.1007/s10964-015-0278-0
- Ribeiro, F. M. L., Avanci, J. Q., Carvalho, L., Gomes, R., & Pires, T. O. (2011). Entre o “ficar” e o namorar: Relações afetivo-sexuais. In M. C. S. Minayo, S. G. Assis, & K. Njaine (Eds.), *Amor e violência: Um paradoxo das relações de namoro e do “ficar” entre jovens brasileiros* (pp. 55-86). Rio de Janeiro: FIOCRUZ.

- Rijo, D. (2009). *Esquemas Mal-Adaptativos Precoces: Validação do conceito e dos métodos de avaliação* [Early Maladaptive Schemas: Construct and assessment methods validation studies] (Unpublished doctoral dissertation). Coimbra: University of Coimbra, Portugal.
- Rijo, D. (2017). Questionário de Esquemas de Young (YSQ-S3). In: M. M. Gonçalves, M. R. Simões & L. S. Almeida (Eds.), *Psicologia clínica e da saúde: Instrumentos de avaliação* (pp. 159-173). Lisboa: FACTOR.
- Roberts, K. A. (2002). Stalking following the breakup of romantic relationships: Characteristics of stalking former partners. *Journal of Forensic Science*, 47(5), 1-8. doi:10.1520/JFS15514J.
- Roelofs, J., Lee, C., Ruijten, T., & Lobbestael, J. (2011). The mediating role of early maladaptive schemas in the relation between quality of attachment relationships and symptoms of depression in adolescents. *Behavioural and Cognitive Psychotherapy*, 39, 471-479. doi: 10.1017/S1352465811000117
- Roelofs, J., Muris, P., van Wesemael, D., Broers, N. J., Shaw, I., & Farrell, J. (2016). Group-schematherapy for adolescents: Results from a naturalistic multiple case study. *Journal of Child and Family Studies*, 25, 2246-2257. doi: 10.1007/s10826-016-0391-z
- Romito, P., Beltramini, L., & Escibà-Agüir, V. (2013). Intimate partner violence and mental health among Italian adolescents: Gender similarities and differences. *Violence Against Women*, 19(1), 89-106. doi: 10.1177/1077801212475339
- Rosseel, Y. (2012). Lavaan: An R Package for Structural Equation Modeling. *Journal of Statistical Software*, 48, 1-36.
- RStudio Team (2015). *RStudio: Integrated Development for RStudio*, Inc. Boston, MA: URL <http://www.rstudio.com/>

- Ruschoff, B., Dijkstra, J. K., Veenstra, R. & Lindenberg, S. (2015). Peer status beyond adolescence: Types and behavioral associations. *Journal of Adolescence*, 45, 1-10. doi: 10.1016/j.adolescence.2015.08.013
- Sabina, C., Cuevas, C. A., & Cotignola-Pickens, H. M. (2016). Longitudinal dating violence victimization among latino teens: Rates, risk factors, and cultural influences. *Journal of Adolescence*, 47, 5-15. doi: 10.1016/j.adolescence.2015.11.003
- Sabina, C., Cuevas, C. A., & Rodriguez, R. M. (2014). Who to turn to? Help-seeking in response to teen dating violence among latinos. *Psychology of Violence*, 4(3), 348-362. doi: 10.1037/a003.5037
- Saldivia, C., & Vizcarra, B. (2012). Consumo de drogas y violencia en el noviazgo en estudiantes universitarios del Sur de Chile. *Terapia Psicológica*, 30(2), 43-49.
- Santos, K. B., & Murta, S. G. (2016). Influência dos pares e educação por pares na prevenção à violência no namoro. *Psicologia: Ciência & Profissão*, 36(4), 787-800. doi: 10.1590/1982-3703000272014
- Santos, L. F. S. M. (2009). *Questionário de Esquemas para Adolescentes (QEA): Estudos de validação numa amostra de adolescentes da população normal*. [Schema Questionnaire for Adolescents: Validation studies in a large sample drawn from a normal adolescent population]. (Unpublished Master Degree Dissertation). Coimbra: University of Coimbra, Portugal.
- Santos, L. F. S. M., Vagos, P., & Rijo, D. (s.d.). Assessing early maladaptive schemas in adolescents: Dimensionality and measurement invariance of a brief form of the Young Schema Questionnaire. *Journal of Child and Family Studies*.
- Saritas, D. & Gençöz, T. (2011). Psychometric properties of “Young Schema Questionnaire-Short Form 3” in a Turkish adolescent sample. *Journal of Cognitive and Behavioral Psychotherapies*, 11(1), 83-96.

- Schmidt, N. B., Joiner, T. E., Young, J. E., & Telch, M. J. (1995). The Schema Questionnaire - Investigation of psychometric properties and the hierarchical structure of a measure of maladaptive schemas. *Cognitive Therapy and Research, 19*, 295–321.
- Scribel, M. C., Sana, M. R., & di Benedetto, A. M. (2007). Os esquemas na estruturação do vínculo conjugal. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas, 3*(2). Retirado do <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbtc/v3n2/v3n2a04.pdf>
- Shen, A. C. (2014). Dating violence and posttraumatic stress disorder symptoms in Taiwanese college students: The roles os cultural beliefs. *Journal of Interpersonal Violence, 29*(4), 635-658. doi: 10.1177/0886260513505213
- Shorey, R. C., Anderson, S., & Stuart, G. L. (2014). The relation between antisocial and borderline personality symptoms and early maladaptive schemas in a treatment seeking sample of male substance users. *Clinical Psychology and Psychotherapy, 21*, 341–351. doi:10.1002/cpp.1843
- Shorey, R. C., Cohen, J. R., Lu, Y., Fite, P., Stuart, G. L., & Temple, J. R. (2017). Age of onset for physical and sexual teen dating violence perpetration: A longitudinal investigation. *Preventive Medicine, 105*, 275-279. doi: 10.1016/j.ypmed.2017.10.008
- Shorey, R. C., Cornelius, T. L., & Bell, K. M. (2008). A critical review of theoretical frameworks for dating violence: Comparing the dating and marital fields. *Aggression and Violent Behavior, 13*, 185-194.
- Shorey, R. C., Cornelius, T. L., & Strauss, C. (2015). Stalking in college student dating relationships: A descriptive investigation. *Journal of Family Violence, 30*(7), 935-942. doi: 10.1007/s10896-015-9717-7
- Smith-Darden, J. P., Reidy, D. E., & Kernsmith, P. D. (2016). Adolescent stalking and risk of violence. *Journal of Adolescence, 52*, 191-200. doi: 10.1016/j.adolescence.2016.08.005

- Soares, J. S. F. (2012). *Violências nas relações afetivo-sexuais entre adolescentes do ensino médio de escolas públicas e privadas de Porto Alegre: Prevalência e redes de apoio* (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Retirado do <http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000860422&loc=2012&l=2b47119663428850>
- Soares, J. S. F., Lopes, M. J. M., & Njaine, K. (2013). Violência nos relacionamentos afetivo-sexuais entre adolescentes de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil: Busca de ajuda e rede de apoio. *Cadernos de Saúde Pública*, 29(6), 1121-1130. doi: 10.1590/S0102-311X2013000600009
- Spencer, R. A., Renner, L. M., & Clark, C. J. (2016). Patterns of dating violence perpetration and victimization in U. S. young adult males and females. *Journal of Interpersonal Violence*, 31(15), 2576-2597. doi: 10.1177/0886260515579506
- Spitzberg, B. H., & Cupach, W. R. (2007). The state of the art of stalking: Taking stock of the emerging literature. *Aggression and Violent Behavior*, 12, 64-86. doi: 10.1016/j.avb.2006.05.001
- Stappenbeck, C. A., & Fromme, K. (2010). A longitudinal investigation of heavy drinking and physical dating violence in men and women. *Addictive Behaviors*, 35, 479-485. doi: 10.1016/j.addbeth.2009.12.027
- Steinberg, L. (2002). Part I: The Fundamental Changes of Adolescence. In L. Steinberg (Ed.), *Adolescence* (pp. 19-57). Boston: McGraw-Hill.
- Straus, M. A. (2004). Prevalence of violence against dating partners by male and female university students worldwide. *Violence Against Women*, 10(7), 790-811. doi: 10.1177/1077801204265552

- Straus, M. A. (2014). Addressing violence by female partners is vital to prevent or stop violence against women: Evidence from the multisite batterer intervention evaluation. *Violence Against Women, 20*(7), 889-899. doi: 10.1177/1077801214545932
- Streiner, D. (2003). Starting at the beginning: an introduction to coefficient alpha and internal consistency. *Journal of Personality Assessment, 80*, 99-103.
- Swan, S. C., & Snow, D. L. (2006). The development of a theory of women's use of violence in intimate relationships. *Violence Against Women, 12*, 1026-1045. doi:10.1177/1077801206293330
- Taquette, S. R. (2012). A importância da visão de gênero nas práticas de saúde com adolescentes. In M. N. Strey, A. Bolton, E. Cadoná, & Y. A. Palma (Eds.), *Gênero e ciclos vitais: Desafios, problematizações e perspectivas* (pp. 67-93). Porto Alegre: EdUPUCRS.
- Taquette, S. R., Ruzany, M. H., Meirelles, Z., & Ricardo, I. (2003). Relacionamento violento na adolescência e risco de DST/AIDS. *Cadernos de Saúde Pública, 19*(5), 1437-1444. doi: 10.1590/S0102-311X2003000500022
- Taskale, N., & Soygüt, G. (2017). Risk factors for women's intimate partner violence victimization: An examination from the perspective of the Schema Therapy Model. *Journal of Family Violence, 32*, 3-12. doi: 10.1007/s10896-016-9855-6
- Temple, J. R., Choi, H. J., Elmquist, J., Hecht, M., Miller-Day, M., Stuart, G. L., ..., Wolford-Clevenger, C. (2016). Psychological abuse, mental health, and acceptance of dating violence among adolescents. *Journal of Adolescent Health, 59*, 197-202. doi: 10.1016/j.adohealth.2016.03.034
- Temple, J. R., Shorey, R. C., Tortolero, S., Wolfe, D. A., & Stuart, G. L. (2013). Importance of attitudes about violence and gender in the relationship between exposure to

- interparental violence and the perpetration of teen dating violence. *Child Abuse & Neglect*, *37*, 343-352. doi: 10.1016/j.chiabu.2013.02.001
- Thimm, J. G. (2010). Mediation of early maladaptive schemas between perceptions of parental rearing style and personality disorder symptoms. *Journal of Behavior Therapy and Experimental Psychiatry*, *41*, 52-59. doi:10.1016/j.jbtep.2009.10.001
- Tremblay, P. F., & Dozois, D. J. A. (2009). Another perspective on trait aggressiveness: Overlap with early maladaptive schemas. *Personality and Individual Differences*, *46*(5-6), 569-574. doi: 10.1016/j.paid.2008.12.009
- Ulloa, E. C., & Hammett, J. F. (2016). The effect of gender and perpetrator-victim role on mental health outcomes and risk behaviors associated with intimate partner violence. *Journal of Interpersonal Violence*, *31*(7), 1184-1207. doi: 10.1177/0886260514564163
- Vahl, R., van Damme, L., Doreleijers, T., Vermeiren, R., & Colins, O. (2016). The unique relation of childhood emotional maltreatment with mental health problems among detained male and female adolescents. *Child Abuse & Neglect*, *62*, 142-150. doi: 10.1016/j.chiabu.2016.10.008
- Van Vlierberghe, L., & Braet, C. (2007). Dysfunctional schemas and psychopathology in referred obese adolescents. *Clinical Psychology & Psychotherapy*, *14*(5), 342-351. doi: 10.1002/cpp.546
- Van Vlierberghe, L., Braet, C., & Goossens, L. (2009). Dysfunctional schemas and eating pathology in overweight youth: A case-control study. *International Journal of Eating Disorders*, *42*(5), 437-442. doi: 10.1002/eat.20638
- Van Vlierberghe, L., Braet, C., Bosmans, G., Rosseel, Y., & Bögels (2010). Maladaptive schemas and psychopathology in adolescence: On the utility of Young's Schema Theory in youth. *Cognitive Therapy and Research*, *34*, 316-332. doi: 10.1007/s10608-009-9283-5

- Veit, C., & Ware, J. (1983). The structure of psychological distress and well-being in general populations. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 51*(5), 730-742.
- Vézina, J., Hébert, M., Poulin, F., Lavoie, F., Vitaro, F., & Tremblay, R. E. (2015). History of family violence, childhood behavior problems, and adolescent high-risk behaviors as predictors of girls' repeated patterns of dating victimization in two developmental periods. *Violence Against Women, 21*(4), 435-459. doi: 10.1177/1077801215570481
- Wainer, R., & Rijo, D. (2016). O modelo teórico: Esquemas iniciais desadaptativos, estilos de enfrentamento e modos esquemáticos. In R. Wainer, K. Paim, R. Erdos & R. Andriola (Eds.), *Terapia cognitiva focada em esquemas* (pp. 47-63). Porto Alegre: Artmed.
- Welburn, K., Coristine, M., Dagg, P., Pontefract, A., & Jordan, S. (2002). The Schema Questionnaire—Short Form: Factor analysis and relationship between schemas and symptoms. *Cognitive Therapy and Research, 26*(4), 519-530.
- Wincentak, K., Connolly, J., & Card, N. (2017). Teen dating violence: A meta-analytic review of prevalence rates. *Psychology of Violence, 7*(2), 224-241. doi: 10.1037/a0040194
- Wolfe, D. A., Scott, K., Reitzel-Jaffe, D., & Wekerle, C. (2001). Development and validation of the conflict in adolescent dating relationships inventory. *Psychological Assessment, 13*, 277-293. doi:10.1037/1040-3590.13.2.277
- Wolfe, D. A., Wekerle, C., Scott, K., Straatman, A., & Grasley, C. (2004). Predicting abuse in adolescent dating relationship over 1 year: The role of child maltreatment and trauma. *Journal of Abnormal Psychology, 113*(3), 406-415. Doi: 10.1037/0021-843X.113.3.496
- World Health Organization (2002). *Version of the introduction to the world report on violence and health*. Retrieved from http://www.who.int/violence_injury_prevention/violence/world_report/en/introduction.pdf

- World Health Organization (2014). *Child maltreatment: global estimates*. Retrieved from <http://apps.who.int/gho/data/node.main.VIOLENCECHILDALTREATMENT?lang=en>
- World Health Organization. (2002). World report on violence and health. Retrieved from http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/42495/1/9241545615_eng.pdf
- Wright, M. O., Crawford, E., & Del Castillo, D. (2009). Childhood emotional maltreatment and later psychological distress among college students: The mediating role of maladaptive schemas. *Child Abuse & Neglect*, 33, 59-68. Doi: 10.1016/j.chiabu.2008.12.007
- Yalch, M. M., Lannert, B. K., Hopwood, C. J., & Levendosky, A. A. (2013). Interpersonal style moderates the effect of dating violence on symptoms of anxiety and depression. *Journal of Interpersonal Violence*, 28, 3171-3185. doi: 10.1177/0886260513496901
- Young, J. E. (1999). *Cognitive therapy for personality disorders: A schema-focused approach*. Sarasota, FL: Professional Resources Press.
- Young, J. E. (2003). *Terapia cognitiva para transtornos de personalidade: Uma abordagem focada no esquema* (3ª ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Young, J. E. (2005). *Young Schema Questionnaire-Short Form 3 (YSQ-S3)*. New York: Schema Therapy Institute.
- Young, J. E., & Brown, G. (1994). *Young Schema Questionnaire Short Form*. New York, NY: Cognitive Therapy Center.
- Young, J. E., Beck, A. T., & Weinberger, A. (1993). Depression. In D. H. Barlow (Ed.), *Clinical Handbook of Psychological Disorders*. New York: Guilford Press.
- Young, J., Klosko, J. S., & Weishaar, M. E. (2008). *Terapia do esquema: Guia de técnicas cognitivo-comportamentais inovadoras*. Porto Alegre: Artmed.

- Yu, Y., Xiao, S., & Liu, K. Q. (2013). Dating violence among gay men in China. *Journal of Interpersonal Violence, 28*(12), 2491-2504. doi: 10.1177/0886260513479028
- Zanello, V., & Flor, W. (2015). Dos insultos entre adolescentes ao trabalho das relações de gênero na escola. In S. G. Murta, & J. S. N. F. Bucher-Maluschke (Eds.), *Violência no namoro: Estudos, prevenção e psicoterapia* (pp. 187-202). Curitiba, PR/Appris.
- Zhu, H., Luo, X., Cai, T., He, J., Lu, Y., & Wu, S. (2016). Life events stress and binge eating among adolescents: The roles of early maladaptive schemas and impulsivity. *Stress and Health, 32*, 395-401. doi: 10.1002/smi.263
- Zweig, J. M., Dank, M., Yahner, J., & Lachman, P. (2013). The rate of cyber dating abuse among teens and how it relates to other forms of teen dating violence. *Journal Youth and Adolescence, 42*(7), 1063-1077. doi: 10.1007/s10964-013-9922-8

ANEXOS

Anexo A

Quadro teórico dos Domínios e Esquemas Iniciais Desadaptativos

(Young, 2003; Young, Klosko, & Weishaar, 2008)

Domínios	Esquemas Iniciais Desadaptativos	Descrição
1.Desconexão e Rejeição	1. Abandono/Instabilidade	Crença de que os outros são instáveis e que irão abandoná-lo a qualquer momento.
	2. Desconfiança/Abuso	Crença que os outros irão humilhar, abusar, enganar, mentir ou aproveitar-se da pessoa.
	3. Privação emocional	Crença de que os outros não oferecem suporte emocional adequado.
	4. Defectividade/Vergonha	Crença de que é falho, inferior, inadequado, portanto, não merece o amor dos outros.
	5. Isolamento social/Alienação	Crença de que está isolado do resto do mundo.
2.Autonomia e Desempenho Prejudicados	6. Dependência/Incompetência	Crença de que incapaz de funcionar independentemente.
	7. Vulnerabilidade ao Dano	Crença de que uma catástrofe iminente cairá sobre si.
	8. Emaranhamento	Excessivo envolvimento emocional com as pessoas próximas.
	9. Fracasso	Crença de que fracassou ou de que é inadequado.
3. Limites Prejudicados	10. Arrogo/Grandiosidade	Crença de que é superior a outras pessoas.
	11. Autocontrole/autodisciplina insuficientes	Dificuldade em exercer autocontrole e tolerância à frustração.
4.Direcionamento para o Outro	12. Subjugação	Submissão excessiva ao controle dos outros.
	13. Autossacrifício	Foco excessivo no outro, à custa da própria gratificação.
	14. Busca por aprovação	Ênfase excessiva na obtenção de aprovação ou reconhecimento de outras pessoas.
5.Supervigilância e Inibição	15. Negativismo/Pessimismo	Foco generalizado nos aspectos negativos da vida.
	16. Inibição Emocional	Inibição excessiva da ação, dos sentimentos ou da comunicação.
	17. Padrões Inflexíveis	Crença internalizada rígida, perfeccionismo, alto nível de exigência.
	18. Postura Punitiva	Crença de que as pessoas devem ser punidas com severidade quando cometem erros.

ANEXO B

Questionário de Esquemas para Adolescentes – Versão Breve (B-YSQ-A)

(Versão brasileira validada por Borges, Rijo, Vagos, & Dell’Aglío, submetido)

Instruções: Esse questionário apresenta algumas frases que podemos utilizar quando queremos nos descrever. Leia cada uma das frases abaixo e veja até que ponto você se identifica com as mesmas. Em seguida, indique para cada frase, o grau em que ela te descreve. Para isso, use a escala de respostas que se encontra nesta página.

Não há respostas certas nem erradas. Quando tiver dúvidas, busque responder de acordo como você se sente. Escolha dentre as seis opções abaixo, a que melhor lhe descreve, ou seja, a que melhor representa a forma como você se sente e pensa. Assinale com uma cruz (x) o número que melhor lhe descreve.

Algumas frases apresentadas dizem respeito à relação com os teus pais. No caso de um, ou ambos os pais terem falecido, ou não estarem com você nesse momento da sua vida, responda de acordo com a relação que você tinha com eles anteriormente.

ESCALA DE RESPOSTA
1 – Não tem nada a ver com o que acontece ou aconteceu comigo
2 - Tem muito pouco a ver com o que acontece ou aconteceu comigo
3 - Tem um pouco a ver com o que acontece ou aconteceu comigo
4 - É parecido com o que acontece ou aconteceu comigo
5 – É muito parecido com o que acontece ou aconteceu comigo
6 – É exatamente o que acontece ou aconteceu comigo.

	1	2	3	4	5	6
1. Nenhuma pessoa de quem eu goste pode gostar de mim se ficar sabendo dos meus defeitos e pontos fracos.						
2. Sou sempre eu quem acaba por tomar conta das pessoas que me são mais próximas.						
3. Custa-me muito mostrar aos outros aquilo que sinto (mesmo sentimentos positivos como carinho, afeto ou amizade).						
4. Tenho que ser melhor em tudo o que faço; não aceito ficar em segundo lugar.						
5. Quando quero alguma coisa dos outros, tenho muita dificuldade em aceitar um “não” como resposta.						
6. Não tenho força de vontade suficiente para me obrigar a fazer coisas que não gosto no dia-a-dia.						

	1	2	3	4	5	6
7. Mesmo quando as coisas parecem estar acontecendo de forma positiva, tenho sempre a ideia que isso não vai durar muito tempo. “Era muita sorte!”.						
8. Sempre que cometo um erro, mereço ser castigado.						
9. Não tenho pessoas que me deem carinho, apoio e afeto.						
10. Eu me preocupo muito com a possibilidade de perder as pessoas que gosto muito/amo muito.						
11. Não vejo a vida da mesma forma que os outros; sinto-me afastado das outras pessoas.						
12. Ninguém de quem eu gosto vai querer ficar comigo se me conhecer tal como eu sou na realidade.						
13. Preciso muito da ajuda dos outros para conseguir fazer as coisas do dia-a-dia.						
14. Sinto que uma desgraça ou situação catastrófica vai acontecer a qualquer momento (um terremoto, uma doença).						
15. Eu e os meus pais somos muito próximos. Sabemos tudo acerca da vida e dos problemas uns dos outros.						
16. No meu grupo de amigos, sinto que tenho de fazer tudo o que eles querem, senão eles podem ficar chateados comigo, gozarem de mim ou me colocarem de lado.						
17. Sou uma boa pessoa, porque me preocupo mais com os outros do que comigo mesmo.						
18. Tenho vergonha de mostrar aquilo que sinto às outras pessoas.						
19. Eu me esforço para ser sempre o melhor naquilo que eu faço; não basta ser apenas bom.						
20. Sinto que sou especial (sou melhor). Não devia ser obrigado a aceitar muitas das regras que são impostas aos outros.						
21. Eu terei mais prazer em conquistar algo se isso for uma coisa que os outros vão notar.						
22. Quando acontece alguma coisa boa, fico sempre à espera que aconteça algo de ruim a seguir.						
23. Eu me preocupo que as pessoas de quem mais gosto possam me deixar ou me abandonar.						
24. Mais cedo ou mais tarde, vou acabar sendo traído por alguém.						
25. Na escola, a maioria das pessoas tem mais capacidades do que eu.						
26. Sou imaturo; eu não sei me orientar sozinho.						
27. Não há segredos lá em casa. Se eu não contar sempre tudo aos meus pais, sinto-me mal com isso; parece que estou traíndo os meus pais.						
28. No meu grupo de amigos nunca sigo a minha vontade; faço sempre aquilo que os outros querem que eu faça.						
29. Eu tenho muita dificuldade em continuar numa tarefa se não tiver logo uma recompensa. Coisas que dão muito trabalho não são para mim.						

	1	2	3	4	5	6
30. Sinto-me pouco importante quando não recebo muita atenção dos outros.						
31. Todo o cuidado é pouco; quase sempre alguma coisa ruim pode ocorrer.						
32. Se eu não cumprir com os meus deveres, mereço sofrer as consequências.						
33. Não tenho tido ninguém que me ouça com atenção, que me compreenda ou que perceba o que realmente sinto e preciso.						
34. Quando eu sinto que alguém de quem eu goste irá se afastar de mim, eu fico desesperado, com medo de perder essa pessoa.						
35. Sinto que sou desconfiado quanto às intenções das outras pessoas.						
36. Sinto-me isolado e afastado das outras pessoas.						
37. Sinto que nunca ninguém vai me amar como de fato sou na realidade.						
38. Não sou tão bom na escola como a maioria das pessoas. Os outros fazem tudo melhor do que eu.						
39. Eu me preocupo em perder tudo o que eu tenho e ficar sem nada.						
40. Sinto que mereço tratamento especial; não devia ter que obedecer mesmas regras que as outras pessoas precisam seguir.						
41. Não interessa porque é que errei. Se eu fiz algo errado, é justo que sofra as consequências e seja punido.						
42. Não tenho tido pessoas ao meu lado que estejam disponíveis para me dar conselhos e me ajudar a decidir quando não sei o que fazer.						
43. Habitualmente tento descobrir as segundas intenções dos outros ou o verdadeiro motivo pelo qual fazem certas coisas.						
44. Na escola, não sou tão inteligente como a maior parte dos meus colegas.						
45. Não acredito nas minhas capacidades para resolver problemas.						
46. Eu me preocupo muito se vou ter uma doença grave, apesar do médico dizer que estou bem.						
47. Eu e os meus pais estamos tão ligados que parece que somos a mesma pessoa.						
48. Para que as outras pessoas respeitem os meus sentimentos e os meus direitos, é preciso que eu me esforce muito.						
49. Dizem-me muitas vezes para me preocupar mais comigo do que com os outros; eu faço demais pelos outros.						
50. As pessoas acham que eu não sou capaz de dizer ou mostrar o que eu sinto.						
51. Tenho muita dificuldade em terminar as coisas que comecei; raramente consigo ir até ao fim.						
52. Para me sentir uma pessoa com valor, eu tenho que receber muitos elogios dos outros.						

Classificação dos itens do B-YSQ-A por esquema

Esquemas	Itens
1. Abandono	10. Eu me preocupo muito com a possibilidade de perder as pessoas que gosto muito/amo muito. 23. Eu me preocupo que as pessoas de quem mais gosto possam me deixar ou me abandonar. 34. Quando eu sinto que alguém de quem eu goste irá se afastar de mim, eu fico desesperado, com medo de perder essa pessoa.
2. Desconfiança/Abuso	24. Mais cedo ou mais tarde, vou acabar sendo traído por alguém. 35. Sinto que sou desconfiado quanto às intenções das outras pessoas. 43. Habitualmente tento descobrir as segundas intenções dos outros ou o verdadeiro motivo pelo qual fazem certas coisas.
3. Privação Emocional	9. Não tenho pessoas que me deem carinho, apoio e afeto 33. Não tenho tido ninguém que me ouça com atenção, que me compreenda ou que perceba o que realmente sinto e preciso. 42. Não tenho tido pessoas ao meu lado que estejam disponíveis para me dar conselhos e me ajudar a decidir quando não sei o que fazer.
4. Defectividade/Vergonha	1. Nenhuma pessoa de quem eu goste pode gostar de mim se ficar sabendo dos meus defeitos e pontos fracos. 12. Ninguém de quem eu gosto vai querer ficar comigo se me conhecer tal como eu sou na realidade. 37. Sinto que nunca ninguém vai me amar como de fato sou na realidade.
5. Isolamento/Alienação	11. Não vejo a vida da mesma forma que os outros; sinto-me afastado das outras pessoas. 36. Sinto-me isolado e afastado das outras pessoas.
6. Dependência/Incompetência	13. Preciso muito da ajuda dos outros para conseguir fazer as coisas do dia-a-dia. 26. Sou imaturo; eu não sei me orientar sozinho. 45. Não acredito nas minhas capacidades para resolver problemas.
7. Vulnerabilidade ao Dano	14. Sinto que uma desgraça ou situação catastrófica vai acontecer a qualquer momento (um terremoto, uma doença). 39. Eu me preocupo em perder tudo o que eu tenho e ficar sem nada. 46. Eu me preocupo muito se vou ter uma doença grave, apesar do médico dizer que estou bem.
8. Emaranhamento	15. Eu e os meus pais somos muito próximos. Sabemos tudo acerca da vida e dos problemas uns dos outros. 27. Não há segredos lá em casa. Se eu não contar sempre tudo aos meus pais, sinto-me mal com isso; parece que estou traindo os meus pais. 47. Eu e os meus pais estamos tão ligados que parece que somos a mesma pessoa.
9. Fracasso	25. Na escola, a maioria das pessoas tem mais

	<p>capacidades do que eu.</p> <p>38. Não sou tão bom na escola como a maioria das pessoas. Os outros fazem tudo melhor do que eu.</p> <p>44. Na escola, não sou tão inteligente como a maior parte dos meus colegas.</p>
10. Arrogo/Grandiosidade	<p>5. Quando quero alguma coisa dos outros, tenho muita dificuldade em aceitar um “não” como resposta.</p> <p>20. Sinto que sou especial (sou melhor). Não devia ser obrigado a aceitar muitas das regras que são impostas aos outros.</p> <p>40. Sinto que mereço tratamento especial; não devia ter que obedecer mesmas regras que as outras pessoas precisam seguir.</p>
11. Autocontrole Insuficiente	<p>6. Não tenho força de vontade suficiente para me obrigar a fazer coisas que não gosto no dia-a-dia.</p> <p>29. Eu tenho muita dificuldade em continuar numa tarefa se não tiver logo uma recompensa. Coisas que dão muito trabalho não são para mim.</p> <p>51. Tenho muita dificuldade em terminar as coisas que comecei; raramente consigo ir até ao fim.</p>
12. Subjugação	<p>16. No meu grupo de amigos, sinto que tenho de fazer tudo o que eles querem, senão eles podem ficar chateados comigo, gozarem de mim ou me colocarem de lado.</p> <p>28. No meu grupo de amigos nunca sigo a minha vontade; faço sempre aquilo que os outros querem que eu faça.</p> <p>48. Para que as outras pessoas respeitem os meus sentimentos e os meus direitos, é preciso que eu me esforce muito.</p>
13. Autossacrifício	<p>2. Sou sempre eu quem acaba por tomar conta das pessoas que me são mais próximas.</p> <p>17. Sou uma boa pessoa, porque me preocupo mais com os outros do que comigo mesmo.</p> <p>49. Dizem-me muitas vezes para me preocupar mais comigo do que com os outros; eu faço demais pelos outros.</p>
14. Busca por Aprovação	<p>21. Eu terei mais prazer em conquistar algo se isso for uma coisa que os outros vão notar.</p> <p>30. Sinto-me pouco importante quando não recebo muita atenção dos outros.</p> <p>52. Para me sentir uma pessoa com valor, eu tenho que receber muitos elogios dos outros.</p>
15. Pessimismo	<p>7. Mesmo quando as coisas parecem estar acontecendo de forma positiva, tenho sempre a ideia que isso não vai durar muito tempo. “Era muita sorte!”</p> <p>22. Quando acontece alguma coisa boa, fico sempre à espera que aconteça algo de ruim a seguir.</p> <p>31. Todo o cuidado é pouco; quase sempre alguma coisa ruim pode ocorrer.</p>
16. Inibição Emocional	<p>3. Custa-me muito mostrar aos outros aquilo que sinto (mesmo sentimentos positivos como carinho, afeto ou amizade).</p> <p>18. Tenho vergonha de mostrar aquilo que sinto às outras pessoas.</p> <p>50. As pessoas acham que eu não sou capaz de dizer ou</p>

	mostrar o que eu sinto.
17. Padrões Inflexíveis	4. Tenho que ser melhor em tudo o que faço; não aceito ficar em segundo lugar. 19. Eu me esforço para ser sempre o melhor naquilo que eu faço; não basta ser apenas bom.
18. Postura Punitiva	8. Sempre que cometo um erro, mereço ser castigado. 32. Se eu não cumprir com os meus deveres, mereço sofrer as consequências. 41. Não interessa porque é que errei. Se eu fiz algo errado, é justo que sofra as consequências e seja punido.

ANEXO C
PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PSICOLOGIA
DA UFRGS

Título da Pesquisa: VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES AFETIVO-SEXUAIS NA
ADOLESCÊNCIA

Pesquisador responsável: Débora Dalbosco Dell'Aglio

Instituição Proponente: Instituto de Psicologia/UFRGS

Versão: 1

CAAE: 46093015.1.0000.5334

Dados do parecer:

Número do Parecer: 1.143.563

Data da Relatoria: 06/07/2015

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória: Apresenta todos os termos de consideração obrigatória. Os TCLEs estão em linguagem clara e adequada.

Recomendações: O projeto está eticamente e metodologicamente adequado.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações: O projeto atende os requisitos éticos da pesquisa.

Situação do Parecer: Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP: Não

PORTO ALEGRE, 08 de Julho de 2015.

Assinado por:
Clarissa Marcell Trentini
(Coordenador)

ANEXO D

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aos Adolescentes Menores de 18 anos

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA – PPG PSICOLOGIA
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Senhores pais/responsáveis legais e adolescentes menores de 18 anos

Somos do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Adolescência (NEPA/UFRGS). Estamos convidando seu filho/sua filha para participar de uma pesquisa que tem como objetivo investigar relacionamentos amorosos na adolescência e violência no namoro. Os participantes da pesquisa serão alunos de diferentes escolas estaduais, da mesma faixa de idade de seu filho/sua filha. O nome do(a) adolescente não será identificado em nenhuma fase da pesquisa. Serão aplicados alguns instrumentos (questionários com perguntas fechadas), na própria escola. Os resultados dessa pesquisa poderão contribuir trazendo informações sobre violência no namoro, tanto para os adolescentes quanto para os profissionais que atuam com essa população, justificando assim a sua relevância social.

A participação na pesquisa é voluntária, livre e gratuita, sendo que o adolescente ou seus pais/responsáveis poderão retirar o consentimento em qualquer etapa, sem nenhum prejuízo ou punição. A qualquer momento, tanto os participantes, pais, como a escola, poderão solicitar informações sobre os procedimentos ou outros assuntos relacionados a esse estudo. Será garantida a autonomia dos adolescentes na decisão de participarem da pesquisa.

Há riscos mínimos envolvidos na pesquisa, uma vez que os itens respondidos poderão gerar sentimentos de ansiedade, pois abordam violência sofrida e perpetrada nas relações afetivo-sexuais na adolescência e violência intrafamiliar sofrida ao longo da infância. Caso seja observada mobilização e necessidade de auxílio psicológico, o(a) adolescente será encaminhado(a) para atendimento psicológico na rede de atendimento psicossocial do município de Porto Alegre. Se for necessário, será interrompida a sessão de coleta de dados e oferecido apoio no momento da entrevista. O estudo trará benefícios de forma indireta, ajudando adolescentes em situação de violência, uma vez que os resultados da pesquisa poderão contribuir para políticas públicas futuras e melhor compreensão dos profissionais e dos próprios adolescentes quanto a essa realidade. Os adolescentes participantes também serão convidados a participar de uma atividade grupal, na escola, abordando de forma preventiva a violência no namoro entre adolescentes, a fim de reconhecerem sinais de violência e optarem por relacionamentos saudáveis.

Solicitamos sua autorização para o uso dos dados na publicação de artigos científicos, resguardando a identificação dos participantes. As pesquisadoras responsáveis pelo estudo são a Profa. Débora Dalbosco Dell’Aglia e a doutoranda Jeane Borges.

Desde já, agradecemos sua contribuição para o desenvolvimento desta atividade de pesquisa e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos. Em caso de dúvidas, os pais ou responsáveis legais poderão entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da UFRGS, fone (51) 3308.5698, e-mail: cep-psico@ufrgs.br ou pelo telefone (51) 9617.8182 (com Jeane). O material da pesquisa será armazenado em local seguro, durante cinco anos, no Instituto de Psicologia da UFRGS.

Esse termo de consentimento é elaborado em duas vias, uma para o participante e outra para o pesquisador responsável.

Autorização:

Eu _____ (escrever na linha o nome do pai/da mãe ou do responsável), autorizo a participação de meu filho/minha filha neste estudo, sendo que recebi informações sobre os procedimentos, os riscos previstos e os benefícios esperados desse estudo, de forma clara. Terei liberdade de retirar o consentimento de participação na pesquisa, em qualquer momento do processo. Ao assinar este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, os meus direitos legais serão garantidos e não renuncio a quaisquer direitos legais. Ao assinar este

Termo, consinto que meu filho/minha filha participe da pesquisa e declaro que estou ciente dos objetivos da pesquisa.

TERMO DE ASSENTIMENTO

Ao Adolescente/à adolescente:

() Dou meu assentimento quanto a minha participação na pesquisa sobre violência no namoro, sendo que estou participando da mesma de forma voluntária e que recebi informações quanto aos objetivos e procedimentos da pesquisa.

Assinatura do/da adolescente: _____

Porto Alegre, ____ de _____ de _____.

Assinatura dos pais ou responsáveis legais

Assinatura da Pesquisadora Responsável
NEPA/UFRGS

ANEXO E

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aos Adolescentes maiores de 18 anos

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA – PPG PSICOLOGIA
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Aos adolescentes maiores de 18 anos

Somos do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Adolescência (NEPA/UFRGS). Estamos convidando você para participar de uma pesquisa que tem como objetivo investigar relacionamentos amorosos na adolescência e violência no namoro. Os participantes da pesquisa serão alunos de diferentes escolas estaduais, com idades entre 15 a 19 anos. O seu nome não será identificado em nenhuma fase da pesquisa. Serão aplicados alguns instrumentos (questionários com perguntas fechadas), na própria escola. Os resultados dessa pesquisa poderão contribuir trazendo informações sobre violência no namoro, tanto para os adolescentes quanto para os profissionais que atuam com essa população, justificando assim a sua relevância social.

A sua participação na pesquisa é voluntária, livre e gratuita, sendo que você poderá retirar seu consentimento em qualquer etapa, sem nenhum prejuízo ou punição. A qualquer momento, tanto os participantes, pais, como a escola, poderão solicitar informações sobre os procedimentos ou outros assuntos relacionados a esse estudo. Será garantida a autonomia dos adolescentes na decisão de participarem da pesquisa.

Há riscos mínimos envolvidos na pesquisa, uma vez que os itens respondidos poderão gerar sentimentos de ansiedade, pois abordam violência sofrida e perpetrada nas relações afetivo-sexuais na adolescência e violência intrafamiliar sofrida ao longo da infância. Caso seja observada mobilização e necessidade de auxílio psicológico, o(a) adolescente será encaminhado(a) para atendimento psicológico na rede de atendimento psicossocial do município de Porto Alegre. Se for necessário, será interrompida a sessão de coleta de dados e oferecido apoio no momento da entrevista. O estudo trará benefícios de forma indireta, ajudando adolescentes em situação de violência, uma vez que os resultados da pesquisa poderão contribuir para políticas públicas futuras e melhor compreensão dos profissionais e dos próprios adolescentes quanto a essa realidade. Os adolescentes participantes também serão convidados a participar de uma atividade grupal, na escola, abordando de forma preventiva a violência no namoro entre adolescentes, a fim de reconhecerem sinais de violência e optarem por relacionamentos saudáveis.

Solicitamos sua autorização para o uso dos dados na publicação de artigos científicos, resguardando a identificação dos participantes. As pesquisadoras responsáveis pelo estudo são a Profa. Débora Dalbosco Dell’Aglío e a doutoranda Jeane Borges.

Desde já, agradecemos sua contribuição para o desenvolvimento desta atividade de pesquisa e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos através do telefone 33085253. Em caso de dúvidas você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da UFRGS, fone (51) 3308.5698, e-mail: cep-psico@ufrgs.br ou pelo telefone (51) 9617.8182 (com Jeane). O material da pesquisa será armazenado em local seguro, durante cinco anos, no Instituto de Psicologia da UFRGS.

Esse termo de consentimento é elaborado em duas vias, uma para o participante e outra para o pesquisador responsável.

Autorização:

Eu _____ (escrever na linha o seu nome completo), dou meu consentimento para a participação neste estudo, sendo que recebi informações sobre os procedimentos, os riscos previstos e os benefícios esperados desse estudo, de forma clara. Terei liberdade de retirar o consentimento de participação na pesquisa, em qualquer momento do processo. Ao assinar este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, os meus direitos legais serão garantidos e não renuncio a quaisquer direitos legais. Ao assinar este Termo, consinto em participar livremente da pesquisa e declaro que estou ciente dos objetivos da pesquisa.

Porto Alegre, ____ de _____ de _____.

Assinatura do(a) adolescente

Assinatura do pesquisador responsável do NEPA/UFRGS

ANEXO F

PROTOCOLO DE PESQUISA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
 Instituto de Psicologia – Núcleo de Estudos e Pesquisas em Adolescência

Participante nº _____

Caro adolescente ou jovem adulto,

Nós somos do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Adolescência (NEPA/UFRGS) e trabalhamos com diferentes temas da vida dos adolescentes. Nesta pesquisa, estamos investigando sobre os relacionamentos amorosos na adolescência, sexualidade e violência no namoro. Ao participar da nossa pesquisa, você está nos ajudando a compreender melhor estas questões e o que os adolescentes e jovens adultos pensam sobre tais temas. Obrigado pela sua colaboração! 😊

1. Idade: _____
2. Sexo: () feminino () masculino
3. Série: () 1º ano Ensino médio () 2º ano Ensino Médio () 3º ano Ensino Médio () EJA
4. Com quem você mora? Marque um X ao lado das pessoas com quem você mora atualmente

- | | | | |
|------------|-------------------|------------------|-------------------|
| () mãe | () padrasto | () avós | () namorado(a) |
| () pai | () madrasta | () tios | () marido/esposa |
| () irmãos | () meio-irmãos | () cunhados(as) | () filhos(as) |
| () amigos | () outros: _____ | | |

5. Marque na lista abaixo as situações que você considera que sejam exemplos de violência no namoro entre adolescentes.

- | | |
|---|---|
| () humilhar | () proibir o(a) namorado(a) de sair com os amigos |
| () ameaçar verbalmente | () proibir a pessoa de usar alguma roupa |
| () quebrar objetos pessoais | () mexer no celular do(a) namorado(a) escondido(a) |
| () bater | () chamar o(a) namorado(a) por nomes feios/palavrões |
| () empurrar | () controlar o FACEBOOK do(a) namorado(a) |
| () xingar e ofender | () ficar ligando excessivamente para o(a) atual ou ex- namorado(a) |
| () forçar o outro a ter
alguma relação sexual | () rasgar as roupas do(a) namorado(a) |
| | () Outro: _____ |

As próximas questões se referem ao envolvimento amoroso que você talvez já tenha vivenciado.

6. **Na sua vida, você teve algum envolvimento amoroso?** (Marque mais de uma resposta se for o caso):

Sim, relacionamento com parceiro(a) fixo(a) (“ficante”, namorado(a), companheiro(a), esposa/marido);

Sim, apenas relacionamentos breves e casuais, sem parceiro(a) fixo;

Não, nunca tive nenhum relacionamento amoroso. SE ESTA FOR A ALTERNATIVA QUE MELHOR LHE DESCREVE, VÁ PARA A **QUESTÃO 12**.

7. **ATUALMENTE**, em relação à vida amorosa, você está:

sem nenhum tipo de relacionamento

com relacionamento

1. “ficando” ou “pegando” alguém

2. namorando alguém

3. morando junto com seu/sua namorado(a)

4. noivo(a)

5. casado(a)

8. Se você tem uma **relação amorosa atualmente** (caso tenha mais de um relacionamento, escolha a pessoa com quem tem uma relação mais estável para responder às próximas questões).

Há **quanto tempo** vocês estão juntos? _____

9. Sobre essa pessoa **com quem você tem essa relação amorosa atual**:

Qual a idade desta pessoa? _____

Qual a escolaridade desta pessoa? _____

Qual o sexo desta pessoa? _____

Ela faz uso de álcool? não sim

Ela faz uso de outro tipo de droga? não sim

10. **Ainda em relação a essa pessoa** com quem você atualmente está se relacionando:

	Não	Sim
Já houve situações ENTRE VOCÊS DOIS de xingamentos, empurrões, brigas físicas, obrigar a fazer coisas que não queria, proibir de sair, proibir de usar alguma roupa, chamar por palavrões, humilhar, ameaçar?		
Você já registrou algum boletim de ocorrência na Polícia pelo fato de sofrer violência dessa pessoa?		

11. Antes desse relacionamento, houve alguma outra situação que a/o levou a fazer boletim de ocorrência por violência sofrida por outro companheiro/namorado? não sim



12. Há **ATUALMENTE entre seus pais (ou padrastos/madrastas)**:

A. Situações de conflitos verbais (xingamentos, palavrões, gritar): nunca às vezes sempre

B. Agressões físicas (com brigas físicas, chutes, socos) nunca às vezes sempre

C. Ameaças (de morte ou de agressão) nunca às vezes sempre

12. Já houve alguma denúncia de violência sofrida dentro da sua família no Conselho Tutelar ou na Polícia?

não sim

13. Na sua família, há alguma pessoa que faz uso de drogas?

não sim Quem? _____

Tipo de droga: _____

14. Você faz uso de alguma droga lícita (álcool ou cigarro)?

não

sim Frequência: raramente às vezes quase sempre

15. Você faz uso de algum tipo de droga ilícita (maconha, cocaína, êxtase, crack)?

não

sim Frequência: raramente às vezes quase sempre

16. Você já transou alguma vez na sua vida? não sim

SE NÃO, PULE PARA A QUESTÃO 33

SE SIM, CONTINUE RESPONDENDO

17. Seus pais conversaram/conversam com você sobre sexo? não sim

18. Seus pais dão/deram orientações sobre sexo? não sim

19. Seus pais têm conhecimento que você começou a ter uma vida sexual ativa?

sim somente minha mãe

não somente meu pai

não sei

20. Se seus pais souberam, marque na lista abaixo como eles reagiram quando tomaram conhecimento disso. Pode marcar mais de uma opção.

ficaram preocupados e não aprovaram

me xingaram

bateram em mim

fui proibido(a) de ver o meu/minha namorado(a)

deram conselhos sobre sexualidade e prevenção das doenças sexuais/gravidez

não fizeram nada

Outro: _____

21. Sua idade quando teve a 1ª relação sexual: _____

22. Idade do(a) parceiro(a) sexual quando tiveram a 1ª relação sexual: _____

23. Essa pessoa era: homem mulher

24. A sua 1ª relação sexual foi:

desejada e espontânea (“sem pensar, acabou rolando”)

desejada e planejada (“esperei a hora e a pessoa para ter essa relação”)

forçada (“não estava desejando, me senti ameaçado ou obrigado a ter”)

25. Na sua primeira relação você usou algum tipo de proteção?

não sim camisinha anticoncepcional outro. Qual?

26. Com quem você teve sua 1ª relação sexual?:

- () alguém desconhecido
 () alguém com quem estava “ficando” ou “pegando”
 () alguém com quem eu já estava namorando
 () outro. Qual? _____

27. **Ao longo da sua vida**, você já transou:

- () só com meninas/mulheres
 () só com meninos/homens
 () ambos

28. **No último ano**, quantos parceiro(a)s sexuais você teve?

- () nenhum
 () até 02 parceiro(a)s
 () 03 ou mais

29. **Atualmente**, você usa camisinha nas relações sexuais? () sempre () às vezes () nunca

30. **Atualmente**, você (ou sua namorada) usa algum tipo de método contraceptivo?

- () Pílula anticoncepcional
 () Tabelinha do ciclo menstrual/calendário
 () Dispositivo Intra-Uterino (DIU)
 () Injeção/implante/adesivo
 () interromper a relação sexual antes do orgasmo masculino
 () outro

31. Você ou sua namorada já engravidou? () não () sim

32. Você tem filhos? () não () sim

Se sim, quantos? _____

Se sim, idades dos filhos: _____

➔ **33. Em relação ao teu grupo de amigos(as)**, marque todos itens abaixo que são verdadeiros:

- () me encontro com meus amigo(a)s para estudar
 () saímos para ir a festas/ baladas
 () uso álcool quando estou com os meus amigo(a)s
 () uso outras drogas quando estou com os meus amigo(a)s
 () a maioria dos meus amigos(as) começou a transar antes de mim
 () meus amigos(as) me apoiam quando brigo com meu (minha) namorado(a)
 () eu tenho amigos(as) que têm ciúmes do namorado(a)
 () meus amigos(as) concordam que os meninos podem ter mais liberdade sexual
 () meus amigos(as) concordam que as meninas devem ser mais “comportadas”
 () meus amigos(as) acham divertido bater no namorado(a)
 () eu tenho amigos(as) que agridem verbalmente o(a) namorado(a)
 () eu tenho amigos(as) que agridem fisicamente o(a) namorado(a)

Questionário de Esquemas para Adolescentes (QEA)

Instruções: Esse questionário apresenta algumas frases que podemos utilizar quando queremos nos descrever. Leia cada uma das frases e veja até que ponto você se identifica com elas. Em seguida, indique para cada frase, o quanto cada uma lhe descreve. Para isso, use a escala de respostas que se encontra abaixo. Não há respostas certas nem erradas. Quando tiver dúvida, busque responder de acordo como você se sente. Escolha dentre as 6 opções abaixo, a que melhor lhe descreve, ou seja, a que melhor representa sua forma de sentir e pensar, assinalando com um xis (x). Algumas frases apresentadas dizem respeito à relação com seus pais. No caso de um, ou ambos os pais terem falecido, ou não estarem próximos nesse momento da vida, responda de acordo com a relação que você tinha com eles anteriormente.

ESCALA DE RESPOSTA
1 – Não tem nada a ver com o que acontece ou aconteceu comigo
2 - Tem muito pouco a ver com o que acontece ou aconteceu comigo
3 - Tem um pouco a ver com o que acontece ou aconteceu comigo
4 - É parecido com o que acontece ou aconteceu comigo
5 – É muito parecido com o que acontece ou aconteceu comigo
6 – É exatamente o que acontece ou aconteceu comigo.

	1	2	3	4	5	6
1. Nenhuma pessoa de quem eu goste pode gostar de mim se souber dos meus defeitos e pontos fracos.						
2. Sou sempre eu que acaba cuidando das pessoas que me são mais próximas.						
3. Custa-me muito mostrar aos outros aquilo que sinto (mesmo sentimentos positivos como o carinho, afeto ou amizade).						
4. Tenho que ser o melhor em tudo o que faço; não aceito ficar em segundo lugar.						
5. Quando quero alguma coisa dos outros, tenho muita dificuldade em aceitar um "não" como resposta.						
6. Não tenho força de vontade suficiente para me obrigar a fazer as coisas chatas do dia-a-dia.						
7. Mesmo quando as coisas parecem estar indo bem, tenho sempre a ideia que isso não vai durar muito tempo. "Seria bom demais".						
8. Sempre que cometo um erro, mereço ser castigado.						
9. Não tenho tido pessoas que me deem carinho, apoio e afeto.						
10. Preocupo-me muito com a possibilidade de perder as pessoas de quem gosto e preciso.						
11. Não vejo a vida da mesma forma que os outros; sinto-me afastado das outras pessoas.						
12. Ninguém de quem eu gosto vai querer ficar comigo se me conhecer tal como eu sou na realidade.						
13. Preciso muito da ajuda dos outros para conseguir fazer as coisas do dia-a-dia						
14. Sinto que uma desgraça pode atingir-me a qualquer momento (um terremoto, uma doença, etc.).						
15. Eu e os meus pais somos muito próximos. Sabemos tudo acerca da vida e dos problemas uns dos outros.						
16. No meu grupo de amigos, sinto que tenho de fazer tudo o que eles querem, senão, eles podem ficar chateados comigo, gozarem de mim ou me deixarem de lado.						
17. Sou uma boa pessoa, porque me preocupo mais com os outros do que comigo mesmo.						
18. Tenho vergonha de mostrar aquilo que sinto às outras pessoas.						
19. Esforço-me por ser sempre o melhor naquilo que faço, não basta ser apenas bom.						

20. Sinto que sou especial (sou melhor). Não devia ser obrigado a aceitar muitas das regras que são impostas aos outros.						
21. Tenho mais prazer em conquistar algo se isso for uma coisa em que os outros vão notar.						
22. Quando acontece alguma coisa boa, fico sempre à espera que aconteça algo de ruim a seguir.						
23. Preocupa-me que as pessoas de quem mais gosto me deixem ou me abandonem.						
24. Mais cedo ou mais tarde, vou acabar por ser traído por alguém.						
25. Sinto que não pertença a grupo nenhum; sou um solitário.						
26. Na escola, a maioria das pessoas tem mais capacidades do que eu.						
27. Sou imaturo; eu não sei me orientar sozinho.						
28. Não há segredos lá em casa. Se não contar sempre tudo aos meus pais fico mal com isso. Parece que os estou traindo.						
29. No meu grupo nunca sigo a minha vontade, faço sempre aquilo que os outros querem que eu faça.						
30. Tenho muita dificuldade em continuar uma tarefa se não tiver logo a recompensa. Coisas que dão muito trabalho não são para mim.						
31. Sinto-me pouco importante quando não recebo muita atenção dos outros.						
32. Todo o cuidado é pouco; quase sempre alguma coisa dá errado.						
33. Se não cumprir com as minhas obrigações, mereço sofrer as consequências.						
34. Não tenho tido ninguém que me ouça com atenção, que me compreenda ou que perceba o que realmente sinto e preciso.						
35. Quando sinto que alguém de quem eu gosto está se afastando de mim, fico desesperado, com medo de o/a perder.						
36. Sinto que sou desconfiado quanto às intenções das outras pessoas.						
37. Sinto-me isolado e afastado das outras pessoas.						
38. Sinto que nunca ninguém me vai amar tal como sou na realidade.						
39. Não sou tão bom na escola como a maioria das pessoas. Os outros fazem tudo melhor do que eu.						
40. Preocupa-me perder tudo o que tenho e ficar sem nada.						
41. Sinto que mereço tratamento especial: não devia ter que obedecer às regras que as outras pessoas têm que seguir						
42. Não interessa porque é que errei. Se errei, é justo que sofra as consequências e seja punido.						
43. Não tenho tido ninguém ao meu lado que esteja disponível para me dar conselhos e me ajudar a decidir quando não sei o que devo fazer.						
44. Habitualmente tento descobrir as segundas intenções dos outros ou o verdadeiro motivo pelo qual fazem certas coisas.						
45. Na escola, não sou tão inteligente como a maioria dos meus colegas.						
46. Não acredito nas minhas capacidades para resolver problemas que possam aparecer.						
47. Preocupa-me vir a ter uma doença grave, apesar do médico dizer que estou bem.						
48. Eu e os meus pais estamos tão ligados que parece que somos a mesma pessoa.						
49. Para que as outras pessoas respeitem os meus sentimentos e os meus direitos, é preciso que eu me esforce muito.						
50. Dizem-me muitas vezes para me preocupar mais comigo do que com os outros, que faço demais pelos outros.						
51. As pessoas acham que não sou capaz de dizer ou mostrar o que sinto.						
52. Sinto que o que eu tenho para oferecer é muito melhor do que aquilo que os outros têm para me dar						
53. Tenho muita dificuldade em terminar as coisas que comecei, raramente consigo ir até ao fim.						
54. Para me sentir uma pessoa com valor, tenho que receber muitos elogios dos outros.						

Escala de Exposição à Violência Intrafamiliar na Infância

Esta escala avalia a exposição a situações de violência ou maus-tratos ao longo da infância. Busque pensar em seus cuidadores (pai, mãe, avós, madrasta, padrasto, avós, etc.), ou seja, naqueles adultos que cuidaram de você enquanto era criança. Desta forma, responda os itens indicando a frequência com que essas situações ocorreram em sua vida, na sua infância.

Enquanto eu era criança.....

	Nunca	Raramente	Às vezes	Sempre
1. Meus pais/cuidadores me bateram de vara, cinto, chinelo ou com outros objetos que machucavam.				
2. Meus pais/cuidadores deram um tapa no meu rosto.				
3. Meus pais/cuidadores bateram em mim com socos e bofetadas.				
4. Meus pais/cuidadores ameaçaram me bater fisicamente.				
5. Meus pais/cuidadores me ameaçaram com uma faca ou arma.				
6. Meus pais/cuidadores utilizaram palavras negativas para me desqualificar (por exemplo: Você é burro; Você não presta).				
7. Meus pais/cuidadores xingaram-me ou chamaram-me por palavrões.				
8. Meus pais/cuidadores gritaram ou berraram comigo.				
9. Meus pais/cuidadores me seguraram à força e me sacudiram.				
10. Meus pais/cuidadores ameaçaram-me de colocar para fora de casa.				
11. Meus pais/cuidadores me expulsaram de casa.				
12. Meus pais/cuidadores deixaram de me levar ao médico quando eu estava doente, mesmo tendo dinheiro e/ou posto de saúde disponível.				
13. Meus pais/cuidadores me criaram sem carinho e afeto.				
14. Meus pais/cuidadores me criaram sem oferecer os cuidados básicos (higiene, alimentação e educação), mesmo tendo condições financeiras.				
15. Meus pais/cuidadores deixavam de ir à escola quando eram chamados.				
16. Meus pais/cuidadores me obrigavam a assistir filmes ou conteúdos da internet com imagens pornográficas.				
17. Meus pais/cuidadores tocaram ou fizeram carícias no meu corpo, de uma forma que me deixou desconfortável, que não gostei.				
18. Meus pais/cuidadores cometeram algum tipo de abuso sexual contra mim.				
19. Meus pais/cuidadores me abandonaram.				
20. Meus pais/cuidadores me obrigaram a trabalhar quando eu era criança, pois minha família precisava de dinheiro.				

Escala de Depressão, Ansiedade e Estresse para Adolescentes (EDAE-A)

Por favor, leia cada afirmativa e marque um dos números (0, 1, 2, ou 3) que indique quanto a afirmativa se aplica a você na última semana . Não há respostas certas ou erradas.					
<p style="text-align: center;">0 Não aconteceu comigo nessa semana</p> <p style="text-align: center;">1 Aconteceu comigo algumas vezes na semana</p> <p style="text-align: center;">2 Aconteceu comigo em boa parte da semana</p> <p style="text-align: center;">3 Aconteceu comigo na maior parte do tempo da semana</p>					
1	Eu tive dificuldade para me acalmar	0	1	2	3
2	Eu percebi que estava com a boca seca	0	1	2	3
3	Eu não conseguia ter sentimentos positivos	0	1	2	3
4	Eu tive dificuldade para respirar (por exemplo, tive respiração muito rápida, ou falta de ar sem ter feito esforço físico)	0	1	2	3
5	Foi difícil ter iniciativa para fazer as coisas	0	1	2	3
6	Em geral, tive reações exageradas às situações	0	1	2	3
7	Tive tremores (por exemplo, nas mãos)	0	1	2	3
8	Eu senti que estava bastante nervoso(a)	0	1	2	3
9	Eu fiquei preocupado(a) com situações em que poderia entrar em pânico e fazer papel de bobó(a)	0	1	2	3
10	Eu senti que não tinha expectativas positivas a respeito de nada	0	1	2	3
11	Notei que estava ficando agitado(a)	0	1	2	3
12	Achei difícil relaxar	0	1	2	3
13	Eu me senti abatido(a) e triste	0	1	2	3
14	Eu não tive paciência com coisas que interromperam o que estava fazendo	0	1	2	3
15	Eu senti que estava prestes a entrar em pânico	0	1	2	3
16	Não consegui me empolgar com nada	0	1	2	3
17	Eu senti que não tinha muito valor como pessoa	0	1	2	3
18	Eu senti que eu estava muito irritado(a)	0	1	2	3
19	Eu percebi as batidas do meu coração mais aceleradas sem ter feito esforço físico (por exemplo, a sensação de aumento dos batimentos cardíacos, ou de que o coração estava batendo fora do ritmo)	0	1	2	3
20	Eu me senti assustado(a) sem ter motivo	0	1	2	3
21	Eu senti que a vida não tinha sentido	0	1	2	3

Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro na Adolescência

RESPONDER APENAS SE VOCÊ JÁ TEVE ALGUM RELACIONAMENTO AMOROSO. CASO CONTRÁRIO, DEIXE EM BRANCO ESSE QUESTIONÁRIO.

As próximas questões investigam coisas que podem ter acontecido em algum relacionamento amoroso (“ficar”, namoro, noivado, casamento ou morar junto). Pense na pessoa com quem você está atualmente se relacionando ou, se não estiver em um relacionamento atual, pense na última pessoa com quem se relacionou. Responda as questões de acordo com o item que melhor se aproxima de quantas vezes essas situações ocorrem ou ocorreram no relacionamento:

ITEM	NUNCA	RARAMENTE 1 ou 2 vezes	ÀS VEZES 3 a 5 vezes	SEMPRE + de 6 vezes
1A) Eu expliquei meu ponto de vista frente a um conflito				
1B) Ele/Ela explicou seu ponto de vista no conflito				
2A) Eu o/a toquei sexualmente quanto ele/ela não queria				
2B) Ele/ela me tocou sexualmente quando eu não queria				
3A) Eu tentei fazer com que seus amigos ficassem contra ele/ela				
3B) Ele/Ela tentou fazer com que meus amigos ficassem contra mim				
4A) Eu fiz algo para provocar ciúmes nele/nela				
4B) Ele/ela me fez algo para provocar ciúmes em mim				
5A) Eu destruí ou ameacei destruir algo de valor para ele/ela				
5B) Ele/ela destruiu ou ameaçou destruir algo de valor para mim				
6A) Eu disse a ele/ela que eu tinha parte da culpa no conflito				
6B) Ele/ela disse a mim que ele/ela tinha parte da culpa no conflito				
7A) Eu mencionei algo de ruim que ele/ela fez no passado				
7B) Ele/ela mencionou algo de ruim que eu fiz no passado				
8A) Eu joguei algo nele/nela				
8B) Ele/ela jogou algo em mim				
9A) Eu disse coisas somente para deixá-lo(a) com raiva				
9B) Ele/ela disse coisas somente para me deixar com raiva				
10A) Eu expliquei as razões pelas quais eu achava porque ele/ela estava errado(a)				
10B) Ele/ela explicou as razões pelas quais ele/ela achava porque eu estava errada(o)				
11A) Eu concordei em parte que ele/ela estava certo				
12A) Eu falei com ele/ela em um tom de voz hostil ou ofensivo				
12B) Ele/ela falou comigo em um tom de voz hostil ou ofensivo				
13A) Eu forcei ele(a) a fazer sexo quando ele/ela não queria				
13B) Ele/ela me forçou a fazer sexo quando eu não queria				
14A) Eu propus uma solução que eu pensei que faria nós dois felizes				
14B) Ele/ela propôs uma solução que ele/ela pensou que faria nós dois felizes				
15A) Eu ameacei ele/ela numa tentativa de fazer sexo com ele/ela				

ITEM	NUNCA	RARAMENTE 1 ou 2 vezes	ÀS VEZES 3 a 5 vezes	SEMPRE + de 6 vezes
15B) Ele/ela me ameaçou numa tentativa de fazer sexo comigo				
16A) Eu parei de falar até que nós nos acalmássemos				
16B) Ele/ela parou de falar até que nós nos acalmássemos				
17A) Eu insultei ele/ela com deprecições				
17B) Ele/ela me insultou com deprecições				
18A) Eu discuti o assunto calmamente				
18B) Ele/ela discutiu o assunto calmamente				
19A) Eu beijei ele/ela quando ele/ela não queria				
19B) Ele/ela me beijou quando eu não queria que ele/ela o fizesse				
20A) Eu disse coisas sobre ele/ela aos seus amigos, para virá-los contra ele/ela				
20B) Ele/ela disse coisas sobre mim aos meus amigos, para virá-los contra mim				
21A) Eu ridicularizei ou caçoei ele/ela na frente dos outros				
21B) Ele/ela me ridicularizou ou me caçoou na frente dos outros				
22A) Eu disse a ele/ela o quanto eu estava aborrecido(a)				
22B) Ele/ela me disse o quanto ele/ela estava aborrecido(a)				
23A) Eu vigiava com quem e onde ele/ela estava				
23B) Ele/ela vigiava com quem e onde eu estava				
24A) Eu culpei ele/ela pelo problema				
24B) Ele/ela me culpou pelo problema				
25A) Eu bati, chutei ou dei soco nele(a)				
25B) Ele/ela me bateu, chutou ou deu um soco em mim				
26A) Eu deixei o local para me acalmar				
26B) Ele/ela deixou o local para se acalmar				
27A) Eu cedi, só para evitar o conflito				
27B) Ele/ela cedeu só para evitar o conflito				
28A) Eu acusei ele/ela de paquerar outra pessoa (“dar em cima”)				
28B) Ele/ela me acusou de paquerar outra pessoa (“dar em cima”)				
29A) Eu tentei amedrontar ele/ela de propósito				
29B) Ele/ela tentou me amedrontar de propósito				
30A) Eu dei um tapa nele/nela ou puxei o cabelo dele(a)				
30B) Ele/ela me deu um tapa ou puxou o meu cabelo				
31A) Eu ameacei machucar ele/ela				
31B) Ele/ela ameaçou me machucar				
32A) Eu ameacei terminar o relacionamento				
32B) Ele/ela ameaçou terminar o relacionamento				
33A) Eu ameacei bater nele(a) ou jogar alguma coisa nele(a)				

33B) Ele/ela ameaçou bater em mim ou jogar alguma coisa em mim				
34A) Eu empurrei ou sacudi ele/ela				
34B) Ele/ela me empurrou ou me sacudiu				
35A) Eu espalhei boatos sobre ele/ela				
35B) Ele/ela espalhou boatos sobre mim				

Questionário sobre *Stalking*

Essa pesquisa investiga situações inadequadas de um ex-parceiro(a) amoroso, frente ao término de uma relação na adolescência. **ASSIM**, responda os instrumentos abaixo **SOMENTE** se você se encaixar nos seguintes itens:

1. Eu já tive um relacionamento afetivo-sexual (“ficar”, “pegar” ou namorar) que terminou, há mais de um mês;
2. O(a) ex-parceiro(a) começou a apresentar comportamentos de perseguição ou assédio (ligar ou enviar mensagens excessivamente, por exemplo), na tentativa de reestabelecer o relacionamento ou de se vingar pelo término da relação;
3. Isso aconteceu por um período de tempo maior do que duas semanas;
4. Em algum momento você começou a se sentir com medo dos comportamentos do(a) ex-parceiro(a) ou se sentiu estressado.

PARA CONTINUAR RESPONDENDO A PESQUISA, VOCÊ DEVE TER **TODOS OS CRITÉRIOS ACIMA. CASO CONTRÁRIO, AGRADEÇEMOS SUA PARTICIPAÇÃO (OU SEJA, NÃO RESPONDA O QUESTIONÁRIO ABAIXO). PULE PARA A ÚLTIMA QUESTÃO DA PÁGINA**

O que é o *stalking*?

Se refere a um conjunto de comportamentos associados ao contato intrusivo/invasivo, assédio ou perseguição, na tentativa de controlar o outro ou de intimidá-lo, provocado pelo(a) ex-parceiro(a). Em geral, está associada à dificuldade do(a) ex-parceiro(a) em lidar com o término de uma relação amorosa, com o objetivo de se aproximar da pessoa e reatar a relação ou para se vingar da pessoa. A partir dessa definição geral, você será questionado sobre a ocorrência dessas situações na sua vida, frente ao término de alguma relação afetivo-sexual que você teve na adolescência.

Após o término do relacionamento amoroso, ele(a) apresentou os seguintes comportamentos, por no mínimo 2 semanas :	Nunca	1 vez	2 a 3 vezes	4 a 5 vezes	Mais de 5 vezes
1. Telefonou sem que lhe fosse pedido.					
2. Procurou obter informações sobre mim através dos meus amigos, familiares e colegas, ou via internet.					
3. Enviou ou deixou-me mensagens.					
4. Enviou “toques” ou telefonou e desligou sem falar.					
5. Mexeu no meu celular, sem permissão, para ver minhas mensagens.					
6. Contatou-me e/ou tornou-se próximo dos meus amigos, familiares e colegas.					
7. Forçou ter encontros comigo.					
8. Invadiu meu perfil nas redes sociais (Facebook ou Blogs).					
9. Enviou ou deixou para serem encontrados cartas ou bilhetes.					
10. Deu ou deixou presentes para serem encontrados.					
11. Fez dedicatórias na frente dos outros.					
12. Apareceu em locais ou nas proximidades de locais que eu geralmente frequento.					
13. Vigiou ou controlou o meu comportamento.					
14. Pediu a alguém para me vigiar.					

	Nunca	1 vez	2 a 3 vezes	4 a 5 vezes	Mais de 5 vezes
15. Divulgou boatos ou mentiras.					
16. Perseguiu-me.					
17. Forçou a entrada na minha casa, carro ou outro local onde eu estivesse.					
18. Leu ou roubou minhas correspondências ou meus documentos.					
19. Vasculhou a minha mochila ou bolsa.					
20. Roubou ou apoderou-se de objetos meus.					
21. Filmou ou tirou fotos de mim sem minha autorização.					
22. Agrediu-me verbalmente.					
23. Ameaçou-me verbalmente sobre o que me “poderia acontecer”.					
24. Ameaçou fazer mal a si mesmo.					
25. Ameaçou pessoas próximas a mim ou meus familiares.					
26. Agrediu-me fisicamente.					
27. Agrediu pessoas próximas a mim.					
28. Agarrou-me ou impediu-me de continuar o meu percurso na rua.					
29. Manteve-me em um lugar contra a minha vontade.					
30. Danificou ou destruiu meus objetos pessoais					
31. Ameaçou-me com uma arma.					
32. Forçou-me a ter uma relação sexual contra a minha vontade.					
33. Atentou contra a minha vida.					
34. Maltratou meus animais.					

EM RELAÇÃO A ESSA PESSOA com quem você se relacionou, responda as questões a seguir:

1. Tipo de relacionamento que você tinha com ele(a):
 “ficou com ele(a)” namorou ele(a) noivado morar junto
2. Duração da relação: _____ (preencher anos e meses)
3. Relação heterossexual homossexual
4. Quanto tempo faz que a relação terminou? _____ (preencher anos e meses)
5. Idade que você tinha quando iniciou essa relação? _____
6. Idade que você tinha quando terminou essa relação? _____
7. Ao longo do relacionamento amoroso houve alguma situação de violência (antes de vocês terminarem?):
 não sim
A. Se sim, marque (pode marcar mais de uma opção):
 física emocional (ameaças, desvalorização, humilhação) sexual
B. Se sim, quantas vezes isso aconteceu? uma vez algumas vezes muitas vezes
08. Idade dele(a) quando vocês terminaram a relação: _____
09. Escolaridade dele(a): _____
10. Ele(a) fazia uso de algum tipo de droga? não sim, qual(is)? _____
11. Caso o(a) ex-parceiro(a) tenha provocado comportamentos de *stalking* contra você:
 - a) Você revelou para alguém o que estava acontecendo? não sim
 - b) **Se sim**, para quem? _____
 - c) Você realizou alguma ocorrência policial? não sim
 - d) Você já procurou alguma ajuda? não sim
 - e) **Se sim**, com quem? _____

12. Há quanto tempo você vem sendo vítima de perseguição e assédio persistentes?

- menos de 2 semanas
- entre 2 semanas e 1 mês
- entre 1 mês e 6 meses
- entre 6 meses e 1 ano
- mais de 1 ano

13. Como você se sente frente aos comportamentos de *stalking*:

- nada assustado(a)
- um pouco assustado(a)
- muito assustado(a)



14. Neste espaço você pode colocar o que achou deste questionário e/ou mencionar algo que considera importante e/ou que não foi perguntado:

MUITO OBRIGADO!